

**REVISTA
DOS
CRIADORES**

EM A SERVIÇO DA PECUÁRIA
1982 - Ano LIV
R\$ 27.000
C/Ano de ABC

2º Leilão União das Marcas



15 JUNHO - 13 h

Água Branca - SP

**80 MACHOS E FÊMEAS PO e POI
10 EQUINOS QUARTO DE MILHA E ÁRABE**

FAZENDA INDIANA LTDA.

CIA. AGRÍCOLA LUIZ ZILLO E SOBRINHOS

FAZENDA MORRO VERMELHO LTDA.

NEWTON CAMARGO ARAÚJO

5 PAGAMENTOS SEM JUROS



REMATE

Tel. (011) 872-1722

O Sal da Vida e da Saúde e da Fartura.

Rigorosamente formulado para suprir às reais necessidades da criação animal, segundo largo e profundo conhecimento da matéria - adquirido e experimentado no Brasil - o Sal Mineralizado ABC é o que há de mais completo e de mais atual.

Pela simples razão de que cavalo não dá leite, boi não serve para ser montado e vaca não puxa e nem ganha corridas, temos uma fórmula para cada espécie, respeitando o que a natureza de cada um requisita em macro e micronutrientes para viver, ter saúde, produzir e reproduzir.

O ideal seria os animais obterem tudo diretamente dos alimentos naturais que ingerem. Mas como nenhum alimento é completo o Sal Mineralizado ABC é o fator compensador insubstituível, para manter o seu rebanho sempre forte, vistoso, produtivo.

Experimente e comprove a eficiência do Sal Mineralizado ABC - especialmente recomendado para quem já cansou de experiências.

Fórmula da Associação Brasileira de Criadores, elaborada pelo Prof. João Soares da Veiga.

A ABC não tem finalidade lucrativa: existe para servir.

Sal Mineralizado ABC para Leite - Engorda - Equinos.



EMAS

ABC

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES

SÃO PAULO: Rua Jaguaribe, 631 - fone: 826-3033 - Av. José César de Oliveira, 175 - (CEAGESP) - fone: 831-7066 - Aberta até às 22 horas.
Rua Benjamin Constant, 25 - fone: (0196) 23-3710.
S.J. BOA VISTA: Rua Monsenhor Manoel Gomes, 7 - São Cristóvão - fone: (021) 228-7377.
RIO DE JANEIRO:

REVISTA DOS CRIADORES

Fundada em 1930

A Revista dos Criadores, órgão oficial de divulgação da Associação Brasileira de Criadores, destina-se ao fomento e melhoria da pecuária nacional.

Diretor Responsável: Luiz de Almeida Penna
Redator: Fernando Noboru Yassu.

Colaboradores: Leovigildo Pacheco Jordão, Luiz Paulin Neto, João Barisson Villares, Gestão Moraes da Silveira, Walter Battiston, F. Testini, N. Brotto, José Resende Peres, General Diogo Branco Ribeiro, Manuel José de Alcântara, Dácio de Moraes Junior.

Departamento de Publicidade da Editora:
Gerência: Luiz de Almeida Penna Filho
Contatos: Lasercio Noronha, Jaqueline N. Bonfin e Claudia P. Moura.

Fotografia: Francisco Sciaccia

Gráfica e Frotolito Próprios: Rua Venâncio Aires, 31 — São Paulo — SP.

Anuidade básica: Cr\$ 6,626 ORTN. Com direito a um exemplar mensal da Revista dos Criadores; um exemplar da Agenda dos Criadores e Agricultores e, mais o título de sócio contribuinte de ABC.

ISSN 0034-9259

Departamento de assinatura:

Gerência: Maria Nazarath de Castro Penna
Rua Venâncio Aires, 31 — Tel.: 263-8685
CEP: 05024 — São Paulo — SP

Único Agente Autorizado para Publicidade e Assinatura: Disbrapel Ltda. — Edições Agro-pecuárias, Rua Caraíbas, 434 — CEP: 05020 — Cx. Postal 61.051 — São Paulo — SP.

Venda avulsa:

Interior e Capital (SP) — Livraria La Selva, Saguão Aeroporto Congonhas (SP), Aeroporto de Santos Dumont e Galeão (RJ), Brasília (DF). Distribuidora no Rio: Distribuidora Guanabara, Jornais e Revistas Ltda., Rua Antonio Ribes, 72, Inhauma, Rio de Janeiro, RJ.

Redação: Rua Venâncio Aires, 31 — São Paulo — SP — CEP 05024 — Fone: 2/3-8400 — Caixa Postal 1669 — End. Telegráfico "Criadores".

Estados

Bahia: J. S. Quisiroz — Rua Minas Gerais, 156 - Pituba - Salvador. **Ceará:** Distribuidora Alar de Publicações - R. Floriano Peixoto, 1233 - Fortaleza. **Brasília:** Sô de Ler - Aeroporto e Conjunto Nacional - Brasília. **Paraná:** Edicamp - Editora Campesiana Ltda. - R. Duque de Caxias, 591 - 2.º and. - Cj. 209 - Tel. 222-0950 - João Pessoa. **Pernambuco:** Casa das Revistas e Figurinas - R. 9, esquina da Pedro Ivo Recife. **Sô de Ler - Aeroporto - Recife.** **Rio de Janeiro:** Sô de Ler - Rua São José, 35 - Centro - Rio de Janeiro.

Os artigos assinados nem sempre traduzem a orientação da Revista e da ABC e são de responsabilidade dos que os subscvem. Autorizamos a transcrição de trabalhos aqui publicados desde que sejam citados nossa nome e a edição.



NOSSA CAPA

É um convite ao
"2.º Leilão União
das Marcas"
— em junho —
Água Branca - SP

SUMÁRIO

Abril de 1985 — Ano LIV — N.º 663

7

Mais carne
pelo menor
custo

de seleção de
Nelore na
Fazenda Bela
Olinda em
Paranaíba, MS

124

Dois pioneiros
da equideocultura
baiana

13

O ruminante
e o aproveitamento
de subprodutos
fibrosos

54

ABCZ na RC

134

Um plantel
sobre controle —
Fazenda Erina
forma Girolandos

32

Capim Elefante
"Roxo" de
Botucatu

104

RRZ — Zebu e
produtividade de
bovinos nos trópicos,
do prof. João
Barisson
Villares, Méd. Vet.

SEÇÕES

- 4 .. Ponto de Vista
- 6 Cartas
- 21 Pela ABC
- 28 Mercado
- 34 Crônica
- 36 Registro
- 50 Mecanização
- 94 Mangalargan... do
brasa
- 125 Previdência Social
Rural
- 128 Empresas
- 132 Leilões e
Exposições
- 137 Serviço de
Controle Leiteiro

37

Revista do Nelore:
XIV Expoinel
em Salvador - BA

121

Suínocultura —
Em tempo de
mudança

45

No fazendeiro do
mês, 50 anos

122

A viabilidade
das
microdestilarias



(Ex-Associação Paulista de Criadores de Bovinos).
Reconhecida como de utilidade pública pelo Decreto Estadual n.º 33.811, de 20 de outubro de 1958.

Registrada no Ministério da Agricultura sob n.º 35, com jurisdição nacional

58 ANOS DE BONS
SERVIÇOS PRESTADOS
AOS CRIADORES



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES

DIRETORIA

Presidente

Ioaquim Barros Alcântara Filho

Vice-presidentes

Gen. Diogo Branco Ribeiro
Manoel Elpidio Pereira de Queiroz Filho
Roberto Brotero de Barros
João Antonio Camarero
Frontino Ferreira Guimarães Júnior

Secretários:

Luiz Glycério de Freitas
Luiz Baptista Pereira de Almeida

Tesoureiros:

Octavio de Mesquita Sampaio
Pedro de Paula Leite Moraes

Assessor da Diretoria:

Dr. Dacio de Moraes Junior

CONSELHO DELIBERATIVO

Presidente

Ruy Calazans de Araújo

Vice-presidente

Arnaldo Lima

Membros natos

João de Moraes Barros
José Bonifácio Coutinho Nogueira
Severo Fagundes Gomes
Urbano de Andrade Junqueira
Hélio Moreira Salles
Renato Costa Lima
José Cassiano Gomes dos Reis
Ioaquim Barros Alcântara Filho

Efetivos

Geraldo Diniz Junqueira
Manoel José de Alcântara
José Cassiano Gomes dos Reis Júnior
José Carlos Guimarães Oliva
Ruy Calazans de Araújo
Henrique de Souza Dias
Fábio Garcez Meirelles Júnior
Alberto Paula Leite de Moraes
Fernando Euler Bueno
Rubens Franco de Mello
Arnaldo Carraro
Alberto Chapchap
Lélio Toledo Piza Almeida Filho
Vicente Martins Júnior

Antonio Tadeu Jallad
Edwin Benedito Montenegro
Geraldino Natal Madureira
Oswaldo Lara Leite Ribeiro
José Acácio dos Santos
Gilberto Carlos Arruda Sampaio
Lavil Veiga de Oliveira
Renato Napolitano
Franklin Rodrigues Siqueira
Arion Bueno de Oliveira

Suplentes

Roberto Felipe Cantusio
Honorato Rodrigues da Cunha
James Galvão Bresciani
Antonio Coelho Guimarães
Radyr de Queiroz
João Luiz Freitas Britto
Carlos Ramos Stroppa
Vicente Paulo Miller Perricelli

CONSELHO FISCAL

Efetivos

Jayme Watt Longo
Radyr de Queiroz
Roberto Diniz Junqueira

Suplentes

Arion Bueno de Oliveira
Laerte Garcez Meirelles

SUPERINTENDENTE

Virgilio de Almeida Penna

Gerente comercial

Antonio Carlos Turazza

DEPARTAMENTO TÉCNICO

Manoel José de Alcântara, Eng.º Agr.º
João Soares Veiga, Méd. Vet.

Serviço de Controle Leiteiro

Fidelis Alves Neto, Méd. Vet.

Registro Genealógico, Serviço Ponderal de Controle de Peso e Pró-Cruza

Walter Battiston, Méd. Vet.

Assistência Técnica — Veterinária

Dr. Humberto A. Clemente
Dr. Antonio Carlos Gouvêa

Laboratório de Análises

Dr. Paulo Fernando Athaydes

São Paulo: Rua Jaguaribe, 634 - fone: 826-3035, Caixa Postal 9194.
Av. José César de Oliveira, 175 - (CEAGESP) - Fone: 831-7966 - Aberta até às 22 horas. S. J. Boa Vista: Rua Gabriel Ferreira, 85 - fone: (0196) 23-3746. Rio de Janeiro, R.J.: Rua Monsenhor Manuel Gomes, 3, São Cristóvão. Fones: (021) 264-7150, 264-7155 e 800-2307.

A agricultura que o Brasil merece

Dr. FLAVIO TELES MENEZES
Presidente da Sociedade Rural
Brasileira

Fazer agricultura é, basicamente, firmar contrato de risco com a natureza. Demanda tal decisão, como pressuposto fundamental, a liberdade de escolha. Ninguém, certamente, produzirá por decreto. E mesmo o planejamento oficial melhor intencionado será insuficiente para criar mecanismos artificiais que induzam, de forma permanente, ano após ano, ao ato de lançar a semente ao solo.

É que o agricultor, este homem meio sobre o arredio, ainda pouco conhecido nos meios urbanos, é dotado de uma psicologia própria, especial, peculiar. Age movido pela busca de uma remuneração proporcional ao desafio que decidiu enfrentar. Se arrosta os riscos da imponderabilidade — que a técnica tende a reduzir, não eliminar — é por vislumbrar em sua atividade uma forma de auto-afirmação. Pois cada grão colhido, e cada bezerro nascido, representa para ele dupla satisfação: o domínio sobre a natureza e a esperança da rentabilidade.

O esgotamento da fertilidade original da terra, a multiplicação das pragas e dos inimigos naturais das plantações e dos rebanhos, o encarecimento dos insumos, e dos custos financeiros, constituem fatores que, ao longo dos últimos anos, vêm potencializando os obstáculos ao ato de produzir, aumentando o desafio ao agricultor.

Por outro lado, as permanentes transferências de recursos financeiros gerados pela produção rural, para a urbanização da economia do país, a um ritmo febril, cuja intensidade é hoje colocada em dúvida pela própria sociedade, exauriram as reservas da capitalização do agri-

cultor. Ao mesmo tempo, sobrevieram as grandes migrações, movidas pela lógica incoercível da busca de melhores oportunidades de emprego nas cidades, esvaziando o campo dos recursos humanos indispensáveis ao desenvolvimento de uma agricultura moderna e profissionalizada, deixando para trás os menos qualificados, porque mais sefidos.

Pois justamente pela justaposição da moldura psicológica do agricultor-empresendedor, a esse quadro econômico-social de imensos desafios da agricultura, é que advirá o esgoamento do setor.

E aí reside o ponto fundamental da questão agrícola no Brasil. Já não mais produzem resultados suficientes, medidas de compensações setoriais, episódicas e mutáveis a cada safra. Urge a definição de uma política agrícola estável, balizadora das decisões de longo prazo do produtor rural.

O momento histórico que vivemos não admite margem para ensaios ou experiências de matizes ideológicas. Ademais, o agravamento de nossa crise econômica exige respostas rápidas e eficientes da produção agrícola, que se constituam em contribuição indispensável ao reerguimento da Nação.

Será portanto, a definição dessa política agrícola, tarefa afeta a quem compreender a psicologia do agricultor. Tal política agrícola somente se constituirá em sólido edifício, se consagrar como seus alicerces fundamentais os princípios da liberdade de iniciativa, da economia de mercado e do direito à rentabilidade proporcional aos riscos inerentes à atividade.

A quem aproveita, afinal, uma política agrícola? Certamente ao agricultor, desejoso de extrair de seu solo o máximo de rentabilidade, dentro de um contexto político-social estável e de princípios econômicos definidos. Não somente a ele, porém. A Nação como um todo, e ao consumidor, em particular, uma política agrícola estável, com regras definidas de crédito, comercialização e amparo ao produtor, interessa da forma mais profunda e legítima.

É que repousa exatamente nessa pré-condição da existência de uma política agrícola confiável a longo prazo, a garantia do atendimento triplice desafio que a Nação coloca à sua aturdida agricultura.

- alimentar melhor seus cidadãos;
- gerar as divisas indispensáveis ao esgoamento das contas externas;
- criar fontes de alternativas de energia a partir da biomassa.

Assim entendido o papel que à agricultura brasileira reservou a Nação, cumpre definir-lhe um caminho, por onde se viabilize, no mais curto espaço de tempo, a obtenção de tais metas.

Com efeito, para romper as amarras desta nossa agricultura, e permitir, afinal, seu crescimento, algumas reformas estruturais impõem-se:

1. uma reforma tributária, ampla que elimine definitivamente o atual quadro, impar no cenário internacional, em que um litro de leite ou um quilo de arroz sofre a mesma tributação, ao circular na economia,

Ponto de Vista

do que um maço de cigarros ou um frasco de perfume francês. Um quadro em que, ao embarcarmos um carregamento de soja em grãos, ou café, para o exterior, estamos exportando junto com a mercadoria, forte carga tributária.

2. **uma abertura total para o mercado internacional** de produtos agrícolas e pecuários, praticando o livre comércio exterior, sem contingenciamentos, confiscos, cotas de exportação, proibições periódicas e quaisquer outros mecanismos desses odiosos e truculentos que durante décadas impuseram à agricultura transferências de recursos financeiros para o setor urbano-industrial da economia.

3. **uma política de crédito para investimentos** estável, com prazos de

maturação e carência adequadas à atividade, custos financeiros fixos, proporcionais à rentabilidade do produto final. É preciso romper com a indexação das taxas de juros, programar recursos de crédito para as atividades produtivas, manter estáveis e permanentemente abertas as linhas para investimentos;

4. **uma política de formação de recursos humanos**, sem os quais não estaremos aptos a enfrentar o desafio da tecnologia moderna, em que uma variedade de semente pode depender de mais horas de pesquisa do que uma espaçonave.

5. finalmente, **a criação de mecanismos de acesso à terra**, para quem nela queira produzir, abrindo novas oportunidades de trabalho e de amanhã da terra. É preciso com-

prender que nenhuma reforma fundiária, por mais bem intencionada que seja, pode ser mais eficiente que os mecanismos naturais de acesso a terra, disponíveis hoje, em tese, mas de difícil viabilização, na prática, por razões de ordem jurídica e social, tais como a carência de uma adequada regulamentação legal dos institutos da parceria, do arrendamento e da sociedade de capital e indústria, o que gera a insegurança entre proprietários e arrendatários ou parceiros. É preciso ter em mente que, como a terra não é fator limitante dentre os diversos fatores de produção agrícola, uma política de acesso à terra não precisa encarar como fundamental, com raríssimas exceções, o acesso à propriedade da terra.

ABC-JAGUARÉ

A nova loja ABC no Jaguaré, ao lado do CEAGESP, fica próxima a praticamente todas as entradas e saídas da cidade de São Paulo. Basta seguir qualquer caminho que dê no CEAGESP que se chega, facilmente à ABC.

Exposição permanente de máquinas, implementos e motores. Para compras maiores é o local ideal, pois a loja fica na frente do armazém, portanto, é só encostar o caminhão na plataforma e carregar.
Aberto até as 22 horas.

Agora mais perto da sua fazenda.

ABC ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES

São Paulo: Rua Jaguaribe, 634 - fone: 826-3033, Av. José César de Oliveira, 175 (CEAGESP) - Tel. 831-7968 - Jaguaré - São Paulo, S. J. Boa Vista: Rua Benjamin Constant, 25 - fone: (0190) 23-3746. Rio de Janeiro: R. Monsenhor Manoel Gomes, 3 - São Cristóvão - fone: (021) 264-7130, 264-7155 e 909-2207



ivomec* Faz a grande diferença no seu gado e no seu lucro



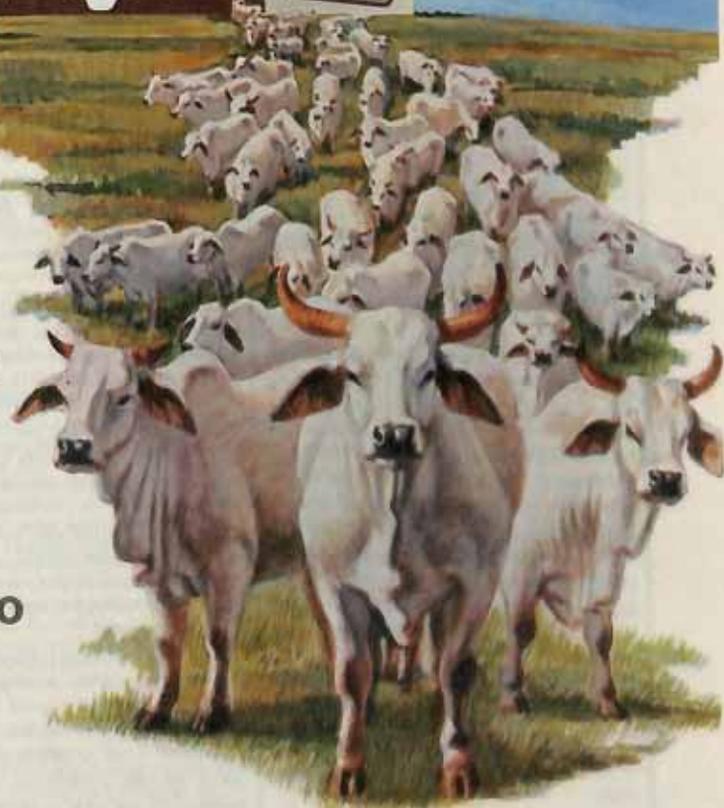
A Grande Diferença que você vê

A Grande Diferença no controle de parasitas

A Grande Diferença no tratamento e manejo

A Grande Diferença em produtividade e lucro

A Grande Diferença em conveniência



USE **ivomec***
ivermectin MSD
Injetável



O endectocida da "Grande Diferença"

para bovinos mais saudáveis, mais produtivos e mais rentáveis.

MSD-AGVET
DIVISÃO DE MERCK SHARP & DOHME
Química e Farmacêutica Ltda.
SANTOS - Av. Eng. Florentino - 110 - Caixa 107 040 - Tel. 013/244.1000

Do professor Sergio Lima Beck, nosso colaborador atualmente trabalhando em Boa Vista, Território de Roraima, recebemos a seguinte carta:

Sr. Diretor.

Estou neste canto extremo do país, mas incrivelmente bonito, interessante e agradável. De fato, Roraima é fascinante. Pelo pouco que pude observar existe aqui uma população de cavalos muito típica e caracterizada. Encontrei também algumas manadas selvagens, totalmente selvagens (não confundir com primitivismo), que infelizmente estão diminuindo dia após dia. Tentaremos preservar alguns desses animais. Escreveremos sobre o assunto brevemente.

Quanto ao livro de minha autoria — "Equinos — Raça, Manejo e Equitação" — que está sendo editado por essa Editora, gostaria de saber a previsão de lançamento. Brevemente, pretendo passar por São Paulo. Favor avisar, o mais breve possível, a data de lançamento do livro, para que possa programar a minha viagem.

Sergio Lima Beck,
Boa Vista, RR.

Prezado professor Lima Beck.

Estimamos saber que o nosso illustre colaborador está aproveitando a estadia em Boa Vista, RR, e que sua grande satisfação são os cavalos selvagens. Fizemos votos que o seu trabalho pela preservação desses animais alcance o mais completo êxito e acreditamos que os nossos leitores gostariam de ler uma matéria a esse respeito e o que é Boa Vista e o Território de Roraima. Quanto ao lançamento do livro, que acreditamos será um sucesso, deverá estar pronto dentro de aproximadamente 40 dias. L.A.P.

Rio de Janeiro, 28 de fevereiro de 1985.

A
REVISTA DOS CRIADORES

A fórmula mais fácil e menos sujeita a fraudes para se conceder subvenção ao produtor de leite seria a do fornecer, gratuitamente, um quilo de ração por cada x litros de leite entregues às cooperativas.

Fácil porque as cooperativas abririam um crédito de ração proporcional ao leite recebido.

Menos sujeita a fraude porque a ração recebida pelo produtor mesmo que transformada em dinheiro (por venda), seria consumida por qualquer outro animal doméstico, o que redundaria em aumento da produção de alimentos.

Justa porque tiraria do produtor de leite o direito de reclamar preços melhores e ainda porque, consumida ou não a ração pelas vacas leiteiras, haveria uma maior produção por parte das fábricas que se interessariam pelo consumo correto das rações produzidas, para não caírem no vazio no caso de se multiplicar o rodízio no comércio das suas produções industriais.

As cooperativas seriam fortalecidas porque os produtores deixariam de vender diretamente aos laticínios que não poderiam oferecer as mesmas vantagens e que passariam a se contentar em receber o leite que efetivamente "sobrasse" ou que não fosse bom para consumo "in natura".

Para que uma medida dessas fosse tomada, bastava que se modificassem os regulamentos das próprias cooperativas que deveriam ser dirigidas por cooperados eleitos, mas administradas por funcionários pagos para se evitar que houvesse corrupção dentro das próprias cooperativas.

No nosso entender toda a agropecuária se beneficiaria, pois estaria garantido um maior consumo para toda a produção agrícola, mesmo industrializada.

Poucas críticas poderiam ser feitas a esse plano, a não ser as que seriam formuladas pela indústria de laticínios que seria forçada a aguardar que a produção de leite, além de ser suficiente para o consumo "in natura", começasse a se expandir a ponto de dar sobras que pudessem abastecê-las.

Nada mais justo do que isto, até porque em qualquer país civilizado e onde gente não passe fome, subproduto de leite é produzido com excesso de produção.

Resta saber é se o governo da

Nova República terá forças e poder para conseguir produzir leite bastante para o povo contrariando os fortes e onipotentes "donos" da situação da pecuária leiteira e que são os laticínios e as próprias cooperativas.

Nota: Basta examinar o balanço de qualquer cooperativa para se constatar o quanto ganham seus "diretores" eleitos. Em média, nada mais, nada menos do que 10 (dez) salários mínimos mensais, isto é muito mais do que qualquer um deles consegue ganhar como produtor de leite.

A prova desta afirmação pode ser dado por uma simples consulta à Receita Federal.

Desculpem-me os que desagradem, mas é preciso que alguém pense em termos de Brasil cheio de crianças que passam fome e que morram de FOME.

Eduardo de Abreu Cruz,
Rio de Janeiro, RJ

Prezados senhores;

Tenho muito interesse em efetuar um investimento no setor da criação de gado de carne em um Estado do Nordeste, gostaria, por isso, de receber, como documentação, os exemplares da vossa revista que eventualmente concernem sobre o assunto. Agradeço desde já, ficando na espera de vossas notícias. Subscrevendo com elevada estima e apreço.

Atenciosamente,

Dr. Dino Cipriani,
P.zza Luigi di Savóia, 22,
I-20124, Milano, Itália

Prezado dr. Dino Cipriani, estamos lhe remetendo um estudo em português e inglês, publicado no Anuário dos Criadores, sobre a pecuária de corte em geral no Brasil, com citações sobre o Nordeste. Sugerimos, também, que escreva à redação da Revista "Interior", publicada pelo Ministério do Interior, que tem trazido, em suas páginas, diversas reportagens sobre a pecuária no Nordeste e cujo endereço remetemos junto com o estudo. "Interior" tem publicado diversos estudos sobre a pecuária nos Estados Nordestinos.

Mais carne com menos despesa

Professor JOÃO SOARES VEIGA*

O consumo diário de alimentos por parte dos bovinos é regulado pela capacidade normal de seu aparelho digestivo, medido em termos de matéria seca (MS). As quantidades de MS consumidas diariamente, portanto, dependem do peso ou do porte do animal. Entretanto dependem, também, da qualidade da dieta, da idade e das condições físicas do animal. Animais jovens, em regime de engorda, consomem maiores quantidades de MS por unidade de peso vivo que animais adultos, de idades mais avançadas. Enquanto os mais jovens chegam a consumir quantidades de MS equivalentes a 3% e até mais de seu peso vivo, os adultos consomem, em média, cerca de 1,4%.

Na MS consumida devem estar contidos todos os nutrientes necessários para manutenção do organismo e para sua produção: proteínas, energia, minerais e vitaminas. As exigências desses nutrientes também dependem da idade, do peso e do ritmo da produção dos animais. Assim, enquanto permanecem fixas as quantidades máximas de MS consumida, relacionadas ao peso vivo e a idade, devem variar nesta matéria seca as proporções de proteínas, de energia, de minerais e de vitaminas.

O consumo de MS também pode ser influenciado pela palatabilidade dos alimentos, por sua textura, pela forma com que eles são oferecidos e pela facilidade com que são assimilados pelos animais.

Em pastagens, por exemplo, nas águas, quando as forrageiras estão em pleno desenvolvimento, quando são tenras, palatáveis e abundantes, o consumo de MS é maior que na época da seca quando as plantas, já amadurecidas, são menos apetecidas, mais dificilmente apreendidas, mais fibrosas e mais escassas.

Má que considerar, ainda, que num pastejo contínuo, as necessidades diárias dos animais aumentam com seu crescimento e com seu peso ao passo que as disponibilidades de alimentos decrescem com o processo evolutivo das forrageiras.

Um animal de 225 kg de peso mínimo que inicia seu processo de engorda e terminação em pastagens de boa qualidade

poderá ganhar, por dia, 900 g de peso com um consumo inicial de 5,9 kg de MS. Mas para manter esse ritmo de ganho de peso até o final, cinco ou seis meses após, precisará estar consumindo 9,5 kg de MS. Enquanto suas necessidades de consumo aumentam, reduzem-se as disponibilidades de alimentos nos pastos em quantidade e qualidade. De tal sorte, seu ritmo de crescimento não poderá ser mantido de maneira uniforme e, a certa altura, ele deixa de ganhar peso e até pode passar a perder parte do que ganhou.

Esta configuração obriga ao produtor a programar a lotação das pastagens aumentando ou reduzindo o número de cabeças (ou de unidades-animal) por área para que cada indivíduo possa consumir o mínimo exigido para manutenção de seu desempenho, sem perda de alimentos e do ritmo de ganho de peso. Esta condição dificilmente poderá ser mantida em áreas onde ocorrem períodos prolongados de seca, mesmo com lotações bem baixas, de modo que a melhor solução é o emprego de suplementos previamente preparados para serem utilizados como reguladores de um suprimento alimentar contínuo e uniforme.

Uma projeção, embora teórica, sob o consumo de nutrientes de um bovino com peso inicial de 250 kg até o atingimento de 400 kg pode ser observada no quadro I. Essa projeção refere-se a um ganho diário de peso equivalente a 900 g por dia e foi baseada nas recomendações mínimas de nutrientes apresentadas pelo NRC-1976. Esses números, embora teóricos, por compreenderem períodos de 56 dias, servem, entretanto, para dar uma idéia de quanto, aproximadamente, um animal de 250 kg de peso vivo precisa consumir para atingir 400 kg após 168 dias.

Essas previsões precisam ser feitas antecipadamente quando, por exemplo, se avalia o potencial das pastagens ou, particularmente, quando se calculam as necessidades de alimentos para manutenção de bovinos em confinamento.

Os cálculos, para pastagens, tornam-se extremamente difíceis pelas razões já expostas, principalmente porque, nessas condições as disponibilidades de alimentos dependem das lotações e das perdas naturais do valor nutritivo das plantas forrageiras à medida que prosseguem em seu processo evolutivo. Em regime de

confinamento os cálculos podem ser mais corretos desde que se disponha de misturas alimentares com valores nutritivos constantes durante todo o período de alimentação.

O exame do quadro I indica que a quantidade de MS consumida vai de 2,3 a 2,7% do peso vivo (média 2,5%). O que varia são as concentrações dos diferentes nutrientes contidos na MS.

Consumo total em 168 dias (3 x 56) para um ganho de 150 kg dos 250 aos 400 kg de peso vivo.

Matéria Seca	1.366,4 kg
Proteína Bruta	131,2 kg (9,8%)
NDT	940,1 kg (68,8%)
Cálcio	3,6 kg (0,27%)
Fósforo	3,2 kg (0,24%)

Para ganhos superiores a 900 g por dia, as quantidades de MS também não são substancialmente aumentadas desde que representem a capacidade do organismo de consumi-la de acordo com seu peso.

Para ganhos de 900 g por dia animais com 250 kg necessitam de MS com 11,1% de PB e 72% de NDT. Mas para ganharem 1.300 g de peso por dia a MS consumida precisa conter 12,7% de PB e 86% de NDT, além de mais cálcio e de mais fósforo.

Isso equivale dizer que sendo mais ou menos fixas as quantidades de MS, suas concentrações em nutrientes são variáveis de acordo com os ganhos desejados.

Para um programa de engorda e terminação de 1.000 bovinos, de 250 aos 400 kg de peso vivo, o produtor precisará dispor de enormes quantidades de alimentos. Na base de MS, para um período de 168-170 dias serão necessárias, para 1.000 bois ganharem 150.000 kg de peso vivo 1.366,4 toneladas de MS, 131,2 toneladas de PB, 940,1 toneladas de NDT, 3,6 toneladas de Cálcio e 3,2 toneladas de Fósforo e mais consumo de MS por quilo de peso ganho = 9 kg.

Admitindo um valor médio de 30% de matéria seca numa silagem de milho, um animal de 300 kg poderá consumir desse alimento 27 quilos por dia (8,1 kg de MS). Mas essa quantidade de silagem não contém os nutrientes necessários para lhe garantir um ganho de 900 g por dia. Pouco lhe faltará de proteínas mas lhe faltará, sobretudo, energia e minerais.

* O autor é médico-veterinário, com 30 anos de vivência no país, e atualmente é diretor do CVA Zoológico.

Quadro 1
NUTRIENTES PARA BOVINOS PARA UM GANHO DE 900 g DE PESO POR DIA DOS 250 AOS 400 kg DE PESO VIVO

Pesos kg	Nutrientes consumidos					Ganhos de Peso		MS/peso %
	MS kg	PB kg	NDT kg	Ca g	P g	Por dia kg	56 dias kg	
250-300								
Consumo p/dia	6,9	0,650	4,5	21	18	0,900	—	2,5
Consumo 56 d.	386,4	36,4	240,8	1.200	1.000	—	50,4	
300-350								
Consumo p/dia	8,1	0,810	5,7	21	19	0,900	—	2,5
Consumo 56 d.	453,6	45,4	319,2	1.200	1.100	—	50,4	
350-400								
Consumo p/dia	9,4	0,884	6,8	21	19	0,900	—	2,5
Consumo 56 d.	526,4	49,5	380,1	1.200	1.100	—	50,4	

PRODUÇÃO DE CARNE

A produção de carne bovina pode ser conseguida mediante o emprego de duas fontes de alimentos:

1 — alimentos volumosos provenientes de forrageiras verdes, fenadas ou ensiladas.

2 — alimentos concentrados, tais como grãos de cereais ou de seus subprodutos, fardos de sementes de oleaginosas, resíduos das indústrias ou do beneficiamento de alimentos, compostos nitrogenados não protéicos, etc.

Os ganhos de peso diários ou a velocidade do ritmo de engorda e terminação dependem do valor nutritivo dos alimentos empregados (mínimo de proteínas, de energia, de minerais e de vitaminas).

PRODUÇÃO DE CARNE EM PASTAGENS

O método tradicional de produzir carne apenas em regime de pastagem, à base de forrageiras, não permite a obtenção de novilhos com peso desejado para o abate antes dos 3, 4 anos de idade. Mas em condições especiais isso pode ser conseguido em idades mais precoces (menos de 36 meses).

Em regime exclusivo de campo um bovino sofre até os 4 anos de idade 4 períodos de seca ou, na melhor das hipóteses, três. Nesses períodos os ganhos de peso se reduzem ou chegam mesmo a se tornarem negativos. Toda a produção de carne, à base de forrageiras das pastagens, deve se concentrar no melhor aproveitamento desses alimentos quando possuídos de seu mais alto valor nutritivo e de su-

plementações com material da mesma procedência, colhido e conservado para as épocas críticas.

Fenos e silagens das próprias forrageiras das pastagens podem, de tal sorte, se constituir em suplementos para as épocas de escassez ou de seca. A produção de fenos e de silagem para alimentação de gado de corte, no Brasil, ainda não foi suficientemente explorada e o que tem sido questionado são seus custos e seus rendimentos econômicos.

Não se podem esperar, na produção de carne à base de forrageiras, ganhos individuais de peso equiparáveis aos que se conseguem com alimentos à base de concentrados. O que se deve, e isto é muito importante, é comparar os custos e procurar aumentar, por esse sistema, a quantidade de peso vivo produzida por área de pasto explorada ou quilos de peso vivo por hectare/ano.

Num levantamento feito há alguns anos, numa área do Brasil Central (Norte de Minas Gerais, Sul da Bahia e Norte do Espírito Santo), foi verificado que a produção média de peso vivo por hectare/ano correspondia a 40 kg. Esse rendimento correspondia, em termos de produção de carne, ao consumo de cada brasileiro, naquela oportunidade.

Entretanto a utilização racional das forrageiras das pastagens tem proporcionado em muitos países, rendimentos superiores a 400 kg de peso vivo quando se aproveitam apenas as forrageiras consumidas pelos animais pastejando e mais 100 kg quando esse alimento é suplementado com forrageiras conservadas colhidas no próprio pasto. Quinhentos quilos de peso vivo por hectare/ano correspondem a uma

produção dez vezes maior que a produção observada naquela área do Brasil Central.

Há, naturalmente, muitas coisas a fazer para se aproveitar melhor o potencial das pastagens para a produção de carnes. Dentre essas medidas há que:

1 — Disciplinar a época do nascimento dos bezerros para que estes desenvolvam-se normalmente e não venham a sofrer, na desmama e na recria, os efeitos da insuficiência de alimentos.

2 — As forrageiras precisam ser de alto valor nutritivo, de fácil consumo. Há diferenças sensíveis entre o valor nutritivo de diferentes forrageiras. Uma consorciação de gramíneas e de leguminosas é sempre recomendável.

O manejo das pastagens constituídas de diferentes espécies forrageiras precisa ser bem conhecido e bem aplicado. Cada espécie forrageira tem características próprias e pode exigir diferentes tipos de manejo.

3 — As lotações das pastagens precisam ser criteriosamente observadas para que cada animal venha a receber as quantidades mínimas de nutrientes necessárias ao seu crescimento e ao seu ganho de peso. Uma consorciação de gramíneas com leguminosas produz alimentos de melhor valor nutritivo.

4 — O manejo das pastagens, nele se incluindo o número de cabeças por área, deve corresponder a um consumo adequado, por animal, de forrageiras de alto valor nutritivo numa altura conveniente do relvado que permita uma rápida ingestão de alimentos, com o dispêndio de um mínimo de energia. A densidade e a altura do relvado, nesse particular, apresentam uma significância de alta importância.

Um animal, para consumir a quantidade de MS de que necessita para satisfazer suas necessidades, executa, em média, de 16 a 20.000 bocadas nas 7-8 horas do dia de que dispõe para esse trabalho, quando as forrageiras das pastagens mantêm um padrão de densidade elevado e quando sua altura não ultrapassa de 20-25 cm. Nessas condições o animal consegue de 300-400 miligramas de matéria orgânica por bocada e consome o máximo de MS que pode consumir em 16 a 20.000 movimentos de apreensão dos alimentos.

Já em pastagens com porte mais elevado, acima de 50 cm, a capacidade de ingestão de matéria orgânica, por bocada, cai para 100-150 miligramas e o animal,

Saúde tem nome

AV. BRIG. FARIA LIMA, 1857 - BP and. CJ. 505 - FONE: 814-4622 - SÃO PAULO

CRED MED

ASSESSORIA DE VIDA E SAÚDE

para satisfazer suas necessidades, precisa efetuar mais de 30.000 bocadas por dia.

Num outro extremo, em pastagens muito baixas com menos de 5 cm de altura, rasgadas, a ingestão por bocada também é reduzida e a ingestão de matéria orgânica, por bocada, é inferior a 50 miligramas.

Pastagens excessivamente altas ou excessivamente baixas exigem, portanto, mais dispêndio de energia por parte dos animais e, mesmo assim, nem sempre eles conseguem consumir as quantidades de MS de que necessitam nas 40.000 bocadas que podem efetuar, nas 7-8 horas dedicadas ao consumo de alimentos de que dispõem.

Os bovinos não pastam uniformemente desprezando touceiras contaminadas por fezes ou urina. As forrageiras dessas touceiras crescem, tornam-se menos digestíveis, deteriorando o valor nutritivo da pastagem e, em não sendo consumidas, proporcionam falsa idéia sobre a quantidade de alimentos disponíveis.

Em área onde se exploram bovinos e ovinos estes são empregados no consumo das forrageiras desprezadas pelos bovinos. Assim as ovelhas seguem, no pastejo de uma área, à passagem dos bovinos.

Em não se empregando essa combinação de bovinos e ovinos a melhor prática é segar as partes mais altas para manter o padrão de altura das forrageiras a um porte mais conveniente, para produzir alimento do mais alto valor nutritivo e, por conseguinte, maior produção de peso vivo por hectare.

5 — Um dos aspectos mais discutidos na utilização das pastagens para se conseguir maiores rendimentos por área é o das fertilizações. As gramineas, para maior produtividade por área, exigem aplicações principalmente de nitrogênio. As leguminosas podem dispensar aplicações de nitrogênio, quando adequadamente inoculadas, mas exigem principalmente fósforo.

Em regiões como as da Austrália e as da Nova Zelândia, as produções de carne e de leite baseiam-se, particularmente, no conjunto de pastagem de gramineas consorciadas com leguminosas e fertilizações de fósforo. As quantidades de fósforo que devem ser aplicadas dependem da composição do solo, bem como do tipo de fosfato aplicado.

De qualquer forma a aplicação de fertilizantes, fosfatados ou nitrogenados ou de ambos, precisa ser criteriosamente praticada para cada caso. Jamais deverá ser esquecida a relação entre nível de fertilizantes e ganho de peso. Em muitos experimentos foi revelado que níveis elevados de fertilizantes podem, inclusive, reduzir os níveis de ganhos de peso. É fácil compreender que as fertilizações precisem ser orientadas por técnicas especializadas para que se possa através delas retirar os melhores rendimentos pelo menor custo. Dependendo das espécies forrageiras consorciadas a aplicação de fertilizantes pode determinar a prevalência de umas sobre outras. E como há varia-

ções em palatabilidade e digestibilidade entre diferentes espécies de forrageiras, este desequilíbrio pode gerar reduções no consumo por parte dos animais e uso inadequado dos alimentos disponíveis.

A combinação criteriosa de fertilizantes com irrigações pode proporcionar produções de peso vivo por hectare superiores a 650 kg. Mas o que realmente interessa é relacionar as despesas com esses insumos e o rendimento que se obtém em peso vivo para se avaliar a conveniência dessa prática.

Nunca deve ser esquecido, porém, que um boi criado, recriado e engordado numa pastagem leva consigo, ao ser transferido de uma propriedade para outra ou para o maturo, componentes nutritivos retirados do solo e que esse solo, por mais fértil que seja, jamais será inesgotável. A prática de se substituírem as espécies ou variedades forrageiras por outras aparentemente mais produtivas, menos exigentes, é uma prática enganosa, ou, pelo menos paliativa. No fim de alguns anos, dependendo de qualidade do solo, sem qualquer tipo de reposição daquilo que realmente é retirado, o resultado é a degradação das pastagens, o praguçamento e a redução paulatina da produção de peso vivo por área.

6 — As espécies forrageiras que devem ser utilizadas dependem do clima da região e da qualidade do solo. Há, nesse particular, sensíveis diferenças entre espécies forrageiras quer quanto ao clima, quer quanto suas exigências nutritivas. Há forrageiras mais exigentes que outras de fósforo. Essas forrageiras não deveriam ser as mais indicadas para áreas de solos onde há insuficiência desse mineral para que as aplicações de fosfatos se tornem economicamente insustentáveis. Há, a esse respeito, numerosos trabalhos já efetuados no Brasil ou em áreas de solos do mundo tropical e subtropical.

7 — Em regime de pastagem uma das mais difíceis decisões é estabelecer o número de cabeças por área de modo a assegurar o máximo de produção por unidade ocupada sem prejudicar a qualidade das pastagens ano após ano.

As lotações devem ser calculadas para garantir um consumo adequado para cada animal. Nessa avaliação é preciso sempre lembrar que o animal de corte, crescendo e ganhando peso consome, cada vez mais, maior volume de alimentos. Em contrapartida, no período em que ele permanece nos pastos a produção das forrageiras tende a cair, dado que obedece ao próprio ciclo das plantas, em volume e qualidade.

Uma das maneiras de se contornar esse problema é o de se estabelecerem baixas lotações iniciais para se dispor de maior quantidades de alimentos no final, ou lotações altas e baixas de acordo com os alimentos disponíveis. Uma outra alternativa é calcular a lotação adequada, com sobra de alimentos, recolhendo-se o excedente para, depois de conservado, ser utilizado como suplemento.

8 — Esse excedente pode ser conservado sob as formas de feno ou de silagens.

É importante esclarecer que tanto a fenação como a ensilagem não melhoram o valor nutritivo das forrageiras. Pelo contrário, o material conservado perde parte de seu valor nutritivo. Mas tanto o feno como a silagem representam o valor das plantas colhidas para serem conservadas. Há, portanto, época bem definida para colher plantas forrageiras. Há sensíveis diferenças entre o valor nutritivo de uma mesma planta forrageira colhida no mesmo terreno, do 1.º para o 2.º corte.

9 — Outras alternativas ainda poderiam ser citadas, destinadas à suplementação das pastagens como a utilização de concentrado, o emprego de substâncias nitrogenadas não protéicas (uréia, biureto), o aproveitamento de resíduos de agricultura (palhas de cereais e de leguminosas, resíduos de limpeza de grãos, resíduos de usinas de açúcar e álcool (torta do filtro Oliver, fermento etc.), a cama de frangos, etc. etc.

Palhas de cereais, sabugos, bagaço de cana e outras substâncias similares ricas em celulose e de baixa digestibilidade podem hoje ter seu valor aumentado mediante tratamentos especiais seja pela soda seja pela impregnação com amônia. Esses tratamentos permitem elevar a digestibilidade desses resíduos da agricultura e da indústria em mais de 15-20%.

10 — Finalmente, na utilização das plantas forrageiras para a produção de carne há, ainda, a possibilidade de se empregar o método denominado de "pastejo zero".

Os animais não vão aos pastos. Toda a produção é colhida e distribuída aos animais confinados em piquetes ou currais. O esterco e a urina produzidos retornam para as áreas plantadas em forrageiras. Esse método permite alimentar um número de cabeças muito maior que o conseguido pelo sistema de pastejo contínuo ou rotacionado. Permite armazenar os excedentes sob a forma de feno e/ou de silagens. Mantém a produção forrageira mais uniforme e evita os erros de lotações excessivas ou insuficientes. Mas apresenta os inconvenientes do corte, do transporte e da distribuição que precisam ser devidamente avaliados.

As opções são as mais variadas, tão variadas quanto a enormidade de alimentos de toda a ordem e de toda a classe que se desperdiçam neste país e que poderiam ser transformados em carne.

PRODUÇÃO DE CARNE COM VOLUMOSOS E CONCENTRADOS

Os preços dos alimentos concentrados destinados à engorda em confinamento são o primeiro empecilho para a produção de carne bovina a baixos custos. Depois dos sucessivos aumentos do petróleo, os custos desses alimentos têm que ser avaliados em termos de energia. De um modo geral as unidades de energia inves-

tidas em concentrados para a engorda de bovinos, retorna em quantidades inferiores através da carne produzida. Esse método ganhou incrível popularidade em países desenvolvidos que dispunham de grandes excedentes de cereais e de subprodutos de sementes de oleaginosas, cuja população podia arcar com os custos mais elevados de carne produzida por esse método. Assim, confinavam-se bovinos desde o primeiro dia de vida até o dia do abate.

A crise do petróleo alterou essa atividade e logo se concluiu que a carne produzida de plantas forrageiras custava menos que a produzida, desde o início, à base de concentrados. De tal sorte, mesmo nesses países, a tendência atual é retirar o máximo das plantas forrageiras e apenas empregar os concentrados na fase de terminação para que os animais tenham a ter carcaças de melhor classificação. Em nosso país nem temos excedentes de cereais e de subprodutos de sementes leguminosas, nem o povo possui poder aquisitivo para consumir uma carne de maior preço. No momento, todo método de confinamento baseado no emprego de tais alimentos parece, no Brasil, não resistir a uma criteriosa análise econômica ou, pelo menos, atender as possibilidades do consumidor.

Mas, se não possuímos excedentes de concentrados, nem quantidades suficientes para nutrir nossos próprios habitantes, temos vastas áreas de pastagens, volumosa quantidade de resíduos da agricultura onde ela se pratica intensamente. Nosso problema é o período invernal quando escasseiam os alimentos e é para esse período que devemos dedicar toda nossa atenção. A engorda e a terminação de animais em confinamento é um processo que deve ser iniciado desde as primeiras idades, nos pastos.

Resuma-se na cria e na recria bem feita de animais em regime de campo, com as alternativas antes enumeradas e, se houver conveniência, numa terminação rápida de 90-120 dias em confinamento para a produção de novilhos, na entressafra. Esses alimentos devem, de preferência, ser alimentos de fácil obtenção, de baixo custo originados na própria fazenda.

Há numerosas deles geralmente aproveitadas: resíduos da colheita de cereais e de leguminosas; palhas de arroz, de trigo, de soja, etc.; carne e vísceras de aves; resíduos de usinas de açúcar e de álcool; resíduos de produtos das indústrias transformadoras de alimentos, unlim produtos até agora considerados impróprios para alimentação humana, mas próprios para serem transformados em carne ou leite. O regime de confinamento pode utilizar esses produtos e, ainda, o produto das pastagens das capineiras, sob a forma de mato verde, de feno e de silagem. Tudo poderá ser aproveitado desde que exista em quantidades suficientes a preços convenientes.

O emprego de produtos nitrogenados não protéicos, como a ureia, administrada através do col ou através do melão, per-

Quadro II

NUTRIENTES PARA ENGORDA DE NOVILHOS EM CONFINAMENTO DOS 250 AOS 450 kg DE PESO VIVO

Peso kg	ganho/dia g	mínimo MS kg	mínimo PB %*	NDT %*	Ca %*	P %*	Volumoso %**
250	700	5,8	10,7	70	0,51	0,28	55-60
	900	6,2	11,1	72	0,38	0,31	45-50
	1.100	6,0	12,1	77	0,45	0,35	20-25
	1.300	6,0	12,7	86	0,50	0,38	< 15
350	900	8,0	10,0	72	0,25	0,22	45-55
	1.100	8,0	10,4	80	0,29	0,22	20-25
	1.300	8,0	10,8	83	0,32	0,28	< 15
	1.400	8,2	10,9	86	0,34	0,29	< 15
450	1.000	10,3	9,3	72	0,19	0,19	45-55
	1.200	10,2	9,5	80	0,23	0,22	20-25
	1.300	9,3	10,4	86	0,26	0,25	< 15
	1.400	9,8	10,0	86	0,26	0,25	< 15

Adaptado de NRG — 1976

* Porcentagem sobre a Matéria Seca.

** Proporções de volumosos em relação à ração total.

mite o uso de alimentos de baixo valor protéico como palhas de cereais, sabugos de milho, quando se dispõem de razoável fonte de energia e de minerais essenciais.

No quadro II podem-se observar os mínimos de nutrientes que devem ser fornecidos a bovinos de engorda e terminação associando-se alimentos volumosos e concentrados. Verifica-se nesse quadro que à medida que se desejam maiores ganhos de peso diário, aumentam-se as necessidades de nutrientes e reduzem-se as proporções de alimentos volumosos, menos dispendiosos e aumentam-se as proporções de concentrados, de mais altos custos. Por isso nem sempre ganhos elevados de peso diários são os mais econômicos.

Todo o cuidado consiste em equilibrar as proporções de volumosos e de concentrados para obter um ponto favorável entre custos dos alimentos e remuneração através da carne produzida.

Na Inglaterra, por exemplo, verificou-se que uma determinada pastagem, bem manejada, tinha um potencial para proporcionar, aos animais nela lotados, um ganho diário de 450 g/dia. A suplementa-

ção efetuada com grãos de cevada promoveu aumentos sucessivos de ganho de peso até 1.300 g diários. Entretanto, efetuados os cálculos das despesas ficou claro que ganhos superiores a 900 g/dia, nesse sistema, eram anti-econômicos. O aumento do consumo de cevada elevava imediatamente o custo da ração contida em relação ao valor da carne produzida.

De acordo com as recomendações do quadro II, para que um novilho de 350 kg de peso vivo ganhe 900 g por dia ele precisa consumir 8,0 kg de MS e essa MS deve conter: 10,0% de PB; 72% de NDT; 0,25% de cálcio e 0,25 de fósforo. E a ração total será composta de 45-55 de volumosos e de 55-45% de concentrados.

Esse mesmo novilho, para ganhar 1.300 g de peso por dia, precisa comer a mesma quantidade de MS (8,0 kg), porém, com 10,8% de PB; 83% NDT; 0,32% de cálcio e 0,28% de fósforo. Além disso, sua ração total não deve conter mais de 15% de volumosos. Oitenta e cinco por cento dessa ração (85%) deverão ser constituídos de concentrados. O aumento substancial de concentrados, neste caso, é que permite elevar, devidamente, as

Quadro III

LIMITES PARA UTILIZAÇÃO DE UREIA EM RAÇÕES PARA BOVINOS

% de PB na MS da ração antes de adicionar ureia	% de NDT na MS			
	60-65	65-70	70-75	75-80
	% de PB na ração após adição de Ureia			
8	10	10,5	10,9	11,2
9	10,4	10,9	11,3	11,6
10	10,8	11,3	11,7	12,0
11	11,2	11,7	12,1	12,4
12	não	12,1	12,3	12,8
13	não	não	não	não

Raffer E Satter — Hoard's Dairyman, out. 1973.

necessidades energéticas (NDT) de 72 para 83%. Os volumosos apresentam baixos níveis energéticos e precisam ser complementados com concentrados, mais ricos em energia (grãos de cereais, farelos de tortas de oleaginosas, etc.).

Há exagerada preocupação quanto aos níveis de proteínas na engorda de bovinos. Esses níveis não aumentam substancialmente para ganhos de 900 a 1.300 g por dia (passam de 10 para 10,8%). Mas os níveis de energia passam de 72 para 83% de NDT.

Nestas circunstâncias, em nosso meio, não seria difícil comprovar que a energia se constitui no componente mais dispendioso das rações porque é fornecida, principalmente, por grãos de cereais (milho, cevada, aveia, soja, trigo, etc.).

As proteínas naturais, ademais, podem ser substituídas, em parte, por substâncias nitrogenadas não proteicas, como a uréia, biureto ou outros produtos similares. Tais produtos nitrogenados não proteicos (NPN) têm seu uso limitado pois não devem ser consumidos em quantidades excessivas para se evitarem intoxicações e desperdícios.

A recomendação mais freqüente sobre a aplicação da uréia na suplementação de rações para bovinos indica que ela deve substituir até 33% das proteínas naturais. E mais: as quantidades de uréias utilizadas somente serão bem aproveitadas quando empregadas para elevar o nível proteico das rações até 12%. Não contendo nenhum valor energético, o benefício de suplementação em uréia está intimamente relacionado ao conteúdo energético de ração.

Os microrganismos do rúmen utilizam-se do Nitrogênio da uréia para síntese de aminoácidos e de proteínas. Mas para esse trabalho exigem energia e minerais, sobretudo enxofre e fósforo.

O quadro III oferece algumas indicações sobre o enriquecimento de proteínas nas rações, mediante o emprego de uréia.

Esclarecendo melhor o quadro III:

Quando uma ração contém 8% de PB ela poderá ter seu nível proteico elevado até 10% com suplementação de uréia, caso tenha de 60-65% de NDT (energia) na base de MS. Se ela contiver 10% de PB, esse nível poderá ser elevado até 10,8% quando contiver 60-65% de NDT ou para 12% caso contenha 75-80% de NDT. Em rações com 12% de PB com 60-65% de NDT ou em rações com mais de 15% de PB não se torna necessário, nem recomendável, economicamente, a suplementação com uréia.

A suplementação com uréia, pois, é uma forma de se elevarem os níveis proteicos das rações para bovinos até 12%. O emprego desse produto torna-se, dessa forma, valioso quando se dispõe de alimentos de baixo valor proteico. Mas nunca se pode esquecer que o rendimento dessa suplementação corre paralelo com o valor energético da ração. Na realidade poder-se-ia dizer o mesmo em relação aos níveis de PB naturais, embora partes destas proteínas (e não os NPN) possa ser transformada em energia.

Ultimamente o enriquecimento de rações com energia vem sendo realizado, em certos países, com o emprego de outras substâncias que são grãos de cereais: gorduras animais e vegetais, soja integral (resíduos de grãos), melação, etc.

As gorduras, entretanto, precisam sofrer um tratamento prévio para serem melhor aproveitadas. A soja integral contém óleo e pode atingir níveis de NDT iguais ou superiores aos do próprio milho (80%). A energia do melação é inferior à do milho e seu consumo também é limi-

tado. Considera-se econômica a utilização desse produto, para fornecer energia, quando seu custo foi pelo menos 50% inferior ao do milho.

A aplicação de produtos tais como melação-uréia, milho-uréia, amido-uréia são formas de utilização desse produto não proteico associado a energéticos.

No Brasil vem sendo pesquisado o emprego de uréia como suplemento de rações compostas exclusivamente de volumosos. Nesses casos a uréia é incluída no próprio sal mineralizado que os animais consomem e, até, diretamente, nas forrageiras picadas distribuídas em cochos ou na silagem quando se carregam os silos.

Os resultados até agora obtidos não são uniformes. Esse método de utilização da uréia eleva, sem dúvida, o valor de PB das rações mas não eleva seu valor energético. Os resultados positivos ou negativos parecem depender da qualidade das forrageiras utilizadas (palatabilidade, digestibilidade, valores proteicos e energéticos) e dos níveis de minerais essenciais das rações.

Os primeiros resultados considerados satisfatórios, no preparo de novilhas com substâncias NPN, foram conseguidos há muitos anos por Garst nos Estados Unidos, empregando, como volumosos, subprodutos de milho moídos. Há exemplo de bons resultados conseguidos no Brasil segundo esse método (tabuços + melação-uréia).

Há, ainda, muito que se pesquisar nesse campo, para que se possam retirar da uréia os melhores benefícios, para as condições do Brasil. Quando se conseguirem volumosos de mais elevado valor energético ou quando se dispuser de energia alimentar e preços compensadores, a uréia se transformará, sem dúvida, numa excelente opção para aumento de produção de carne e preços mais baixos.

CONCLUSÃO

A produção de carne bovina comporta três modelos principais:

- 1 — Cris, Recria e Engorda em regime exclusivo de pastagens;
- 2 — Cris, Recria e Engorda de animais totalmente confinados;
- 3 — Aproveitamento máximo das pastagens nas épocas de grande produção forrageira e confinamento no período invernal (seca).

O primeiro modelo leva os animais ao consumo direto dos alimentos existentes nas pastagens com avacuação e recurso nos ganhos de peso de acordo com a disponibilidade de alimentos em quantidade e qualidade. As taxas de crescimento e de engorda não são uniformes durante o ano todo. Esta irregularidade no crescimento e no ganho de peso prolonga a idade de abate dos animais até os 4-5 anos.

Aperfeiçoamentos nesta modalidade podem ser introduzidos mediante:

- 1-1 — Melhoramento das pastagens e de seu manejo.

1-2 — Introdução de variedades forrageiras de diferentes ciclos tendentes a curtas o período de sazonalidade.

1-3 — Lotação sazonal das pastagens de acordo com as disponibilidades de alimentos.

2 — O segundo modelo, mantendo os animais estritamente confinados desde o primeiro dia de vida até a idade do abate, reduz consideravelmente seu tempo de preparo para o corte. Animais de raças melhoradas para a produção de carne e suas mestizas podem atingir pesos de 400-450 kg para serem abatidos com 14-16 meses de idade.

Esta modalidade origina uma atividade paralela da agricultura para produção de grãos de cereais e de secentes oleaginosas ricas em energia e em proteínas. Os reservas são criados artificialmente à base de leite ou de seus substitutos, processo denominado a atividade alimentada com concentrados de elevado valor nutritivo.

O ritmo de produção de carne nesta modalidade não sofre interrupções durante todo o ano pois o fornecimento de alimentos é contínuo e uniforme.

Entretanto os custos desta modalidade são consideravelmente elevados pela exigência de instalações apropriadas, de

maior número de horas de trabalho/homem e de alimentos de custos mais altos.

3 — O terceiro modelo é uma combinação dos dois anteriores.

3.1 — A cria e a recria se fazem a campo estabelecendo-se épocas apropriadas para nascimentos e desmama dos bezerros nos períodos de maior produção de forragens com confinamento na estação invernal das que se destinam à engorda.

A retirada dos animais para confinamento reduz a lotação das pastagens para torná-las mais disponíveis às matizes que permanecem a campo.

3.2 — Os animais que permanecem em pastagens ainda podem receber suplementos conservados colhidos das próprias pastagens, quando necessário.

3.3 — As idades dos animais para confinamento dependem do peso que se deseja atingir, e do tempo de que se dispõe para seu preparo.

Este é um sistema que permite a produção de novilhas na chamada entressafra.

3.4 — A alimentação neste modelo comporta o emprego de volumosos e de concentrados e, portanto, colheita, preparo e armazenamento de plantas forrageiras sob a forma de feno ou de silagens e o emprego de concentrados produzidos ou adquiridos e armazenados na propriedade.

O ritmo de ganho de peso e por conseguinte a idade do abate correspondem nitidamente ao volume e à qualidade dos alimentos consumidos, seja qual for o modelo explorado.

Correspondem também à qualidade dos animais.

No modelo exclusivo de pastagens, ganhos médios diários do nascimento ao abate podem saltar de 200 g/dia para 450 g/dia, mediante a utilização de pastagens de boa qualidade, bem manejadas e mediante adequada disciplina em relação às épocas de cria e recria. Com este salto pode-se reduzir a idade atual do abate de um novilho que é de 4,5 anos para, pelo menos, 3 anos.

No segundo modelo, como já se disse, a idade de abate pode cair para 14-16 meses.

O terceiro modelo oferece possibilidade de abates aos 20-24 meses.

Os três modelos oferecem numerosas alternativas com relação aos tipos de alimentos utilizados.

O segundo modelo não oferece qualquer perspectiva econômica em nosso meio desde que não dispomos de produções suficientes de grãos de cereais sequer para aves e suínos que são melhores conversores desses alimentos em carne que os bovinos. Não devemos colocar o boi em competição com esses animais no consumo desses alimentos quando deles não existe até o suficiente para o consumo humano devendo, não raro, ser importados.

Entretanto, o boi não tem competidores, nem compete com o homem, no consumo de alimentos volumosos para a produção dos quais dispomos de vastas áreas.

No terceiro modelo há, ademais, a possibilidade do emprego de concentrados de vários origens sem necessariamente se usarem grãos de cereais e de leguminosas. Há resíduos da agricultura que podem ser aproveitados, há resíduos da indústria de alimentos, há subprodutos do beneficiamento de alimentos vegetais, das indústrias do açúcar, do álcool, etc. Da indústria do álcool, por exemplo, podem-se aproveitar as células excedentes do fermento das docas sem que se reduza a produção do álcool, excetando esses que se perdem na eliminação do vinhaço. Estas possibilidades também existem, em parte, para o segundo modelo.

O Brasil precisa urgentemente retirar mais carne do mesmo rebanho que atualmente possui.

Em termos mais claros precisa elevar o desfrute de seu rebanho que é de 10-12% para, no mínimo, mais 20-22% nos próximos anos.

Este aumento de rendimento do rebanho é nossa única saída pois não poderemos ter, num futuro bem próximo, o mesmo volume de carne "per capita", que já é baixo hoje, a custo de simples crescimento vegetativo de um rebanho que cresce

(ou cresce?) há alguns anos numa taxa de 1,8% anual enquanto a população humana do país cresce 2,5%.

O aumento do desfrute de 10 para 20% não comporta outras alternativas que não sejam:

1 — Aumento dos índices de natalidade atuais (50%) para 70-75% pelo menos.

2 — Redução das taxas de mortalidade (cerca de 20% do nascimento aos 4 anos) para, pelo menos 8-10%.

3 — Redução da idade do abate de 4,5 anos para, no máximo, 3 anos.

Esses melhoramentos não há dúvidas a respeito dependem dos alimentos, matéria prima para crescimento, reprodução e produção de carne.

Não precisaríamos, neste país, de viver de safras e de entressafras, geradoras de tensões, nas produções de carne e de leite bovino.

Estocagem de carne congelada, estocagem do boi em pé, financiamento de matizes e tantas outras medidas eventuais não parecem ter sido adequadas já que não estimulam a solução principal que é a disponibilidade de alimentos para os animais.

A conservação de carne pelo frio onera o custo do produto. O boi estocado sem alimentos perde peso. Perde a carne que armazenou nas melhores épocas do ano.

Como a todo brasileiro é permitido o direito de oferecer palpites, porque não estimular de uma ou de outra forma os produtores à estocagem de alimentos de baixo custo para manterem e até engordarem animais na entressafra? Porque não estimular os que podem trabalhar como as formigas e deixar marginalizados os que parecem agir como as cigarras?

Isto não é novidade. Na França quando as importações de alimentos para o gado bovino atingiu números intoleráveis, o governo estimulou, subsidiou, a produção e a conservação de alimentos das pastagens para serem utilizadas no inverno. Com esta medida reduziram-se as importações de alimentos concentrados e, certamente, os custos de produção de carne e de leite. E, certamente, também, gerou maior número de empregos, melhor disseminação de técnicas mais avançadas e melhores rendimentos das áreas, em termos de produtividade e de custos.

O estímulo à estocagem de alimentos parece oferecer maiores oportunidades à fraude ou a desvios que as estocagens de carne congelada ou do boi em pé. Ademais leva o produtor da carne a compreender que a base de toda a produção animal depende, principalmente, da matéria prima que são os alimentos. Qualidade dos animais, raças, cruzamentos, grandes árvores genealógicas ajudam, mas nenhuma dessas qualidades oferece qualquer resultado sem alimentos em quantidade e qualidade. Subnutridos, igualam-se animais excelentes aos péssimos.

Em assunto, produção de carne bovina, comportaria outras e longas considerações.

Nossa preocupação foi traçar as linhas gerais e acreditamos ter ficado suficientemente claro que as soluções oferecem numerosos caminhos para serem atingidos dentro das realidades locais ou regionais e, necessariamente, da comercialização do boi.

Qualquer receita abrangendo todo o território nacional seria inconveniente. Cada região ou cada propriedade é um problema e cada problema requer uma solução mais conveniente.

Nenhuma solução, porém, poderá escapar ao fortalecimento de alimentos para que os animais possam se reproduzir, crescer, crescer e produzir. E tudo isso precisa ser conseguido em bases remuneradoras para o produtor e acessíveis ao bolso dos consumidores.

Mas para que servem os computadores e as conclusões das pesquisas e as técnicas que os alimentam?

Investir em pesquisas nos parece um dos melhores investimentos para os governos que cuidam do futuro de um país.

Desprezar as conquistas da técnica e das pesquisas, os avanços tecnológicos da era albertiana, uma burrice.

O ruminante e o aproveitamento de subprodutos fibrosos

José Fernando Coelho da Silva¹⁾

Os animais ruminantes (bovinos, bubalinos, caprinos e ovinos) representam uma das fontes mais valiosas de recurso renovável para a humanidade. Além de proteína de ótimo valor para alimentação humana, eles fornecem lã, couro, força para o trabalho etc. Os alimentos de origem animal (ruminantes), tais como a carne, o leite e seus derivados contêm proteína de alto valor biológico, geralmente muito melhores do que as proteínas de origem vegetal (Byerly 1966). São boas fontes de cálcio, fósforo e outros elementos inorgânicos, e a vitamina B₁₂, presente na proteína animal, não é encontrada em alimentos originários de plantas superiores. Portanto, os ruminantes ocupam uma posição de destaque na nutrição humana, como fornecedores de alimentos, além de outros produtos úteis à humanidade e na agropecuária, porque podem utilizar uma infinidade de resíduos e subprodutos inúteis para outros animais, conforme ilustrado na Figura 1.

A manutenção de suprimento adequado de produto dos ruminantes para a sempre crescente população humana é um dos maiores problemas para o corpo técnico-científico envolvido nessa área. Uma alternativa seria aumentar as taxas de produção e parição, reduzir a época de desmama etc, visando à maior produtividade. Isto implicaria em aumento na quantidade e qualidade da ração ingerida. Essa opção, certamente, exigiria a utilização de rações, cujos ingredientes poderiam ser aproveitados diretamente pelo homem e por outros monogástricos produtores de alimentos como as aves e os suínos. A outra alternativa seria aumentar a produção de leite e carne dos ruminantes, viabilizando o uso, com mais eficiência, dos materiais fibrosos disponíveis e não utilizáveis pelo homem e outros monogástricos domésticos.

Por causa do sistema digestivo, que é peculiar aos ruminantes, eles podem transformar em alimentos muitas substâncias aparentemente inúteis. São fábricas ambulantes que produzem alimento enquanto caminham por pastagem nativa ou cultivada. Além disso, podem converter para alimento humano uma grande quantidade de resíduos de cultura e uma infinidade de subprodutos industriais.

ASPECTOS ANATOMO-FISIOLÓGICOS QUE POSSIBILITAM AO RUMINANTE O APROVEITAMENTO DE ALIMENTOS FIBROSOS

alimento de alta qualidade matérias grosseiras, produtos fibrosos das plantas e subprodutos diversos que não teriam outra utilidade a não ser retorná-los ao solo. Em contraste com o estômago do homem e com o de outros monogástricos (suíno, equino etc), o estômago do ruminante é relativamente grande e dividido em compartimentos. No ruminante adulto, o estômago composto corresponde a 60-70% da capacidade total do aparelho digestivo, enquanto nos equí-

nos e suínos, os respectivos valores são de 9 e 29%. É evidente que estes valores dependem muito do manejo, tipo de alimentação e outros fatores (Coelho da Silva & Leão 1979).

Os dois primeiros compartimentos do estômago do ruminante, o rúmen e o retículo, funcionam mais como uma câmara de fermentação e seleção de partículas alimentares. O terceiro compartimento, o omaso, tem uma grande capacidade de absorção de líquidos, e o último compartimento, o abomaso, é o local de início de digestão feita por enzimas secretadas pelo organismo do animal.

A fase pré-gástrica da digestão é uma característica dos ruminantes, e o ambiente no rúmen retículo é favorável a uma rápida fermentação microbiana e há tempo necessário para os microorganismos fermentarem a celulose, proteína e outros constituintes orgânicos dos alimentos ingeridos.

Celulose é o composto químico-orgânico mais abundante nas plantas e na superfície da terra. Ela pode ser aproveitada pelo ruminante nos graus mais variáveis, dependendo de uma série de condições. Esses valores podem ser tão baixos quanto 20-30% e podem atingir limites altos como até quase 90%. Isto se deve ao fantástico processo de fermentação que existe no rúmen, como também em certas condições e em menor escala, ao processo semelhante que ocorre no ceco. Além da celulose, outros componentes estruturais dos vegetais, como hemicelulose e substâncias pécticas, também são aproveitadas (Coelho da Silva & Leão 1979).

Os produtos da fermentação microbiana no rúmen são principalmente ácidos graxos de cadeia curta (Ácidos Graxos Voláteis - AGV) que são absorvidos

O sistema digestivo peculiar ao ruminante permite que eles convertam em

1) Eng.º Agr.º Ph.D. — Prof. Tit./UFV — 36.570 — Viçosa — MG.

Este é o segundo artigo sobre aproveitamento de resíduos de culturas e subprodutos industriais na alimentação de bovinos, publicado, originalmente, na Revista Informa Agropecuária, órgão da Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais (Epmig) e que continuará em próximos números.

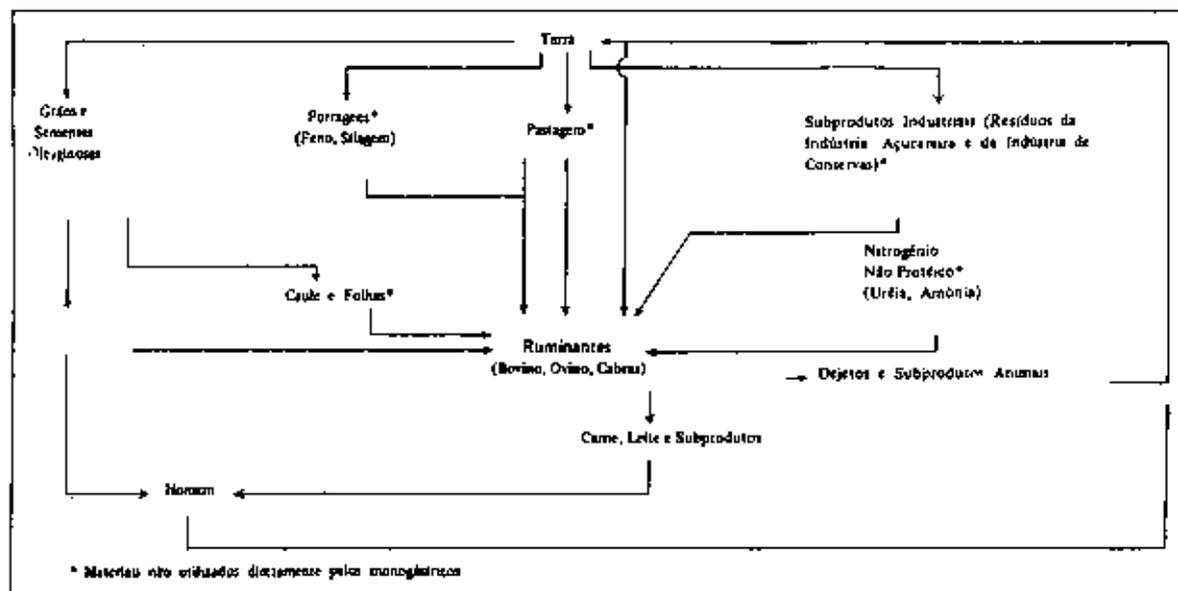


Fig. 1 - A utilidade do ruminante na nutrição humana e na agropecuária

diretamente pelo animal. Esses ácidos graxos (ácido acético, propiônico e butírico) suprem a maior parte da exigência energética do ruminante.

Simultaneamente, os microorganismos presentes no rúmen utilizam compostos químicos produzidos durante a fermentação e até mesmo alguns presentes no alimento para síntese de novas células microbianas que contêm proteína de alto valor nutritivo e vitaminas. Durante a digestão microbiana dos componentes vegetais, no ruminante, a proteína é em grande parte degradada e o seu nitrogênio é liberado na forma de amônia. Esta amônia é utilizada pelos microorganismos na síntese de proteína microbiana. Esse mecanismo permite que o ruminante transforme a proteína de baixa qualidade, como a presente nas palhas e até mesmo compostos não protéicos (NNP) como a uréia, em proteína de excelente qualidade. A uréia libera, rapidamente, amônia e esta, na presença de substrato energético, é incorporada à proteína microbiana. Há, evidentemente, necessidade de macro e microelementos inorgânicos e alguns outros compostos orgânicos. A proteína desses microorganismos contém todos aminoácidos essenciais exigidos pelo corpo humano, além disto, os microorganismos sintetizam todas as vitaminas do complexo B

e vitamina K, que também são exigidas pelo homem.

No estágio posterior do processo de digestão no ruminante, isto é, na fase gástrica da digestão, os sucos digestivos produzidos pelo animal no abomaso e intestino degradam a proteína microbiana, além de outros compostos microbianos e dietéticos, ainda passíveis de digestão. Ocorre então a absorção dos aminoácidos no intestino do animal, principalmente, e estes irão constituir carne, leite e outros tecidos do corpo animal (Figura 2).

Outra peculiaridade é o chamado ciclo do nitrogênio que ocorre no ruminante. Em decorrência do metabolismo da proteína nos tecidos, aqueles aminoácidos não utilizados são deaminados e transformados em uréia e esta volta ao rúmen, através da saliva ou por processo de difusão, via sangue-rúmen, onde a uréia pode ser transformada em proteína microbiana e utilizada pelo animal, conforme acima descrito. A fermentação ruminal também resulta na produção de amônia que pode ser absorvida, ser transformada em uréia no fígado, voltando ao rúmen (Figura 3). É evidente que há sempre uma perda de uréia na urina, mas este ciclo do nitrogênio permite a sobrevivência do ruminante nas condições de subnutrição protéica, o que não ocorre com os monogástricos.

ALIMENTOS FIBROSOS COMO FONTES DE NUTRIENTES

A utilização de alimentos fibrosos e outros subprodutos na alimentação de ruminantes tem sido frequentemente abordada e estudada. Trabalhos sobre o assunto mostram que esses materiais são basicamente fonte de energia para os ruminantes. Essa energia vem dos carboidratos, quais sejam a celulose, a hemicelulose e, dependendo do material, pequena parte das substâncias pécicas. Nesses materiais ricos em fibra, os carboidratos estruturais estão associados à lignina. Lignina é um composto que, embora possa ser aparentemente digerido pelos ruminantes, em alguns tipos de alimento, principalmente nos pobres em fibra, até o presente não foi constatado seu valor nutritivo.

Os teores de celulose, hemicelulose e lignina aumentam quando as plantas crescem e atingem a maturidade, consequentemente elas se tornam mais fibrosas. A celulose, hemicelulose e lignina também formam uma estrutura física e química complexa, que é o componente estrutural da madeira e outros materiais fibrosos (lignocelulosa). O Quadro

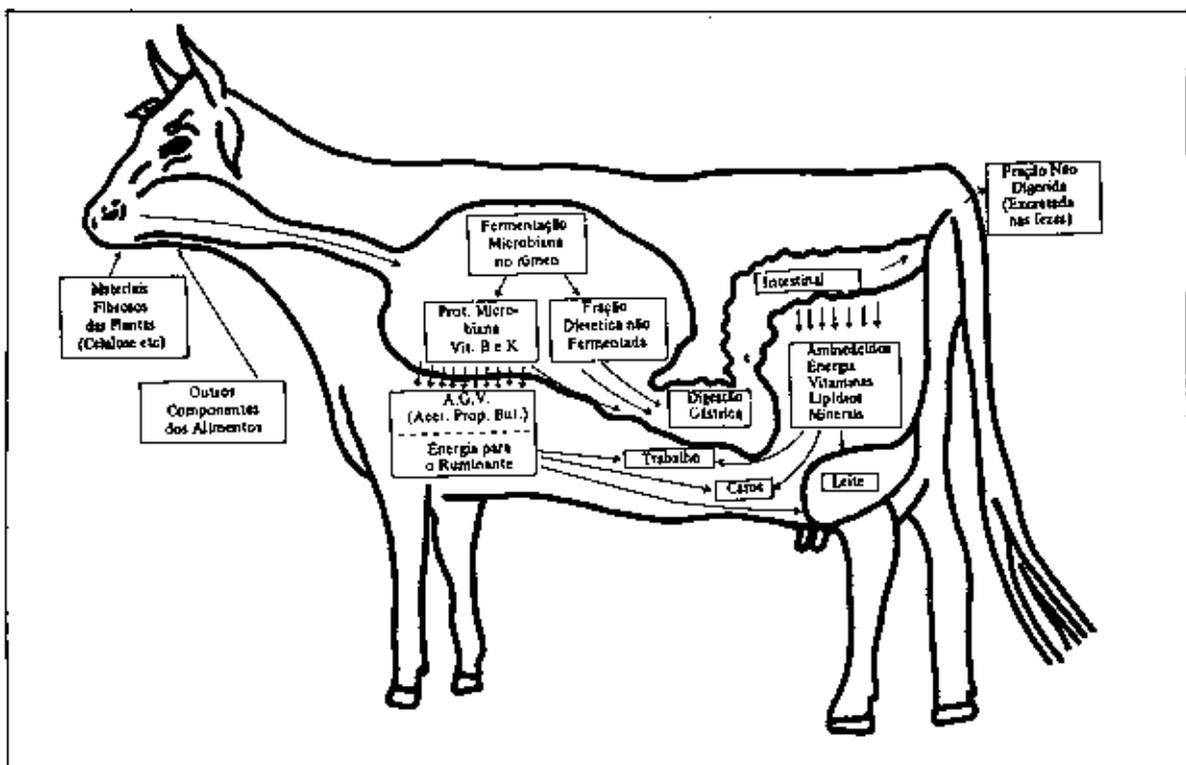


Fig. 2 - Esquema de digestão no ruminante

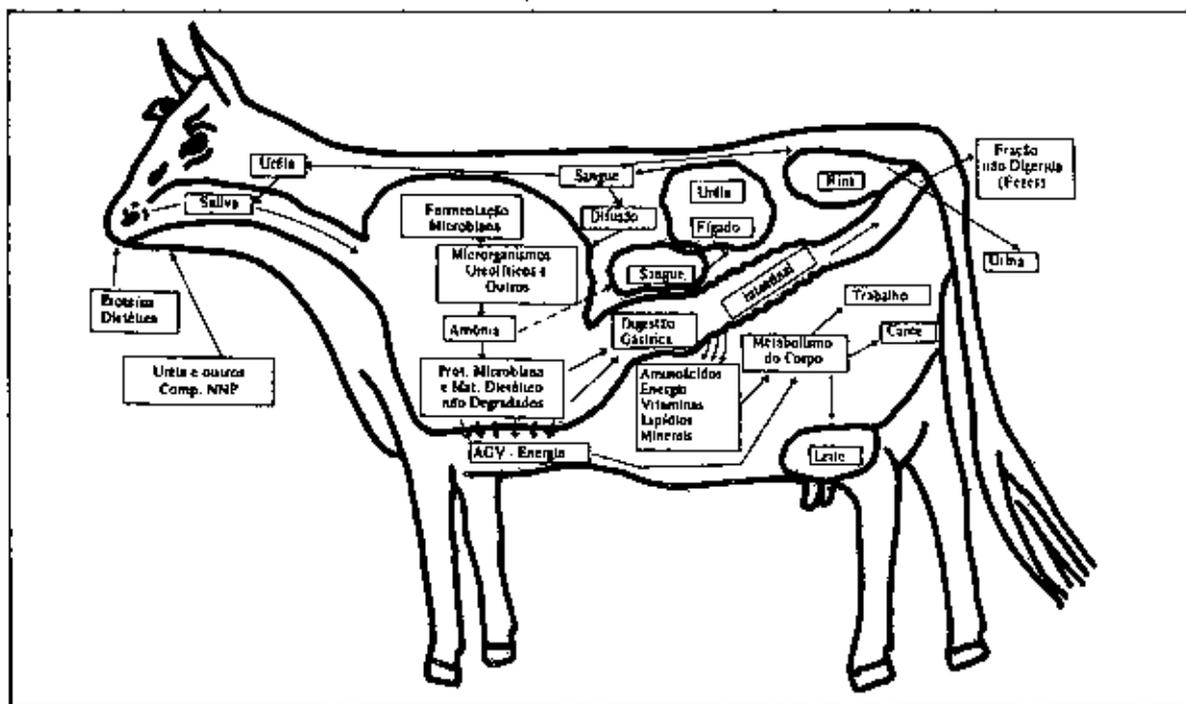


Fig. 3 - Metabolismo de compostos nitrogenados no ruminante e o ciclo do nitrogênio
 (— Rotas normais - - - - Rota pouco valiosa e até indesejável)

1 mostra o conteúdo de lignocelulose de alguns materiais fibrosos (Göhl 1975). A hemicelulose e a celulose são fermentadas pelos microrganismos do rúmen com relativa facilidade, todavia, à medida que aumenta o teor de lignina e ela forma complexo com esses carboidratos, o grau de fermentação reduz-se, podendo chegar até zero, dependendo da intensidade de lignificação. Cada tipo de complexo lignocelulósico tem um grau máximo de fermentação pelos microrganismos, e este máximo pode ser alterado quando se faz um processamento do material fibroso (Quadro 2). Os aspectos

relativos ao tratamento desses materiais, visando melhorar o aproveitamento pelos ruminantes não será abordado neste trabalho.

Os alimentos fibrosos têm um função importante na ração dos ruminantes, principalmente na das vacas leiteiras, que exigem um nível adequado de fibra na ração para o funcionamento normal do rúmen e manutenção do teor de gordura no leite. Os materiais fibrosos presentes na ração estimulam a secreção salivar, facilitam a movimentação do rúmen e a homogeneização do seu

conteúdo. A maior secreção de saliva, além de suprir mais fósforo para a fermentação microbiana, favorece a manutenção do pH do rúmen. Se o material fibroso for moído e, principalmente, se for peletizado posteriormente, alguns desses efeitos benéficos podem ser reduzidos. Neste caso, a ruminação será bastante reduzida, o que resultará em menor produção de saliva e menor homogeneização do conteúdo ruminal. Reduz também efeitos estimulantes, decorrentes do atrito de partículas com terminais nervosos presentes no aparelho digestivo. Uma dieta pobre em fibra terá que conter outros carboidratos como o amido e o açúcar. Essa dieta não requer muita ruminação, e a secreção salivar será menor. O pH do rúmen será mantido em níveis subótimos, pela pouca disponibilidade de saliva com seu poder tampicante e principalmente pela característica de fermentação desses carboidratos que provocam abaixamento do pH do conteúdo ruminal. Quando esse pH sai da forma normal, o animal reduz a ingestão de alimento e, conseqüentemente, a produção.

Outra função importantíssima da fibra, principalmente na vaca leiteira, é o fato, já mencionado, de conter celulose e hemicelulose, substratos que, durante a fermentação microbiana no rúmen, produzem maior relação acetato:propionato. Embora o propionato seja importante como precursor da glicose, que tem, além de outras funções, a de formar a lactose do leite, o acetato é responsável por, pelo menos, 50% dos ácidos graxos presentes na gordura do leite (Coelho da Silva & Leão 1979).

O nível mínimo de fibra bruta na ração da vaca leiteira para a manutenção do teor de gordura normal do leite tem sido considerado como 17% na matéria seca ou 21% de fibra detergente ácido (NAS 1978). Como já foi descrito, o grau de lignificação da fibra vai determinar o quanto de celulose e de hemicelulose será fermentado no rúmen, portanto, a adição de fibra à ração, ainda que no nível recomendado, poderá não suprir celulose e hemicelulose suficientes para formação de acetato e, conseqüentemente, não manter o nível adequado de gordura no leite. Isso reforça o fato de que a qualidade da fibra presente na ração é importante, além da

QUADRO 1 - Conteúdo de Lignocelulose de Alguns Materiais Fibrosos

Materiais	Hemicelulose	Celulose	Lignina
	% na Matéria Seca		
Alfafa (maturidade média) <i>Medicago sativa</i> L.	6,0	25,0	7,2
Capim-de-pomar (maturidade média) <i>Dactylis glomerata</i> L.	40,0	32,0	4,7
Palha de centeio <i>Secale cereale</i> L.	27,2	34,0	14,2
Birchwood* Betulaceae	25,7	40,0	15,7
Sprucewood* Piceae	20,9	46,0	24,1

* A Birchwood (Betulaceae) e Sprucewood (Piceae) incluem várias espécies de árvores não comuns no Brasil.

QUADRO 2 - Grau de Fermentação de Complexos Lignocelulósicos de Vários Materiais Fibrosos

Materiais	Digestibilidade "In Vitro" da Matéria Seca				
	12h	24h	36h	48h	72h
Alfafa <i>Medicago sativa</i> L.	58,0	61,0	62,0	65,0	66,0
Capim-limão <i>Panicum prateris</i>	65,0	73,0	78,0	82,0	83,0
Palha de trigo <i>Triticum aestivum</i> L.	15,0	27,0	33,0	38,0	41,0
Palha de trigo (tratada com álcali)	30,0	45,0	-	67,0	-
Pinewood triturada* Pinaceae	6,0	6,0	6,0	6,0	6,0
Aspenwood triturada* Populus	3,0	5,0	12,0	19,0	23,0
Polpa de sprucewood tratada com sulfito	8,0	31,5	72,0	91,0	100,0

* A Pinewood (Pinaceae) e Aspenwood (Populus) incluem várias espécies de árvores pouco comuns no Brasil.

forma física do material fibroso.

DEFICIÊNCIAS DE NUTRIENTES NOS ALIMENTOS FIBROSOS

Os alimentos fibrosos são fontes de energia e fibra, conforme já descrito, úteis para manter uma moderada taxa de crescimento e as funções indispensáveis da fibra na ração. Todavia são, de maneira geral, pobres em proteína, em lipídios, em macro e microelementos inorgânicos essenciais e em vitaminas (Coelho da Silva 1981 e no prelo).

A proteína total presente nos alimentos fibrosos, além de, geralmente, estar em quantidade aquém do mínimo para a fermentação adequada dos compostos dietéticos no rúmen, é de baixo grau de aproveitamento pelos microrganismos do rúmen (baixa degradabilidade no rúmen). O teor de proteína dos resíduos fibrosos, geralmente, não chega a atender a metade da exigência dos ruminantes, em regime de engorda, em ritmo moderado a baixo. Esses, comparados aos em crescimento, gestação e lactação são os que têm menor exigência de proteína. Portanto, ao utilizar-se ração altamente fibrosa, deve-se fazer um suprimento adequado de proteína (nitrogênio) para os microrganismos do rúmen.

O suprimento de lipídios (gorduras), do ponto de vista da fermentação no rúmen, tem pouco ou nenhum efeito. Assim, os lipídios não influenciarão sobre o aproveitamento dos alimentos fibrosos em termos gerais, mas poderão influenciar no metabolismo geral do animal, suprimentos de ácidos graxos essenciais, características da carcaça etc.

Com relação ao fósforo, um macroelemento inorgânico também imprescindível à fermentação microbiana no rúmen, os alimentos fibrosos são extremamente pobres dele. O fósforo, além de ter importância especial no metabolismo energético do corpo, exerce uma função estrutural também de grande importância, juntamente com o cálcio.

Os alimentos fibrosos são também pobres em enxofre, e este é um macroelemento imprescindível na síntese de proteína microbiana pelos microrganismos

do rúmen. Eles fazem parte dos aminoácidos sulfurados que compõem a proteína microbiana. Esses alimentos são também pobres em sódio e possuem teores variáveis de cálcio, potássio e magnésio.

Com relação aos microelementos inorgânicos, os alimentos fibrosos são também pobres em cobre, cobalto, zinco, manganês e ferro, o mesmo ocorrendo com aquelas vitaminas que os ruminantes exigem na dieta. Análises completas dos alimentos fibrosos são pouco disponíveis, especialmente sobre alguns macroelementos e a maioria dos microelementos e vitaminas, mas pode-se depreender a deficiência generalizada desses nutrientes nos materiais fibrosos. Assim, ao utilizar-se ração rica em alimentos fibrosos, atenção especial é necessária no balanceamento dessa ração.

PECULIARIDADES DOS RUMINANTES NO APROVEITAMENTO DAS RAÇÕES

A eficiência com a qual as espécies ruminantes utilizam os alimentos fibrosos tem sido motivo de muita controvérsia, ainda que relativamente pouco estudada e conseqüentemente pouco comprovada. Na realidade, o rúmen é uma câmara de fermentação e os microrganismos que lá existem são conseqüência do meio onde os animais vivem e do alimento que recebem. Portanto, se essas diferentes espécies vivem na mesma comunidade, a chance de elas terem uma microflora e microfauna no rúmen semelhantes é extremamente grande e, conseqüentemente, o processo fermentativo que lá ocorre também deve ser o mesmo. Se as espécies forem removidas para ambientes diversos e receberem rações diversas, a natureza da população microbiana do rúmen poderá ser diferente, resultando em diferentes graus de fermentação. É bom lembrar que a digestibilidade é antes de tudo uma característica do alimento do que da espécie do ruminante que o ingere.

Dos resultados existentes no mundo sobre avaliação de alimentos para rumi-

nantes, 71,5% foram obtidos com cabanos, 27,5% com bovinos e apenas 1 com caprinos (Coelho da Silva & Leão 1979). No entanto, a grande maioria dos alimentos disponíveis para os ruminantes é utilizada por bovinos.

Em trabalho desenvolvido na Zâmbia (África) com capim nativo da região, *Hyperthénia* spp., foi comparada a digestibilidade entre ovinos e caprinos, constatando apenas superioridade do caprino na digestão da fibra bruta, conforme o Quadro 3 (Gihad et al 1980). Foi também medido o coeficiente de digestibilidade da palha de arroz tratada ou não com álcali (Quadro 4), e os caprinos, de modo geral, revelaram certa superioridade em relação aos ovinos. Além das palhas, tratadas ou não, os animais receberam concentrado com 16,7% de proteína bruta, na proporção aproximada de 2:1, relação volumoso-concentrado. Diante da escassez de informações, essas ligeiras vantagens para os caprinos não parecem suficientes para justificar a facilidade de adaptação desses animais a condições precárias de alimentação.

Huston, citado por Gihad et al (1980), classificou quatro ruminantes em função da habilidade em digerir alimentos comuns, fornecidos a vontade. Os bovinos foram significativamente melhores do que os outros três vindos, a seguir. Porém, sem diferença significativa, aparecem os ovinos, caprinos e cervinos. Esse autor relata que ruminantes de menor porte têm menor habilidade digestiva. Outros trabalhos trazem informações divergentes e escassas, mas Gihad et al (1980) concluem que os caprinos parecem utilizar melhor as forragens grosseiras e pobres do que os ovinos.

A diferença entre bubalinos, zebuínos e taurinos na capacidade de digerir os alimentos é outro aspecto muito controvertido e pouco pesquisado. A literatura registra trabalhos publicados há mais de um século que mostram raças de uma mesma espécie com a mesma capacidade de digerir os alimentos e outras, pouca ou nenhuma diferença entre as diversas espécies de ruminantes de grande porte (Schneider & Flatt 1975). Todavia, não se conhecem os métodos analíticos utilizados e os cuidados na

QUADRO 3 - Ingestão de Matéria Seca, Teores de Matéria Seca, Matéria Orgânica, Proteína Bruta, Fibra Bruta, Extrato Etéreo e Extrato não Nitrogenado do Feno de Capim Nativo da Zâmbia e os Respectivos Coeficientes de Digestibilidade em Caprinos e Ovinos.

	Composição (%)	Digestibilidade (%)	
		Caprinos	Ovinos
Matéria seca	94,7	53,9	53,6
Matéria orgânica	88,5 ⁽¹⁾	58,5	58,6
Proteína bruta	6,6 ⁽¹⁾	43,5	44,3
Fibra bruta	37,9 ⁽¹⁾	60,3 ^a	56,5 ^b
Extrato etéreo	1,7 ⁽¹⁾	62,4	61,0
Extrato não nitrogenado	42,3 ⁽¹⁾	55,0	58,1
Energia bruta	-	56,6	56,6
Ingestão de matéria seca g/kg ^{0,75}		40,5 ^a	35,0 ^b

(1) Valores expressos na matéria seca.

R > b - Médias na mesma linha, com letras diferentes, são estatisticamente diferentes (P < 0,05).

Fonte: Gihad et al (1980).

QUADRO 4 - Digestibilidade Aparente da Matéria Seca, Matéria Orgânica e da Fração Fibrosa da Palha de Arroz, Tratada ou não com Alkali, em Caprinos, Ovinos e as Respectivas Ingestões de Matéria Seca

	Palha de Arroz		Palha de Arroz Tratada	
	Caprinos	Ovinos	Caprinos	Ovinos
Matéria seca	52,9 ^b	49,8 ^a	65,6 ^d	63,6 ^c
Matéria orgânica	59,2 ^b	57,3 ^a	72,4 ^d	71,1 ^c
Fibra bruta	63,3 ^b	53,1 ^a	78,4 ^c	75,1 ^c
Fibra - detergente neutro	48,8 ^b	43,2 ^a	65,7 ^c	64,1 ^c
Fibra - detergente ácido	44,2 ^b	38,9 ^a	56,7 ^c	56,6 ^c
Lignina - detergente ácido	49,4 ^a	45,3 ^a	67,8 ^b	66,0 ^b
Ingestão de matéria seca g/kg ^{0,75}	50,0 ^b	46,9 ^a	55,5 ^c	50,9 ^b

a > b > c > d - médias na mesma linha, com letras diferentes, são estatisticamente diferentes (P < 0,05).

condução das observações que levaram a tais conclusões.

Uma extensa linha de pesquisa está sendo desenvolvida na Universidade Federal de Viçosa, em convênio com o FIPEC (Banco do Brasil), visando comparar bubalinos, zebuínos e taurinos. Contudo, muito ainda terá de ser feito para se chegar a resultados concretos, e com muita cautela. Algumas informa-

ções preliminares indicam que os zebuínos tendem a digerir melhor as rações mais fibrosas, mas é bom lembrar o já mencionado conceito de qualidade da fibra. O que foi até então mencionado sobre a peculiaridade dos ruminantes no aproveitamento dos alimentos, refere-se exclusivamente ao aspecto da digestão destes alimentos, quando fornecidos em condições padronizadas, per-

mitindo as comparações. Evidentemente, no cômputo geral da conversão de alimento em produto animal, muitos fatores estão envolvidos, dentre eles os hábitos de pastoreio, o grau de trituração dos alimentos na boca, a capacidade de ingestão de alimento, a eficiência com a qual os produtos oriundos dos processos digestivos são absorvidos e metabolizados no corpo do animal etc.



Fístula ileal e abonal em zebuínos, bubalinos e taurinos, para estudar eficiência da digestão de alimentos
Trabalho desenvolvido na UFV



O hábito de pastoreio refere-se não apenas ao modo de apreensão do alimento ou à altura que eles cortam a forragem no campo, o que difere muito entre os ovinos e bovinos, por exemplo, mas também ao tipo de alimento selecionado. Equínos, bovinos, ovinos e caprinos foram mantidos em pastagem nativa que continha capim, planta daninha e arbustos (Gihad et al 1980). Foi constatado que os arbustos constituíram 60% da dieta selecionada pelos caprinos, o que diferiu bastante daquela selecionada pelos bovinos e ovinos (Quadro 5).

Alguns resultados preliminares de trabalho desenvolvido na Universidade Federal de Viçosa, em convênio com FIPEC (Banco do Brasil) além de outras citações de literatura, indicam que os zebuínos têm uma capacidade menor de ingerir alimento, quando comparados com as raças européias. Em contrapartida, os zebuínos tendem a digerir melhor as rações mais fibrosas.

O comportamento de búfalos, nelores, holandeses e cruzamentos 1/2 holandês x zebu, 3/4 holandês x zebu e 5/8 holandês x zebu, em relação ao consumo, ganho de peso, ingestão de alimento, convesão alimentar e digestibilidade, foi estudado por Lorenzoni (1984). Esses animais receberam rações à base de feno de capim-gordura, silagens de milho e de sorgo, com duas proporções de volumoso: concentrado

(60:40 e 40:60%), que continham aproximadamente 12% de proteína bruta. Os animais, com um peso médio inicial de 225 kg, foram confinados até atingirem 420 kg, quando foram abatidos. Pelos resultados do Quadro 6, observa-se que os búfalos apresentaram melhores ganhos de peso e os nelores melhor rendimento de carcaça com tendência de menor ingestão de alimento.

CONCLUSÕES

Os ruminantes representam uma das maiores fontes de recurso alimentar renovável para a humanidade. O sistema digestivo peculiar desses animais, com o estômago composto, permite que eles transformem alimentos fibrosos, resíduos diversos e compostos nitrogenados não protéicos, inúteis para os monogás-

tricos, em alimento de excelente qualidade para o homem, além de outros produtos também úteis à humanidade.

O valor nutritivo dos alimentos fibrosos depende do grau de impregnação com lignina e pode ser melhorado pelo tratamento do material fibroso. Até o momento não se atribui qualquer valor nutritivo à lignina. Os materiais fibrosos são também estimulantes da secreção salivar, da movimentação do rúmen e homogeneização do seu conteúdo, além da importância para vacas em lactação.

Os alimentos fibrosos são pobres em alguns elementos imprescindíveis para que se processe a fermentação adequada no rúmen. Portanto, todo o cuidado deve ser tomado no sentido de suprir essas deficiências.

A habilidade das diferentes espécies ruminantes em digerir o alimento é ainda

QUADRO 5 – Seleção de Alimentos por Animais em Pastoreio

	Equínos*	Bovinos	Ovinos	Caprinos
	% selecionada durante o pastoreio			
Capim	90	70	60	20
Planta daninha	4	20	30	20
Arbusto	6	10	10	60

* Não são ruminantes.

QUADRO 6 – Consumos Médios de Matéria Seca, Ganhos Médios de Peso, Conversão Alimentar, Coeficiente de Digestibilidade da Matéria Seca e Rendimento de Carcaça dos Bovídeos Confinados

Parâmetros Avaliados	Bovídeos					
	Búfalo	Nelore	Holandês	1/2 HZ*	3/4 HZ	5/8 HZ
Consumo de matéria seca (g/kg ^{0,75})	107,4	99,4	106,8	108,9	108,4	104,3
Ganho de peso (kg/dia)**	1,163 ^a	0,805 ^b	0,806 ^b	0,865 ^b	0,818 ^b	0,882 ^b
Conversão (alimento/kg ganho)	7,84	8,91	8,15	8,46	8,15	7,23
Digestibilidade da matéria seca (%)	52,0 ^a	48,4 ^a	45,5 ^a	48,8 ^a	46,9 ^a	52,1 ^a
Rendimento de carcaça:						
quente	54,65 ^c	59,67 ^a	55,58 ^{bc}	56,90 ^b	56,54 ^{bc}	56,56 ^{bc}
fria	53,21 ^c	58,69 ^a	54,82 ^{bc}	56,09 ^b	55,56 ^{bc}	55,57 ^{bc}

* Cruzamentos Holandês x Zebu.

** Ajustado por covariância em função do peso inicial.

a > b – médias na linha, com mesma letra não diferem entre si (P > 0,05).

bastante controversa e pouco estudada. Considerando-se, no cômputo geral dos ruminantes, a capacidade de ingestão de alimento, a eficiência de mastigação, a eficiência de conversão alimentar e as características da carcaça, diferenças apreciáveis podem aparecer.

REFERÊNCIAS

COELHO DA SILVA, J.F. Restos culturais e industriais na alimentação de ruminantes. *Inf. Agropec.*, 7(78): 40-7, 1981.
COELHO DA SILVA, J.F. A uréia como aditivo de volumosos. In: SIMPÓSIO SOBRE NUTRIÇÃO DE BOVINOS, 2., Piracicaba,

1984. II Simpósio sobre nutrição de bovinos. Piracicaba, ESALQ. (no prelo)
COELHO DA SILVA, J.F. & LEÃO, M.I. Fundamentos de nutrição dos ruminantes. Piracicaba, Livrocetes, 1979. 384 p.
BYERLY, T.C. The role of livestock in food production. *J. Anim. Sci.*, 25(2): 552-66, 1966.
CRUZ, G.M. Resíduos de cultura e indústria. *Inf. Agropec.*, 9(108): 32-7, 1983.
GIHAD, E.A.; E.L. BEDAWY, T.M. & MEHREZ, A.Z. Fiber digestibility by goats and sheep. *J. Dairy Sci.*, 63(10): 1701-6, 1980.
GÖHL, B. Tropical feeds. Feeds information summaries and nutritive values. Roma, FAO, 1975. 661 p.

LORENZONI, W.R. Estudo sobre eficiência nutritiva e qualidade da carcaça de diversos grupos genéticos de bovídeos. Viçosa, UFV, 1984. 51 p. (Tese MS).
NATIONAL RESEARCH COUNCIL, Washington, DC. Nutrient requirements of dairy cattle. 5. ed. Washington, National Academy of Sciences, 1978. 76 p. (Nutrient Requirements of Domestic Animals, 3).
SCHNEIDER, B.H. & FLATT, W.P. The evaluation of feeds through digestibility experiments. Athens, The University of Georgia Press, 1975. 423 p.
SILVESTRE, J.R.A. Restos culturais na alimentação de bovinos. *Inf. Agropec.*, 6(69): 25-31, 1980.

Declaração à praça

SERQUEI SILVA NUNES
CPF 323 418 307/49
RG. 81240010/1
RES.: Rua Duque de Caxias, 291
79.900 — PONTA PORÃ-MT

Com a presente comunicamos que a pessoa acima não faz e nunca fez parte do quadro de funcionários da EDITORA DOS CRIADORES LTDA., com redação e oficinas à rua Venâncio Ayres, 31 — SÃO PAULO - SP, portanto não está autorizada, a trabalhar em nosso nome ou fazer qualquer recebimento. Aproveitamos a oportunidade para solicitar a qualquer pessoa que tenha sido procurada por este indivíduo, dizendo trabalhar para a Editora dos Criadores Ltda., que nos comunique imediatamente para que possamos tomar as devidas providências legais.

Nossos telefones: DDD-011 — 263-8400 e 263-8685.

LUIZ DE ALMEIDA PENNA
Diretor

OBS.: A este respeito a Editora dos Criadores Ltda., já apresentou queixa crime no 23.º Distrito Policial de São Paulo (Perdizes) e todos aqueles que se sentirem lesados solicitamos que nos escrevam e nos enviem cópias autenticadas de recibos ou qualquer outro documento para juntarmos ao processo.



São João da Boa Vista ganha nova loja da ABC



O município de São João da Boa Vista ganhou uma loja nova da Associação Brasileira de Criadores (ABC), inaugurada no dia 20 de março. Mais espaçosa e confortável, além de melhor localizada, está instalada à rua Gabriel Ferreira, 83, em um prédio com área de 1.000 m². Agora, os criadores e agricultores da região passam a dispor de uma loja com amplas e modernas instalações e podem, assim, adquirir fertilizantes, sementes, defensivos, medicamentos, ferramentas e todo tipo de maquinário destinado à exploração agropecuária.

O esforço da diretoria da ABC em abrir uma loja mais ampla, oferecendo maior conforto aos associa-

dos e uma gama mais variada de insumos e implementos, deveu-se ao reconhecimento da importância econômica da região no cenário da agropecuária do Estado. Ali, está situada uma das mais importantes bacias leiteiras de São Paulo, formada pelos municípios de São João da Boa Vista, Águas da Prata, Vargem Grande do Sul e Aguaí. Só o município de São João da Boa Vista produz, anualmente, 12 milhões de litros de leite B e 5 milhões do tipo Especial, numa área de 22 mil hectares de pastagens nativas e oito mil hectares de pastagens artificiais. Além do volume de produção, bastante expressivo, a bacia leiteira da região notabiliza-se, também, pelo estágio

Após a bênção das novas instalações Dr. Joaquim Barros Alcântara Filho e o Padre Luiz Bergansino Filho desceram a fita inaugural.

avanzado da exploração da pecuária leiteira, fazendo rigoroso controle zootécnico e sanitário, ao lado de um manejo adequado.

Entre os grandes produtores de leite da região, estão os criadores Eudoro Vilela, José Procópio do Amaral, Wilson Rozeno Nogueira, Irmãos Rehder, João do Amaral, José Ruy de Lima Filho, Anibal Braga Jorge, Antônio José Lúcio Oliveira Costa, Lício Ferreira, José Vaz de Lima e Nelson Mancini Nicolau, atual Secretário da Agricultura do Estado. Estes criadores são respon-



Sr. Hélio Moreira Salles, ex-Presidente da ABC e criador em Casa Branca.

sáveis por 40% da produção e os 60% restantes são fornecidos por pequenos e médios produtores.

Mas não é somente pela pecuária leiteira que a região sobressai: pontifica, também, uma moderna agricultura. Essa região também destaca-se pela produção de algodão. Além do leite e do algodão, é gran-



Da esquerda para a direita vemos: Sr. José Santos de Oliveira, Luiz de Almeida Penna, D. Maria Sofia de Almeida Santos de Oliveira, Dr. José Procópio do Amaral, Gel. Diogo Branco Ribeiro e Sr. Oswaldo Oliveira Silveira.

de produtora de cana-de-açúcar, café e aos poucos a soja vai penetrando na região. É, também, uma grande produtora de olerícolas, com destaque para batata, destinada ao consumo e à semente, cebola e outros cereais. Só o município de São João da Boa Vista é responsável pela produção de 380 mil arrobas de algodão, que é cultivado em 3.800 ha; 37.500 sacas de café (o parque cafeeiro conta com um milhão de pés novos, 2,5 milhões de pés velhos), 36 mil sacas de batata das águas e 36 mil sacas das secas (120

hectares cada safra) e 6 mil sacas de soja (200 ha).

Pelo ótimo clima, solo e água, que permite a exploração de uma variedade incontável de culturas, as terras da região são disputadíssimas pelos agropecuaristas, sendo uma das mais valorizadas do Estado. O município de São João da Boa Vista está situado no centro de uma região rica e próspera, integrada pelos municípios de Mogi Mirim, Mogi Guaçu, Aguai, Espírito Santo do Pinhal, Mococa, São José do Rio Pardo, São Sebastião da Gramma, Casa Branca,

Um flagrante da reunião.



Águas da Prata (SP), Poços de Caldas, Muzambinho e Guaxupé (MG).

Em 1979, o ex-presidente da ABC, sr. Helio Moreira Salles, criador em Casa Branca, visualizou o potencial da região e lutou para abrir uma filial da Associação em São João da Boa Vista, para atender os criadores. Na época, o sr. Moreira Salles cedeu um prédio de sua empresa, a Laticínio Leco, para que a ABC instalasse a loja. O criador e empresário não quis cobrar sequer o aluguel. Assim, a ABC se instalou em São João da Boa Vista. Foi essa iniciativa que possibilitou à ABC abrir essa filial, proporcionando aos criadores a oportunidade de dispor de um estabelecimento que os atendesse na hora e com garantia de oferta de todos os insumos indispensáveis à fazenda.

Há questão de meses, a ABC viveu na contingência de mudar sua loja pelo fato do Laticínio Leco ter sido vendido ao Laticínio Vigor e este precisar do edifício onde a ABC estava instalada. Contando com apoio e a colaboração dos agropecuaristas da região, a diretoria da ABC alugou este novo prédio, a rua Gabriel Ferreira, onde a nova loja ocupa a área de 1.000 metros quadrados, dos quais a metade serão reservados a máquinas e implementos.

A INAUGURAÇÃO

O ato inaugural, além da presença da Diretoria da ABC, foi prestigiado pelas ilustres personalidades locais, como o sr. Gastão Cardoso Michelazzo, vice-prefeito e represen-



tante do prefeito de São João da Boa Vista; sr. Flávio H. Carvalho, representante do secretário da Agricultura, Nelson Nicolau; dr. Pedro Vicentini, juiz de Direito da 1.ª Vara Cível de São João da Boa Vista; o sr. Jair Morgarbel, presidente da Câmara Municipal, sr. Pedro Martinez, representante do Banco do Brasil, agência local; o sr. José Procópio do Amaral, um dos mais antigos sócios da ABC; dr. Antônio de Paiva Neto, representante da Sociedade Rural Brasileira; o professor João Soares Veiga, da CVA Associados. Como já fizemos sentir no início deste comentário a diretoria da ABC fez-se representar pelo seu presidente, dr. Joaquim Barros Alcântara Filho; pelo vice-presidente do Conselho Deliberativo, dr. Ruy Calazans de Araújo; o 1.º vice-presidente, general Diogo Branco Ribeiro; o diretor-tesoureiro, dr. Octávio de Mesquita Sampaio e pelos vice-presidentes dr. Roberto Brotero de Barros, dr. Frontino Ferreira Guimarães e dr. Manoel Elpidio Pereira de Quei-

roz e o superintendente, o sr. Virgílio de Almeida Penna. As solenidades da inauguração foram iniciadas com a bênção das novas instalações dadas pelo padre Luizinho (padre Luiz Bergonzine Filho).

Após esse ato, os presentes se dirigiram a um amplo salão da loja, onde prosseguiram as solenidades com palavras do primeiro vice-presidente, gal. Diogo Branco Ribeiro, agradecendo a presença das autoridades e convidados, seguidas pelo pronunciamento do superintendente da ABC, sr. Virgílio de Almeida Penna, e do presidente, dr. Joaquim Barros Alcântara Filho e por último, do professor João Soares Veiga. Nas páginas seguintes, publicamos as palavras do superintendente e do presidente da ABC. A conferência do professor João Soares Veiga será publicada oportunamente e em sua substituição os nossos leitores encontrarão, nesta edição, um excelente trabalho de sua autoria, intitulado: "Mais carne com menos despesas".

"A abertura ou centros regionais de assistência era uma preocupação constante das diretorias..."

VIRGILIO PENNA

A Associação Brasileira de Criadores, desde a sua fundação em 1926, vem prestando considerável soma de serviços à pecuária nacional, desempenhando mesmo papel de relevância na seleção técnica do nosso rebanho, notadamente do rebanho leiteiro onde são incontáveis e incontáveis os méritos do Serviço de Controle Leiteiro, como instituto melhorador, também, do rebanho de corte e mais recentemente do Serviço de Registro do Produto.

Mas, como nem só de méritos raciais vive um rebanho, ou ainda melhor, como esses pretendidos e cobçados méritos não acontecem espontaneamente, a ABC jamais descuidou da infra-estrutura da sua atividade, garantindo através do seu Departamento Comercial toda a base funcional para a subsistência da pecuária, assegurando-lhe, a tempo e hora, as vacinas, os medicamentos, os sais minerais, as sementes, o arame, os instrumentos e aparelhos veterinários, as máquinas e implementos agropecuários, os equipamentos de ordenha e resfriamento de leite e os atrechos, laços, capias, tudo enfim de que se precisa basicamente para fazer funcionar uma fazenda.

Esta é a grande verdade que define o porque da ABC ter crescido tanto desde

o seu início, acompanhando o desenvolvimento da pecuária brasileira.

Acontece que de tanto crescer, a sua Associação Brasileira de Criadores há muito não cabia mais dentro dos seus limites físicos.

Quem frequenta a ABC sabe disso, porque sente isso. A única solução era descentralizar.

De há muito a Associação Brasileira de Criadores vinha pensando em descentralizar suas atividades, com o intuito de melhor atender seus associados e pecuaristas em geral.

A abertura de filiais ou centros regionais de assistência era uma preocupação constante das Diretorias que, entretanto, não contavam com uma estrutura central capaz de polarizar as atividades dos novos setores e dar-lhes o indispensável apoio de retaguarda.

Visando dotar a ABC das condições necessárias para essa finalidade foram realizadas profundas reformas na estrutura da entidade, dando-lhe condições físicas capazes de suportar o maior movimento que deveria verificar-se em decorrência da descentralização.

Essa descentralização já era reclamada por muitos associados mas a abertura de filiais, entretanto, requer certas condições



Sr. Virgílio de Almeida Penna

que nem sempre recomendam o empreendimento, devido aos grandes riscos que ela apresenta.

É necessário contratar funcionários, comprar ou alugar imóveis, providenciar as instalações, o transporte de mercadorias e tomar muitas outras providências, além, naturalmente, da escolha de uma região em que o número de associados e as atividades agropecuárias recomendem a instalação.

Foi quando então, em meados de 1978, fomos procurados pelo sr. Hélio Moreira Salles, ex-Presidente e atual Conselheiro Vitalício da ABC que nos propôs a abertura de uma filial nas dependências da Usina que a Companhia Leco, da qual era Presidente, possuía em São João da Boa Vista. Além do atendimento que nossa Associação daria aos pecuaristas, aos fornecedores da Leco seria oferecida a faci-

lidade de acerto mensal em suas compras.

Feita uma verificação no quadro associativo, foi constatado que boa parte dos pecuaristas daquela região era associada da ABC. Assim, levando em consideração o número de associados e as vantagens oferecidas pela Companhia Leco, resolveu a Diretoria atender o apelo de seu ex-Presidente e abrir em São João da Boa Vista a primeira filial da Associação Brasileira de Criadores, que se localizava à Rua Benjamin Constant n.º 25 e que tinha e tem por finalidade atender seus associados, os fornecedores da Leco e os pecuaristas em geral.

Por ocasião desse convite e subsequente instalação da primeira Filial, a ABC era presidida pelo Dr. José Cassiano Gomes dos Reis. Esse fato ocorreu no dia 1.º de maio de 1979. O Presidente que o sucedeu e atual é o agrônomo Joaquim Barros Alcântara Filho, que deu continuidade e impulso àquilo que vinha sendo feito.

Bem sucedida foi a ABC no desempenho daquilo que se propôs a fazer e tão grande foi a aceitação dos serviços prestados aos criadores, que as instalações nos domínios da Leco já não eram suficientes para as estocagens de mercadorias e um bom atendimento àqueles que nos honravam com a sua preferência.

Posteriormente a Companhia Leco foi vendida à Usina Vigor, tendo a nova proprietária, algum tempo depois, solicitado a devolução do espaço por nós ocupado, alegando a expansão de seus serviços.

Preocupada com essa situação e querendo retribuir o carinho e a preferência dos criadores da região de São João da Boa Vista, a atual Diretoria da ABC, através de seu Presidente agrônomo Joaquim Barros Alcântara Filho, mobilizou sua equipe de trabalho e pôs-se a campo

a procura de um local que melhor atendesse às nossas necessidades, premiada não só pela circunstância citada, mas também pela evidente expansão dos nossos negócios, como bem diz o aumento constante das nossas vendas.

Assim chegamos a esta casa com mil metros quadrados de área e que acaba de ser inaugurada, esperando continuar merecendo a confiança e a preferência de nossos associados e pecuaristas, não só de São João da Boa Vista como de toda a região.

Ao terminar estas palavras desejamos externar ao nosso ex-Presidente e amigo sr. Hélio Moreira Salles os nossos agradecimentos por, em tão boa hora, ter dado a sua preferência à ABC e a oportunidade de inaugurarmos a nossa primeira Filial nesta cidade.

Não poderíamos deixar de mencionar aqui, neste momento, os nossos mais sinceros agradecimentos pelo apoio e incentivo que nas primeiras horas das nossas atividades recebemos, também, das senhoras fazendeiras aqui radicadas, devendo-se, entre elas, destacarmos os nomes de dona Haíra Ludovich, dona Maria Sôphía Almeida Santos de Oliveira e dona Haydee Keutenedjian.

Desejamos também deixar registrado à atual Diretoria e demais funcionários da ABC, o nosso muito obrigado pelo que fizeram e ajudaram na instalação desta nova loja.

Ao nosso dedicado Gerente de Vendas da filial de São João da Boa Vista, sr. Genfô Arakaki, os nossos votos de muito sucesso na nova casa.

Agradecemos sinceramente aos pecuaristas da região e especialmente aos de São João da Boa Vista a magnífica acolhida que têm nos proporcionado. Muito obrigado a todos.

"...ABC é hoje uma grande empresa com diversas finalidades, entre as quais a de reguladora de preços de mercado."

JOAQUIM BARROS ALCÂNTARA FILHO

Ilustríssimo Sr. Gastão Cardoso Michelazzo, vice-prefeito e representante do prefeito de São João da Boa Vista; sr. Flávio H. Carvalho, representante do secretário da Agricultura, Nelson Nicolau; Dr. Pedro Vicentini, juiz de Direito da 1.ª Vara Cível de São João da Boa Vista; Sr. Inair Morgabel, presidente da Câmara Municipal; Sr. Pedro Martinez, representante do Banco do Brasil, agência local; Sr. José Procópio do Amaral, um dos mais antigos sócios da ABC e Dr. Antonio de Paiva Neto, representante da Sociedade Rural Brasileira. Senhores fazendeiros e criadores, meus senhores e minhas senhoras.

Com a maior honra e satisfação compareço a SÃO JOÃO DA BOA VISTA, representando a Diretoria da ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES, para a solenidade de inauguração destas novas instalações.

Inicialmente quero fazer um breve relato para os amigos e convidados aqui presentes que ainda não tiveram a oportunidade de conhecer o que é a ASSOCIAÇÃO.

Ela já tem sessenta anos de existência. Foi fundada sem finalidade lucrativa, porém com o ideal de servir e defender os interesses da classe agropecuária.

Compreende hoje cerca de 6.000 associados por todo o país. A sua sede é em São Paulo, onde tem dois imóveis próprios, num dos quais há o projeto de se construir um edifício de 12 andares com 15.900 m² de área.

Nesse prédio será instalada a sede definitiva e também a sede de outras associações de classe e ainda escritórios de firmas e pessoas vinculadas ao setor agropecuário.

Esse conjunto, que contará com auditório, biblioteca, restaurante, super-mercado

de produtos agropecuários, 500 metros quadrados de área, com laboratório de produtos, com sistema de ar condicionado e com tudo o que há de mais moderno em matéria de comunicações e processamentos eletrônicos, formará um verdadeiro centro de negócios.

A ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES tem também uma ampla sede regional no Rio de Janeiro e outra em São Paulo, ambas as quais que ora estamos inaugurando.

Basicamente ela é formada, no seu núcleo, pelos Departamentos Técnico, Social e Comercial.

O Depto. Técnico compreende a Assistência Técnica tanto agrônoma quanto veterinária que é prestada gratuitamente aos associados. Abrange ainda o Serviço de Controle Leiteiro, o Controle de Desenvolvimento Ponderal, os testes de genética, o Pró-cruza, o Protegel, os registros genealógicos, o laboratório de clínica veterinária, o ambulatório clínico médico

médios e pequenos animais e o laboratório de sementes.

O Controle Leiteiro, que é feito há 40 anos pela ASSOCIAÇÃO, completou até Dezembro de 1984, 170.471 lactações encerradas. Só no ano de 1984 foram realizadas cerca de 58.900 controles com 7.648 lactações encerradas. Estamos hoje controlando 8.000 vacas por mês, em 137 rebanhos, com 22 diferentes raças, predominando a Holandesa nas suas duas variedades com 76% do total.

Os testes de progênie foram iniciados em 1979 e até agora já foram testados 770 reprodutores dos quais mais ou menos 15% são positivos e melhoradores dos rebanhos.

Esses serviços prestados são da mais alta relevância para os criadores e para o país. A seleção e melhoramento do gado leiteiro, através dessas provas zootécnicas, irá contribuir para o aumento da produção desse indispensável alimento.

O nosso jovem Secretário da Agricultura, filho desta terra e neto do saudoso criador Francisco Mancini, compreendendo a importância desse serviço, assinou um convênio com a ASSOCIAÇÃO pelo qual a sua Secretaria traz uma inestimável colaboração na execução do Controle Leiteiro.

O Departamento Social presta assistência jurídica, fiscal e trabalhista inteiramente grátis. Faz a divulgação de assuntos técnicos através da nossa excelente Revista dos Criadores e promove palestras e cursos especializados.

O Departamento Comercial visa atender o fornecimento de insumos aos fazendeiros e criadores e oferece perto de 4.500 itens de diferentes mercadorias, adotando sempre a filosofia de trabalhar com uma mínima margem de lucro.

Mantemos um corpo de 174 funcionários, incluindo 6 veterinários, 2 agrônomos, 2 advogados, 3 economistas e 5 técnicos de nível médio.

Temos diversos funcionários com mais de 30 anos de casa e dois deles, os irmãos PENNA, Virgílio na Superintendência e Luiz na Revista, já contam 50 anos de ininterrupto trabalho para a ASSOCIAÇÃO. Como todos sabem, Virgílio e Luiz, que se acham presentes, são filhos de um dos fundadores da ABC, Virgílio Penna, cuja família comemora hoje o centenário de nascimento de seus pais.

No transcurso dos sessenta anos de existência, as diversas diretorias que se sucederam e a dedicação de todos os funcionários, mantiveram vivamente acesa a chama do ideal de servir os associados.

Entendo que podemos afirmar: existe hoje entre diretores e funcionários uma mística pelo sucesso da ASSOCIAÇÃO.

Os dois primeiros departamentos são a finalidade e a razão de ser da ASSOCIAÇÃO, porém é do pequeno lucro do Departamento Comercial que provém praticamente toda a origem e fonte de recursos para a prestação daqueles serviços.

O Departamento Técnico acusou, no ano de 1984, um déficit entre taxas arre-

cadadas e despesas efetivas da ordem de 123,7 milhões de cruzeiros.

O faturamento bruto da venda de mercadorias atingiu, no mesmo ano, o valor de 9,5 bilhões de cruzeiros. O lucro líquido no exercício, foi de 308 milhões de cruzeiros, representando portanto apenas 3,2%.

Para o corrente ano a previsão orçamentária é de 24 bilhões de cruzeiros de venda bruta.

Por esses dados verifica-se que a ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES é hoje uma grande empresa com diversas finalidades, entre as quais a de reguladora dos preços de mercado. Podemos afirmar que não visando lucros ela contém a voracidade de muitos comerciantes do gênero, contribuindo significativamente para o combate à inflação.

No ano de 1979, na gestão do Dr. JOSÉ CASSIANO GOMES DOS REIS, o nosso ex-presidente HÉLIO MOREIRA SALLES, num gesto raro, tanto naquela época como nos dias de hoje, ofereceu gratuitamente as instalações da LECO para a montagem da loja que funcionou até agora. Na ocasião recebemos o apoio e o entusiasmo do antigo diretor da LECO sr. Geraldo Ludovich e também o integral apoio do Prefeito e atual Secretário NELSON MANCINI NICOLAU. Fica agora ratificado publicamente o nosso agradecimento a eles.

Por necessidade de entrega do antigo imóvel, mudamos para este local com o objetivo de ampliar consideravelmente a assistência técnica e comercial aos associados desta região e, também, com a intenção de oferecer condições e oportunidades para dar um sentido mais amplo à esta nova casa.

Refiro-me a atual situação em que se encontra o setor agropecuário.

Como todos sabem, os excessivos impostos sobre os produtos alimentícios, os preços políticos dos tabelamentos, as taxações, os confiscos e outros inúmeros exemplos revelam claramente que até agora faltou ao setor uma política simples e objetiva que desse aos produtores uma justa remuneração pelo fruto do seu trabalho.

Quando comparamos as vantagens e benefícios dados aos produtos industrializados, principalmente aos que se destinam a exportação, verificamos também que há no tratamento entre os dois setores uma diferença absurda e sem sentido que em parte se explica pela falta de união e de representação da nossa própria classe.

Quem representa os produtores e criadores na Câmara ou no Senado? Um ou outro deputado fala esporadicamente como nosso representante, faltando-lhe porém a retaguarda necessária para a legítima defesa dos verdadeiros interesses da classe.

As próprias Federações, Sindicatos, Sociedades e Associações de Classe, inclusive a nossa, talvez por falta de líderes, não têm conseguido se fazer ouvir como seria necessário.



Joaquim Barros Alcântara Filho

A conclusão é lógica: não havendo contestação o governo adota medidas imediatistas sem a mínima visão das futuras consequências gerando a falta permanente da oferta de alimentos e, principalmente, gerando uma política de desestímulo à produção.

É lógico também concluir que pela nossa ausência somos em parte, responsáveis por essa situação.

Para chegar ao governo recém empossado, que traz tanta esperança de melhores dias para toda a Nação, precisamos nos unir, falar, clamar e lutar para que a nossa classe receba a atenção que merece.

Afinal, a produção de alimentos para o nosso próprio consumo e para o abastecimento dos aglomerados urbanos e ainda para exportar aos países que têm fome é um fator de equilíbrio social e econômico e, acima de tudo, uma obrigação divina para os que trabalham com a terra. É natural portanto que os nossos representantes não permitam esses tratamentos diferenciados.

Pretendemos, por conseguinte, que esta casa se transforme num ponto de reunião de lavradores e criadores onde haverá sempre um café, uma leitura e um convívio para troca de opiniões.

Esse é o sentido mais amplo da nossa pretensão, pois da reunião freqüente há de naturalmente nascer a discussão e o equacionamento dos problemas, gerando a união da classe e a oportunidade para surgirem novos líderes e legítimos representantes para a defesa dos nossos direitos e obrigações.

Assim, com a maior satisfação, a ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES oferece e entrega esta casa aos amigos e associados da região para que a frequentem e a usem como sua, que ela é.

Declarando então inaugurada esta sede, convidamos, para abrilhantar esta solenidade, o Prof. JOÃO SOARES VEIGA, ilustre veterinário que honra os quadros da ASSOCIAÇÃO, para realizar uma palestra de natureza técnica que tenho certeza todos irão apreciar.



EDIFÍCIO



O CENTRO
DA AGROPECUÁRIA
NACIONAL

EDIFÍCIO

ABC

O CENTRO DA AGROPECUÁRIA NACIONAL

Com respeito a construção do EDIFÍCIO ABC, que vimos noticiando nesta Revista, no terreno de 7.147 m² que possuímos na Av. José Cesar de Oliveira, podemos adiantar aos nossos leitores que o projeto já está elaborado e aprovado pela Prefeitura Municipal. As vendas de suas áreas serão iniciadas tão logo a incorporação esteja registrada no Registro de Imóveis da 10.^a Circunscrição Imobiliária. A documentação para tal fim, como plantas aprovadas, certidões de propriedades, minutas de contratos já foram encaminhadas aquele cartório e acreditamos que dentro do

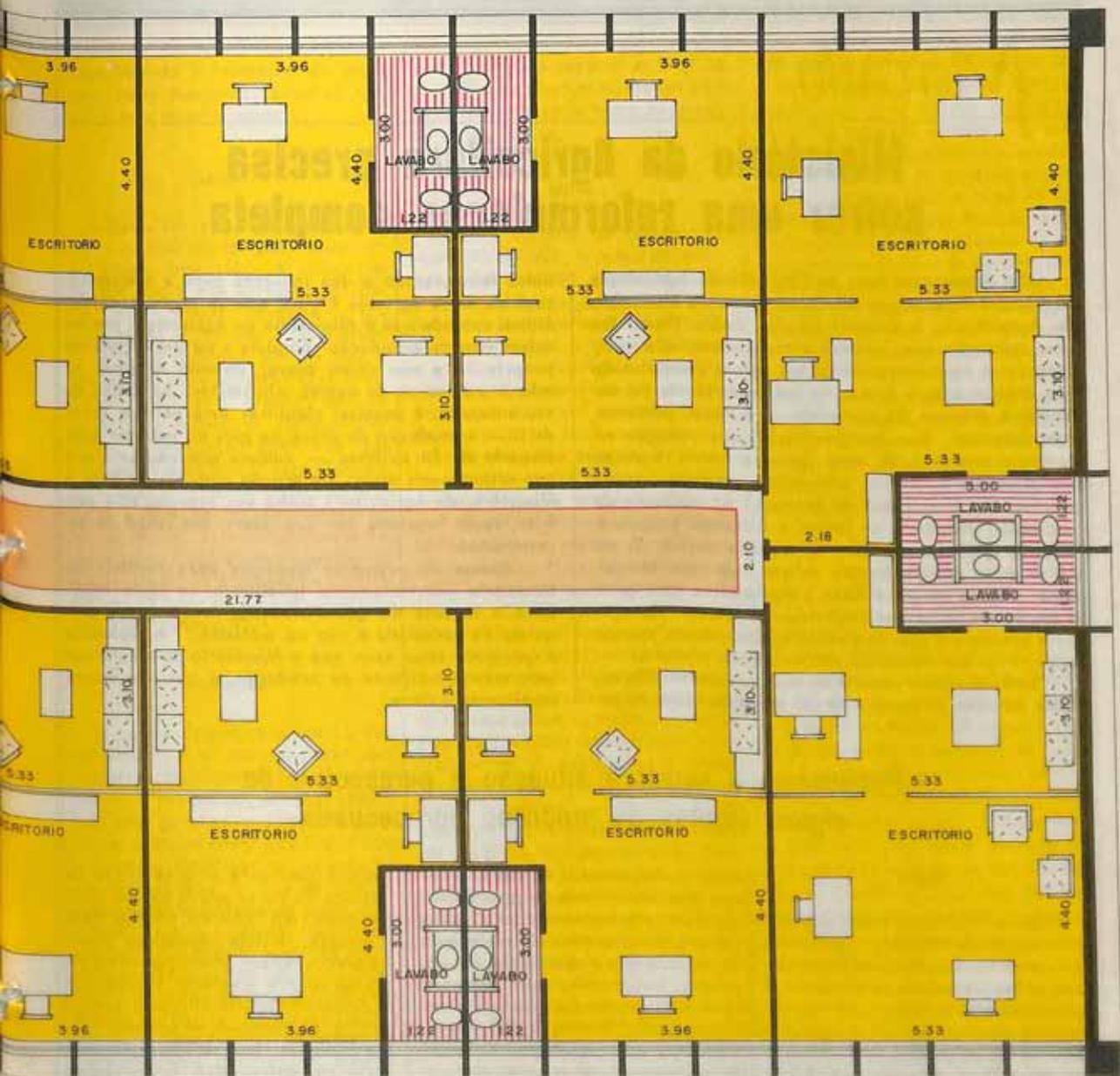


prazo de 30 a 50 dias o registro já esteja formalizado. O edifício terá 11 pavimentos e dois sub-solos para garagens de uso exclusivo dos condôminos. Está previsto no pavimento térreo, loja e mezzanino.

Os onze pavimentos comportam 108 salas para escritórios e cada um deles com seu respectivo sanitário, conforme se pode ver na plan-

ta acima. Os dois sub-solos têm capacidade para 240 veículos, havendo mais 39 vagas de estacionamento distribuídos no térreo e destinados aos serviços das duas lojas e auditório. Os escritórios são modulados e em condições para se conjugar duas ou mais unidades.

O edifício terá na cobertura uma área de lazer e laje dimensionada



ANDAR TIPO 1º AO 10º

para pouso de helicóptero, um centro de radiotransmissão e circuito interno de TV.

Ao lado do EDIFÍCIO ABC será construído o auditório com capacidade para 196 pessoas com instalações para audiofonia, constituindo-se em um centro para reuniões da ABC e das organizações que ali se instalarem.

O exposto acima dá bem uma idéia do que será o EDIFÍCIO ABC e lembramos que atualmente a Associação Brasileira de Criadores com suas lojas na rua Jaguaribe e no Jaguaré formam um centro regulador de preços de insumos agropecuários. Com a construção da nova sede no Jaguaré ao lado da Ceagesp, será formado num futuro próximo o

maior e o mais poderoso centro de negócios agropecuários da América Latina. Este será pois o lugar ideal para a instalação de um escritório para todos aqueles que direta ou indiretamente tenham suas atividades ligadas a produção agropecuária e seus derivados. Para maiores informações dirija-se a Diretoria da ABC pelo telefone 826-3033.

Ministério da Agricultura precisa sofrer uma reformulação completa

Em depoimento feito na Comissão da Agricultura na Câmara Federal, um mês após assumir o Ministério da Agricultura, o senador gaúcho Pedro Simon fez uma revelação que, embora estarecedora, não surpreende: a agricultura sofreu um severo esvaziamento nos últimos anos e apesar de sua importância foi colocada à margem da economia — tratada, portanto, com desprezo. Essa marginalização, que começou no campo e provocou, de certa forma, o êxodo rural, na medida que o agricultor, sobretudo o pequeno, sempre recebeu um tratamento de marginal no conjunto da sociedade, induzindo os jovens a deixarem a agricultura, já que não recebiam valorização devida. O espelho desse marginalização reflete hoje com intensidade: não se encontra bons trabalhadores para gerir o tempo — os jovens preferiram o "status" de operário urbano e o aparente conforto das cidades, mesmo que morem em condições extremamente precárias.

Embora venha recebendo um tratamento diferenciado no novo Governo e de ver atendido todos os pe-

didados feitos, como o dos recursos para a comercialização da safra agrícola 84/85, que já pagou andando, Simon entende que o Ministério da Agricultura precisa sofrer uma reformulação completa e ter um orçamento próprio — e não como agora, vivendo de pires na mão e a reboque de outros ministérios. Só assim, no seu entender, é possível viabilizar uma política capaz de tirar a produção da mão do país do patamar estacionário de 50 milhões — volume que não se altera nos últimos seis anos. De acordo com ele, embora o Ministério da Agricultura tenha um organograma perfeito, nada funciona em sua pasta, em razão do esvaziamento.

Apesar de prometer empenho para restituir ao Ministério um tratamento igualitário na Nova República, o senador diz que a mudança deve ser uma conquista da sociedade e não do ministro. "A sociedade é que pode falar com que o Ministério se identifique com todo o conjunto da produção, o que não ocorre atualmente", disse.

Publicamos a seguir a situação e perspectiva de alguns setores da produção agropecuária

Corte

Embora o Governo tenha definido a formação de estoques reguladores de carne bovina, a situação da pecuária bovina pouco se alterará. O governo definiu estocar 50 mil toneladas de carne — 20 mil no Rio Grande do Sul e 30 mil no restante do país. Para isso, alocou Cr\$ 280 bilhões. A estocagem deve ser da responsabilidade da Cobal. Porém, a medida foi recebida de forma diversificada, com aprovação e desaprovção. Um grupo de pecuaristas, que considerou negativa a medida, entende que a formação dos estoques, agora, desestabiliza o mercado. Explica que o setor vinha tentando, bem ou mal, trabalhar sem a interferência do Governo, procurando garantir uma oferta regular ao longo do ano. Um ex-ministro, em entre-

vista ao Suplemento Agrícola, observou que Simon cedeu à pressão dos gaúchos, privilegiados com a maior parcela dos recursos de estocagem. Acrescenta que a destinação de uma parcela inexpressiva para o restante do país, pouco mais do que o destinado ao Rio Grande do Sul, apenas mascarou esse privilégio. O ex-ministro lamentou o retorno do famigerado esquema de endividamento dos frigoríficos junto ao Governo provocado por essa medida.

Já o presidente do Conselho Nacional de Pecuária de Corte, João Carlos de Souza Meirelles, aprovou a medida, lembrando que a estratégia da estocagem vem sendo implementada para outros produtos agrícolas. De acordo com ele, a medida deveria ser tomada a partir de dezembro último. No seu entender, a

medida permitirá uma definição de política de curto prazo para o abastecimento em 1985/86, além de frear a pressão altista demasiada sobre os preços do boi gordo por causa do pouco volume a estocar. Explica que o Governo, ao decidir pela estocagem, quer, também, se prevenir contra qualquer risco de oscilação mais forte na entressafra, possibilidade que, reconhece, pouco provável. Isso porque, analisa, a perspectiva de recuperação real dos preços no segundo semestre de 1986 é remota: não há sinais evidentes de que os preços reajam — os sintomas de desaparecimento dos fatores baixistas inexistem tanto internamente como externamente. Lembra que a Irlanda venceu concorrência internacional para exportar cortes traseiros ao Egito a US\$ 930/t, quando o normal seria acima de US\$ 3 mil. Explica que

nesse sentido a formação de estoques, neste momento, ameniza um pouco esse quadro adverso.

Leite

A oferta de leite está sendo normal nos últimos tempos, deixando o mercado tranquilo. A colocação do leite tipo B não apresenta oscilações significativas. Embora o governo tenha anunciado o tabelamento de vários produtos por 90 dias, a medida não deve alcançar esse setor e nem modificar o critério de reajuste, que é trimestral. De qualquer forma, a Associação Brasileira dos Produtores de Leite B está efetuando o levantamento de custos de produção a nível de fazenda, agora no Sul de Minas. O objetivo desse levantamento é obter uma planilha de custos, de modo a subsidiar os produtores na hora de aplicar os novos reajustes de preços.

Suínas

Os suinocultores, a exemplo dos pecuaristas e avicultores, também não estão otimistas. Com o tabelamento de preços por 90 dias decretada pelo governo, a nível de varejo, os suinocultores acreditam que isso pode significar o adiamento das expectativas de alta de preços, esperada para o início de maio, com o novo salário mínimo. No início de abril, o mercado paulista registrava estabilidade de preços — Cr\$ 60 mil a arroba no interior. No Rio Grande do Sul, houve queda de Cr\$ 200 por quilo a nível de produtor. Os produtores mostram-se apreensivos com os preços do milho: até agora podiam comprar abaixo do mínimo — mas com a entrada do Governo na operação de AGF esta situação alterou-se — o preço situa-se no mínimo ao estabelecido pelo Governo. Temem, assim, que a entrada do Governo eleve a cotação do milho para patamares superiores ao do mínimo. Mas os suinocultores, ainda, mantêm uma tímida esperança: a de que a formação de estoques de carne bovina e o surgimento de

incentivos para reativar as exportações de aves produzam, efeitos positivos indiretamente sobre os preços da carne bovina.

Milho

Com a entrada do Governo na operação de AGF, o preço do milho, que estava sendo pago abaixo do mínimo, alcançou o mínimo estabelecido pelo Governo. Assim, o Governo tornou-se o grande comprador. Com as restrições das operações de AGF concentradas nas mãos do Banco do Brasil — com exceção das localidades onde o banco estatal não dispõe de agência ou posto e quando as entidades de crédito tenham feito as operações completas de financiamento de custeio e tenha crédito a receber do produtor — está deixando o comércio atacadista um tanto desconcertado. Isto porque não há garantias de que o Governo libere imediatamente os estoques para o mercado. Se de um lado evita especulação, já que deixa o intermediário sem ação, por outro lado pode elevar os custos, em razão dos gastos com armazenamento e transporte. E, neste caso, o Governo, para frear o preço teria que conceder subsídios — medida pouco provável em razão do elevado "déficit" público, que alcança Cr\$ 53 trilhões este ano. Assim, mais cedo ou mais tarde, os atacadistas terão que pagar preços maiores do que vinha pagando atualmente, abaixo do mínimo. Mas isso também é pouco provável, na medida que a avicultura enfrenta problemas, da mesma forma que a pecuária de leite e a suinocultura. Assim, delinea-se um quadro de mercado pouco peculiar: uma defasagem de preço do mercado com o do preço mínimo. Se o Governo garantir a compra, pelo menos haverá um beneficiado: o produtor de milho e o próprio governo que, à custa de compressão, terá condições de fazer estoques.

Soja

Embora em princípios de Abril, tenha havido uma ligeira melhoria

nos preços externos do farelo de soja e do óleo, ela é ainda tímida, insuficiente para mudar o quadro atual das cotações internas. O que tem trazido preocupação aos produtores é a decisão do governo em tabelar o óleo de soja, a nível da indústria e varejo. Essa medida fatalmente provocará uma pressão da indústria sobre o setor de matéria prima. Assim, o mercado, em abril, permanecia deprimido e os preços mantinham-se em níveis inferiores ao mínimo garantido pelo Governo. A única esperança de uma reação positiva é o possível anúncio de redução da área de soja nos Estados Unidos — mas isso só em maio. Caso isso não ocorra e persista o tabelamento, os produtores fatalmente serão prejudicados.

Café

O mercado, em abril, era de baixa, sem perspectiva de melhora a curto prazo. Essa tendência é reflexo da estratégia do IBC em puxar o preço para baixo. O próprio reajuste do preço de garantia dá mostra dessa tendência: o preço de Cr\$ 360 mil definido é um claro indicio dessa tendência — isso porque nem o pior café está sendo vendido no mercado por esse preço. Em meados de abril, com a suspensão dos negócios com os países não membro, obrigaram os exportadores a se desfazerem dos estoques, inundando o mercado e empurrando o preço para baixo. Outra dessas medidas baixistas são os leilões — com o preço inicial reajustado apenas a 10%. De qualquer forma, apesar dessas medidas mais imediatas, o mercado, para o futuro, é de firmeza. Isso porque a safra desse ano é modesta. Há quem acredite até que a reação de preço ocorra logo, em razão das exportações aceleradas em abril, muito embora a preços baixos. Mas ajuda a enxugar o mercado, e a equilibrá-lo a curto prazo. E já há quem aposte o preço de Cr\$ 800 mil a saca para o início da safra.

Capim Elefante "roxo" de Botucatu

DISNEI ANTONIO GONÇALEZ

Dentre as gramíneas forrageiras tropicais o gênero *Pennisetum* destaca-se por contar com espécies de plantas para pasto, como capim quicuí (*Pennisetum clandestinum*) espécies utilizadas como plantas de corte — capineiras — capim Elefante (*Pennisetum purpureum*) e até para produção de grãos Pearl Millet (*Pennisetum thyphoides*). A mais importante planta de corte no mundo tropical é exatamente o *Pennisetum purpureum* que cobre grandes e vastas extensões de clima e solo por dispor de híbridos inter específicos, ecótipos, variedades, clones e cultivares, que ampliam consideravelmente a sua exploração como planta forrageira tropical.

Poucas espécies de gramíneas forrageiras têm sido tão estudadas na área intertropical como o capim Elefante (*Pennisetum purpureum*), o que justifica, nesta oportunidade tecer comentários sobre o novo cultivar desta gramínea cognominada de capim Elefante "Roxo" de Botucatu, cujos estudos vêm se desenvolvendo deste ano agrícola de 1977 pelos técnicos dos Departamentos pertencentes ao Curso de Zootecnia da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia — UNESP — Campus de Botucatu. (Foto 1).

Trata-se de gramínea forrageira perene, originária da República do Togo, África, onde é vulgarmente conhecida como "Collet-Rouge".

Possui porte erecto, formando touceiras que podem atingir a altura de 5,60 a 6,00 metros, contendo



Em primeiro plano observa-se a gramínea Elefante (*Pennisetum purpureum*, Schum) cv. "Roxo de Botucatu" e em segundo plano a gramínea Elefante cv. "Cameroun".

Composição bromatológica do capim Elefante (*Pennisetum purpureum*) cv. "Roxo" de Botucatu

Datas de coleta	Idade (dias)	M. Seca %	P. Bruta %	E. Etéreo %	F. Bruta %	M. Totais %	ENN %
06/11/77	28	12,27	16,34	4,09	26,28	12,70	40,59
09/01/78	56	13,93	12,02	3,69	30,99	8,98	44,32
31/01/78	84	18,50	6,74	2,47	34,50	6,91	49,38
28/02/78	112	23,65	3,97	2,38	35,22	7,71	50,72
23/03/78	140	25,46	3,50	2,01	35,09	6,38	53,02
25/04/78	168	29,23	3,02	1,61	34,51	6,36	54,50
23/05/78	196	28,59	2,86	1,50	35,36	7,09	53,19

KPAKOTE, G.K.; GONÇALEZ, D.A.; RODRIGUES, J.D. J. Assoc. Sci. l'Ouest, African, Nigeria, 1979.

de 20 a 24 entre-nós, com o comprimento médio de 15 cm, possuindo a coloração arroxeada.

Suas folhas quando adultas atingem em média 117 cm de comprimento e 5 cm de largura, apresen-

tando vilosidades em sua face superior e com a face inferior desprovida. Tais folhas quando jovens são inteiramente de cor púrpura ou arroxeado e a medida que se tornam adultas sua face superior apre-

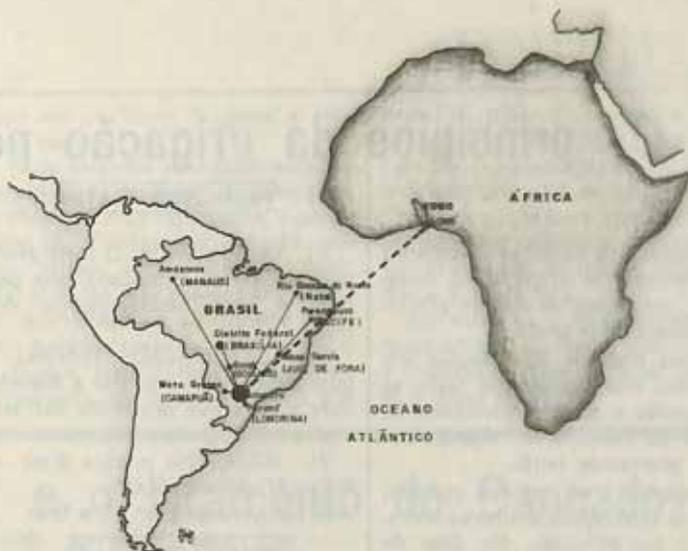
senta-se verde e a inferior mantém a coloração púrpura ou arroxeada.

Suas produções de matéria vegetal atingem as médias de 13.906; 45.173 e 67.760 kg/ha de massa vegetal com cortes efetuados aos 28, 56 e 84 dias de idade.

O Quadro em anexo mostra sua composição bromatológica em porcentagem de matéria seca com cortes efetuados a intervalos de 28 dias.

Testes de apetibilidade efetuados com vacas girolandas em lactação demonstraram maior consumo médio (16%) para o capim Elefante cv. "Roxo" de Botucatu, comparativamente ao capim Elefante cv. Cameroun quando cortados, respectivamente, a intervalos entre 40 a 60 dias.

Atualmente esta gramínea forrageira encontra-se disseminada por vários pontos do território nacional como demonstra o esquema anexo, tendo a área zootécnica da Estação



Experimental "Presidente Médici" o seu centro de estudos e distribuição e os Estados brasileiros com as respectivas cidades, denominadas

de centros receptores onde foram encaminhadas mudas para plantio durante o ano de 1984. (Esquema 1).

NOVO

Bastão elétrico Bovi-up* Bovitec

- Estimula a movimentação animal.
- Facilita os trabalhos de tronco.
- Condiciona o animal à obediência.

Funciona com 4 pilhas pequenas.
Segurança completa.
Dois modelos:
72 e 45 cm.



BOVITEC®

Produtos Agro-Pecuarários Ltda.

Rua Duarte de Azevedo, 449 - Tel.: 267-6477
(PABX) Telex (011) 33-069 - BOVI-BR - São Paulo

Os princípios da irrigação por pivô central

FRANCISCO TEATINI

Estamos hoje com 5 pivôs centrais funcionando na irrigação de Itacarambí, com mais de 400 ha plantados debaixo dos pivôs.

Temos mais de 300 pessoas trabalhando diariamente nas lavouras de algodão e milho. Normalmente, depois da colheita do algodão em maio, plantamos feijão.

Chegamos a ter, no ano passado, mais de novecentas mulheres trabalhando nas colheitas. No dizer de José de Paula — Prefeito de Itacarambí — "Não tem nada mais bonito" — ver as mulheres indo e voltando do serviço.

Mas eu gosto mesmo é de ver o feijão carregado de vagem. Cada pivô central é uma enorme roda, linda. Temos 3 pivôs de 112 ha cada e mais 1 de 91 ha e 1 de 54 ha. Você ficaria emocionado em ver os pivôs rodarem. São 600 metros de raio.

Vou lhe contar a história de como tudo começou:

— Teatini! Queremos que você na sua compra de gado e nas suas andanças no Norte de Minas, procure nas margens do São Francisco, uma área que preencha estas condições exigidas para irrigação, que nós estamos lhe dando por escrito.

— Assim falou Gabriel — pegou um papel, leu, comentou e me entregou — Escrito do próprio punho.

1) DE PIRAPORA À BAHIA — Ambas as margens do São Francisco, localizar área própria para irrigar, vamos dizer, de 1.000 a 2.000 ha, dentro da SUDENE.

2) ENERGIA ELÉTRICA: Tem que ser próxima da propriedade (5 a 8 km) e em quantidade suficiente (11.000 KVA), e mais energia para 3 ou 4 anos depois.

3) TERRA ALTA: Não pode ter sido atingida pela enchente de 1979.

4) SOLO — Bom, pH elevado. — "Não aceito terras fracas".

5) DECLIVIDADE: O mais plano possível, ou ser ondulado, que permita o bom funcionamento dos pivôs.

6) LOCALIZAÇÃO: Próximo à uma cidade, para facilitar a mão-de-obra e para que possamos dar serviço a muita gente.

7) ÁGUA: Não precisa dizer — "DO SÃO FRANCISCO".

Aí eu comecei a rir... e falei. — Isto tudo? Podemos desistir!... Não existe.

— Procure, estude. Você tem prazo, mas temos pressa — respondeu o Gabriel e acrescentou: "Vou lhe ajudar"...

Naquele mesmo dia, descemos o São Francisco no aviãozinho: Manoel Costa, Gabriel e eu. Ora no lado esquerdo, ora direito do São Francisco, e voltamos: Carinhonha, Manga, Itacarambí, Januária, Pirapora, Várzea da Palma. Foi uma viagem de estudo. Procuramos, comentamos, idealizamos e planejamos.

Dias depois na CEMIG em Montes Claros o Dr. Fernando Santiago me orientou onde existia energia elétrica com fatura e disse que em Itacarambí tinha 1.000 KVA para pronta entrega. "Depois arranjo mais".

No Leilão da Colonial, o José de Paula, bom fazendeiro, convidou o Gabriel para ser criador em Itacarambí.

— Mas tem alguém que vende fazenda bem situada, perto da cidade? Perguntei-lhe.

— Tenho um amigo que está vendendo. Chama-se Antônio Nemer.

Aí foi o começo. Dois meses depois estávamos começando a trabalhar, destacar, medir e instalar os pivôs. Já se passaram 4 anos, foi uma luta...

Hoje temos instalado em Itacarambí 5 pivôs centrais funcionando

e mais de 500 ha irrigados, temos mais um pivô na Fazenda Santa Clara de 50 ha e mais 94 ha de arroz irrigados. Estamos iniciando agora a instalação de mais 4 pivôs de 112 ha em Itacarambí. Estamos aí firmes.

Mas esta história tem que começar antes. Ela iniciou-se em 1948, quando Gabriel e Flávio Gutierrez fundaram a Construtora Andrade Gutierrez. Acontece que ainda não existia serviços para os dois sócios, então Gabriel ficou na Fazenda e o Flávio — falecido recentemente — foi quem primeiro começou a dar o duro na Construtora.

Gabriel não perdeu tempo na fazenda e assim ele preparou grandes áreas de irrigação. Fez canais, barragens, plantou arroz e colheu muito para aquela época. Plantou arroz três anos seguidos. Depois plantou trigo. Teve ano que ele ganhou dinheiro. Pagava ao pai Dr. Donato — 40% da colheita e ficava com 60% para ele. Irrigação era difícil naquele tempo, não existia variedades de arroz que temos hoje, faltava tecnologia, etc. Mesmo assim, colheu mais de 2.000 kg/ha.

Plantou trigo irrigado dois anos consecutivos. Acontece que o trigo é muito sensível e não havia variedades resistentes, e isso diminuiu muito a produção. Não tinha preço. A agricultura era muito desorganizada. Era preferível intensificar a pecuária leiteira.

Está aí o princípio da história da irrigação. Começou em Calciolândia, onde hoje nós temos o que há de melhor no Gir Leiteiro do Brasil.

A irrigação cresce e poderia explodir nas margens do São Francisco, se existisse um Governo inteligente.

O que atrasou a nossa irrigação no Norte de Minas foi na verdade o Manoel Costa — hoje Deputado Federal — que já vinha bem animado,

Crônica

estudou o negócio e programou e comprou os primeiros pivôs. Infelizmente ele foi para a política e atrasou o nosso projeto em um ano, quando então o Dr. Lúcio Siqueira, médico da Fundação Laura Andrade, começou devagar, mas um dia Gabriel o chamou e disse:

— Olha! Precisamos levar a irrigação avante. O trabalho está lento. Você pega e eu ajudo.

Assim transformamos o bom mé-

dico em um bom dirigente e estamos felizes.

Hoje estamos profundamente envolvidos na irrigação e cheios de problemas, mas com garra, e perseverança. Produzimos algodão, milho, feijão, sorgo, girassol, trigo, etc. Mais de 300 pessoas trabalhando diariamente e na colheita deste ano teremos mais de 1.000 pessoas.

O que poderá resultar de mais importante da nossa irrigação é o

seguinte: podemos crescer e servir de exemplo para outros que querem seguir nossos passos através da Irrigação por pivô central.

Estamos às ordens para quem quiser conhecer nossos trabalhos, nossos problemas, as nossas dificuldades e a nossa luta.

São estes os principais objetivos deste artigo. Convidar você para ir à Itacarambi para conhecer de perto a nossa irrigação.

O Gir no céu e o juramento do Cançado

FRANCISCO TEATINI

No dizer do Dr. José Geraldo Junqueira, o céu é uma planície ou planalto — sei lá — com pastagens bucólicas de andropógon, sempre verde, napier baixinho, entremeados de soja perene e outras leguminosas, onde as vacas Gir vermelho-retintas, brancas, chitas-claras ou escuras, de cabeças lindas, chifres prá trás, robustas, com úbre bem formado, grandes, tetas curtas, pastando em bando, distanciando de 15 a 20 metros uma das outras, pisando de leve. E Deus — Todo Poderoso — muito tranquilo, no entardecer do dia, assentado confortavelmente em um banco, com uma túnica bem grande, barbado, bonito, calmo, aprecia as suas vacas orgulhosamente, tendo ao lado, São Pedro com uma bengala na mão e alguns anjos espalhados ao seu redor.

Este é o céu do Dr. José Geraldo. As vacas são realmente lindas, as orelhas parecendo mais brinco de princesa e na cabeça a perfeição.

É também por esta beleza do Gir, que o Miguel Ângelo Cançado, jura pelos rabos das vacas santas da Índia, que Deus quando construiu o mundo, fez o céu, a terra, os mares, as plantas, as águas e tudo mais em um só dia e depois, trabalhou intensamente para fazer as lindas vacas Gir e no sétimo dia, satisfeito com a sua obra descansou.

O Cançado, jura e com razão, foi

um trabalho muito especial de Deus na cabeça, nos olhos, nas orelhas e nas pelagens. As vacas Gir — sem dúvida — não foram feitas de modo semelhante aos outros animais, como o Nelore, o Guzerá e o Holandês. Deus quis fazer um animal diferente para o homem amar; e caprichou, colocou na sua genética aquelas pelagens variadas — todas bonitas — espalhadas em diversas posições e assim você vê o Gir.

Você já assentou algumas vezes para apreciar as lindas cabeças dos bezerros do Geraldo Simões?... É diferente e acarneirada. São 40 anos de seleção. Você já viu a beleza do cupim do Gir do José Lúcio Resende? Não foi a natureza que fez, foi Deus. E o úbre das vacas do Souto, do Rubens, do Adolfo, do Tasso e do Gabriel?

Assim é a raça Gir, que veio para o Brasil e se desdobrou em dois tipos: Um seguiu a sua tradição Indiana para o leite e outra foi selecionada para corte. Ambas excelentes. O Gir Leiteiro é a raça que soluciona melhor o problema dos produtores de leite que antigamente criando europeu puro, perdiam bezerros, as vacas ficavam doentes e não resistiam às doenças e ao ambiente tropical.

Com o Gir Leiteiro o que aconteceu? Foi um casamento que deu certo e se formou o Girolando, va-

cas mais resistentes, mais robustas, mais leiteiras, lactações mais longas, que recebendo menos ração, têm mais saúde e dão mais lucro.

A raça Gir além dos adornos mais lindos, possuem a harmonia que nem uma outra raça possui. Veja a beleza do perfil ultra convexo e o conjunto harmonioso, a sua mansidão completa o quadro.

Nestes anos aqui em Calciolândia, nunca vi um retreiro dizer que uma vaca Gir o ofendeu. Quando ela ataca, o máximo que faz, é batangar as orelhas. E foi nas orelhas e no perfil que Deus mais tempo demorou. Pode-se dizer que o Gir é uma apoteose no céu, que Deus escolheu para ficar junto dele.

A orelha do Nelore é curta demais, a do Indubrasil é comprida demais e a do Guzerá é seca e feia. Bonita só a do Gir. Nela tudo é mais bonito, mas o ponto alto das vacas Gir Leiteiras, são os úbres sedosos, macios — bem feitos — grandes, sem ser demais, veias sinuosas, tetas pequenas e médias... "tirada macia"... Tirada macia...

E é por isto tudo, que o Dr. José Geraldo sonha com o céu repleto de lindas vacas Gir e que o Cançado jurou pelas caudas das vacas santas da Índia. E nisto é avalizado por um punhado de técnicos e criadores de Gir, espalhados por este Brasil sfera.

Cai o consumo da carne bovina. De quem é a culpa?

Zemith João de Arruda, do Centro Nacional de Pesquisa de Gado de Corte/Embrapa.

Em 1980, o Brasil produziu cerca de 2.080.000 t de carne bovina, exportou 190 mil e importou 97 mil. O consumo interno, nesse ano, situou-se em 16,5 kg per capita — e atualmente se situa em torno de 14 kg. Observa-se, por outro lado, que o brasileiro vem mudando o seu hábito alimentar em relação as carnes: enquanto em 1970 o consumo de carne bovina era de 18,2 kg e o de aves 2,3 kg per capita, em 1980 o consumo do primeiro caiu para 16,5 kg (-10,4%) e o do segundo alcançou 8,7 kg, crescendo 278,2%.

No Brasil, quando se fala em carne bovina, três personagens levantamos para enfatizar seus pontos de vistas. De um lado, o consumidor a se queixar dos preços elevados, vendo no pecuarista o principal responsável pela alta depreciação da carne. De outro, o produtor que argumenta ser a carne bovina um produto cujo preço não acompanha nem mesmo a inflação. O terceiro personagem é o técnico (agônomo, zootecnista e veterinário) que ressalta o aspecto da baixa produtividade do rebanho e da terra — fato incontestável frente aos resultados nitidamente superiores alcançados por outros países.

Afinal com quem está a razão? O Centro Nacional de Pesquisa de Gado de Corte elaborou um estudo que, por si só, responde às indagações. Na verdade, todos estão com o razão — mas o vilão, que provoca a queda continuada do consumo, é um só: o baixo poder aquisitivo da população. É o vertente de todos os males: de lá origina a pouca remuneração do produtor que, com isso, fica impossibilitado de investir na pecuária e esse fato provoca a impossibilidade de o pecuarista melhorar

a produtividade, com a qual o preço da carne poderia chegar a um preço mais compatível ao consumidor.

Embora a carne bovina brasileira seja a mais barata do mundo, a massa assalariada do país precisava dispendir em 1980 3,46 horas de trabalho para adquirir um quilo de carne bovina, enquanto o argentino, neste mesmo ano, necessitava de 1,02 hora e os norte-americanos de apenas 51 minutos (ver tabela). Como consequência, o preço da carne é baixo, a produtividade do rebanho é insatisfatória dada a descapitalização do produtor, o consumo per capita é baixo e enfim, toda a sociedade brasileira paga o ônus da pobreza da grande massa trabalhadora do país.

De qualquer forma, nos anos de 83 e 84 a expansão do mercado internacional para a carne brasileira tem estimulado os pecuaristas ao aumento da produtividade do rebanho através de adoção de técnicas modernas. Embora esse fato tenha acentuado a queda do consumo interno, ele traz a longo prazo benefício ao próprio consumo interno. Espera-se que essa tendência se consolide e que, com a melhora do poder aquisitivo da população, com o consequente aumento do consumo interno, o Brasil passe de fato a exportar "os excedentes", ou seja passe a ser exportador após satisfazer o mercado interno.

Cidade	Preço da carne de 1. ^o no varejo (US\$/kg)	Consumo (kg/hab./ano)	Trabalho requerido para comprar 1 kg de carne (horas: minutos)
Estocolmo	16,16	18,7	2:06
Bruxelas	13,20	26,2	1:47
Londres	11,66	24,2	3:20
Roma	11,26	23,9	2:32
Bonn	11,06	23,3	2:08
Paris	10,37	31,3	2:43
Ottawa	6,98	52,8	1:02
Washington	6,81	58,8	0:51
Buenos Aires	6,16	88,2	1:02
Cidade do México	4,08	15,6	3:55
Brasília	2,71	19,9	3:46

Fonte: USDA - 1980

Registro

Smith Kline vai até o produtor

Com o objetivo de levar a medicina preventiva no tratamento de animais, o Laboratório Smith Kline está promovendo encontros, palestras e conferências a produtores rurais de diversas partes do país. Reunidos em Sindicatos Rurais, Cooperativas e até em cidades do interior, os técnicos da empresa têm levado a pecuaristas filmes científicos e slides, produzidos pelo Departamento Técnico da empresa, e feito palestras que esclarecem pontos importantes para um cuidado saudável do rebanho. Os conferencistas são professores e pesquisadores. Essa prática de medicina preventiva — método de se antecipar à doença animal — tem trazido bons resultados e tem encontrado boa receptividade entre os produtores rurais: no último encontro, em Rondonópolis, MT, 200 produtores da região estiveram reunidos para assistir filmes e palestras apresentadas pelo professor Laerte Crisi, especialista em parasitologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro e Ph.D em medicina veterinária.

Prova de ganho de peso

Encerra-se no dia 3 de maio, a 4.^a Prova de Ganho de Peso a Nível de Fazenda,

promovida pela Associação Brasileira de Criadores de Chianina na Fazenda Barrocinha, em Santa Maria da Serra, SP. O concurso iniciou-se no dia 14 de dezembro último e terá duração de 140 dias. Participam da prova 24 animais mestiços das raças italianas de corte, como Chianina e Marchigiana: são 6 1/2 Chianina/Nelore, 5 1/2 Marchigiana/Nelore, 6 3/4 Chianina e 1/4 Nelore e 6 3/4 Marchigiana e 1/4 Nelore. A Prova consiste basicamente na avaliação do ganho de peso dos animais num período de 140 dias mantidos em confinamento e alimentados com ração balanceada. Nesse período, os animais estão sendo alimentados com feno de estrela (55%), milho triturado (25%), farelo de algodão (15%) e feno de alfafa (5%), com teor de proteína de 11,8%. No dia 4 de maio, no encerramento da prova, haverá um "Dia de Campo", onde serão abordados os resultados práticos da Prova e sua influência para o melhoramento zootécnico.

Braskalb, nacionalizada, cresce

Nacionalizada em novembro passado, mediante aquisição por parte de cinco ex-funcionários de todo o capital da multinacional Dekalb Agrícola que atuava no país desde 1968, a Braskalb exportou em 1984, 80 mil matrizes de postura para a Argentina, Chile, Paraguai, Uruguai e Bolívia. A empresa, que produz 295 mil matrizes, detém uma fatia de 30% do mercado nacional e 30% do mercado latino-americano desse setor. Este ano a empresa, que faturou Cr\$ 9 bilhões, Cr\$ 1 bilhão dos quais originados pela exportação, no ano passado, prevê um crescimento expressivo em seu faturamento, podendo alcançar a cifra de Cr\$ 30 bilhões. Além de matrizes de aves da postura, a Braskalb comercializa sementes de milho, sorgo e girassol híbridos. No setor de sementes, a empresa, com comercialização de 4 mil toneladas anuais, detém 4% do mercado nacional.



**ASSOCIAÇÃO DOS
CRIADORES DE NELORE
DO BRASIL**

Rua Riachuelo, 231, 1.º andar, telefones: 35-1705 e 37-0972 — sede própria — São Paulo - SP.

Diretoria — 1983/86

Presidente

José Mário Junqueira de Azevedo

1.º vice-presidente

Rubens Franco de Mello

2.º vice-presidente

Alcídes Prudente Pavan

3.º vice-presidente

Alberto Laborne Valle Mendes

Secretário Geral

Murilo da Costa Manso

1.º Secretário

Ovidio Carlos de Brito

2.º Secretário

Emílio Maya de Omena

1.º Tesoureiro

Luiz Antônio de Souza Queiroz Ferraz

2.º Tesoureiro

José Maria Penteado de Toledo

A presença de representantes estrangeiros marca a XIV Expoinel, em Salvador, BA

Com a presença de representantes dos Ministérios da Agricultura de diversos países e vários continentes, a XIV Exposição Internacional de Gado Nelore e o 1.º Encontro Internacional de Equinos das Raças Mangalarga, Mangalarga Marchador, Quarto de Milha e Asininos da raça Pega, realizados de 24 a 31 de março, no Parque de Exposições de Salvador, BA, registraram um sucesso absoluto: estiveram expostos 586 animais, um recorde em exposições, e marcaram presença mais de 2.500 criadores de todo o país. Os representantes estrangeiros voltaram impressionados com a qualidade dos animais expostos — um indício seguro de que, a cada ano, a Expoinel vai ampliando o mercado externo para os reprodutores e matrizes brasileiros Nelore, graças à qualidade, cada vez mais apurada, dos animais expostos. Este ano, além dos bovinos, os visitantes puderam, também, conhecer os equinos selecionados do Brasil. O leilão Expoinel registrou movimento de Cr\$ 600 milhões. A próxima Expoinel já tem local definido: Rio de Janeiro, em março de 1986.

Abaixo publicamos a relação dos animais campeões da XIV Expoinel e do 1.º Encontro Internacional de Equinos das raças Mangalarga, Mangalarga Marchador, Quarto de Milha e Asininos da raça Pega.

NELORE

Campeã Bezerra, ELÚRIA, de Irmãos Barros Correira, Fazenda Recanto, Viçosa, AL.

Res. Campeã, JANDARA MJ DO SABIÁ, de Alberto Laborne Valle Mendes, Fazenda do Sabiá, Capitólio, MG.

Campeã Novilha Menor e Res. Grande Campeã da Raça, BARDALI POI DA ZEBULÂNDIA VR, de Torres Homem Rodrigues da Cunha — Chácara Zebulândia, Araçatuba, SP.

Res. Campeã Novilha Menor — IWA MJ DO SABIÁ, de Alberto Laborne Valle Mendes, Fazenda do Sabiá, Capitólio, MG.

Campeã Novilha Maior, ALAVANCA ZEBULÂNDIA VR, de Torres Homem

Rodrigues da Cunha, Chácara Zebulândia, Araçatuba, SP.

Campeã Vaca Jovem, GABANITA, de Geraldo de Castro, Fazenda Santa Marta, Mundo Novo, GO.

Reservada Campeã Vaca Jovem, SARA II DA ALFREDO DE MAYA, de Emílio Eliseu Maya de Omena, Fazenda Alfredo de Maya, Cacimbinhas, AL.

Campeã Vaca Adulta e Grande Campeã da Raça, GENTILEZA DO SABIÁ, de Alberto Laborne Valle Mendes, Fazenda do Sabiá, Capitólio, MG.

Reservada Campeã Vaca Adulta, BAHIA DA FLORESTA, de Rogério Afonso Pascoal, Fazenda Paraíso, Araçatuba, SP.

Campeão Bezerra — SUVARNA MJ DO SABIÁ, de Alberto Laborne Valle Mendes, Fazenda do Sabiá, Capitólio, MG.

Res. Campeão Bezerra, ABACO DA ALFREDO DE MAYA — 3117, de Emílio Eliseu Maya de Omena, Fazenda Alfredo de Maya, Cacimbinhas, AL.

Campeão Júnior Menor, BHAIJOL POI DA ZEBULÂNDIA VR, de Torres Homem Rodrigues da Cunha, Chácara Zebulândia, Araçatuba, SP.

Reservado Campeão Júnior, BAYAMU POI DA ZEBULÂNDIA VR, de Torres Homem Rodrigues da Cunha, Chácara Zebulândia, Araçatuba, SP.

Campeão Júnior Maior e Grande Campeão da Raça — AGASALHO DA ZEBULÂNDIA, de Torres Homem Rodrigues da Cunha, Chácara Zebulândia, Araçatuba, SP.

Reservado Campeão Júnior Maior, ION MJ DO SABIÁ, de Alberto Laborne Valle Mendes, Fazenda Sabiá, Capitólio, MG.

Campeão Touro Jovem e Reservado Grande Campeão da Raça, HÁSUR MJ DA OLHOS D'ÁGUA, de Alberto Laborne Valle Mendes, Fazenda Sabiá, Capitólio, MG.

Res. Campeão Touro Jovem, AMAGO DC, de Emílio Eliseu Maya de Omena, Fazenda Alfredo de Maya, Cacimbinhas, AL.

Campeão Sênior, RAPOSO DA CINE-LÂNDIA, de Antonio Florisvaldo Carneiro de Lima, Fazenda Nova Delhi, Feira de Santana, BA.



O presidente da Associação dos Criadores de Nelore do Brasil, José Mário Junqueira de Azevedo, discursa na abertura da XIV Exponei. A seu lado, o governador da Bahia, João Durval Carneiro, o secretário da Agricultura, Fernando Sincora, e o presidente da Associação Brasileira dos Criadores de Nelore, Gileno Calheira.

Reservado Campeão Sênior, TEMÁTICO "FC", de Aprígio Lopes Xavier & H. Charman, Fazenda Consorciados "FC", Magé, RJ.

Melhor Conjunto da Raça Nelore Padrão, AGASALHO DA ZEBULÂNDIA VR — M, BANGE DA ZEBULÂNDIA VR — M, AKIAB DA ZEBULÂNDIA VR — M, BARDALI DA ZEBULÂNDIA VR — F, de Torres Homem Rodrigues da Cunha, Chácara Zebulândia, Araçatuba, SP.

Melhor caracterização racial da raça Nelore Padrão, fêmea Padrão — AKIAB POI DA ZEBULÂNDIA VR, de Torres Homem Rodrigues da Cunha, Chácara Zebulândia, Araçatuba, SP.

Melhor caracterização racial da raça Nelore Padrão, Macho Padrão — M. TAJ VII DE PRUDEÍNDIA, de Waldomiro Brandão da Silva, Fazenda Havana, Feira de Santana, BA.

Melhor Expositor da Raça Nelore Padrão, com 417 pontos, Torres Homem Rodrigues da Cunha, Chácara Zebulândia, Araçatuba, SP.

NELORE VARIEDADE MOCHA

Campeã Bezerra — HUVA DA ESCADINHA, de Jaime Maciel Fernandes, Fazenda Aliança, Itagimirim, BA; Reservada Campeã Bezerra — CAFÉ DA S. FELIX, de Lauro Antonio Teixeira Menezes, Fazenda São Felix, Foz Paulo, SE.

Campeã Novilha Menor, BRAVURA DA JAPARANDUBA, de Japaranduba — Fazendas Reunidas Ltda., Fazenda Camarão, Água Preta, PE e Reservada Campeã Novilha Menor, FRONTEIRA, de Ovidio Miranda Belo Agro Pastoral Ltda., Fazenda Santa Martins, Araçatuba, SP.

Campeã Novilha Maior, MIMOSA, de Ovidio Miranda Brito Agro Pastoral Ltda.,

Fazenda Santa Marina, Araçatuba, SP; Reservada Campeã Novilha Maior — JAPONESA DO RECANTO, de Agropecuária Olival Tenório Ltda., Fazenda Recanto, Limoeiro de Anadia, AL.

Campeã Vaca Jovem, DEMASIA DA ESCADINHA, de Jaime Maciel Fernandes, Fazenda Aliança, Itagimirim, BA; Reservada Campeã Vaca Jovem, DICA DA ESCADINHA, de Jaime Maciel Fernandes, Fazenda Aliança, Itagimirim, BA.

Campeã Vaca Adulta e Grande Campeã da Raça, KONDESSA DA BOA VISTA, de Antonio José Prata Carvalho, Fazenda Boa Vista, Barretos, SP; Reservada Campeã Vaca Adulta e Reservada Grande Campeã da Raça, ANTIOPADA DA ESCADINHA, de Jaime Maciel Fernandes, Fazenda Aliança, Itagimirim, BA.

Campeão Bezerra, HERON DA ESCADINHA, de Jaime Maciel Fernandes, Fazenda Aliança, Itagimirim, BA e Reservado Campeão Bezerra, HÉTICO DA ESCADINHA, de Jaime Maciel Fernandes, Fazenda Aliança, Itagimirim, BA.

Campeão Junior Menor e Grande Campeão da Raça, LEBLON DO RECANTO, de Agropecuária Olival Tenório Ltda., Fazenda Recanto, Limoeiro de Anadia, AL e Res. Campeão Junior Menor e Res. Grande Campeão da Raça, LEÃO DE FC, de Carlos Fernando Vilar Coutinho, Fazenda Curral de Cima, Igreja Nova, AL.

Campeão Junior Maior e Melhor Novilha Precoces — VOLEYBOL, de Ovidio Miranda Brito Agropastoral Ltda., Fazenda Santa Marina — Araçatuba, SP e Reservado Campeão Junior Maior, MOSCARDO DA BOA VISTA, de Carlos Fernando Vilar Coutinho, Fazenda Curral de Cima, Igreja Nova, AL.

Campeão Touro Jovem, JAGUAR DO RECANTO, de Agropecuária Olival To-

norio Ltda., Fazenda Recanto, Limoeiro de Anadia, AL.

Campeão Senior, EMBALO DE FC, de Carlos Fernando Vilar Coutinho, Fazenda Curral de Cima, Igreja Nova, AL, e Reservado Campeão Senior, IMPAR M 4793, da Japaranduba — Faz. Reunidas Ltda., Fazenda Camarão, Água Preta, PE.

Melhor Conjunto da Raça Nelore variedade Mocha: QUEBRADELA DA ESCADINHA, ANTIPODA DA ESCADINHA, DEMASIA DA ESCADINHA, DICA DA ESCADINHA, HERON, de Jaime Maciel Fernandes, Fazenda Aliança — Itagimirim, BA.

Melhor caracterização racial fêmea, QUEBRADELA DA ESCADINHA, de Jaime Maciel Fernandes, Fazenda Aliança, Itagimirim, BA.

Melhor caracterização racial, GROTESCO, de Ovidio Miranda de Brito, Fazenda Santa Marina — Araçatuba, SP.

Melhor Expositor da Raça Nelore Variedade Mocha, com 426 pontos, Jaime Maciel Fernandes, Fazenda Aliança, Itagimirim, BA.

MANGALARGA MARCHADOR

Campeã Mirim, NINFETA DE SANT FRANCISCO, de Elias Ferreira de Freitas, Fazenda San Francisco, Santo Estevão, BA e Reservada Campeã Mirim, ITACOA-TIARA AQUARELA, de José Lauro Ribeiro Fontes, Fazenda Itacotiara, Ibiçuí, BA.

Campeã Junior, KATUCHA DA KJTANDA, e Marcos Vinicius de Barros Wanderley, Fazenda Kitanda, Itapetinga, BA e Reservada Campeã Junior, CONQUISTA DA PREFERÊNCIA, de Fausto Falcão Pontual, Fazenda Preferência, Primavera, PE.

Campeã Potranca, 4M/303 — PRENDA DO DIAMANTE, de Iotamachado Engenharia Ltda., Fazenda Diamante, Feira de Santana, BA e Reservada Campeã Potranca, OXALÁ CHANEL, de Raymundo Oyama, Fazenda São Carlos, Itaberaba, BA.

Campeã Egua e Grande Campeã da Raça — GB VALSA, de Heitor Augusto Costa Andrade, Fazenda Guanabara, Ibiçuí, BA e Reservada Campeã Egua e Reservada Grande Campeã da Raça, COTOVIA DA SANTA TEREZINHA, de Carol Fernandes de Aguiar e Silva, Fazenda São Pedro — Gravatá, PE.

Campeã Sênior, COLORIDA DA PEDRA VERDE, de Carol Fernandes de Aguiar e Silva, Fazenda São Pedro, Gravatá, PE, e Reservada Campeã Sênior, MAR ESTANCIA, de Candido Alberto Gonçalves Braga, Fazenda Haras Itaparica, Itaparica, BA.

Melhor Conjunto Progenie de Mãe, MOCAMBO INDIGENA, filhos de Colorida da Pedra Verde e Gravatá Eclipse, de Carol Fernandes de Aguiar e Silva, Fazenda São Pedro, Gravatá, PE.

Melhor Conjunto Progenie de Pai, ABAIBA BRAZÃO, filhos: Jambo, Guiltarra e Heroína do Bom Sossego, de Edgar Lobo, Fazenda Itaci, Iguaí, BA.

Campeão Mirim, HUMANO DE CAPRI, da Companhia Agro Pecuária Vale do Ribeirão, Fazenda Capri, Ribeirão, PE e **Reservado Campeão Mirim, GRAVATA ECLIPSE**, de Carol Fernandes de Aguiar e Silva, Fazenda São Pedro, Gravata, PE.

Campeão Junior, XANGO DA FLORESTA AZUL, de Milton Lyra Filho, Fazenda Lyra do Sol, Santa Cruz da Vitória, BA e **Reservado Campeão Junior, JAMBO DO BOM SOSSEGO**, de Edgar Lobo, Fazenda Irací, Iguai, BA.

Campeão Potro, SATURNO DO GRANITO, de Antonio Carlos Martins Maia, de Ipirá, BA e **Reservado Campeão Potro, GB. MINERAL**, de Heitor Augusto Costa Andrade, Fazenda Guanabara, Ibiçuí, BA.

Campeão Cavallo, ITACOATIARA ATLANTICO, de José Lauro Ribeiro Fontes, Fazenda Itacoatiara, Ibiçuí, BA, e **Reservado Campeão Cavallo, MAR GUAI-AQUIL**, de Ticiano Leony, Fazenda Umburanas, Ibitupá, BA.

Campeão Senior e Grande Campeão da raça, DILUVIO DO PORTO AZUL, de Carlos Fernando Villar Coutinho, Fazenda Curral de Cima, Igreja Nova, AL, e **Reservado Campeão Senior e Reservado Grande Campeão da Raça, HERDADE NERO**, das Fazendas Reunidas Belo Horizonte, Fazenda Belo Horizonte, Conceição do Almeida, BA.

Melhor Expositor da Raça Mangalarga Marchador, com 90 pontos, Carol Fernandes de Aguiar e Silva, Fazenda São Pedro, Gravata, PE.

Melhor criador da Raça Mangalarga Marchador, com 59 pontos, Heitor Augusto Costa Andrade, Fazenda Guanabara, Ibiçuí, BA.

MANGALARGA

Campeã Potranca e Reservada Grande Campeã da Raça, CHANTILLI TA, de Tourinho de Abreu & Filhos, Fazenda Nova Esperança, Itruruçu, BA. **Reservada Campeã Potranca, ITALIA DO RECREIO**, de Antonio Augusto Amado Brandão, Fazenda Haras Recreio, Santa Cruz de Cabralia, BA.

Campeã Egua e Grande Campeã da Raça, HEVEA DO RECREIO, de Eduardo Gileno Amado Brandão, Fazenda Haras Recreio, Santa Cruz de Cabralia, BA e **Reservada Campeã Egua, GRINALDA TED**, de Boaventura Tedesco, Fazenda Baixa Grande, Potiraguá, BA.

Melhor Conjunto Progenie de Mãe, HELGA TA, filhos de Chantilli TA e Pixoto TA, de Tourinho de Abreu & Filhos, Fazenda Nova Esperança, Serra Preta, BA.

Melhor Conjunto Progenie de Pai, ADONIS JO, filhos de Idilio, Italia e Jibô'n do Recreio, de Eduardo Gileno Amado Brandão, Fazenda Haras Recreio, Sta. Cruz de Cabralia, BA.

Melhor Conjunto da Raça Mangalarga, MESTRADO, GUAMBIRA e MANHÃ DA LAGOA DO RANCHO, de Mútilo Eduardo Pinto Xavier, Fazenda Queimadas, Ipirá, BA.

QUARTO DE MILHA

Grande Campeã da Raça, D'AQUARIAN DA RM, de Ernani Torres Cordeiro, Fazenda Rancho dos Meninos — Almenara, MG.

Reservada Grande Campeã da Raça, RUBY DANS, de Alberto Gentil Magalhães Victal, Fazenda Haras Boa Sorte, Itaberaba, BA.

Grande Campeão da Raça, ELDORADO SF, de Ernani Torres Cordeiro, Fazenda Rancho dos Meninos, Almenara, MG.

Reservado Grande Campeão da Raça, CHAPO'S BROAD RM, de Rodrigo Franco Rodrigues, Fazenda Pinguicira, Lagoão, BA.

Melhor Conjunto Progenie de Pai, MACACO SKR, filhos de Ruby Skipe, Dans Buby, Dans Boy Pina, de Alberto Gentil Magalhães Victal, Fazenda Boa Sorte, Itaberaba, BA.

Melhor Conjunto Progenie de Mãe, RUBY BEE, Ruby Skipe e Dans Ruby, de Alberto Gentil Magalhães Victal, Fazenda Boa Sorte, Itaberaba, BA.

Melhor Expositor da Raça Quarto de Milha, com 51 pontos, Alberto Gentil Magalhães Victal, Fazenda Boa Sorte, Itaberaba, BA.

Melhor criador da Raça Quarto de Milha, com 51 pontos, Alberto Gentil Magalhães Victal, Fazenda Boa Sorte, Itaberaba, BA.

PEGA

Campeã Mirim, SABIÁ DA ALIANÇA, de Guilherme Requião Radel, Fazenda Paschoal Gomes, Ipirá, BA.

Campeã Junior, VEREDA DA ALIANÇA, de Guilherme Requião Radel, Fazenda Paschoal Gomes, Ipirá, BA.

Campeã Jumento e Reservada Grande Campeã da Raça, ALI BRIGITE, de Aliomar Coelho dos Santos, Fazenda Curva do Rio, Itapetinga, BA.

Campeã Senior e Grande Campeã da Raça, ALI ZOADA, de Aliomar Coelho dos Santos, Fazenda Curva do Rio, Itapetinga, BA.

Campeão Mirim, COMPASSO DA ALIANÇA, de Luiz Maciel Calmon de Almeida, Fazenda Ponto Chic, Santa Cruz da Vitória, BA.

Campeão Junior e Reservado Grande Campeão da Raça, ALI DENDE, de Aliomar Coelho dos Santos, Fazenda Curva do Rio, Itapetinga, BA.

Campeão Jumento e Grande Campeão da Raça, FARAO TE, de Pedreiras Linoiro Ltda., Fazenda Vida Vale do Inhambupe, Entre Rios, BA.

Campeão Senior, COMANDANTE DA ALIANÇA, de José Gothardo Esteves Neves, Fazenda Estância Paranduba, S. Mateus, ES.

Melhor Conjunto Progenie de Pai, BONITÃO DA ALIANÇA, filhos de Chocolate, Vereda e Sabiá da Aliança, de Guilherme Requião Radel, Fazenda Paschoal Gomes, Ipirá, BA.

Melhor criador da raça Pega, com 95 pontos, Maria Oliveira Araújo, Fazenda Aliança, Joazeiro, MG.

Melhor expositor da raça Pega, com 95 pontos, Aliomar Coelho dos Santos, Fazenda Curva do Rio, Itapetinga, BA.



Alguns dos animais expostos, no momento em que desfilavam para os juizes.

Basta às defraudações

RUBENS MALTA CAMPOS *

No apagar das luzes do desastroso Governo do Gal. Figueiredo, temos nos assustado com a magnitude da corrupção que campeia por quase todos os órgãos do Governo Federal. Jamais Governo Brasileiro alcançou níveis tão amplos de incompetência administrativa e falta de decoro e patriotismo como o do indigitado militar. Todos os dias, os jornais da grande imprensa do País publicam escândalos novos e sempre representando polpidos prejuízos ao povo brasileiro. Sunamam, IBC, IAA, CBD, etc., têm estado no noticiário recentemente, sempre por ocultar operações as mais escandalosas e lesivas aos brasileiros.

No caso do IBC, talvez a diretoria do sr. Aloisio Garcia seja a que mais negócios nebulosos realizou, em benefício de uns poucos que detem o seu controle. A atual propaganda do café, a cargo do conjunto Blitz, teria custado 5 bilhões de cruzeiros, para proveito, certamente, de uns poucos negociatas que atuam na direção daquele Instituto, pois o "jingle" do conjunto não deve ter custado mais de uns 500 milhões de cruzeiros.

Só para focar o caso de um ex-diretor da Sunamam, o capitão-de-fragata reformado, Luiz Rodolpho de Castro, sabe-se que amealhou uma fortuna de 21 bilhões de cruzeiros, ao longo dos onze anos em que atuou naquela Superintendência. E quantos outros ex-funcionários e diretores não teriam também se locupletado à custa dos cofres da Sunamam? Aliás, o Rodolpho de Castro deve a sua indicação à diretoria da Sunamam ao seu amigo Ministro Mario Andreazza, que teria comprado um dos melhores e mais bonitos apartamentos da cidade do Rio de Janeiro, do Sr. Paulo Ferraz, do estaleiro Mauá. Como se sabe, a Sunamam adiantava dinheiro aos estaleiros os quais, vez ou outra, aplicavam tais recursos nas operações próprias da construção de navios. Além disso, o custo por navio era absurdamente mais caro do que o custo nos estaleiros estrangeiros.

Daf, a difícil situação da Sunamam. Mas, prezados leitores, estejam certos de que alguns dos diretores da Sunamam, estão biliardários, como o José Rodolpho de Castro.

Falemos, agora, um pouco do Inamps. Consoante a grande imprensa, o chefe de uma das quadrilhas que lesavam aquela autarquia, o economista Milton Milreu, comprou uma casa em Campos do Jordão, no valor de 2 bilhões de cruzeiros. Afora isso, possui um império no litoral paulista, com 1.300 alqueires de terras e um grande rebanho de búfalos, com os quais aumenta seu latifúndio, pois os búfalos invadem as terras dos vizinhos, incorporando-as, assim, às do Milreu. Tudo isso ele conseguiu fraudando o Inamps. Mas quantos outros Milreus não estão aliviando os cofres do Inamps em prejuízo de todos os que contribuem regularmente para com o mesmo?

Esses casos foram relatados recentemente pela grande imprensa de São Paulo. Temos certeza que centenas, talvez milhares, de casos semelhantes ocorreram ou ocorrem nas mesmas e demais autarquias e superintendências existentes a nível federal, sem falar das estatais, quase sempre provocando rumbudos prejuízos aos cofres do Tesouro Nacional. Isso explica, em parte, a situação das sérias dificuldades por que passa a Nação e o povo brasileiro. E esse abúlico, atordoado General pede, pateticamente, que o esqueçam. Melhor teria sido punir aqueles que sabidamente lesaram os cofres públicos brasileiros do que ficar se lamuriando por traições recebidas. Maior traição, porém, sofreremos nós brasileiros pelos desmandos de uns negociatas, travestidos de autoridades.

Por tudo isso, os milhões de brasileiros saúdam o advento da Nova República, que certamente há de coibir abusos e tentar recuperar o dinheiro que essa minoria de maus brasileiros furtou do povo.

* O autor é fazendeiro e dirigente sindical.

○ NELORISTA DO MÊS

Mais de meio século de dedicação ao melhor Nelore

Os srs. Lúcio e Sérgio Costa, pai e filho, iniciaram há dois anos um trabalho de seleção de Nelore padrão, a partir do plantel levado da Fazenda Nova Índia, de Barretos. Com esse plantel e agregando outros reprodutores e matrizes e usando sêmen de touros POI, de pedigree limpo, de origem conhecida e respeitada, os dois criadores dão continuidade, em Campo Grande, MS, a um trabalho de seleção de Nelore com a marca Nova Índia, prosseguindo uma tradição que já tem mais de três quartos de século. É a quarta geração de uma família de selecionadores cuja história se confunde com a própria evolução do Nelore no país.

O INÍCIO

Lastreados pela tradição familiar e pela busca incessante da perfeição, os criadores Lúcio Costa e Sérgio Costa, pai e filho, na Fazenda Nova Índia, em Campo Grande, MS, há dois anos, vêm produzindo o que há de melhor em Nelore POI no país. Esse trabalho já é uma tradição familiar, cuja história já passa de três quartos de século e iniciada em 1901 por Veríssimo Alves Costa. O trabalho teve prosseguimento com o filho Veríssimo Costa Júnior (Nenê Costa), que ajudou a consolidar o trabalho do pai e sobretudo tornar a marca do plantel Nelore da Fazenda Nova Índia famosa no país inteiro. E continua agora com Lúcio Costa e Sérgio Costa, que herdaram, além do gado, o critério de seleção e gosto em produzir animais de qualidades excepcionais, das gerações anteriores.

Veríssimo Alves Costa iniciou o trabalho numa fase heróica, quando ainda a seleção era uma prática incipiente. Além do pioneirismo e uma visão de futuro extraordinário,



O sr. Roberto Marinho e esposa visitam a Nova Índia, onde são recepcionados pelo sr. Lúcio Costa.

Veríssimo Alves Costa enfrentava outro problema: o gado indiano, naquela época, não possuía o prestígio e fama que ostenta hoje. Mais do que isso, era olhado com desdém — era considerado um bicho do mato e uma raça inferior. Mas ele prosseguiu e lutou contra as adversidades.

O Veríssimo Costa Júnior prosseguiu no trabalho de seleção, quando o preconceito contra o Nelore, sobretudo em São Paulo, era forte. Não desistiu e em 1944 conseguiu vencer a resistência dos paulistas, estabelecendo-se em Barretos, onde comprou a Fazenda São Sebastião. Trouxe os produtos Nelore da cria-



O sr. Lúcio Costa e o garoto "Tirumalas" em frente à sede da Fazenda Nova Índia.

ção do cunhado Francisco José de Carvalho, como registra o zootecnista Alberto Alves Santiago, em seu livro "O Nelore".

Era um dos primeiros plantéis da raça branca introduzida na região, segundo Santiago. Ali, antes de Veríssimo Costa Júnior, predominava a engorda de gado nas invernações. Para aumentar o plantel e aperfeiçoar a seleção, Nenê Costa foi buscar reprodutores e matrizes de criadores famosos como Teodoro Eduardo Duvivier, Durval Menezes e Octávio Machado. Deste lote, destacaram os excepcionais raçadores "Notável" e "Faro".

Como o plantel estava aumentando, ele adquiriu em 1961 a Fazenda São Geraldo, para onde transferiu todo o gado — já bastante melhorado com a aquisição de animais de alto nível racial. Em 1962, viajou para a Índia, integrando o grupo de criadores que realizou a famosa importação de Nelore POI, que ficou em quarentena na ilha de Fernando de Noronha, como registra Santiago.

Na divisão dos lotes, coube-lhe os touros "Taj Mahal", "Everest" e "Kazvadi" e 17 fêmeas, a mais no-

tável a "Cora", que gerou ótimos reprodutores. Foi nessa época que mudou o nome da Fazenda São Geraldo para Nova Índia. Não foi apenas uma troca de nome: ali se iniciava uma nova fase de seleção de Nelore.

A introdução de animais importados contribuiu ainda mais para aperfeiçoar o rebanho, tanto no aspecto da caracterização racial como no desenvolvimento ponderal. Em 1982, o selecionador vendeu todo o plantel de Nelore PO, conservando apenas os Nelore Mocho e Nelore POI:

150 fêmeas e 5 touros escolhidos e descendentes dos animais importados. Criador e negociante muito ativo, Veríssimo Costa Júnior estava sempre comprando lotes de gado puro, segundo Alberto Alves Santiago, apartando os melhores e revendendo o restante. Assim, com justiça, recebeu na Exposição Nacional de Uberaba a Medalha de Mérito Pecuário. Foi decisiva sua contribuição para o melhoramento do Nelore no Brasil e sobretudo pela abertura de novos núcleos de criação e seleção da raça branco-cinza.



Parte das instalações da Nova Índia.

A MARCA "NOVA ÍNDIA"

Assim, o sucesso da marca "Nova Índia" vem sendo mantido ao longo desde século. A Fazenda Nova Índia, além de introduzir técnicas de criação, manejo e seleção, foi a primeira a trazer animais POI da raça Nelore Importado, diretamente da Índia, para Barretos.

Veríssimo Costa Júnior agora dedica-se apenas à seleção de Nelore Mocho em Barretos. Há dois anos, Lúcio e Sérgio transferiram o plantel de Nelore padrão da Nova Índia de Barretos para a Fazenda Nova Índia de Campo Grande. Ali, além dos raçadores excepcionais, levados de Barretos e adquiridos de outros criadores tradicionais, Lúcio e Sérgio estão fazendo, também, a inseminação artificial. "Mas a inseminação é levada a extremo rigor", como diz Lúcio Costa. Para fazer novos cruzamentos e com eles obter os melhores resultados, Lúcio e Sérgio costumam trocar idéias com os criadores de larga experiência: o pai Nenê Costa, Torres Homem, Pylades Prata Tibery, Adyr do Carmo Leonel e o braço direito da Fazenda, o sr. Dico. "Utilizamos sêmen de outras linhagens. Mas têm que ser POI e de pedigree limpo", destaca Lúcio Costa.



No 1.º Leilão Nova Índia, em outubro de 1984, presença marcante de criadores.

O MANEJO

Além disso, no manejo da criação, Lúcio e Sérgio costumam ser rigorosos. Toda a matriz, coberta, é observada. Caso em 90 dias após a inseminação não confirmar a prenhez é observada isoladamente. Caso a caso é analisado. E se houver a permanência da infertilidade após outras tentativas e providências a vaca é descartada do plantel.

Os bezerros, ao nascer, têm o umbigo desinfetado. Após a cicatrização, passa para tratamento nos cur-

rais, método que permite o acompanhamento do desenvolvimento de cada bezerro. Após 60 dias, as crias recebem ração duas vezes ao dia e permanecem nos currais até às 17 horas, até completarem seis meses, quando inicia o processo de desmame. No caso de algum bezerro apresentar defeito físico ou genético é, também, eliminado do plantel. Com este cuidado, o índice de mortalidade durante o ano de 1984 foi de zero.

Para prosseguir mantendo esses índices significativos, além do tratamento específico, é feita uma revisão periódica a cada 15 dias das crias — trabalho acompanhado por um veterinário. De acordo com Lúcio Costa, o manejo sanitário preventivo é o mais econômico e eficiente. Para conseguir esse sucesso, tanto na seleção como no manejo, Lúcio e Sérgio contam com o trabalho inestimável do gerente geral da Fazenda, o sr. Carlito Piazza, o inseminador e vaqueiro-chefe, Marcos, seu irmão José, que é o zeloso tratador dos animais e Arley, o médico-veterinário. "É um trabalho de família, a exemplo da Holanda, onde determinados plantéis são considerados patrimônio nacional", costuma dizer Lúcio Costa. Cada morador casado dispõe de uma casa confortável e bem mobiliada e os solteiros são alojados em apartamentos. "Eles são importantes para o sucesso do nosso trabalho", diz o criador.



Da esquerda para a direita: o criador Fernando Brasileiro, amigo particular da família, Nenê Costa e Lúcio Costa.

O PLANTEL

O plantel atual da Fazenda Nova Índia, de Campo Grande, MS, é de 260 animais POI. Os animais mais notáveis do plantel da Nova Índia são: "Taj Mahal", importado pelo sr. Nene Costa; "Taj Mahal III da Nova Índia", "Marajá da Nova Índia". Mais os mais novos expoentes são os touros "Tirumalas da Nova Índia" e "Have Mahal da Nova Índia", este em coleta de sêmen na Lagoa da Serra.

O notável reprodutor "Marajá da Nova Índia", 7 vezes Campeão Nacional e Bi-campeão Internacional da Expoinel, em Goiânia e Campo Grande, permanece na Fazenda Nova Índia, em Campo Grande, MS. Das crias, 50% são retidas para reserva da Fazenda e o resto é levado a leilão. Para vender esses animais, a Fazenda Nova Índia criou um leilão próprio, o primeiro realizado em outubro do ano passado — e com muito sucesso. O segundo leilão da Nova Índia já está marcado para 1985: será no dia 12 de outubro, no "tattersall" construído exclusivamente para as vendas da Nova Índia.

Além dos leilões, a Fazenda Nova Índia participará de exposições de Uberaba, Presidente Prudente, Goiâ-



Encarregados do gado da Fazenda Nova Índia, José e Marcos, junto às instalações.

nia e Campo Grande. A Fazenda Nova Índia, para agilizar a seleção, está promovendo o próprio controle ponderal, independentemente do realizado pela ABCZ.

Mas, apesar do sucesso, Lúcio Costa não deixa de demonstrar uma ponta de preocupação com o futuro da pecuária nacional. Isso porque, de acordo com ele, existe um erro crucial na política para a pecuária e sobretudo na exportação de carne bovina, que pode levar o país a perder o mercado interno e o externo. Lembra que o consumo in-

terno, que já foi de 30,4 kg "per capita", caiu para 10,3 kg. Em sua opinião, o método de exportação de carne deveria ser mudada. "Deveria adotar o mesmo método do café. O produto de primeira qualidade deveria ser exportado e vendido, e a carne de segunda no mercado interno deveria ser vendida a preços mais baixos". "Com isso, o preço da carne seria compatível com o poder aquisitivo da população", diz ele. "Se continuarmos com essa política poderá advir uma crise na pecuária nacional", alerta.

FAZENDA PROGRESSO - Andradina - SP

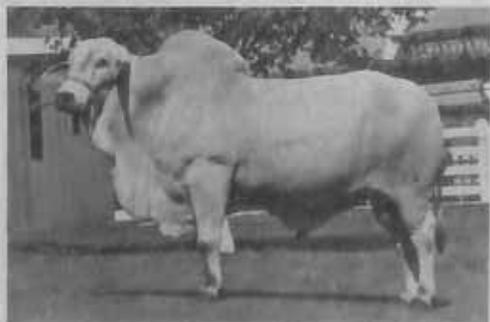
OSWALDO MITSUO FUJIWARA E OUTROS

End.: Caixa Postal 145 - Fone (0187) 22-1329 - CEP 16900 - ANDRADINA - SP

CF
MARCA

**CRIAÇÃO E SELEÇÃO
DE TABAPUÃ
E NELORE**

SEMEN A CARGO
DA LAGOA DA SERRA



VINCULO DA PROGRESSO
Reg. 2064 - Peso: 1.080 kg

O FAZENDEIRO DO MÊS

Nelore, 50 anos de seleção da Fazenda Bela Olinda, em Paranaíba, MS

A família Lopes Cançado mantém nas três propriedades localizadas nos municípios de Paranaíba e Aparecida do Taboado, no Estado do Mato Grosso do Sul, uma belíssima variedade de raças de bovinos e eqüinos, entre elas Nelore Padrão, Nelore Mocho, Nelore variedade Pelagem, Búfalos Jafarabadi e Murrah, Mangalarga Marchador, Jumento Pega e cavalos Piquira.

NELORE, O OBJETIVO PRINCIPAL

Pioneiro na exploração da pecuária em Mato Grosso do Sul e o primeiro a introduzir neste Estado o sangue Zebu, Walmir Lopes Cançado, hoje com 69 anos de idade, dedica-se ao trabalho de seleção de animais há exatamente meio século. Seu filho, Piragybe Lopes Cançado, o segue no trabalho há 26 anos. Os netos — Torres Homem Cunha Cançado e Walmir José Cunha Cançado — mostram quedas pelo trabalho do pai e avô.

O sr. Walmir Lopes Cançado fincou a primeira bandeira da pecuária e do zebu em Mato Grosso do Sul em 1940 — época que ainda ninguém pensava em penetrar nessa região. Assim, com uma antecedência de quase meio século, visualizou no Estado do Mato Grosso, o chão fértil para a exploração seletiva de bovinos Nelore. Hoje, quase meio século depois do seu ato de pionei-

rismo, o Estado do Mato Grosso do Sul ostenta um dos melhores rebanhos de corte do país.

O sr. Walmir Lopes Cançado estabeleceu-se no município de Paranaíba e lá permanece até hoje. Há 46 anos, iniciou a formação da Fazenda



Piragybe Lopes Cançado e sua filha Maria Carla Cunha Cançado exibem a Taça da grande campeã em Uberaba/77 — "Lucina".

Olinda, com 700 alqueires de terras. E há 26 anos formou a Fazenda Café, no município de Aparecida do Taboado, vizinho de Paranaíba, com 120 alqueires. Posteriormente, comprou outra fazenda, a Maria das Dores, também de 120 alqueires. O



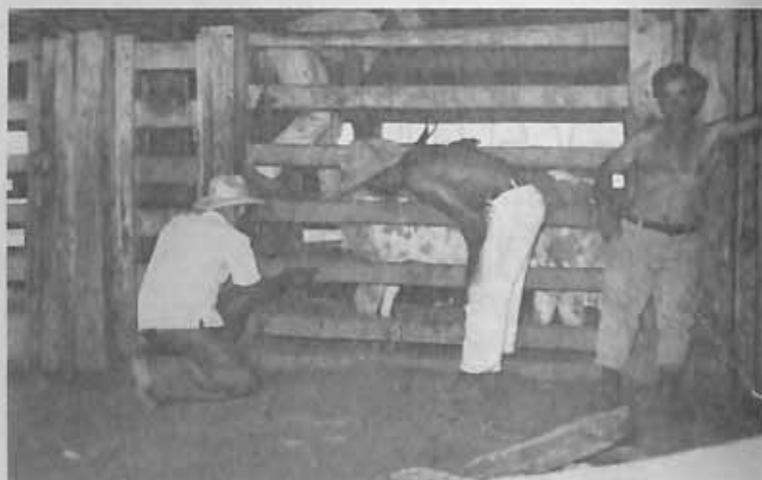
trabalho sempre foi acompanhado pelo filho Piragybe, cujo gosto pela pecuária revelou-se ainda menino. Essa precocidade tornou-se útil. Piragybe prossegue o trabalho com a mesma seriedade e entusiasmo do pai: administra as três fazendas, mantendo o controle da empresa a partir dos escritórios de Paranaíba e Uberaba.

Na Fazenda Bela Olinda, a família Lopes Cançado dedica-se à criação do Nelore padrão e também aos búfalos Jafarabadi e Murrá, Nelore Mocho, cavalos Mangalarga Marchador, Jumento Pega e Piquira, onde os animais são mantidos apenas no pasto, formado com capim Pangola, Brachiarão, Colônião, Jaraguá e a grama Estrela.

NELORE, VARIEDADE PELAGENS

Mas, além do pioneirismo da exploração da pecuária no Mato Grosso do Sul, a família notabiliza-se por outro feito: há 26 anos está selecionando em Aparecida do Taboado, o Nelore variedade de Pelagens Preto e Branco e também, o Nelore variedade de Pelagens Vermelho e Branco, em Paranaíba. Esses animais originam-se dos lotes que vieram junto às primeiras importações da Índia em 1920, de acordo com os dados registrados pela Associação Brasileira dos Criadores de Zebu.

São variedades praticamente iguais ao do Nelore Padrão. A ori-



Pai — Sr. Walmir Lopes Cançado

gem dessa variedade está na linhagem Ongole e apresenta como única diferença: as fêmeas são mais leiteiras — características que são fundamentais na alimentação, sem suplemento, das crias. Com isso, dispensam a necessidade de mantenças de vacas leiteiras de outras origens para fornecer leite às crias. Os srs. Walmir Lopes Cançado e Piragybe Lopes Cançado mostram-se entusiasmados com as duas variedades de Nelore — o Vermelho e Branco e o Preto e Branco. Foram os primeiros a selecionar as variedades pelagens no Brasil, apesar de o Ministério da Agricultura não admitir na época, o registro. Essa persistên-

cia, porém, foi recompensada: depois de 26 anos, graças ao esforço da Associação Brasileira de Criadores de Zebu, o Ministério da Agricultura autorizou o registro de Nelore Variedades Pelagens.

REGISTRO

Em 1984, a Associação Brasileira de Criadores de Zebu, autorizado pelo Ministério da Agricultura, procedeu o registro de 172 fêmeas e 2 machos, variedade Preto e Branco e 120 da variedade Vermelho e Branco. Para isso, uma comissão de técnicos da ABCZ, chefiada por Arnaldo Manuel de Souza Machado Borges, visitou as Fazenda Café e Maria das Dores. Os técnicos reconheceram notáveis qualidades das matrizes, sobretudo a boa formação de úberes e produção leiteira. Na opinião dos técnicos, todo o plantel da variedade Pelagem apresenta nítidas características raciais e excelente constituição econômica. Assim, depois de 26 anos, o trabalho de seleção era reconhecido oficialmente.

Para formar o atual plantel de 300 animais da raça Nelore, variedade Pelagens Vermelho e Branco, e Preto e Branco utilizou o Touro "Labi-rinto" POI, descendente de Ghunamu POI, que era filho do famoso reprodutor Karvadi, irmã de Amhedabad. Hoje, matrizes e reprodutores da



Filho — Piragybe Lopes Cançado



Neto — Torres Homem Caçado

variedade pelagens estão espalhados por vários rebanhos no país e com o registro finalmente concedido pelo Ministério da Agricultura deixam de ser apenas curiosidade. Antes mesmo de a ABCZ promover o registro desses animais e mesmo eles sendo encarados como curiosidade, os srs. Walmir e Piragybe preferiram encarar a seleção dessas variedades pelo critério que orienta o melhoramento de qualquer raça bovina. Assim, nesses últimos anos, o trabalho de seleção dessas variedades contou sempre com o suporte de um controle ponderal de todos os animais — procurando fazer emergir nelas boa fertilidade, rusticidade e precocidade.

CRITÉRIO DE SELEÇÃO

O trabalho de seleção de bovinos, de qualquer variedade, busca, sempre, produzir reprodutores e matrizes de ótimas qualidades. Essa seriedade consolidou a fama dos animais que saem dos rebanhos da família Lopes Caçado.

NELORE PADRÃO

Na Fazenda Bela Olinda, existem 300 animais Nelore padrão, PO e POI, todos registrados, além de três reprodutores — Pathavirân, Sultão Fur e Piuzan da Bela Olinda, este, atualmente, em coleta de sêmen da central de inseminação da Funda-

ção Bradesco Pecplan. Do rebanho de Nelore padrão, vários animais se destacam: os touros campeões Piuzan da Bela Olinda, Campeão e Grande Campeão Nacional e as vacas, igualmente campeãs, Lucinda, Freguesia, Igesa, Gerisa, Jorra, Osmia, Invernada, Inscricão, Solapa e Atitlan; a estrela mais brilhante do plantel, campeã nacional da Expoinel de Uberlândia em 1984 e grande campeã da Exposição Agropecuária de Ponta Porã em 1984, além de outros títulos amealhados em exposições.

Uma das principais preocupações dos criadores é produzir animais férteis. Os srs. Walmir e Piragybe dão tanto valor para esse item que a beleza ou mesmo títulos amealhados não são suficientes para salvar algumas vacas do plantel do descarte, caso não revele fertilidade desejada. Da mesma forma, procedem com os touros: só são selecionados os que possuem bom desenvolvimento ponderal e reproduzirem bem.

A INSEMINAÇÃO ARTIFICIAL

Em seus plantéis, a família utiliza intensamente inseminação artificial, que considera o mais prático e econômico. A inseminação é feita de forma criteriosa: antes de se decidir por qual sêmen utilizar, os criadores fazem um estudo minucioso do touro doador e decidem pelo

que pode melhorar efetivamente o plantel.

O método utilizado é de rodízio: um ano com inseminação artificial e outro com monta natural. Fêmeas que não forem cobertas após a segunda aplicação é colocada para cobertura em monta natural. Com esse método, os resultados são excelentes. O manejo sanitário e o fornecimento da alimentação são cuidados considerados indispensáveis pelos criadores para o sucesso da seleção. Com as pastagens localizadas privilegiadamente às margens do Rio Paranaíba, a disponibilidade de capim é grande. Assim, os animais são mantidos apenas a pasto. Com o registro dos Nelore variedades pelagens no ano passado, os criadores estão submetendo esses animais ao controle ponderal da ABCZ, fazendo, assim, uma avaliação oficial e autorizada pelo Ministério da Agricultura, já que o controle feito internamente servia apenas para orientar o trabalho de seleção.

BÚFALOS

Além do Zebu, a família Lopes Caçado também foi a pioneira na introdução de búfalos no Estado. Possui hoje um bom plantel das raças Jafarabadi e Murrah. A Fazenda utiliza as fêmeas para a exploração leiteira: em regime de pasto e a média de produção alcança 7 litros/dia. Em razão disso, os srs. Walmir e Piragybe vendem toda a produção de crias da Fazenda como reprodutores e matrizes para criadores da região. Os animais são registrados.

MANGALARGA MARCHADOR

Para suprir a necessidade da fazenda, a família, também, começou a criar cavalos. Optou-se pelo Mangalarga Marchador, por sua aptidão para o trabalho na Fazenda. Inicialmente introduzido para suprir necessidade, a Fazenda Bela Olinda já ostenta um dos melhores plantéis da raça no Estado, graças ao trabalho de melhoramento de sua seleção. E a procura por reprodutores e matrizes, todos registrados, é intensa no Mato Grosso do Sul.



Neto — Walmir José Cançado

JUMENTOS PEGA E CAVALOS PIQUIRA

Da mesma forma, também, iniciou a criação do jumento Pega, há 30 anos, quando ainda esta raça não tinha valor comercial. Hoje, tem um plantel de 18 fêmeas e um jumento. Selecionado com seriedade, a Fazenda conseguiu formar jumentos Pega bem caracterizados e bem formados. Com isso, as vendas são asseguradas antecipadamente até as crias na barriga. Outro exemplo de seleção da Fazenda Bela Olinda é o

plantel de cavalos Piquira. São 20 fêmeas e 1 reprodutor, filho do Crioulo de Passatempo: o Violão.

LEILÃO E EXPOSIÇÃO

Os srs. Walmir e Piragybe Lopes Cançado procuram sempre participar de exposições e leilões. "Além de mostrar o seu produto, é nas exposições e leilões que nós entramos em contato com novos criadores, com quem podemos trocar idéias e experiências", justifica Piragybe. O mais importante leilão que a família

participa é o de Campo Verde da Uberlândia.

EMPREGADOS

Na Fazenda, também merecem atenção os empregados: são ao todo 500, todos em regime de CLT. Todos eles moram nas propriedades e os casados dispõem de casas padronizadas e confortáveis. "Sem ajuda desse pessoal seria impossível fazer o trabalho que estamos fazendo", diz Piragybe. Dentre os muitos colaboradores, o criador destaca o gerente da fazenda, sr. José Barbosa de Sousa, os gerentes do escritório de Paranaíba, srs. Célio Braz de Freitas e Edvar Resende da Silva, e do escritório de Uberaba, o sr. Hermes Batitucci, além do tratador Benedito Leite Castro.

POLÍTICA DA PECUÁRIA DE CORTE

O sr. Piragybe mostra-se apreensivo com os rumos da pecuária de corte. "É preciso rever o atual sistema de mercados e política de preços ao consumidor", diz ele. "Hoje, um trabalhador assalariado não pode comprar carne para sua família nem uma vez por semana. Mesmo a classe média está reduzindo o consumo de carnes e derivados, em razão da queda do seu poder aquisitivo, provocada pela inflação", explica. "A pecuária de corte mostra um decréscimo nos últimos anos. A continuar neste ritmo, a retração do consumo pode provocar uma crise na pecuária nacional mais acentuada e curtíssimo prazo", alerta Piragybe.



Lote de Nelora Preto e Branco



Lote de Búfalos

3.^a
EDIÇÃO
Revisão e aumentada

MANGALARGA - E O CAVALO DE SELA BRASILEIRO

DR. FAUSTO SIMÕES



O cavalo e o homem.
O cavalo Mangalarga. Troncos formadores da raça. Aptidões do cavalo Mangalarga. Estado atual da seleção. O Mangalarga e o tipo universal do cavalo de sela. Índices ideais para o cavalo de sela. O que os árabes nos transmitem.

Quanto ao padrão do Mangalarga. Sobre os aprumos.

As taras. Dos andamentos. Defeitos mais frequentes na raça Mangalarga.

Compensações de defeitos. Pelagens, manchas e particularidades. Associação Brasileira de Criadores de Cavalos da Raça Mangalarga.

As raças formadoras do Mangalarga. Os núcleos atuais que mais influência mantêm sobre a raça. O Mangalarga,

O Marchador Mineiro e as demais raças eqüinas nacionais.

Avaliação dos eqüinos. O plantel da Fazenda Santa Virgínia e os métodos seletivos empregados.

O que a hereditariedade nos ensina. Equitação simplificada. O cavalo de sela, essa máquina animal. Cuidados com

a criação. A doma. Concurso e Provas Eqüestres (para o cavalo de trabalho).

O novo padrão da raça Mangalarga. A remota influência de raças exóticas na formação do Mangalarga.

A influência das reprodutoras na definição da raça Mangalarga. As provas funcionais

para garanhões da A.B.C.C.R.M.. Seleção melhoradora. Bibliografia.

Volume encadernado e com sobrecapa a cores

À venda ou pedidos à

EDITORA DOS CRIADORES LTDA. — Rua Venâncio Aires, 31 — CEP 05024 — São Paulo

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES DE CAVALOS DA RAÇA MANGALARGA

Av. Conde Francisco Matarazzo, 445 — São Paulo — SP

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES — Rua Jaguaribe, 634 — São Paulo — SP

Livrarias da Capital e do Interior



Encosta semeada através da hidrosemeadura.

Hidro-semeadura na Formação de Pastagens

Eng.º Agr.º GASTÃO MORAES DA
SILVEIRA

A aração, gradagem, distribuição de corretivos, semeadura, adubação e combate aos predadores são as fases mais importantes na formação de uma pastagem, que a cada dia que passa vem sendo considerada como uma cultura tão exigente como as demais e que requer os mesmos cuidados dispensados ao café, trigo, soja etc.

A operação de plantio quase sempre vem acompanhada de adubação, podendo ser efetuadas juntas ou separadamente. Nas operações de plantio e de fertilização, procura-se atingir três objetivos: a necessidade de reposição ou elevação da

fertilidade do solo, principalmente no que diz respeito ao fósforo; importância da utilização de sementes de valor cultural reconhecido e mudas tanto colmos como estolões com boas gemas de brotação isentas de doença; a conveniência da utilização de máquinas para o plantio.

Atualmente no mercado temos máquinas para o plantio de mudas quer sejam colmos como estolões e sementes. As primeiras são conhecidas como plantadeiras de capins ou plantadeiras de mudas forrageiras, as outras como semeadeiras-adubadeiras de pasto.

As espécies que se multiplicam por colmos, como é o caso do capim napier, ou estolões pangola, são plantadas em sulcos espaçados de até 0,80 a 1,00 m. As plantadeiras de capins executam quatro operações de uma só vez: sulca, planta, cobre e compacta a terra. A adubação é normalmente realizada antes do plantio, sendo o fertilizante distribuído em linha ou a lança. Na distribuição em linha as máquinas aplicam os adubos e corretivos em filetes contínuos na superfície do solo. Na distribuição a lança, as máquinas têm como órgãos ativos um disco distribuidor pendular ou um disco rotativo com aletas.



Detalha do distribuidor de sementes.

O espaçamento empregado nos plantios mecanizados de sementes está ao redor de 20 cm entre linhas, utilizando-se as semeadeiras adubadeiras de pastos. As máquinas que enterram as sementes e o adubo promovem a compactação do solo antes e depois da queda dos produtos, existindo dois tipos básicos: as que tem um só depósito para o adubo e a semente e as que possuem depósitos separados.

As semeadeiras-adubadeiras de linhas conjugadas, utilizadas na semeadura de trigo, arroz, centeio, linho, alfafa, também podem ser utilizadas com sementes de forrageiras ou capins diversos. Neste tipo de equipamento, o mecanismo distribuidor forma um só conjunto para todas as linhas, posicionando as sementes no solo, muito próximas uma das outras.

Todos estes equipamentos têm uma capacidade de trabalho que é limitado em função da largura de operação e velocidade de deslocamento. Normalmente, a largura de trabalho é restrita. Outro problema destes equipamentos é quando se procura fazer a semeadura e adubação em uma única operação, sendo limitada pelo tipo de adubo se em pó ou granulado, e umidade deste adubo. Adubos em pó e mesmo granulados quando úmidos dificultam muito a operação de plantio e adubação, que ao lado da pequena

largura de trabalho dão pequeno rendimento. No caso do uso de sementes, estes problemas poderão ser evitados com o uso da hidro-semeadura.

O PROCESSO DE HIDRO-SEMEADURA

Foi introduzido em nossas condições para semear as áreas laterais de nossas principais rodovias como a Imigrantes, Bandeirantes, Trabalhadores e alguns trechos da Castelo Branco. Quando da construção destas estradas grandes áreas laterais às pistas e mesmo entre as pistas ficaram desnudas necessitan-

do de uma proteção vegetal, usando-se para isto gramíneas e leguminosas.

Devido a diversidade de condições de trabalho, toda a faixa foi dividida em três partes: a primeira que englobava a área entre as pistas e próxima delas, mais planas e portanto mais semelhantes às pastagens; a segunda formada por taludes mais inclinados ao redor de 45°, mais difíceis de serem trabalhados; e a terceira, mais distante e próxima à divisa com os lindeiros, que recebia menores cuidados.

Na primeira área, o preparo do solo era feito com o uso de grade com 36 discos, sendo os dianteiros recortados e os traseiros lisos, uso de arado subsolador, em locais de solos mais duros, ou enxada rotativa em terrenos menos compactados. Os solos em geral tinham pH 4,2, sendo a correção feita através da aplicação de calcário a lanço. Já na adubação empregava-se lixo tratado proveniente da cidade de São Paulo.

Na semeadura das áreas mais favoráveis, utilizava-se gramíneas como o azevém, de germinação rápida (7 dias), na quantidade de 100 kg/ha. Nos taludes de corte, leguminosas a 120 kg/ha mais gramínea anual 25 kg/ha, dando um total de 145 kg/ha. Nos taludes de aterro, leguminosas a 70 kg/ha, mais gramínea anual a 35 kg/ha e gramínea



Tanque 10.000 l com equipamento especial para distribuição das sementes.

perene a 35 kg/ha, perfazendo os mesmos 145 kg/ha.

No tratamento das sementes de leguminosas, procedia-se ao uso de goma arábica pura, solução a 45%, mais inoculante específico, também em solução de 45%. Assim para cada quilo de semente, empregava-se 100 cc de goma arábica; 40 gr de inoculante e 24 gr de calcáreo dolomítico.

Nas áreas planas empregavam-se 80 kg de semente, 3,20 kg de inoculante e 8 litros de goma arábica pura. Já nos taludes de corte aos 145 kg/ha misturava-se 4,8 kg de inoculante e 12 litros de goma arábica pura.

Todos estes produtos eram misturados no tanque de um caminhão pipa e jogados na superfície do solo por meio de uma mangueira. Nos taludes as sementes tinham dificuldade de se fixar ao solo, motivo pelo qual empregava-se a goma arábica como adesivo.

Para germinarem e se desenvolverem, as sementes não poderiam ficar em contacto direto com o sol motivo pelo qual eram cobertas com "mulch". Este poderia ser colocado dentro do tanque juntamente com as sementes inoculante e goma arábica, na proporção de 2,0 litros da mistura incluindo a água por metro quadrado. Outra opção era distribuir ao "mulch" a posteriori e neste caso a proporção era de 1:1 isto é um litro da mistura por metro quadrado. Assim, as quantidades distribuídas variavam de 20.000 a 10.000 litros/ha.

Este foi o sistema utilizado para proteger as encostas das nossas rodovias. O sistema foi copiado do usado nos Estados Unidos, porém adaptado às nossas condições, devido à dificuldade de importação de diversos produtos lá utilizados. Assim, o uso da goma arábica foi uma solução totalmente nacional.

EQUIPAMENTOS

Os equipamentos disponíveis no mercado são os caminhões-pipa e os

distribuidores de esterco líquido adaptados para esta operação. Nos caminhões-pipa o jato é operado e direcionado ao local onde as sementes devem ser colocadas, através de um operador que manobra a mangueira. Para melhor visualizar o local de caída, costuma-se usar corante na água. Assim o adubo e as sementes são colocados no tanque e distribuídos por pressão.

Nos distribuidores de esterco líquido, ao lado do tanque, existe um depósito de semente, que recebe pressão através de uma mangueira vinda do compressor. Assim, a semente do reservatório cai numa corrente de água e é distribuída através de um jato em leque, com uma largura de trabalho de 10 m.

Nas pastagens, as principais forrageiras utilizadas são: Brachiária a 5 ou 6 kg/ha; Jaraguá a 40 - 50 kg/ha; Colômbia de 16 a 20 kg/ha e capim gordura 20 kg/ha. As quantidades são menores do que as usadas em hidro-semeadura em estradas. Entretanto, os especialistas consideram ser a técnica viável para a formação de pastagem, sendo muito mais simples do que a usada em estradas.

Assim, nos caminhões-pipa considera-se razoável uma vazão de 5.000 litros/hectare, indicando-se um uso da quantidade dobrada de sementes quando comparada com as máquinas convencionais. Ganha-se em tempo, porém deve-se usar maior quantidade de semente.

Para terrenos planos, os distribuidores adaptados dão maior rendimento, pois sua largura de trabalho é de 10 metros, podendo substituir de 3 a 4 caminhões-pipa. As sementes, entretanto, deverão ser deslindadas (não ter pelos superficiais), gastando-se ao redor de 30.000 litros de água por hectare. A hidro-semeadura permite homogeneidade na aplicação, permitindo melhor aproveitamento do poder germinativo da semente, que são cobertas com o uso de grades de discos ou dentes fixos.

O berço da marca "F"

125 ANOS
DE CRIAÇÃO E SELEÇÃO
DAS RAÇAS
MANGALARGA MARCHADOR,
CAMPOLINA,
PONEY PIQUIRA E
JUMENTO PEGA

A marca "F" significa
agilidade, comodidade
beleza e resistência



LOTE DE JUMENTOS PEGA



MANGALARGA MARCHADOR

DENTRO DO MESMO PADRÃO E TRADIÇÃO DA MARCA "F" CRIAMOS E VENDEMOS REPRODUTORES BUBALINOS JAFFARABADI E MURRAH, CAPRINOS TOGGENBURG, OVINOS DESLANADOS SANTA INEZ, SUÍNOS PIAU E PASSA TEMPO E CANINOS PILA BRASILEIRO
TELS.: (037) 335-1130 - (031) 224-6493

Fazenda Campo Grande Ltda.

Dir.: Dr. Marcio Andrade

Tels.: (037) 335-1130 e

(031) 224-6493 -

Passa Tempo - MG

GRUPO GERADOR CATERPILLAR. O ÚNICO QUE VOCÊ PODE COMPRAR NO ESCURO.

Pela primeira vez, você encontra Grupos Geradores inteiramente projetados e fabricados dentro das especificações de uma única marca.

E uma coisa precisa ficar bem clara: O Grupo Gerador Caterpillar é totalmente brasileiro. Montado em

um único conjunto compacto e com assistência técnica Caterpillar para todos os

componentes. Você pode comprar até no escuro. Sendo

Caterpillar,

gera confiança.

MOTOR
Caterpillar, a diesel, turboalimentado, de alto desempenho, opera sem perda de potência em altitudes de até 1000 m.



PAINEL DE CONTROLE

Montado no conjunto para maior facilidade de instalação e verificação.

GERADOR

Superdimensionado, com capacidade para dar partida em motores elétricos maiores. Dispensa chave especial de partida.

SEM ESCOVAS

Fornece energia total, sem a necessidade de constantes paradas para manutenção e troca das escovas, não usa luva elástica.

MANCAL ÚNICO

Mantém o alinhamento entre o motor e o gerador, eliminando a necessidade de manutenção, pois não usa luva elástica.

Modelos
Aplicação Contínua 3304 - 106 kVA
3306 - 162 kVA

Emergência
125 kVA
187 kVA



CATERPILLAR

Seu investimento em valores

REVENDEDORES: CATERPILLAR: BAHIA BA-PI-MA-SE • FIGUEIRAS RS-SC • LION SP-MS-MT-AM-AC-RO-PI • MARCOSA CE-RN-PB-PA • PARANÁ PR • SOTREDO RJ-ES-MG-GO-PA-AP-DF

CONJUNTO COMPACTO ONDE TUDO É CATERPILLAR: PROJETO, FABRICAÇÃO E ASSISTÊNCIA TÉCNICA.



Fêmea do Primeiro rebanho NELORE VARIEDADE DE PELAGENS, de cor Pintada de Preto, Registrado no Brasil, de propriedade de WALMIR LOPES CANÇADO — MATO GROSSO DO SUL.

ABCZ NA RC

Na última reunião extraordinária da Comissão da Raça Nelore, do Conselho Deliberativo Técnico da ABCZ, foi aprovado o registro de animais da raça Nelore das pelagens consideradas desclassificantes anteriormente, ou seja, vermelha e suas nuances, malhada ou pintada de vermelho, amarela e suas nuances, malhada ou pintada de amarelo, preta, malhada ou pintada de preto.

Confirmando ponto de vista já manifestado na reunião do Conselho Deliberativo Técnico, realizada em 24 de outubro do ano passado, essas pelagens serão consideradas como variedades e registradas em um único livro. O modo de fazer as alterações no padrão e todos os de-

talhes da parte burocrática foram deixadas a cargo do Departamento Técnico.

No padrão da raça Nelore e sua variedade mocha, no item pelagem, foram feitas as seguintes mudanças:

6.1.a. — Cores Branca e Cinza

Ideais: Branca e cinza, podendo ter diferentes nuances, tais como: prateada e nuvem, com ou sem manchas escuras ou pretas em volta das órbitas e nos joelhos, boletos e quartelas. Os machos poderão ter tonalidade cinza escura na cabeça, pescoço e cupim.

Permissíveis: Nas fêmeas, tonalidade avermelhada na linha dorso-lombar e marrafa. Uma ou outra mancha não muito definida e nem

muito carregada na sua cor, diferente das pelagens ideais.

Que desclassificam: Preta, malhada ou pintada de preto, vermelha e suas nuances, malhada ou pintada de vermelho, amarela e suas nuances, malhada ou pintada de amarelo.

6.1.b. — Cores nas Variedades

Ideais: Preta, malhada ou pintada de preto; vermelha e suas nuances, malhada ou pintada de vermelho; amarela e suas nuances, malhada ou pintada de amarelo.

Que desclassificam: Branca e cinza, prateada e nuvem.

Todos os criadores que possuem animais dessas pelagens, perfeitamente enquadrados no padrão da raça e tiverem interesse em registrá-los, já podem ir tomando suas providências. Já estão sendo providenciadas as cadernetas próprias e esse registro deverá ter início, de modo permanente e contínuo, dentro de muito pouco tempo.

Todos os demais dispositivos regulamentares permanecem inalterados.

Por ter sido o primeiro a solicitar a aprovação do registro das pelagens acima, o criador Walmir Lopes Cançado ficou com o número 01 para macho e fêmea e Paulo Ernesto Alves de Menezes, o segundo a fazer o pedido, com o número 02 também para macho e fêmea. Até o número 20 será destinado aos pioneiros na criação desses animais.

Este é o padrão da raça Nelore, variedade de pelagens, divulgado pelo Conselho Técnico da ABCZ.

Lote de fêmeas do Primeiro rebanho NELORE VARIEDADE DE PELAGENS, de cor Vermelha, registrado no Brasil, de propriedade de PAULO ERNESTO DE MENEZES - RIO DE JANEIRO.

"GUARÁ DA INDIANA BV" RGD n.º 2, primeira fêmea da raça NELORE VARIEDADE DE PELAGENS de cor Vermelha, no instante do registro, quando era marcada pelo Dr. Hilton Telles de Menezes, aparecendo na fotografia o selecionador Paulo Ernesto de Menezes e senhora, Dr. Arnaldo Manuel de Souza Machado Borges, Diretor do Departamento Técnico da ABCZ e funcionários da fazenda.



**PADRÃO DA RAÇA NELORE, SUA VARIEDADE MOCHA E VARIEDADE DE PELAGENS
CARACTERÍSTICAS**

NOMENCLATURA	IDEAIS	PERMISSÍVEIS	QUE DESCLASSIFICAM
1.0 — APARÊNCIA GERAL			
1.1 — Estado Geral	Sadio e vigoroso.		
1.2 — Desenvolvimento	Bom, de acordo com a idade.	Médico.	Tamanho e peso reduzidos, em relação à idade.
1.3 — Constituição, Ossatura e Musculatura	Constituição robusta. Ossatura forte. Musculatura compacta e bem distribuída por todo o corpo.		Constituição fraca ou grossalra. Conformação leonina. Má distribuição muscular ou excesso de gordura na carcaça.
1.4 — Masculinidade ou Feminilidade	Bem acentuada, de acordo com o sexo.		Caracteres inversos.
1.5 — Temperamento	Ativo e dócil.		Nervoso ou brevíssimo.
2.0 — CABEÇA			
2.1 — Aparência Geral	De largura e comprimento médios, e, vista de frente, em forma de abóbada.		Desproporcional e assimétrica. Prognatismo ou inbntismo.
2.2 — Perfil	Sub-convexo.	Retilíneo nas fêmeas.	Côncavo. Retilíneo nos machos.
2.3 — Frente	Seca e descarnada, largura média, podendo ser mais estreita, nas fêmeas. Apresenta, na linha média do crânio, no sentido longitudinal, uma depressão alongada, (goteira), que pode ser menos profunda.	Pequena crista óssea (nimbure).	Larga (junto à base dos chifres). Crista óssea (nimbure) exagerada.
2.4 — Chanfro	Reito, curto e largo, nos machos. Mais comprido e estreito, nas fêmeas.		Desvio. Depressão. Convexidade (escarificado). Excessivamente comprido e estreito.
2.5 — Focinho	Preço e largo, com narinas dilatadas e bem afastadas.	Parcialmente marmorizado, Lambida.	Grande predominância de coloração clara. Líbio leporino.
2.6 — Olhos	Preços. Elípticos. Órbitas ligeiramente salientes. Protegidos nos touros, por rugas da pele na pálpebra superior. Cílios pretos. Olhar vivo.	"Galeados". Cílios mesclados.	Exofalémicos (saltados). Cílios brancos ou avermelhados.
2.7 — Orelhas	Curtas, com simetria entre os bordos superior e inferior, terminando em ponta de lança, com as faces internas do pavilhão voltadas para a frente. Movimentação viva.	Médias. Bordos inferior e superior, assimétricos.	Excessivamente pesadas. Faces internas voltadas para a cara. Pontas arredondadas ou voltadas para trás.
2.8 — Chifres	Curtos, firmes, de cor escura, de forma cônica, mais grossos na base; achatados e de seção oval; de superfície rugosa e estrias longitudinais. Nascem para cima, acompanhando o perfil, bem implantados na linha da marrafe, assamalhando-se, a dois paus fincados, simetricamente, no crânio. Com o crescimento, podem dirigir-se para fora, para trás e para cima, ou curvando-se, às vezes, para trás e para baixo ou para os lados e para baixo. Na Variedade Mocha: ausência completa de chifres.	Móveis. Rajados de branco. Assimétricos. Com pontas ligeiramente curvadas para a frente, desde que sejam curtas, de seção oval, cônicas e achatadas. Nas fêmeas, podem se apresentar em forma de lira estreita e alongada, não convergentes nas pontas. Na Variedade Mocha: rede-molinho de pelos e "celo".	Redondos, lisos e pontesagudos. Em forma de lira ou excessivamente longos, nos machos. Na Variedade Mocha: presença de chifres, botoques ou qualquer sinal de cirurgia.
3.0 — PESCOÇO E CORPO			
3.1 — Pescoço	Médio. Linha superior ligeiramente oblíqua. Bem musculoso e com implantação harmônica ao tronco. Mais delgado nas fêmeas.		Excessivamente curto e grosso. Excessivamente longo e fino.
3.2 — Barbela	Começa debaixo do maxilar inferior, prolongando-se até o umbigo, ao qual é ligada. Mais abundante e progredida, nos machos.	Desenvolvimento médio.	Reduzida.
3.3 — Pélto	Bem largo, com boa cobertura muscular.		Estreito.
3.4 — Cupim ou Giba	Bem implantada sobre a cernelha, desenvolvida, em forma de rim ou castanha de caju, apoiando-se sobre o dorso, nos machos. Mais reduzida e menos caracterizada, quanto à forma e apoio, nas fêmeas.	Ligeiramente inclinado. Pequenas reentrâncias laterais.	Pouco desenvolvido. Adiantado. Redonda, nos machos. Excessivamente inclinado, tombado e/ou qualquer sinal de plástica corretiva.

NOMENCLATURA	IDEAIS	PERMISSÍVEIS	QUE DESCLASSIFICAM
3.5 — Linha Dorsal-Lombar	Larga, reta e tendendo para a horizontal, harmonizadamente ligada à garupa, apresentando boa cobertura muscular.	Levemente inclinada.	Presença de lordose, cifose ou escoliose.
3.6 — Ancas e Garupa	Anças bem afastadas e no mesmo nível, moderadamente salientes. Garupa comprida, larga, tendendo para a horizontal; no mesmo nível e unida ao lombo, sem saliências ou depressões, e bem revestida de músculos.		Anças pouco afastada. Demasiadamente salientes. Garupa curta, estreita, caída e pobre de músculos.
3.7 — Sacro	Não saliente, no mesmo nível das ancas.	Ligeiramente saliente.	Muito saliente.
3.8 — Cauda e Vassoura	Cauda com inserção harmoniosa, estendendo-se até a altura dos jarretes. Vassoura preta.	Cauda com inserção pouco saliente. Vassoura mascada, com predominância de pêlos; capa branca reduzida.	Exageradamente comprida e grossa ou com inserção defeituosa. Vassoura branca ou mesclada, com predominância de pêlos brancos. Vassoura avermelhada.
3.9 — Tórax, Costelas, Flancos e Ventriz.	Tórax largo e profundo. Costelas compridas e bem arqueadas, afastadas, com espaços intercostais bem revestidos de músculos, sem depressão atrás das espaldas.		Tórax deprimido (acoletado).
3.10 — Umbigo	Reduzido, proporcional ao desenvolvimento animal.	Médio.	Longo. Qualquer sinal de plástica corretiva.
4.0 — MEMBROS			
4.1 — Membros Anteriores	De comprimento médio, bem musculosos, colocados em retângulo, afastados e bem apurados, com ossatura forte. Espaldas compridas e oblíquas, bem cobertas de músculos, inserindo-se harmoniosamente ao tórax.		Excessivamente longos ou curtos, em desproporção ao corpo. Aprumos defeituosos.
4.2 — Membros Posteriores	De comprimento médio, coxas e pernas largas, com boa cobertura muscular descendo até os jarretes, com culotes bem pronunciados. Pernas bem apuradas e afastadas.		Excessivamente longos ou curtos, em desproporção ao corpo. Excessivamente retos ou curvos e outros defeitos de aprumos. Coxas e nádegas com deficiente formação muscular.
4.3 — Cascos	Preto, médios, lisos, bem conformados e resistentes.		Branco ou rajados.
5.0 — ÓRGÃOS GENITAIS			
5.1 — Bolsa Escrotal e Testículos	Bolsa escrotal constituída por pele fina, flexível e bem pigmentada, contendo dois testículos de desenvolvimento normal.		Criptorquidismo. Monorquidismo. Hipoplasia. Hiperplasia.
5.2 — Bainha	Reduzida, proporcional ao desenvolvimento do animal.	Média.	Excessiva. Qualquer sinal de plástica corretiva.
5.3 — Prepúcio	Racalhido.	Pequeno prolapso.	Relaxado.
5.4 — Úbere e Tetas	Úbere de volume pequeno, recoberto por pele fina e sedosa. Tetas pequenas e bem distribuídas.	Tetas médias.	Úbere penduloso. Tetas grandes e grossas.
5.5 — Vulva	De conformação e desenvolvimento normais.		Atrofiada.
6.0 — PELAGEM			
6.1 — Cor	Cores Branca e Cinza: Branca e cinza, podendo ter diferentes nuances, tais como: pretaeda e nuvem, com ou sem manchas escuras ou pretas em volta das órbitas e nos joelhos, botões e quartelas. Os machos poderão ter tonalidade cinza escura na cabeça, pescoço e cupim. Na Variedade Amarela, Vermelha, Preto e Nuances destas: Preto, malhada ou pintada de preto, vermelha, malhada ou pintada de vermelho, amarela, pintada ou malhada de amarelo.	Nas fêmeas, tonalidade avermelhada na linha dorso-lombar e marrafa. Uma ou outra mancha não muito definida e nem muito carregada na sua cor, diferente das pelagens ideais.	Preto, malhada ou pintada de preto, vermelha, malhada ou pintada de vermelho, amarelo, malhada ou pintada de amarelo.
6.2 — Pêlos	Finos, curtos e sedosos.		
6.3 — Pêlo	Preto ou escuro, solto e flexível, macio e alçado. Réseo no úbero e região inguinal.	Ligeira despigmentação nas partes sombreadas. Transbordamento de pelo raso pouco além das partes sombreadas.	Despigmentação nas partes não sombreadas.

FAZENDA HAVANA

Feira de Santana - Bahia

Criador: Waldomiro Brandão da Silva (Vavá)
Salvador: Rua Santa Catarina n.º 80 — Pituba — Tel.: (071) 248-9474



M-TAJ - VIII <— Taj Importado
 — Bada II POI

Campeão de caracterização na
XIV EXPOINEL 1985 — SALVADOR — BA
Trophéu — Pilades Prata Tibery

VENDA DE SÊMEN
CABANA DA PONTE
FONES: (071) 248-5908 - 248-8069
SALVADOR - BA



21.º LEILÃO MANAH DO MUNDO NOVO

Dia 05 - 07 - 85



Nelore Lemgruber da Fazenda Mundo Novo
Bezerros e Novilhas



MANAH

Informações e Convites



MANAH AGROPASTORIL LTDA.
Escr.: Av. do Anastácio, 740 - 05120 - São Paulo - SP.
Tel: 831 8122
Fda.: SP 235, Km 110 + 200 m. - 17380 - Brotas - SP.
Tel: (0146) 53 1519



HÃSUR MJ - 1945 C-2330
30 meses - 810 kg

Campeão touro jovem na 14.ª ExpoInel
— Salvador (BA) — 1985
Reservado grande campeão



Alberto Laborne Valle Mendes
Fazenda do Sabiá



RODOVIA MG 50, km 267 — FONE: (035) 561-1687 — CAPITÓLIO - MG
AV. JOÃO PINHEIRO, 146 — 18.º — CEP 30000 — (031) 201-4545
BELO HORIZONTE - MG

Marca



Gado Importado

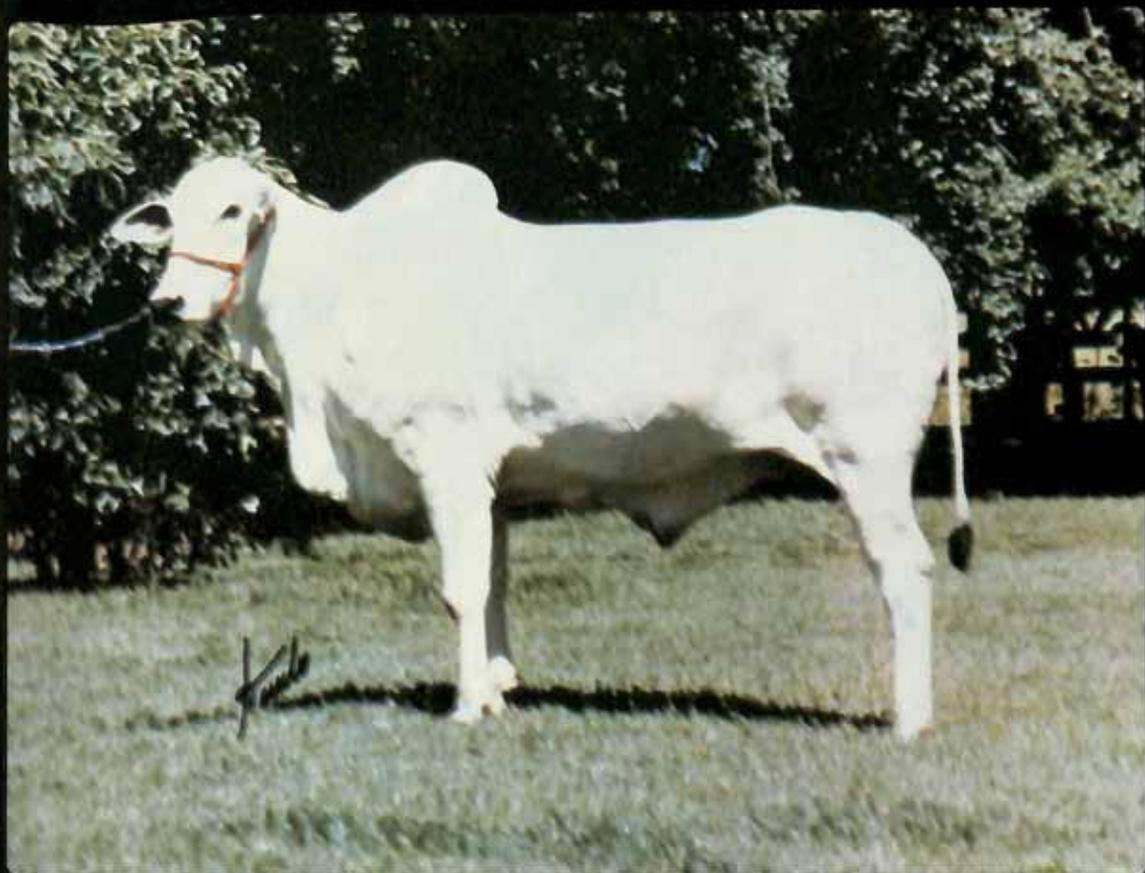
FAZENDA BRUMADO

Marca

F

Rubens de Andrade Carvalho

Rua 18 nº 335 - tels.: (0173) 222-23-66 22-23-95 - Caixa Postal 174 - Barretos - SP



MENASCHE V

Campeã vaca Jovem em Uberaba - 1984

X LEILÃO DO BRUMADO

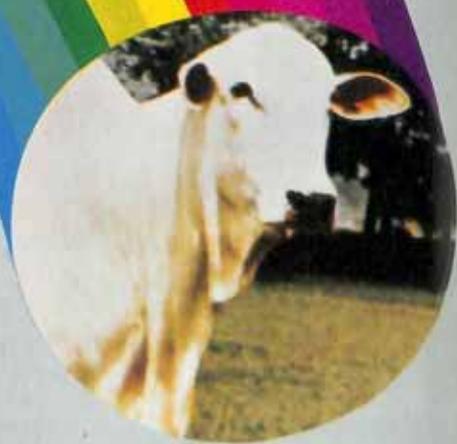
6 de julho de 1985

Barretos - SP



2º LEILÃO

3-B



7 SETEMBRO
SÁBADO-10 h
BARRETOS-SP

FAZENDA BOA VISTA
KM. 417 ROD.SP-BARRETOS

5 PAGAMENTOS SEM JUROS

GERALDO BORDON

OVIDIO MIRANDA BRITO
AGROPASTORIL LTDA.

AGROPECUÁRIA BOA VISTA



REMATE
Rua João Palmete, 301
CEP 05002 - São Paulo - SP
Tel.: (011) 872-1722
Telex: 1123218 RMTF-BR



FAZENDA INDIANA LTDA



Bom no peso
e bom na raça
só NELORE
marca Taça

SUCESORES DE DURVAL GARCIA DE MENEZES
Seleção e Vendas: PAULO ERNESTO ALVES DE MENEZES
Corresp.: Av. Heitor Beltrão, 18 — Tijuca CEP 20550
Fones: 228-7678 — 264-0585 — Rio de Janeiro — RJ

Bom no peso
e bom na raça
só NELORE
marca Taça



Fazenda Indiana exportando para o mundo

- 1923 = Estados Unidos e Argentina
- 1954 = Paraguai
- 1959 = Argentina
- 1977 = Argentina
- 1978 = Argentina
- 1979 = Argentina

Aspectos da exportação para a Bolívia



1985 - Bolívia

Conquistamos o mercado boliviano vendendo Nelore Registrado para a Agropecuária Del Oriente SRL de Santa Cruz de La Sierra — Bolívia. Tal Exposição foi realizada através da Volta — Industrial e Agropecuária Ltda., sendo esta a primeira exportação brasileira realizada para aquele país.

GODAR — ÚLTIMO TOURO IMPORTADO COM SÊMEN À VENDA NA SEMBRA — BARRETOS — SP

6 Touros importados e 12 Touros P.O.I. servem 600 fêmeas P.O. com tradição desde 1918 e 180 fêmeas P.O.I. e importadas.

SELEÇÃO DE NELORE DESDE 1918

5.º NELOPORÃ

MOVIMENTO DE VENDAS

PONTA PORÃ — 13 DE ABRIL DE 1985

EXIMPORÃ AGROPECUÁRIA LTDA.

28 MACHOS PO	Cr\$ 453.000.000	MÉDIA P/ANIMAL —	Cr\$ 16.178.571
18 FÊMEAS PO	Cr\$ 388.000.000	MÉDIA P/ANIMAL —	Cr\$ 38.800.000
20 MACHOS POI	Cr\$ 369.000.000	MÉDIA P/ANIMAL —	Cr\$ 18.450.000
06 FÊMEAS POI	Cr\$ 199.000.000	MÉDIA P/ANIMAL —	Cr\$ 33.166.666
TOTAL GERAL VENDIDO	—	Cr\$ 1.409.000.000	
QUANT. DE ANIMAIS	—	64 (sessenta e quatro)	
MÉDIA POR ANIMAL	—	Cr\$ 22.015.625	

CLAUDIO SABINO CARVALHO

05 MACHOS PO	Cr\$ 88.000.000	MÉDIA P/ANIMAL —	Cr\$ 17.600.000
11 FÊMEAS PO	Cr\$ 99.000.000	MÉDIA P/ANIMAL —	Cr\$ 9.000.000
05 MACHOS POI	Cr\$ 69.000.000	MÉDIA P/ANIMAL —	Cr\$ 13.800.000
TOTAL GERAL VENDIDO	—	Cr\$ 276.000.000	
QUANT. DE ANIMAIS	—	21 (vinte e um)	
MÉDIA P/ANIMAL	—	Cr\$ 12.190.476	

FRANCISCO JOSÉ CARVALHO NETO

13 MACHOS PO	Cr\$ 164.000.000	MÉDIA P/ANIMAL —	Cr\$ 12.615.384
02 MACHOS POI	Cr\$ 110.000.000	MÉDIA P/ANIMAL —	Cr\$ 55.000.000
TOTAL GERAL VENDIDO	—	Cr\$ 274.000.000	
QUANT. DE ANIMAIS	—	15 (quinze)	
MÉDIA P/ANIMAL	—	Cr\$ 18.266.666	

JOAQUIM VICENTE PRATA CUNHA

04 MACHOS PO	Cr\$ 65.000.000	MÉDIA P/ANIMAL —	Cr\$ 16.250.000
05 FÊMEAS PO	Cr\$ 94.000.000	MÉDIA P/ANIMAL —	Cr\$ 18.800.000
TOTAL GERAL VENDIDO	—	Cr\$ 159.000.000	
QUANT. DE ANIMAIS	—	09 (nove)	
MÉDIA P/ANIMAL	—	Cr\$ 17.666.666	

JOSÉ OLAVO BORGES MENDES

01 MACHO PO	Cr\$ 10.000.000	MÉDIA P/ANIMAL —	Cr\$ 10.000.000
05 FÊMEAS PO	Cr\$ 36.000.000	MÉDIA P/ANIMAL —	Cr\$ 7.200.000
04 MACHOS POI	Cr\$ 43.000.000	MÉDIA P/ANIMAL —	Cr\$ 10.750.000
TOTAL GERAL VENDIDO	—	Cr\$ 89.000.000	
QUANT. DE ANIMAIS	—	10 (dez)	
MÉDIA P/ANIMAL	—	Cr\$ 8.900.000	

GUSTAVO ADOLFO PAVEL

03 MACHOS POI	Cr\$ 56.000.000	MÉDIA P/ANIMAL —	Cr\$ 18.666.666
TOTAL GERAL VENDIDO	—	Cr\$ 56.000.000	
QUANT. DE ANIMAIS	—	03 (três)	
MÉDIA P/ANIMAL	—	Cr\$ 18.666.666	

RESUMO GERAL DAS VENDAS

51 MACHOS PO	Cr\$ 780.000.000	MÉDIA POR ANIMAL —	Cr\$ 15.294.117
31 FÊMEAS PO	Cr\$ 617.000.000	MÉDIA POR ANIMAL —	Cr\$ 19.903.225
34 MACHOS POI	Cr\$ 647.000.000	MÉDIA POR ANIMAL —	Cr\$ 17.764.705
06 FÊMEAS POI	Cr\$ 199.000.000	MÉDIA POR ANIMAL —	Cr\$ 33.166.666
TOTAL GERAL VENDIDO	Cr\$ 2.243.000.000		
QUANTIDADE DE ANIMAIS	122 (cento e vinte e dois)		
MÉDIA POR ANIMAL	Cr\$ 18.385.245		

MAIORES COMPRADORES:

1. AGROPECUÁRIA MOTA LTDA.	Cr\$ 331.000.000
2. FAZENDA SANTA MARIA DA TABOÇA	Cr\$ 143.000.000
3. TATUO JOAQUIM TAKAHASHI	Cr\$ 130.000.000

FAZENDA SÃO GERALDO

Prop: Geraldo Ribeiro de Souza

Esc.: Av. Manoel Goulart, 406 - Cx. Postal 349 e 382

Fones: 22.8000 e 33.3726

CEP 19100 - PRESIDENTE PRUDENTE - SP



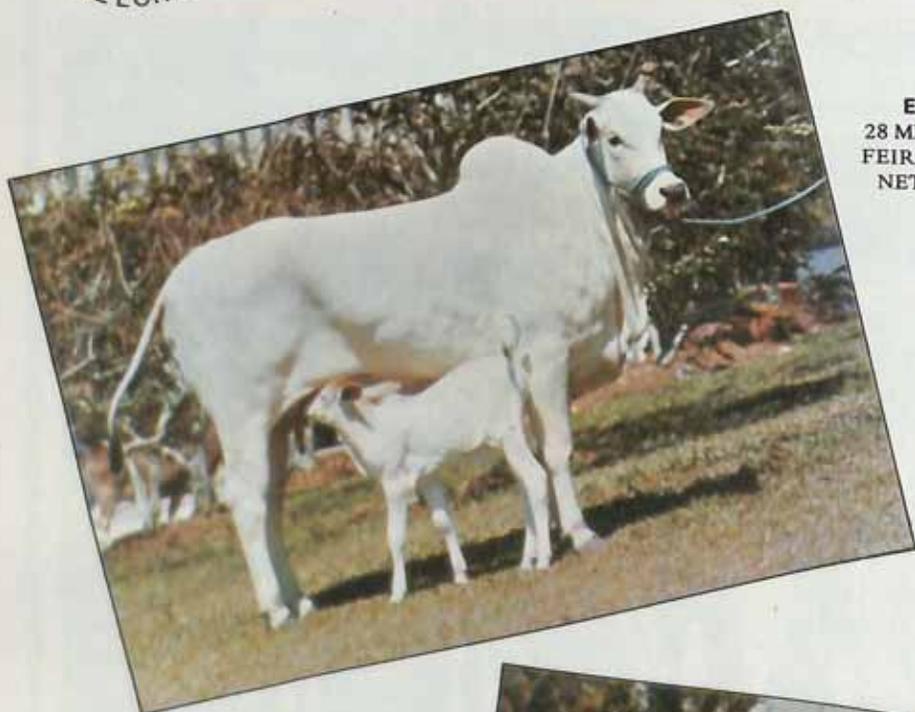
**PARTICIPE DO 1º LEILAO
INTERNACIONAL DO NELORE
MOCHO 26 OUTUBRO DE
1985-10 HORAS - PRESIDENTE
PRUDENTE - SP**



FAZENDA

LUANA

GILENO CALHEIRA



ELEFANTA 451 DA GANDUENSE
28 MESES – CAMPEÃ VACA JOVEM -
FEIRA SANTANA/BA COM A FILHA -
NETA DE JALAM DA ZEBULÂNDIA
AO PÉ.

**MELHOR CONJUNTO PROGÊNIE
DE PAI: JALAM DA ZEBULÂNDIA**
XXXV EXP. ESTADUAL E VII
NACIONAL DE ANIMAIS REALIZADA
EM OUTUBRO/84 – SALVADOR/BA.

**E/D – FANTÁSTICO, EMPADA,
FOLIÃO, FRENÉTICO DA
GANDUENSE.**

RAÇA: JALAM
FERTILIDADE: JALAM
PRECOCIDADE E PESO: JALAM



VENDA DE SEMENTES NA
PICPLAN
BR 050, km 039
Uberlândia - MG

MUNDO NOVO - BA - Km 187/189 da BA 052
Entrar à esquerda sentido Ibiaporã - 7 Km até a Sede,
Escritório: Av. Estados Unidos, 1 - s/311/312
Comércio - Tel.: (071) 242.6068 e 242.4957
40000 - SALVADOR - BA



FAZENDA DA MATA

CRIAÇÃO E ENGORDA



Lote de vacas



Lote de novilhas



Vista de futuros reprodutores da fazenda

Criador: Heitor Penteadado de Mello Peixoto

CAIXA POSTAL 92 — TEL.: (0435) 52-1313
NOVA FÁTIMA — PARANÁ

FAZENDA SÃO GABRIEL



Prop.: Clarice Brito Soares
Castilho - SP

APĀYAMU POI — A nova opção São Gabriel



Excelente exemplar crioula da São Gabriel

PATACA { Amedabad IV { Farz P.O.I.
 { Dunda da S.G. { Camela P.O. da S.G.



APĀYAMU POI — Reg. 3717
Pai: Gangayah P.O.I. do BRUM
Mãe: Cingalza P.O.I. do BRUM
650 kg em atual regime de monta - 31 meses de idade.



Novilhas P.O. filhas de FARZ P.O.I. com prenhez positiva de APĀYAMU.



Da esquerda para a direita — dois belos garrotos crioulos da S.G.: BANDIDO, pai: Iguazu, mãe: Enebroza da S.G., avós maternos: Chumak e Dama da S.G. AGRO, pai: Pakar, mãe: Mudança da S.G., avós maternos, Farz P.O.I. e Difusão da S.G.

Res: Alameda Lorena nº 1057 - apto. 91 - Tel.: (011) 852-67-52 - CEP 01424 - SP
Esc.: Rua 13 de Maio, 943 - Tel.: (065) 421-61-91 - Rondonópolis - MT
Caixa Postal, 72 - CEP 16920 - Castilho - SP



Excelente lote de matrizes P.O. registradas, crioulas da São Gabriel
todas com prenhez positiva de APAYAMU P.O.I.



Lote de garrotes controlados, crioulos da São Gabriel.
Idade: 20 a 24 meses — média 470 a 500 kg em regime de pasto



Matrizes P.O. registrados, crioulos da São Gabriel

FAZENDA DO LAGO

Proprietário: Dr. Henrique Herweg
Rodovia Marechal Rondon, Km 387 - Avai - SP
Fone: (011) 255-1912 SP - em Avai 224



Criação e seleção de gado Nelore

**VENDA PERMANENTE DE
REPRODUTORES**

◀ **NATIVA:** Filha de Precioso TA
Premiada em várias exposições

HARAS HE

Criação de cavalo Quarto de Milha

Venda permanente de produtos
puros e mestiços

Revenues Rebel ▶

importado dos Estados Unidos
um dos garanhões do HarasHE



Uma nova alternativa de Sangue

RASTÃ - O TOURO DO ANO DA MARCA

OB



RASTÃ

1090 Kg.

Filho de Marajá

P.O.I. e Pítia.

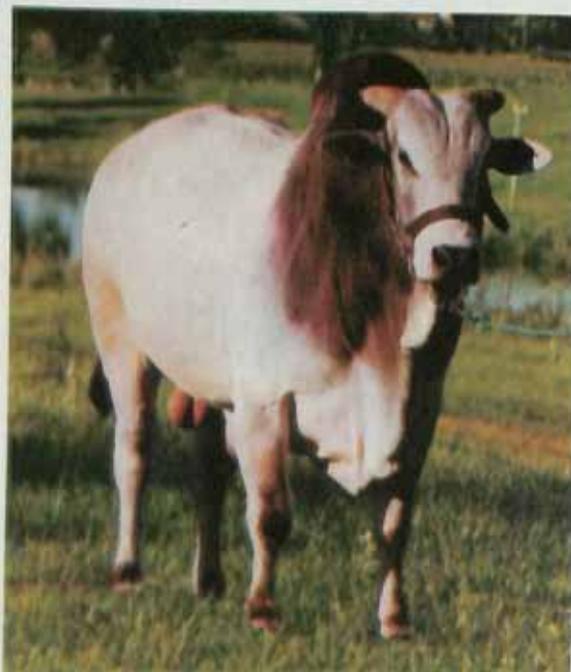
Organização Ovídio Miranda Brito

Fazenda Santa Marina

Fones: São Paulo - 288,5477 e Araçatuba - (0186) 23,5654

SELEÇÃO NELORE

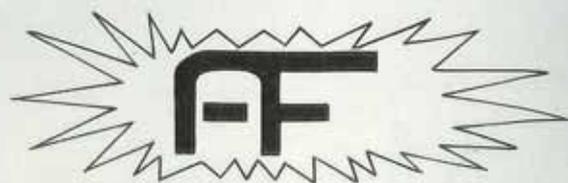
DR. ALBERTO FRANCO DO AMARAL



IMPÉRIO



JACAPU



JANDAÍ



JAMBO

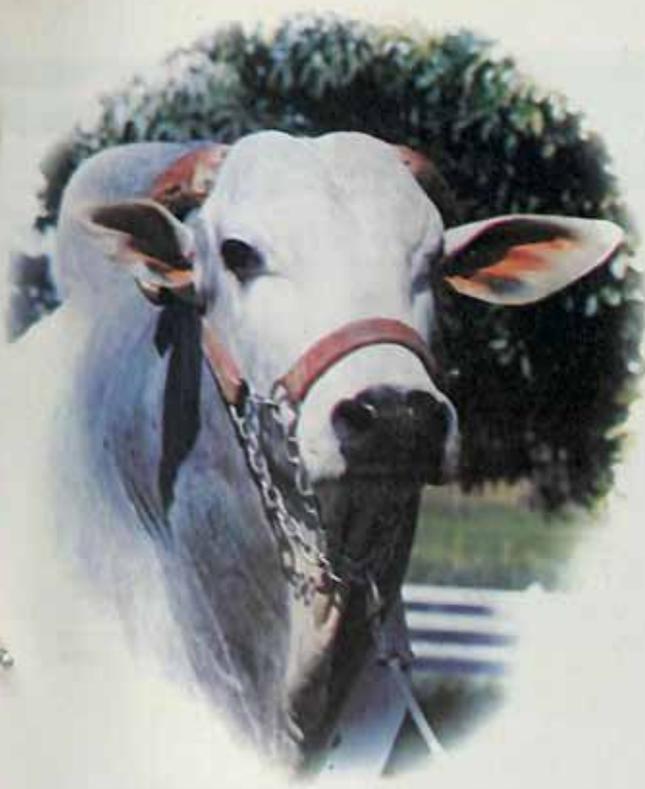
FAZENDINHA NOVA - CHÁCARA RETIRO ALEGRE

RODOVIA MAL. RONDON — KM 544 E 545 — ARAÇATUBA — SP

FAZENDA PLANALTO - COSTA RICA - MS

CORRESPONDÊNCIA: CAIXA POSTAL — 104 E 244 — ARAÇATUBA

FONES: (0186) 23-8090 E 23-3623



Ankai a opção de produção comprovada

Temos à venda 150 produtos filhos de Ankai em ponto de monta

PRODUTOS POI DE TRANSFERÊNCIA DE EMBRIÕES, FILHOS DE ANKAI



Nesta foto vemos um filho e uma filha de ANKAI produtos de transferência de embriões onde pode se comprovar a homogeneidade que este reprodutor imprime em seus filhos.



ATHANI – TE – P.O.I. da Santa Filomena. Exemplar de rara qualidade filha de ANKAI.

FAZENDAS

Prop.: ROBERTO CALMON DE BARROS BARRETO

Resp.-Técnico: Eng. Agr. José Wilson Baião

Fone: 83-1431 e 83-1728 – Cx. Postal 36

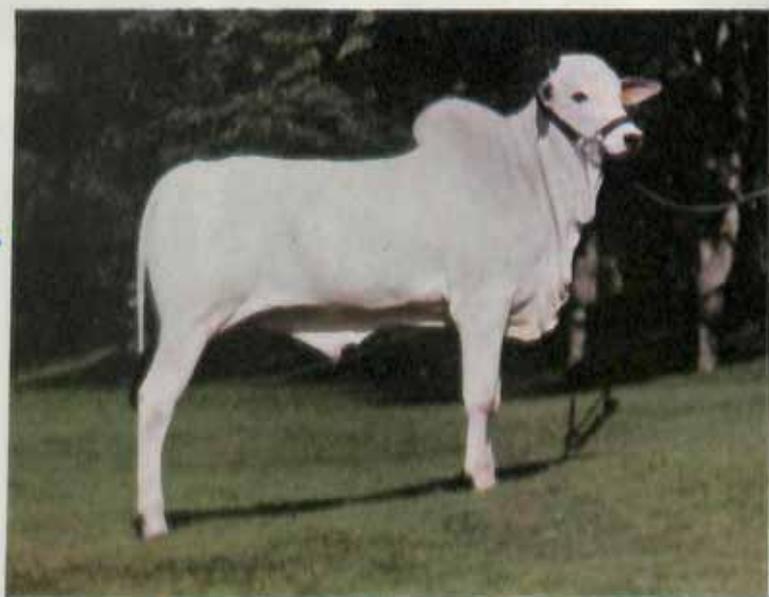
13.600 – DESCALVADO – SP



ESTÂNCIA HARAS PASÁRGADA



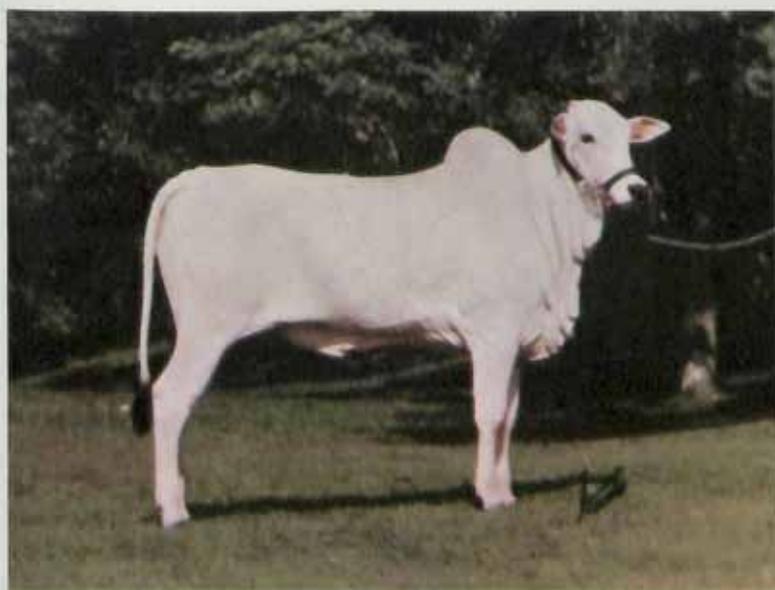
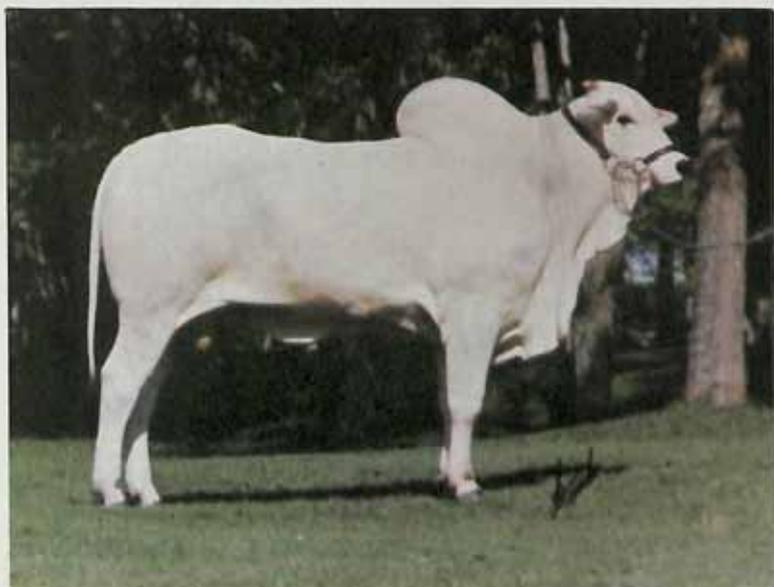
◀ **JABIRU** — Reg. C6650 —
Nasc. 20-1-81 — Peso 950
kg. Pai: Ditador — Reg.
B.6960 — Mãe: Edicada
— Reg. AR 8933. Res.
Campeão Junior em Itape-
tininga 1982 — Campeão
Touro Jovem em Itape-
tininga 1983 — Campeão
Sênior e Grande Campeão
em Itapeitininga 1984.



MAXIXE — Cont. 985
— Peso 440 kg. Nasc. 22-
12-83. Pai: R Taj IV POI
de Prud. Reg. C-484 —
Mãe: Gadanha, Reg. BC
3233.

Proprietário: Geraldo Nóbrega

LEMA — Reg. 7088 —
 Peso 820 kg. Nasc. 10-10-
 82. Pai: Hoder da Sta. Ce-
 cília — Reg. A.1589 —
 Mãe: Falcata — Reg. BC
 3211. Campeão Júnior em
 Itapetininga 1984. Res.
 Campeão Touro Jovem em
 Avaré 1984.



MARIPOSA — Cont. 983
 — Nasc. 07-12-83 — Peso
 360 kg. Pai: Hecusto —
 Reg. C-6178 — Mãe: Ta-
 gua da Indiana — Reg.
 Z 7131.

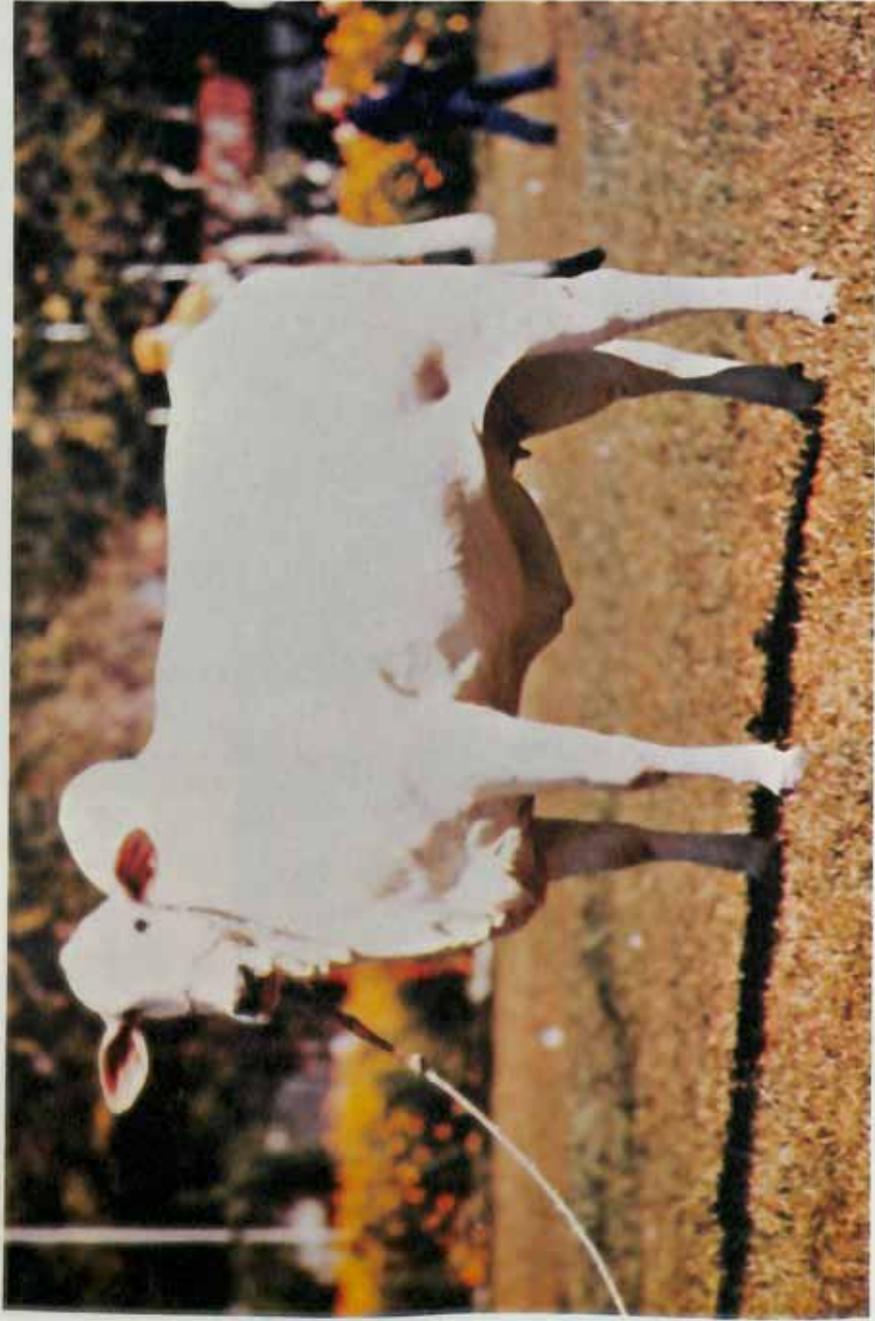
MUNICÍPIO DE CAPELA DO ALTO - EST. DE SÃO PAULO

Saindo da Rodovia Raposo Tavares, depois do km 128, entrar à direita, na Rodovia Desembargador Laurindo Minhoto. O acesso à Pasárgada está no km 1 desta Rodovia.

TEL.: (0152) 67-1178

UR

da RV é qualidade também no mocho

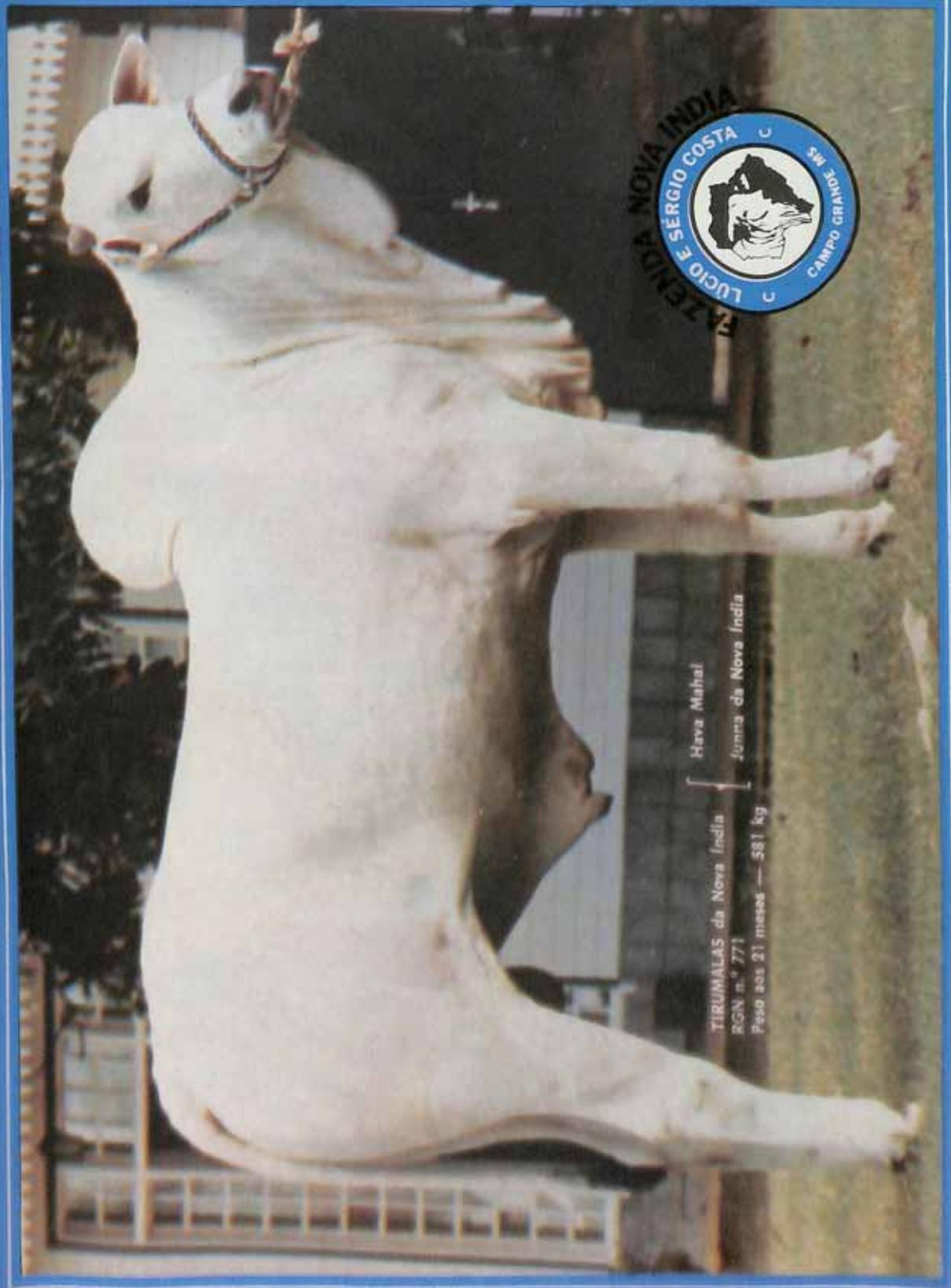


POLIA DA RV

Grande Campeã
da Raça Nelore
variedade mocho
Uberaba - 1983

Joaquim Vicente Prata Cunha
(TETENTE)

Escritório central - Rua Major Eustáquio, 6 - s/703 - Fone: (034) 332-9932 Uberaba-MG



TIRUMALAS da Nova India
RGN n.º 771
Peso aos 21 meses — 581 kg

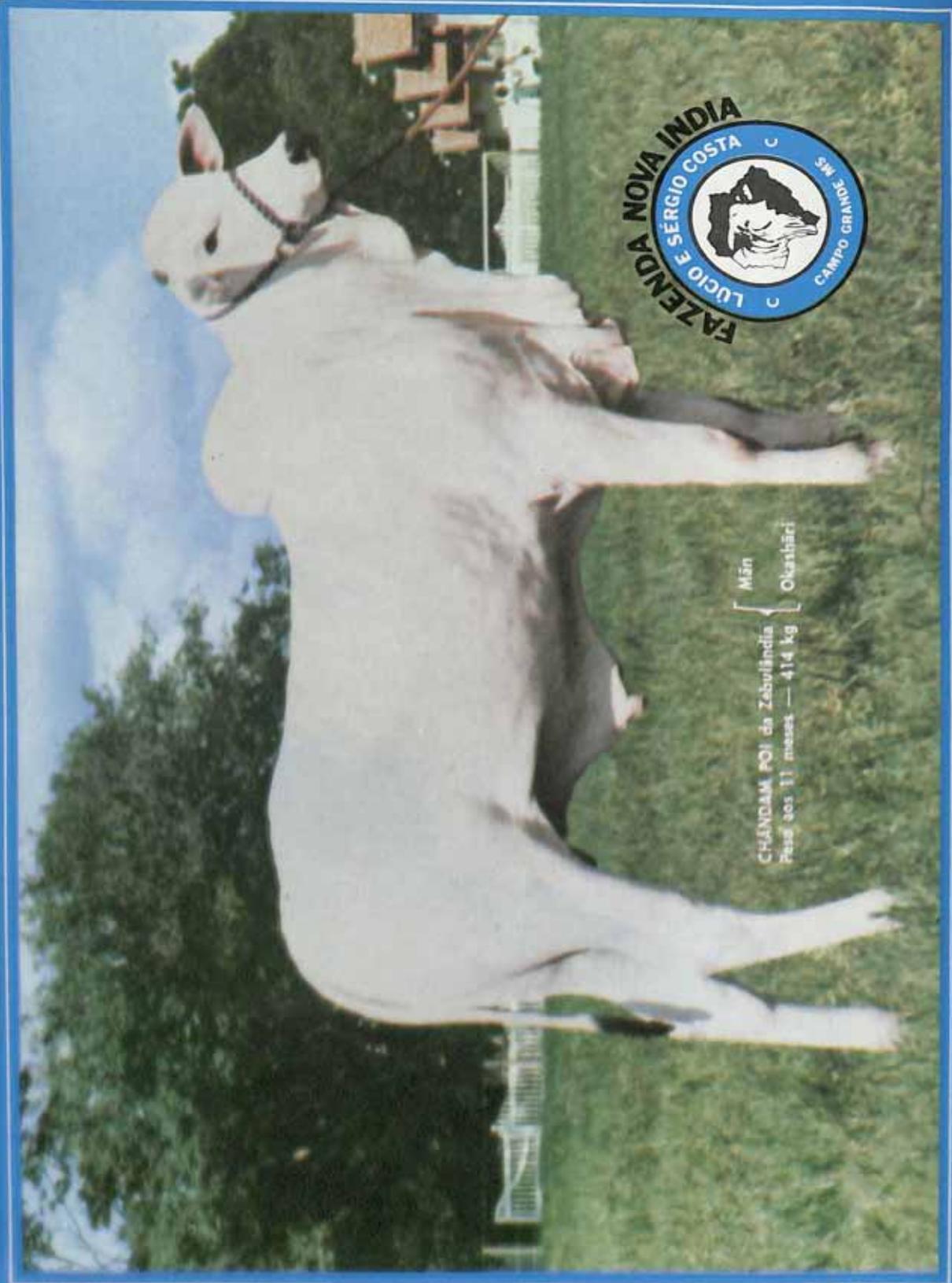
Hava Mahal
Junna da Nova India



CHANDAM POI da ZebuÍndia
Papai aos 11 meses — 414 kg

Mãe

Okashãri





Himalaya do Brumado
Junta da Nova Índia

THAGARD da Nova Índia
RGX 854
Peso aos 10 meses — 336 kg



BR 163 - km 381

Fones: (067) 624-2070
624-9324

Campo Grande - MS

3 filhas de Kora Importada —
irmãs próprias de Taj Mahal I.
Kora deu cria a 19 produtos.



JUNNA, NALA e KUBERA

3 filhas de Marajá

De acordo com a opinião do
Sr. Nenê Costa, estas são as três
melhores vacas do plantel.

Todas filhas de Kora
Importada

Kora II — pai: Taj Im-

portado, Kora III —

pai: Taj Importado,

Kora IV — pai: Taj

Mahal III, Kora V —

Pai: Taj Mahal III e

Kora VI — pai: Marajá



FAZENDA BOI BRANCO

Município — Paragominas - Pará

PROP.: GASTÃO CARVALHO FILHO

End.: Travessa Piedade, 651 — Fones —

224-3063	— Residência	} — BELEM
224-3088	— Escritório	
225-0919	— Escritório	

729-1487 — Escritório — PARAGOMINAS



FANFARRÃO DO BOI BRANCO

Nascimento: 30-11-82

Registro: H 3731

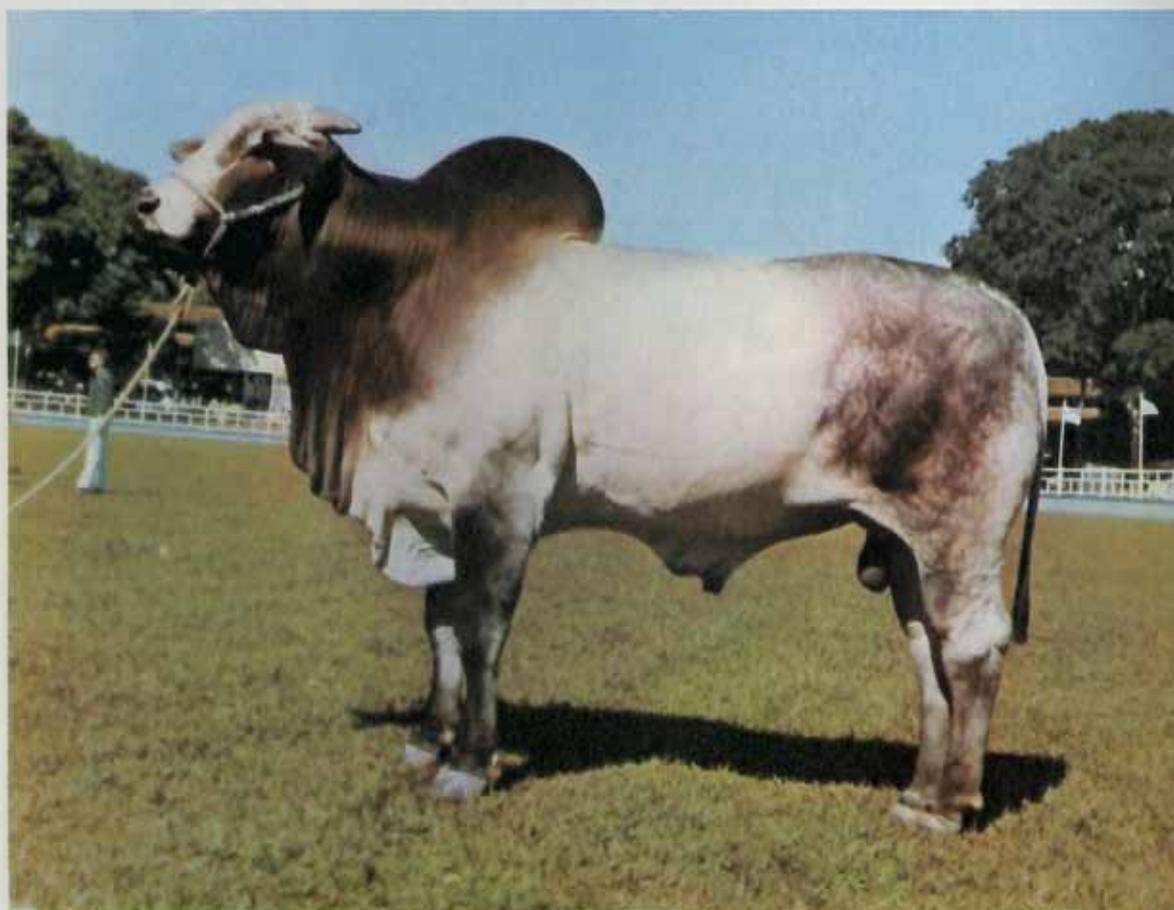
Campeão bezerro em Paragominas 1984

criação e seleção de nelore e nelore variedade mocha

Fazenda Bela Olinda

Paranaíba/MS.
Piragybe Lopes Cançado

AGROPECUÁRIA BELA OLINDA



PIUZAN DA BELA OLINDA

Grande Campeão em Uberaba - 81 = 19 vezes Campeão e 15 vezes Grande Campeão

VENDA DE SÊMEN
A CARGO DA



FAZENDA BELA OLINDA

ESCRITÓRIOS

R. Major Eustáquio, 6 — Ed. Chapadão — 8.º andar — Sala 813
Telefone (034) 332-4960 — CEP 38100 — UBERABA — MG

Rua Antonio Garcia Freitas, 1443
Telefone: 6-1227 — PARANAÍBA — MS

Fazenda Bela Olinda

Paranaíba/MS.
Piragybe Lopes Cançado

AGROPECUÁRIA BELA OLINDA

PLANTEL DE 50 CABECEIRA VERMELHO E BRANCO (NELORE REGISTRADO RECENTEMENTE PELA ABCZ) PARA INÍCIO DE SELEÇÃO NA FAZENDA MARIA DAS DORES DE CASTRO EM PARANAÍBA - MS.



Agropecuária Lopes Cançado Ltda.

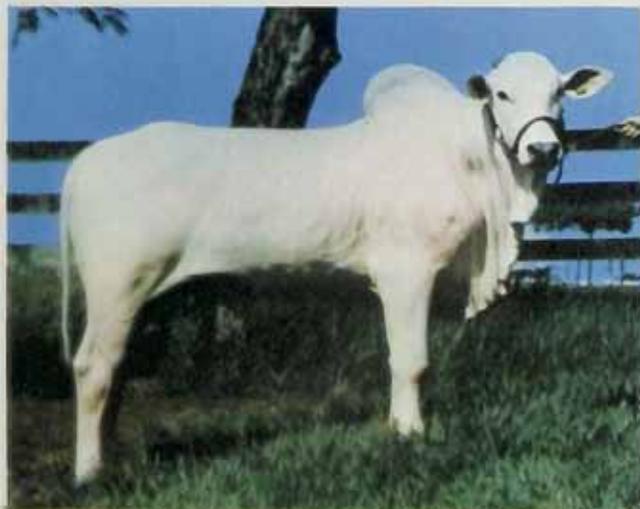
ESCRITÓRIOS:

R. Major Eustáquio, 6 - Ed. Chapadão - 8.º Andar - Sala 813
Telefone: (034) 332-4960 - CEP 38100 - UBERABA - MG.

Rua: Antonio Garcia Freitas, n.º 1.443
Telefone: 6-1227 - PARANAÍBA - MS.

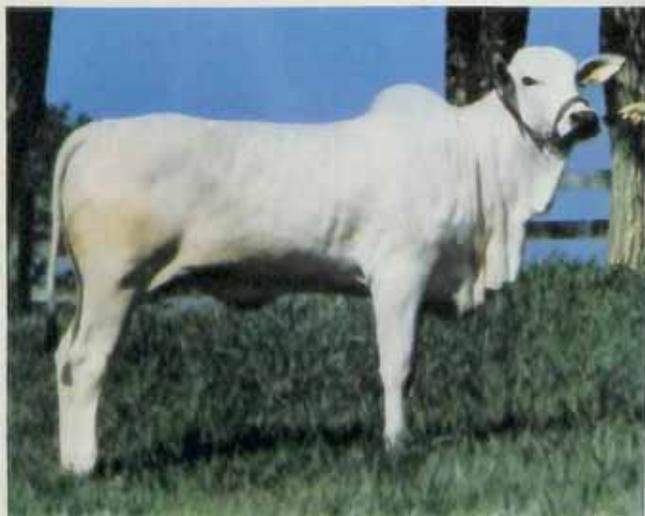
Fazenda Morro Vermelho Ltda.

Apresenta dois excelentes produtos que serão comercializados no
2.º LEILÃO UNIÃO DAS MARCAS
no dia 15 de junho de 1985, no Parque da Água Branca - SP



◀ **LORD da M.V.**
23-07-83
Pai - IZHU
Mãe - ELUKA da M.V

BUTUA - A.V. ▶
16-09-83
Pai - IPRE
Mãe - BUTUA



FAZENDA MORRO VERMELHO LTDA.

Rua Funchal, 160 — tel.: (011) 210-3322 — CEP 04551 — SP
Filial: Rua Edgard Ferraz, 219 — Tel.: 22-2600 — CEP 17.200 — Jaú-SP

VAREDO DA INDIANA

Godar importado — reg. 5763
Clamifa IV Brumado, 57

Es aqui o touro Varedo P.O.I. da Indiana. Trata-se de um notável raçador nelore de comprovada produção e considerado pelos técnicos como um animal de excelente fenotipo e genotipo. Varedo P.O.I. da Indiana é também considerado o touro da raça nelore mais pesado do Brasil, tendo atingido em pesagem oficial a marca de 1.240 quilos.

Este animal é de propriedade da Cia. Agrícola Luiz Zillo e Sobrinhos que oferece permanentemente produtos, filhos deste raçador e de outros de comprovada qualidade. O sêmen do touro Varedo P.O.I. da Indiana, um dos melhores reprodutores da raça nelore, no país, encontra-se à venda na (Lagoa da Serra Central de inseminação artificial — Sertãozinho - SP.

O endereço para compra de bezorros e produtos zebuinos da Cia. Agrícola Luiz Zillo e Sobrinhos é
Fazenda Sto. Antonio do Rio Claro.



Cia. Agrícola Luiz Zillo e Sobrinhos

Faz. Sto. Antonio do Rio Claro - Unesp/ta Paulista - SP - Fone: 63-0903

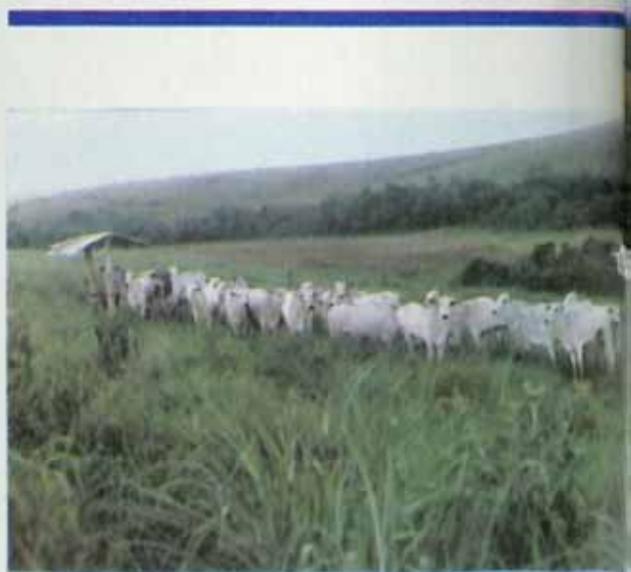
— Seleção de Gado Nelore e Quarto de Milha —

FAZENDA FAVACHO

UMA SELEÇÃO DE 1.^a QUALIDADE...

Prop.: JOSÉ MÁRIO JUNQUEIRA DE AZEVEDO
CRUZÍLIA — SUL DE MINAS - MG

A fazenda Favacho tradicional no município de Cruzília, Sul de Minas, introduziu a raça Nelore naquela região, demonstrando o seu pioneirismo. Além do Nelore, cria também jumento Pega e burros.



RO

A MARCA DOS CAMPEÕES

RO



Dinâmica reg. 4040 nasc. 27/6/83
 Pai: Rampur da Nova Índia
 Mãe: Ordenada
 Campeã bezerra na exposição de
 Barretos - 1984



Piracicaba reg. 4030
 nasc. 29/6/83
 Pai: Hinduppur da Nova Índia
 Mãe: Paciência
 Reservada campeã na exposição de
 Barretos - 1984

Parte do plantel de fêmeas P.O. da linhagem Taj e Chumak



Criação e seleção de Nelore P.O. e cavalos da raça Quarto de Milha

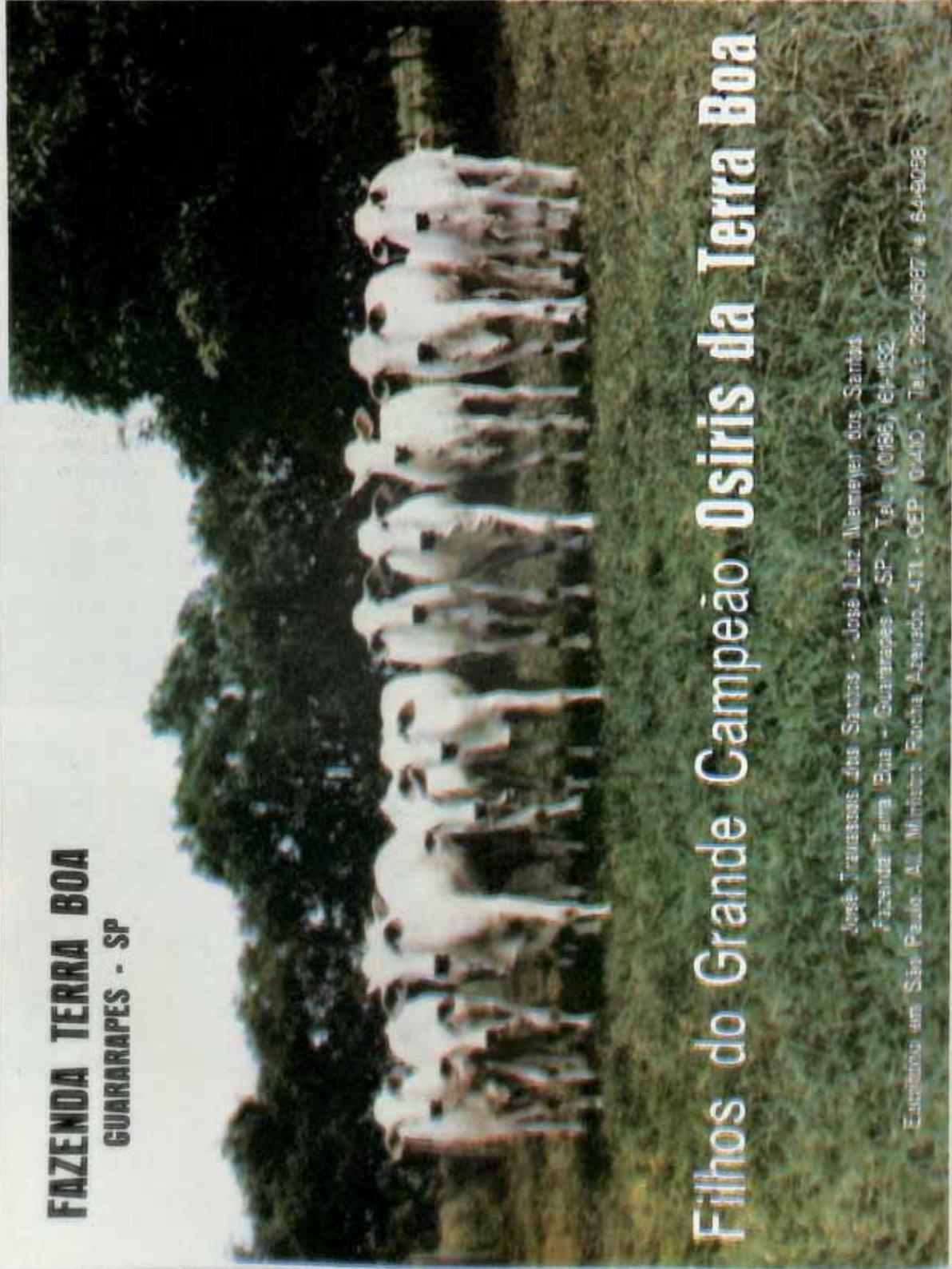
Rodomeu Agropecuária Ltda.

Fazenda Bartira - Município de Piracicaba - São Paulo

End. para correspondência: Av. Dona Jane Conceição n.º 1006

Fone: (0194) 34-2133 — Piracicaba — Est. de São Paulo

FAZENDA TERRA BOA
GUARARAPES - SP

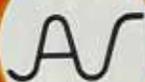


Filhos do Grande Campeão Osiris da Terra Boa

José Traussons dos Santos - José Luiz Menninger dos Santos
Fazenda Terra Boa - Guararapes - SP - Tel.: (01656) 611-1132

Escuro em São Paulo: Al. Ministro Funcha Azevedo, 471 - CEP. 01410 - Tel.: 282-0597 - 64-8098

OS CAMPEÕES DAS TONELADAS



Estância São José

O CELEIRO DOS PESOS-PESADOS.

Manejando o que há de mais fino e apurado no Gir brasileiro, a Estância São José é responsável por boa parte da evolução da nossa pecuária, ao registrar a presença de exemplares de sua criação nos melhores rebanhos do País.

De fato, os animais da São José têm a verdadeira vocação dos campeões pesos-pesados.

Além de grande sensação nas exposições de que participam, conquistando repetidamente os mais importantes e consagradores prêmios, eles vêm obtendo crescente projeção internacional através das inúmeras comitivas de criadores estrangeiros que visitam a São José a fim de conhecer o notável aperfeiçoamento zootécnico do seu plantel.

ISTO É A ESTÂNCIA SÃO JOSÉ:

- * Mais de 400 matrizes Gir registradas, cuja produção tem gerado animais de grande peso e magnífica caracterização racial.
- * Inseminação artificial.
- * Expressiva produção leiteira, graças ao desenvolvimento da dupla aptidão do seu plantel.
- * Venda de matrizes e reprodutores.

HUBÁRIO

Insuperável filho de Ganges (R) e Aleluia (Bey II), alcançou peso superior a 1 tonelada. Campeoníssimo de progênie nas principais exposições de que participou através de sua descendência, em 82/83/84.



IMPERADOR DA SÃO JOSÉ

Notável ganhador de peso, atingiu 982 kg aos 47 meses. Reservado de Grande Campeão em Goiânia e Ribeirão Preto. Grande Campeão em Anápolis, Brasília e São Paulo (1984).



CONFETE (R)

Filho de Goloan e Serpentina, este animal é o perfeito extrato de nobreza racial e o que há de mais fino na linhagem "R".



Em todas exposições que participou reprodutor Hubário confirmado



CONJUNTO DODECACAMPEÃO - Progenie de Pal (Hubário). Um conjunto harmonioso, que exhibe rara conformação e a mais perfeita caracterização racial. Doze vezes campeão nas principais exposições do País, destacando-se Recife (82), Ribeirão Preto e Uberlândia (83), bi Uberaba (83/84), bi Goiânia (83/84), Anápolis, Brasília e São Paulo (84).

ESTÂNCIA
São José



ZORIANA - 12 vezes campeã nacional



JANDIRA - 8 vezes campeã nacional

iciparam os filhos do grande am a extirpe Gir da São José.



ROZANA - 3ª extraordinária filha de Wagagante. Várias
filhas com peso



HEMAS DA SÃO JOSÉ - filha de Rudolfo. Altos e
com peso - 43 meses, 670 kg, com 210 de pé



JUREMA - Ganges e Cabana Boy



DALIA - excepcionalíssima filha de Jurema - um
dos melhores ventres da São José



DELATINA - filha de Ganges e Rosário, mãe de
Maurício - extraordinária vaca e a melhor descendente
da São José

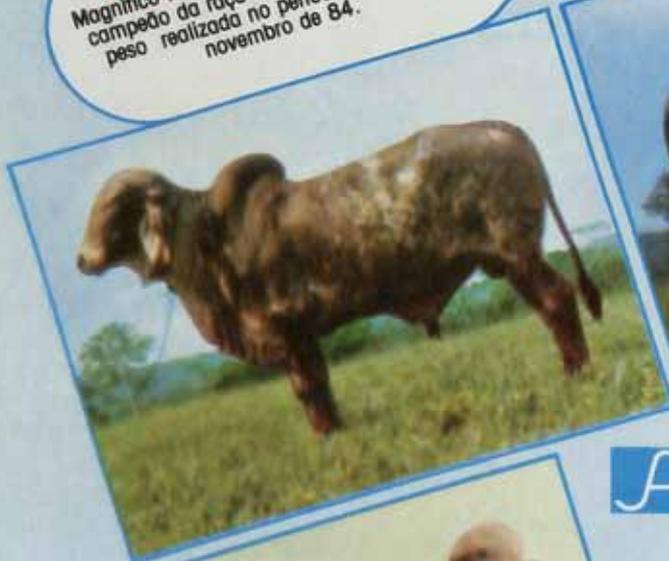


EMEREA - Extraordinária filha de Gorr.



3 animais da Elite da São José que participarão do Grande Leilão de Elite Nacional da Raça Gir, a realizar-se em Uberaba no dia 2 de maio de 85.

MAGNÍFICO DA SÃO JOSÉ
Magnífico filho de Imperador da São José, campeão da raça na prova de ganho de peso realizada no período de junho a novembro de 84.



MAGIA DA SÃO JOSÉ
Sensação das principais exposições que participou em 1984, que em 85 estará concorrendo nas pistas e em seguida oferecida no Leilão de Elite.



LEGENDA DA SÃO JOSÉ
Extraordinário filho de Hubário, da seleção reserva da São José.



ESTÂNCIA
São José

Rodovia GO-3 - Km 30 - Trindade - Goiás
Correspondência: Av. Independência, 3392 -
Centro - Telex: (062) 223-7341 e 225-7100 -
Rev. 224-1878 - CEP 74.000 - Goiânia - Goiás

Criador: **ALBERTO PEREIRA NUNES FILHO** - Cinco vezes classificado como o melhor expositor nas 6 mostras de que participou em 1984. Troféu "Melhor Expositor" em Goiânia, Anápolis, Brasília, Ribeirão Preto e São Paulo.



1.º LEILÃO F.S.

FAUSTO SIMÕES

35 anos de seleção Mangalarga

28 de maio 20:00 h
Tattersal do Jockey Clube de São Paulo

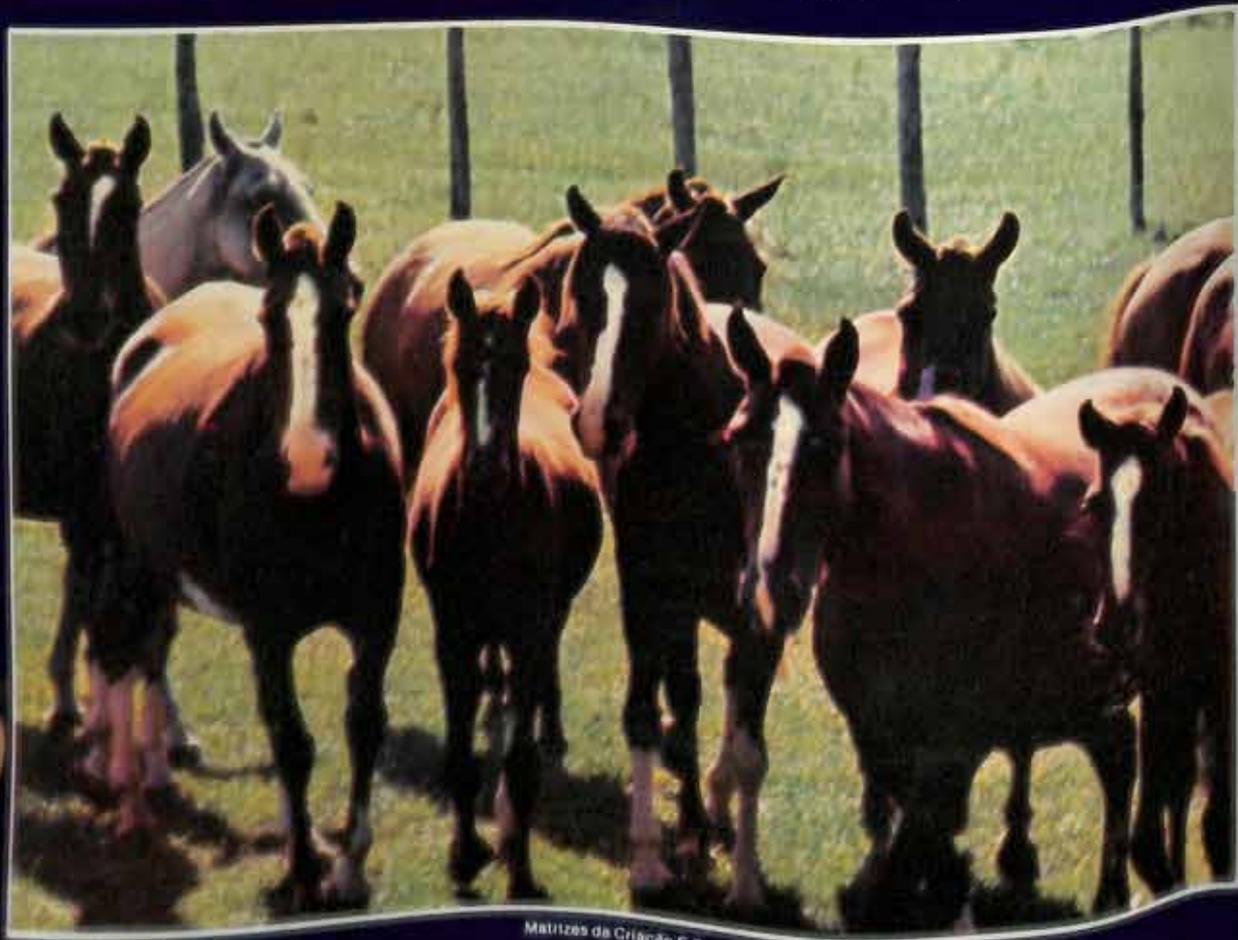


Durango



Trovador F.S.

Fausto Simões, hipólogo e estudioso da raça Mangalarga, há 35 anos vem selecionando seu plantel, fazendo da marca FS uma linhagem com características marcantes, dentro da raça. Fausto Simões e seus convidados estarão vendendo no I Leilão FS, dia 28 de maio, 20:00 h, no Tattersal do Jockey Club, excepcionais exemplares da linhagem FS. Veja alguns animais que serão leiloados: descendentes dos garanhões Durango e Trovador F.S. (foto acima).



Mãezes da Criação F.S.

VEJA AQUI A ORDEM DE ENTRADA DOS ANIMAIS NESTE LEILÃO.

PROPRIETÁRIO	ANIMAL	PAI	MÃE	SEXO	DATA NASC.
FAUSTO SIMÕES	CEREJA F.S.	TROVADOR F.S.	VEDETE F.S.	F	22.11.78
AGENOR SIMÕES NETO	MALAGUETA DA CABREUVA	BACARÁ F.S.	GUARITA DA CABREUVA	F	28.08.82
PAULO COSTA	NINFÁ P.C.	HEBREU P.C.	GRÉCIA P.C.	F	06.02.82
STEFANO CESARI	ALELUIA DO PINHEIRO	CAJU	JAMAICA DO-RE-SI	F	11.10.77
CLODDALDO ANTONANGELO	LINDOIA G.A.M.	VINAGRE F.S.	BRAHMA G.A.M.	F	28.03.81
RAIMUNDO NONATO DINIZ	MARATONA DE COROADOS	BACARÁ F.S.	NORMANDA	F	14.05.82
ALÍPIO MARQUES	SHALIMAR DE CARELÚ	PUITÁ V.A.	ESPONJA DE CARELÚ	M	02.12.82
GERALDO F.º E ALFREDO CASTRO	CAMÉLIA DA LUPA	BARBANTE	TORRADA DA LUPA	F	28.09.83
JOÃO HAUDENSCHILD	MINERVA TRÊS ESTRELAS	CARUZO MANGALARGA	CZARDA	F	24.02.84
FAUSTO SIMÕES	ZAIRA E.M.	BACARÁ F.S.	RESSACA E.M.	F	15.09.83
NILSON ANTUNES	DESTINO DO HARAS PEDRINA	TROVADOR F.S.	UBERABA DA NATA	M	02.11.82
STEFANO CESARI	FUTURA D'ESTE	DANUBIO F.S.	DAMA R.S.	F	29.10.83
RAIMUNDO NONATO DINIZ	OLINDA DE COROADOS	JOGRAL COROADOS	FILADELFIA P.C.	F	25.06.84
LUIZ FLEURY	CAVIUNA DE SUD-MENNUCCI	TROVADOR F.S.	ZURRAPA F.S.	F	15.09.82
GABRIEL PENTEADO MORAES	TAIPÁ G.M.	ENIGMA	GAROTA G.M.	M	21.12.81
ALÍPIO MARQUES	MARIANA DE CARELÚ	ENIGMA	OSSANHA F.S.	F	31.07.77
RODRIGO SIMÕES	CAMARIM R.O.S.	BACARÁ F.S.	ATRIZ F.S.	F	06.11.83
FAUSTO SIMÕES	XARDA F.S.	SONDA F.S.	DESFORRA F.S.	F	11.01.75
JOÃO HAUDENSCHILD	ISIS TRÊS ESTRELAS	ENTREVERO A.H.	CZARDA	F	23.10.80
GERALDO CASTRO	ACALANTO DA LUPA	BARBANTE	AURORA DO MONTE BELO	M	05.04.82
STEFANO CESARI	FIODÓR D'ESTE	DANUBIO F.S.	DILETA DO TRIEME	M	27.09.83
RAIMUNDO DINIZ	JOGRAL DE COROADOS	TROVADOR F.S.	NORMANDA	M	28.12.80
AGENOR SIMÕES NETO	RESERVA F.S.	ECLIPSE	NOVELA F.S.	F	30.08.69
ALÍPIO MARQUES	TRICAL DE CARELÚ	SURURU DA BENTOCA	MARIANA DE CARELÚ	M	06.03.82
FAUSTO SIMÕES	DEPRUHADA F.S.	ZINABRE F.S.	GAROTA	F	00.11.79
FELIPE LACERDA F.º	ODE DE FLOREAL	TROVADOR F.S.	CANANÉIA MANGALARGA	F	07.01.83
FAUSTO SIMÕES	HORDIGO F.S.	BACARÁ F.S.	BATALHA F.S.	M	16.07.83
PAULO COSTA	KARINA P.C.	HEBREU P.C.	CALIFORNIA P.C.	F	20.10.79
AGENOR SIMÕES NETO	NAJA DA CABREUVA	BACARÁ F.S.	GUARITA DA CABREUVA	F	13.08.83
JAIME J. TAVARES	ESTOPIM DO ALENTEJO	PAQUETÁ F.S.	SAFIRA DA BENTOCA	M	28.10.83
RAIMUNDO NONATO DINIZ	MACUMBA DE COROADOS	BERLIM F.S.	FILADELFIA P.C.	F	10.08.82
ALÍPIO MARQUES	RAMONA DE CARELÚ	ENIGMA	SOMBRA F.S.	F	25.01.82
GERALDO F.º E ALFREDO CASTRO	BARBANTE	CAJU	HAVANA	M	01.01.70
FAUSTO SIMÕES	ESTRELA DALVA F.S.	ZINABRE F.S.	GAROTA	F	14.10.80
JOÃO HAUDENSCHILD	EMBOABA CATUETÉ	HIPPUS TRÊS ESTRELAS	BORDUNA CATUETÉ	F	15.09.83
NILSON ANTUNES	DECORAL DO HARAS PEDRINA	TROVADOR F.S.	JABUTICABA J.B.	M	02.10.82
JAIME J. TAVARES	ESGRIMA DO ALENTEJO	TROVADOR F.S.	ALFAMA DO ALENTEJO	F	27.10.83
STEFANO CESARI	EUFORIA D'ESTE	TROVADOR F.S.	VITÓRIA F.S.	F	29.09.82
FAUSTO SIMÕES	HANOVER F.S.	TROVADOR F.S.	DOBRADA F.S.	M	15.01.84
FAUSTO SIMÕES	CAMELIA F.S.	TROVADOR F.S.	URTIGA F.S.	F	18.12.76
FELIPE LACERDA F.º	OCRE DE FLOREAL	LEGUISAMO MANGALARGA	ESFINGE DE FLOREAL	F	04.11.82
CLODDALDO ANTONANGELO	DINAMARCA DA SERRA	CAJU	DYANE DO-RE-SI	M	20.11.80
RAIMUNDO NONATO DINIZ	LIBRA DE COROADOS	BERLIM F.S.	FILADELFIA P.C.	F	18.08.81
FAUSTO SIMÕES	BACARÁ F.S.	ALMANAQUE MANGALARGA	REDONDILHA F.S.	F	26.01.78
ALÍPIO MARQUES	GIZELLE DE CARELÚ	ENIGMA	OSSANHA	M	15.01.72
JOÃO HAUDENSCHILD	LUA TRÊS ESTRELAS	INDIANO	ESTRELA G.M.	F	30.11.82
FAUSTO SIMÕES	ESCRAVA F.S.	TROVADOR F.S.	VEDETE F.S.	F	12.09.80

**CONDIÇÕES DE PAGAMENTO:
6 PARCELAS SEM ACRÉSCIMO.**

Os animais foram selecionados nos plantéis de Fausto Simões, Agenor Simões Neto, Rodrigo Simões e seus convidados Alípio Pereira Marques de Oliveira, Antonio P.B. Costa, Clodoaldo Antonangelo, Gabriel Penteado de Moraes, Geraldo Santos Castro F.º, Jaime João G. Tavares, João E. Haudenschild, Nilson Antunes de Souza, Raimundo Nonato R. Diniz, Felipe de Paula C.A. Lacerda F.º, Luiz A.M. Fleury e Stefano Cesari.



COMERCIALIZADORA DE ANIMAIS LTDA

Rua Dona Germaine Burchard, 251 - Tel.: 282-8377 - CEP 05002 - São Paulo - SP



OBIO - Reg. 614

MARCA DE TRADIÇÃO

UM DOS PIONEIROS NA
CRIAÇÃO DE GIR MOCHO
NO BRASIL



ALAMO - Reg. 130

VENDA PERMANENTE DE REPRODUTORES



AUSTRAL - Reg. 235
16/03/83 21 meses



JACAN - Reg. 244
19 meses



GRANI Reg. 205
28 meses



OBIO - Reg. 614

REPRODUTORES COM MUITA RAÇA

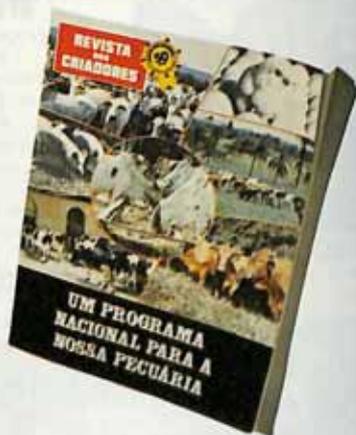
Prop.: Ovidio Nogueira Cruvinel - Rua Ruy Barbosa, 515 - Tel.: 241-3211 Araguari - MG

Produtor de sementes fiscalizadas de forragens de todos os tipos

Produtor de sementes Cruvinel - Fone: 241-2384 Araguari - MG

Participe da XIX Exposição Agropecuária de Araguari e
VI Feira do Leite no período de 16 a 23 de junho próximo

Eis o que você recebe ao fazer a assinatura- anuidade da **REVISTA DOS CRIADORES**



- 12 exemplares da REVISTA DOS CRIADORES
- 1 exemplar da AGENDA DOS CRIADORES E AGRICULTORES
- 1 cédula de associado da ABC, com sedes em São Paulo e Rio de Janeiro que lhe dá o direito de frequentá-las e de votar e ser votado.
- Descontos de 2 a 10% em compras na ABC e de 10 a 15% em hospedagem nos principais hotéis do país.
- Fazer consultas pessoais; por carta ou telefone aos Departamentos de Veterinária, Agronomia, Jurídico e Fiscal da ABC.
- Participar de Conferências, Congressos de pecuária e demais eventos sociais promovidos pela ABC.
- Quando vier a São Paulo poder deixar seu carro nos estacionamentos da ABC.

Ainda nos fascículos mensais da REVISTA DOS CRIADORES você encontra tudo sobre criação de bovinos, equinos, suínos e outros animais, e também, farto noticiário sobre a pecuária nacional.

Faça, ainda hoje, sua assinatura-anuidade e passe a desfrutar da melhor maneira possível tudo de bom que a Revista dos Criadores lhe proporciona.



VALOR DA ANUIDADE- ASSINATURA

pele período de
janeiro de 1985 a
dezembro de 1985.

Cr\$ 260.000

preço válido até 31/05/85

Pedido de assinatura-anuidade à EDITORA DOS CRIADORES LTDA.

Rua Venâncio Aires, 31 - CEP 05024 - Tel.: 263-8400 e 263-8685

Em separado estou remetendo o cheque(ou ordem de pagamento) de n.º

c/ o Branco

para pagamento de minha assinatura-anuidade com direito a receber 12 exemplares da REVISTA DOS CRIADORES, a AGENDA DOS CRIADORES E AGRICULTORES - 1985 e o título de associado da Associação Brasileira de Criadores.

Nome

Endereco

Mangalarga

Alô Amigos

Estamos de roupagem nova e disposição renovada nesta nova fase desta coluna mensal. Espero que ela agrade, pois embora eu próprio saiba e reconheça que a minha literatura não seja um portento, procurarei comunicar-me com vocês (como aliás tenho feito) de um modo simples, honesto e contínuo.

Mandem-me notícias que elas serão inseridas à altura que aqui chegarem. Também fotos que os amigos julgarem interessantes, serão aproveitadas.

Escrevam-me, telefonem-me, comuniquem-se da maneira que melhor julgarem. Vou precisar e estou solicitando o apoio de vocês. Como "Uma mão lava a outra" acredito que vocês também serão beneficiados com pequenas propagandas na pura "Faixa". De graça, como diz o adágio popular, **até injeção na veia...** Estou certo?

L. Noronha

Mangalarga ...ndo brasa



JOIA S.J., por Quentão da Nata e Libra. Proprietário: Nelson Luciano Rivaben. Haras Santa Julia — Charqueada — São Paulo.

• Este é o primeiro número de nossa nova fase. A cada mês vou ajustá-lo melhor, para vocês que sempre me prestigiaram, tenham um passatempo, para não dizer órgão noticioso melhor e mais completo, referente ao cavalo Mangalarga.

• Prometi, tentarei, e bem ou mal novas seções serão criadas. Aceitarei críticas, e toda a sugestão será bem-vinda. Conto com todo o mundo do meio mangalarguista, pois tenho certeza, tudo que é feito em nossas hostes os bons resultados sempre aparecem.

• É a evolução da "Grande Raça" é a pujança de nosso cavalo impondo e rasgando fronteiras em busca de novos horizontes. Cooperem comigo, e todos juntos estaremos fortalecendo o Mangalarga que tanto amamos.

• No Estado do Maranhão a exemplo de outros tantos estados, a raça Mangalarga tem crescido extraordinariamente.

• Ainda recentemente, dois criadores de São Luiz, ou sejam, Nelson Frota e Normando Faria aqui estiveram e adquiriram animais dos nossos melhores criatórios.

• Tenho certeza plena e absoluta que fizeram ótimos negócios, pois tiveram a assessoria técnica da A.B.C.C.R.M. representada por seu Diretor Dr. Luiz Antonio do Amaral Jorge e a Pégaso, a casa do Cavalo, onde pontificam as figuras amigas dos "craques" no assunto Dr. Atilio D'Angieri Netto e de Paulo Pimentel, Diretor Presidente daquele magnífico centro equinocultor que muito tem servido a raça Mangalarga.

• Divino Alves do Haras Alô Brasil, e proprietário do famoso Pagode J.O. (Turbanete J.O. e Dança J.O.) já voltou de sua temporada no Pará, e está novamente entre nós, mais animado do que nunca com as coisas da raça.

• Elio Sacco, o meu novo velho amigo (parece que nos

conhecemos há 50 anos) está super entusiasmado com seu potro Lenie R.S., filho de Reinado, que com apenas um ano de idade foi o 1.º Prêmio na categoria na última Exposição de Itapetininga. Não sou profeta, mas prevê este fato numa de minhas últimas colunas. Lembram-se? Parabéns Elio, amigo.

• O Leilão de Fausto Simões e seus convidados à realizar-se em 28 de maio no Jockey, vai ser (agora sim estou "profetizando"), um sucesso sem precedentes.

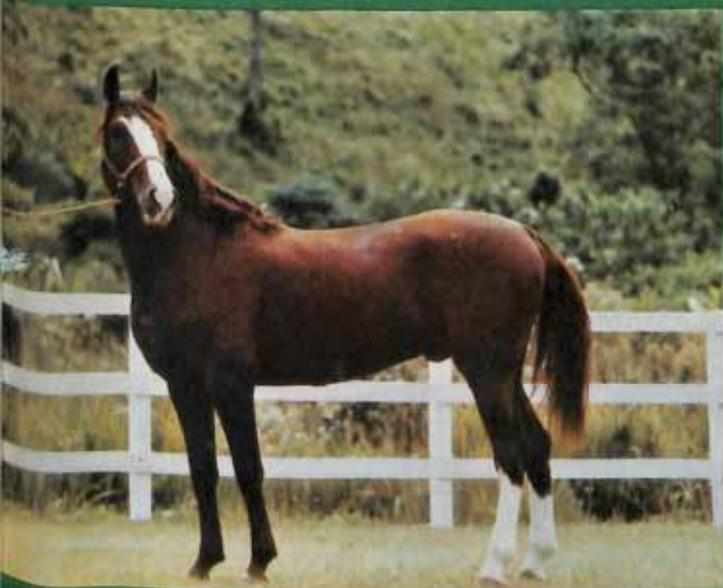
• A Marca F.S. tem muita fania, graças ao profundo conhecimento de seu criador, tem tudo para mais uma vez se impor, desta feita em Leilão, o primeiro e talvez único a ser realizado pelo Dr. Fausto.

• A oportunidade é de ouro, não só para aqueles que estão iniciando, como também nos próprios "cardeais" da raça que poderão aprimorar ainda mais seus plantéis.

LUXO < ELMO J.O.
FOGUINHA



3 LAGOS
NELSON FRANCO SPIELMANN



PARIS NS. < LUXO
BRUMA J.O.



Mangalarga ...ndo brasa

• Por elevada soma, Nelson Franco Spielmann adquiriu lindíssima filha de Turbante J.O. e de Prenda R.P. Já devidamente "incorporada" ao



Nelson F. Spielmann

Haras 3 Lagos, esta nova aquisição do Nelson dará muito o que falar futuramente, juntamente com Paris N.S. (que coisa linda minha gente) por Luxo (Elmo J.O.) e Foguinha (Fogo).

• A informação que tive não foi bem completa mas parece-me que existe movimento de um novo Leilão aqui em São Paulo dos criadores somente de Orlândia.

• Se tal fato se consumir, não tenham dúvidas, será um sucesso absoluto, majestoso, inédito.

• Já pensaram ver os produtos de Geraldo D. Junqueira, Roberto D. Junqueira, do Marico, do "Seu" Orlando, do Maninho, do Flávio, dos Motta Luiz, do Zé Mendonça, do João Francisco e outros de lá, reunidos numa só vez? É ver para crer, e comprar... quem quiser Mangalarga de primeira linha.

• Gustavo Abel de Lemos Vieira, um dos bons criadores da raça, usineiro em Monte Belo, Fazenda Monte Alegre, está no Japão, em viagem de estudos e observações. Ao Gustavo, bom aproveitamento e breve regresso.

• Ignácio Peres Lopes, Haras da Praia, em Anselândia, SP, conta-me que o seu ótimo Durango R.S. por Cocar J.O. e Etiqueta C.R., está em forma esplendorosa, aliás sempre gostei deste cavalo e, se minha opinião vale, recomendo-o aos amigos para futuras coberturas.

• Jaffer, João Matta e Paulo Toscani estão a todo vapor trabalhando para o Leilão de julho próximo no Macksoud Plaza. Vamos estar todos lá.

• Completo da Helvetia do meu amigo Sergio Camargo Pinto, de Bebedouro, é, já falei e repito, um maravilhoso cavalo Mangalarga. Se suas produções forem a metade do que ele é, o nome de Completo estará devidamente formalizado. Escrevo, carimbo e recomendo.

• Nelson Franco Spielmann, conhecido empresário, esportista e grande criador da raça, progride em todos os setores onde sua inteligência se faz presente.

• O Nelson, conselheiro, dos mais atuantes, do meu São Paulo Futebol Clube após ser guindado a Diretor do Departamento Amador do Clube, parece-me (estou aguardando ansioso informações da fonte fidedigna que tenho) será o novo Diretor de Futebol Profissional do Tricolor Paulista.



Orlando P. Diniz

• Vocês viram no Anuário a "imponência", a elegância do sr. Orlando Prado Diniz Junqueira, mostrando seu principal raçador Trigueiro? Se não viram procurem ver. Vale a pena. É por assim dizer, o "cavalheiro, cavaleiro" mostrando como montar bem aos 75 anos de idade.

• Estive (infelizmente por apenas duas horas, mais ou menos) na última Exposição de Mococa. Achei a tropa colossal e o recinto idem, idem. A casa do criador, por exemplo, é bastante aconchegante, ampla e muitíssimo bem situada.



Badih Aidar

• Quando escrevia esta coluna, ainda não tinha se realizado o Leilão no Pálace de Moema do famoso criador, o meu querido amigo de muitos anos, Badih Aidar. Tenho comigo, entretanto, a certeza de que aquele estrondoso sucesso de 1984 será repetido facilmente.

• Abraço daqui a todos os mocoquenses, em especial ao José Pereira Lima Netto, Dr. Dercy Godoy, Waldir Meirelles e toda aquela brava gente que participou na feitura de tão lindo e acolhedor recinto de Exposições.

• Outro certame coroado de inteiro êxito foi o de Itapetininga. Não fui. Infelizmente imprevistos impediram-me de abraçar os amigos de lá, pessoalmente. Faço-o daqui, publicamente. Ao Dr. Pedro Cogui e companheiros o meu abraço fraterno.



Clodoaldo Antonangelo

• Está evoluindo, crescendo assustadoramente a possível candidatura do conhecido criador Dr. Clodoaldo Antonangelo, o popular Tatinho, à presidência de nossa Associação, ora dirigida magistralmente pelo amigo de todos, Dr. Felipe C. de A. Lacerda Filho.



ORGULHOSOS EM PARTICIPAR DO
3º LEILÃO MARJAN-TIBAGI
APRESENTAREMOS OS EXCEPCIONAIS PRODUTOS



BOÊMIA DA SÃO LUIZ

CAXAMBUÍ X GEMADA DA NATA

alazã, 24/11/79



FOLIA HM

CARIMBO JO X HAWAIANA 88

alazã, 25/9/82



GAFIEIRA HM

CARIMBO JO X BALESTINA VA

alazã, 15/9/80



GUARÂNIA HM

CARIMBO JO X NALLA VA

alazã, 23/9/81

3º Leilão Mangalarga Marjan-Tibagi

PALACE

Av. Jamaris, 213 - Moema

20 de Maio de 1985

20 hs.

Prop. José Francisco B. Homem de Mello
Rodovia Campinas Mogi-Mirim Km 142
Fones: (0192) 53-3633 - 52-0738
Campinas - SP



BALADA J.O.

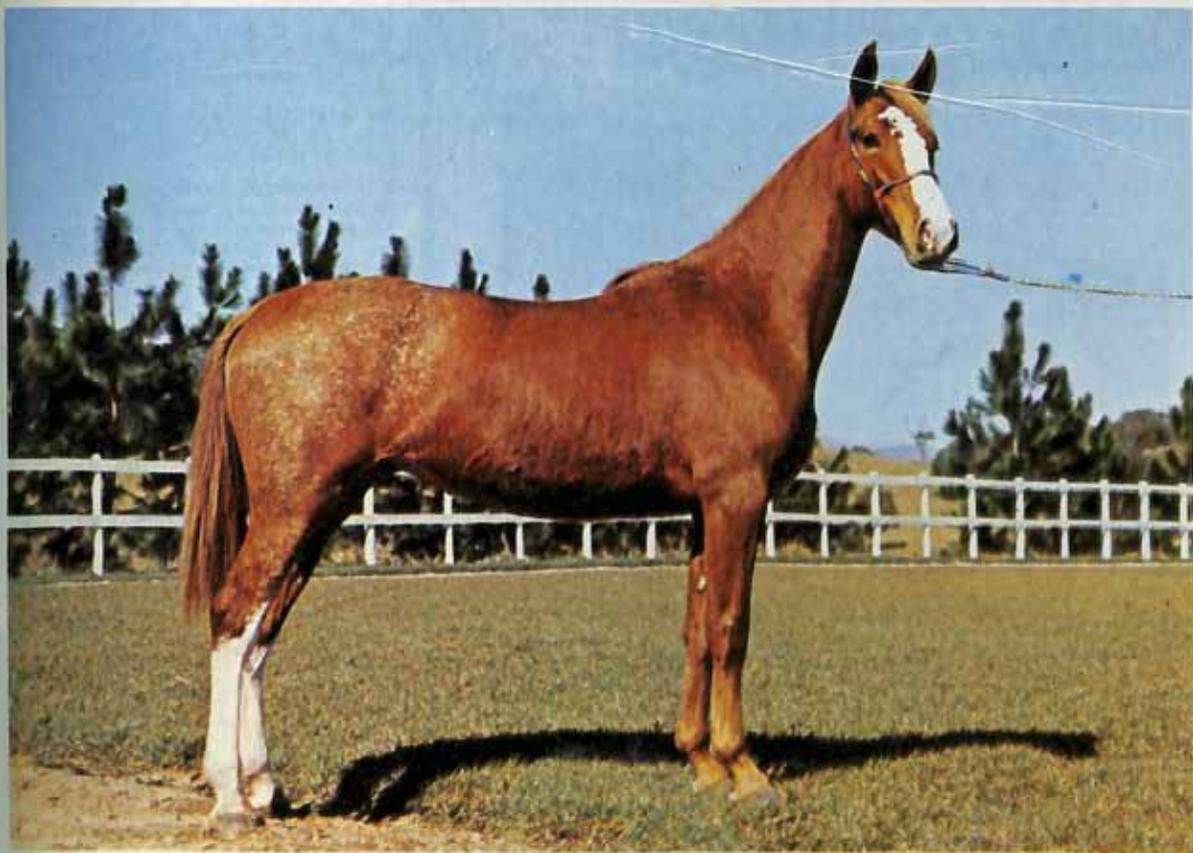


Campeã Potra em Ourinhos
Campeã Potra em São Paulo
Campeã Égua em Marília
Campeã Égua em Bauru
e Campeã da 1ª Taça Mangalarga

JUIZES:

Dr. Fausto Simões
Dr. Eduardo B. Marchi
Dr. Geraldo Diniz Junqueira
Dr. Eduardo B. Marchi
Dr. Eduardo B. Marchi

3 Lagos
Nelson Franco Spielmann



FARPA B.P.
Por ASTERIX B.P. e MIRA B.P.
uma excelente matriz do Plantél

FAZENDA



PULLMAN

REFLORESTADORA BRASILIENSE S/A

TEL.: 484-3004 — ATIBAIA

ATIBAIA - SP

TEL.: 247-5055 — SÃO PAULO

Manoel Corrêa de Souza Netto

Mangalarga ...ndo brasa



JOGRAL R.S., por Turbante J.O. e Gávea de Jaci. Proprietário: Roberto Prado Kujawski. Fazenda e Haras Jamaica - Tatui-SP.

• De parabéns, pois, se tal fato for consumado, o Nelson, o São Paulo e toda a grei sampaulina, que verá o nosso clube crescer com a sábia orientação que terá a "varinha mágica" do feliz proprietário da famosa Balada J.O. e Diretor Presidente da American Lloyd do Brasil, a melhor e mais completa agência de passagens e turismo do país.

• José Francisco Homem de Mello, criador dos bons e um dos convidados do próximo Leilão de Olinto Marques de Paulo, está viajando pela Europa junto com sua esposa Lia. O regresso de Homem de Mello está previsto para meados de maio. Seja sempre bem-vindo.

• Stefano Cesari, Haras D'Este — São Miguel Arcanjo, SP, que deverá vender animais no grande Leilão F.S. (é um dos convidados) "está



Stefano Cesari

de boca" numa estupenda matriz que Dr. Fausto colocará naquele remate.

• Roberto Prado Kujawski contou-me que já tem perto de 80 animais, e quase todos do mais alto gabarito. Roberto, sou testemunha, iniciou e continua comprando somente produtos conhecidos, isto sem contar com a primeira safra sua (crioulos) filhos de Turzente J.O., Dárdano O.J.C., e outros craques da raça, já nascidos e outros tantos para nascer.

• Carca, o notável centro-avante do S. Paulo e futuro da seleção, ganhou lindo potro Mangalarga de conhecido criador de Orlandia. Na próxima edição, pormenores do fato.

• Estamos já bem próximos de dois famosos Leilões, ambos a se realizarem em julho.

• Trata-se do Leilão J.B. (gado de leite e cavalos Mangalarga) do criador José Maurício Junqueira de Andrade e o Leilão da Bentoca de João Leite Sampaio Ferraz (Bentoca).

• Ambos, dois sucessos por antecipação.

• Ainda não tive tempo de conhecer a nova safra produzida pelos Irmãos Rodas Fábio e Paulinho. A mesma é toda constituída de filhos e filhas de Turbante J.O., um verdadeiro espetáculo, me disseram. Vou lá, sim!



• Dos 61 animais que o conhecido criador Orpheu José da Costa recebeu (na troca com I.B.N. Bandos) de Waldemar Neme, mais de uma dezena de matrizes entraram e já fazem parte da espetacular tropa do famoso Haras Império.

• 16 de abril — aniversário de minha esposa Beth e do Dr. Pedro Luiz Candia Leonc.

• Para a primeira, beijos. Para Dr. Pedro, abraços, (claro!).

MARCHA TROTADA

• José Oswaldo Junqueira, taxativo: "Tatinho tem tudo para ser um ótimo Presidente, assim como está sendo o Dr. Felipe".

• Dia 4 de maio, natalício de Mônica, esposa do amigão Maneco (Fazenda Pullman), meus cumprimentos.

• Dr. Geraldo Diniz Junqueira e José Oswaldo Galvão (Maninho) foram prestigiar a bonita, bem organizada e movimentada Exposição de Mococa.



• Leocipedes Garcia, Chácara Viveira Garcia e Fazenda Estância em Jundiá bastante entusiasmado com sua tropa.

• Também pudera. Veja que beleza seus produtos no Anuário dos Criadores.

• Não se esqueçam da grande oportunidade que a famosa marca F.S. estará oferecendo dia 28 de maio, no Jockey.

• Vamos todos!

A fala do criador

Criador: Dr. Celio Ashcar.
Fazenda Oriente — Palmital
— SP.

Matrizes: 22 — Total de cabeças 40. Alguns pais de suas matrizes: Urucum J.O., Durango F.S., Trovador F.S.

Algumas mães de seus produtos: Luneta A.J., Dadá S.P.1, Festa A.L., Umuarama (mãe do notável Escravo, já desaparecido infelizmente)

Principais machos do plantel: Orgulho do JEK (Elmo J.O. e Aurora) Dango da Oriente (Elmo J.O. e Dadá S.P.1), Talismã da Oriente (Turbante J.O. x Luneta A.J.).

As pontuações de suas éguas: Todas acima de 82 pontos dados pelo Dr. Eduardo B. Marchi. Granada, Fantasia, Atriz e Gala todas com sufixos DA ORIENTE são potras que Celso gosta e confia num futuro promissor.

Filhos e Filhas de Puitã V.A. (desmamados são outros destaques da tropa Oriente).

— x —

Três criadores novos que prometem: Divino Alves — José Pedro Gonçalves Franco da Silva e José Fernando Boucinhas.

— x —

Três éguas que o criador gosta muito: Luneta A.J., Aurora e Tasca J.O.

— x —

1 cavalo: Turbante J.O.

— x —

Gestão do nosso Presidente: "Ótima — muito boa mesmo — Dr. Felipe impõe sua personalidade inteligente, é dinâmico, atuante, sóbrio e imparcial nas mais difíceis decisões. Gosto muito mesmo do nosso Presidente.

— x —

Seu veterinário: Jádí José Simon. Os Irmãos Nilvo e Aguinaldo (magníficos auxiliares) são os responsáveis diretos pelo início de sucessos que estamos tendo.

— x —

Um conselho para aqueles que estão começando: "Comprar poucas mas boas matrizes dos criadores mais conhecidos da nossa raça.

Procurar orientação e assessoria da ABCCRM, onde pontifica a sábia figura querida do "Mestre" Dr. Eduardo B. Marchi, a quem muito devo, por sinal, e faço absoluta questão de sempre mencioná-lo".

FAZENDA SÃO SEBASTIÃO

Prop.: Luiz de Almeida Penna



SERENO — por Ouro e Névoa.

Prop. Ricardo Troppmair de Almeida Moura



LINCE R.C. — por Garimpo R.C. e Dalila.

Prop. Luiz de Almeida Penna Filho

Criação e Seleção de cavalos da raça Mangalarga e mestiços; jumentos da raça Pega e muares.

AREIAS — S.P. — SAIR NO KM 9 DA VIA DUTRA PELA ESTRADA ASFALTADA, NÚMERO SP-58.

Zebu e Produtividade de Bovinos nos Trópicos

Prof. JOÃO BARISSON VILLARES
Méd. Vet.

SUMÁRIO

- I. Introdução
- II. Características dos zebuínos nos Trópicos
- III. Características dos recursos forrageiros no Mundo Tropical
- IV. Características da produtividade da Agricultura Tropical
- V. Sugestões para o melhoramento da produtividade do zebu nos Trópicos
 1. Produtividade de zebu na fase de criação
 - A) Efeito de condições higiênicas sanitárias na reprodução
 - B) Efeito da alimentação sobre a reprodução nos Trópicos
 - i) Efeito da energia e proteína
 - ii) Efeito de nutrientes minerais na reprodução
 - C) Efeito do manejo administrativo sobre a reprodução
 - D) Efeito do melhoramento genético na reprodução
 2. Produtividade do zebu na fase de recria
 - A) Efeito da melhoria da alimentação sobre o crescimento na fase de seca invernal
 - B) Efeito da seleção sobre o crescimento
- VI. Conclusão
- VII. Bibliografia

I. Introdução

O tema Zebu e Produtividade de Bovinos nos Trópicos não só é extenso, como adquire considerável importância, tendo em vista as dimensões dos rebanhos zebuínos — cerca de 80 milhões de unidades — no maior país tropical do mundo, cujos habitantes requerem alimentos superiores de origem animal, indispensáveis ao seu desenvolvimento sócio-econômico. Sem a melhoria da produtividade animal nos trópicos não haverá alimentos para todos, no Brasil.

Diante da magnitude do assunto, surge a quase obrigatoriedade de limitar o tema a seus aspectos mais relevantes, para não cair nas generalizações inconsequentes. Pretende-se então, fazer dissertação sobre o melhoramento dos zebuínos, como entidade étnica, dentro da sub-espécie *Bos taurus indicus*, sem apelar para os recursos de empréstimos a outras sub-espécies para cruzamento, miscigenação e outras manobras. Isso porque, há tempos, este

País assumiu a posição de preservador e melhorista dos zebuínos para o mundo tropical, face aos riscos que correm estes grandes ruminantes na Índia, por pressões demográficas, religiosas e de necessidades humanas não satisfeitas. Ademais, o melhoramento da produtividade dos zebuínos ficará restrito, neste momento, ao sistema de pasto, levando em conta a grandiosidade do universo tropical brasileiro para ser ocupado, valorizado e enriquecido pelo seu autêntico desbravador ecológico — os zebuínos.

Afinal, em atenção às conveniências nacionais, o tema ficará limitado à produtividade do zebu no sistema de pasto nos trópicos.

II. As características anatomo-fisiológicas ligadas à produtividade do zebu

De longa data, Lee (1965) relacionou as mudanças que ocorrem nos diversos sistemas fisiológicos — metabólico, respiratório, digestivo, urinário, reprodutivo,

neuro-hormonal e outros — quando os bovinos deixam a zona de termo-neutralidade e ingressam em ambiente externo de elevadas temperaturas, como sucede no meio tropical. São reações fisiológicas múltiplas e complexas que, variando de espécie a espécie de animal, procuram manter a homeotermia dentro das variações normais para garantir-lhe a sobrevivência, em primeiro lugar e depois o desempenho produtivo.

Dentre outras espécies de grandes ruminantes, os zebuínos tornaram-se o ecótipo dos trópicos, porque são dotados de eficiente aparelho termo-regulador, capaz de assegurar a homeotermia, quando outras espécies ou sub-espécies, como bubalinos e bovinos não lograram igual comportamento adaptativo. Uma razoável imagem do comportamento adaptativo pode ser observada no Quadro 1, a seguir, colhido pelo método de Dowling (1956) e expresso pelo Índice de termo-regulação de Ittner & Kelly.

Os zebuínos Nelore registraram 82,8%

Quadro 1. Estimativas de tolerância ao calor (Teste de Dowling)

Espécies e híbridos	Coefficiente de Ittner & Kelly
Zebuino Nelore	82,8%
Híbridos 3/4 Chianina-Zebu	64,3%
Bubalino Jafarabadi	54,9%

Fonte: Villares, J. B.; Baccari Jr., F. e Lavezzo, W. II.º Congr. Int. Chianina, São Paulo, 1979.

de tolerância ao calor, os 3/4 Chianina-Zebu 64,3% e os bubalinos 54,9%, segundo Villares, Baccari e Lavezzo (1979) em provas de campo. Não é necessário insistir neste ponto, onde vários pesquisadores como Rhoad, Villares, Dowling e outros tornaram o assunto pacífico.

Em se tratando de promover o melhoramento da produtividade dos zebuínos para produção de bens indispensáveis ao homem — leite e carne — parece conveniente dar atenção aos valores relativos a possível antagonismo entre adaptação às altas temperaturas externas e os níveis elevados de desempenho produtivo. Dentre os componentes do aparelho termo-regulador dos zebuínos, capazes de explicar a sua adaptação ao trópico, coloca-se em posição de destaque a diminuição da produção de calor corporal, que se traduz pelo abaixamento do metabolismo basal. Comparando zebuínos africanos e bovinos europeus, em Quênia, Rogerson e ass. (1968) observaram queda de 10% no metabolismo basal de zebuínos em relação aos bovinos. Do elenco de dispositivos termo-reguladores de animais homeotérmicos, a queda da termogênese metabólica, como observado nos zebuínos, parece ter maior eficiência do que a termólise para a dissipação do calor corporal excedente, em busca da homeotermia.

É bem conhecido que a intensificação do processo fisiológico, para promover a produção de carne e leite, corresponde ao aumento do metabolismo e conseqüentemente à elevação de produção de calor corporal. Parece evidente a insinuação de que um dos principais componentes da adaptabilidade dos zebuínos não se harmonizaria com a exigência da produtividade animal nos trópicos.

Já são bem conhecidos os mecanismos zênico-fisiológicos que levam os zebuínos a contar com a habilidade de reduzir o metabolismo basal, como componente termo-regulador para adaptação, bem como suas conseqüências para o desempenho do processo produtivo. McDowell (1963) fez exaustivas comparações entre bovinos Jersey e zebuínos Red Sindhi, duas raças de portes equivalentes, para avaliar as dimensões dos órgãos do aparelho digestivo, tendo registrado que o omaso e abomaso dos zebuínos são 20-30% menores do que os dos bovinos; que os intestinos apresentam reduções de 8 a 13% nos zebuínos e que, a cada 25% de infusão de sangue zebuino nos bovinos, por meio de cruzamentos, corresponde a redução de cerca de 0,1 cm no diâmetro intestinal, sem falar ainda no peso de outros órgãos, vísceras e glândulas, no mesmo sentido. Trata-se de atualização de informações já fornecidas, em parte por French (1940).

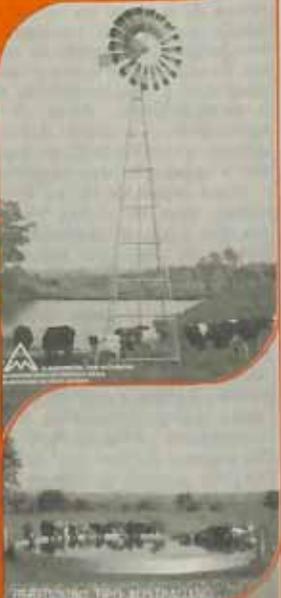
As repercussões fisiológicas de tais diferenças anatômicas alcançam a consumação de alimentos e aos hábitos alimentares diferentes entre zebuínos e bovinos. As reduções da dimensão do aparelho digestivo, correspondendo à diminuição do consumo de alimentos, mesmo quando zebuínos ou bovinos são mantidos na faixa de termo-neutralidade, em torno de 20 °C, onde os zebuínos ingerem três vezes menos alimentos, sob condições controladas de câmara climática, segundo Ragsdale e ass. (1950). Quando as temperaturas externas ascendem à 27 °C, os bovinos europeus começam a reduzir o consumo de alimentos, ao passo que os zebuínos só o fazem a 38 °C, porque já estavam usando semelhante recurso termo-regulador. A temperatura de 41 °C, os bovinos fazem grandes esforços para dissipar o calor corporal excedente, mas ainda consomem 43% a mais de alimentos do que os zebuínos. Admite-se que o zebuino está inclinado a ingerir menos alimentos, mesmo quando lhe é oferecida quantidade liberal de nutrientes de alta apetibilidade. Admite-se que há um centro de regulação termostática do apetite, localizado no hipotálamo que, por via da temperatura do sangue por via hormonal, regula o apetite de acordo com os interesses da adaptação, agindo através do metabolismo basal e da produção de calor corporal.

As conseqüências zootécnicas da redução do aparelho digestivo e do menor consumo de alimentos refletem-se sobre o consumo e utilização da energia alimentar, para afetarem a produtividade animal dos trópicos. Assim, McDowell (1969) admitiu que o consumo médio diário de energia digestível declinou de 16%, mas a eficiência de sua utilização para produção de leite caiu de 60 para 40%, quando a temperatura externa evoluiu de 21 para 32 °C.

Para o ganho de peso de bovinos de corte, observou-se que a maior eficiência de utilização da energia era 12% inferior, quando a temperatura externa passava de 17-21 para 32 °C. O ambiente de tensão térmica acarreta enormes desperdícios de energia no trabalho de ativar a circulação, acelerar a frequência respiratória, promover a dissipação do excesso de calor pela sudorese e outros dispêndios termo-reguladores. Sob tais condições de calor tropical, a eficiência reprodutiva declina, a taxa de crescimento ponderal torna-se lenta, a puberdade e a maturidade são retardadas, a produção de leite se reduz, porque semelhantes atributos do processo produtivo estão, de alguma forma, ligados ao consumo de alimentos e à adaptação de zebuínos nos trópicos.

ÁGUA & ENERGIA DE GRAÇA

SOLUÇÕES PARA O ABASTECIMENTO



RESERVOÁRIO TIPO ABASTECIMENTO



RESERVOÁRIO TIPO YACA

AGROMETAL
Indústria metalúrgica Ltda

Rua Daniel Antonio de Freitas, 1045
D. Indústria - Fone (0172) 33.9433
15100 - São José do Rio Preto - SP

Não é tarefa simples ou fácil a introdução de mudanças nos arranjos anatômico-fisiológicos, estabelecidos pela natureza, ao longo de milênios, para dar ao zebuino a desejada produtividade animal nos trópicos. Resta a esperança de que, sob condições tropicais amenas, o zebuino disponha de reservas ou sobras de adaptabilidade, que possam ser concedidas às outras funções, no sentido de encontrar pontos de conciliação entre a necessidade de adaptação e a conveniência de promover a produtividade. Além de semelhantes ajustamentos, convém destacar as conquistas técnico-científicas capazes de ajudar a superação das barreiras apontadas.

Nesta ordem de idéias, a amenidade de alguns tipos de climas tropicais brasileiros não pode ser perdida de vista. Em virtude de complexos aspectos cósmicos e geográficos, o hemisfério sul, em geral e sobretudo sua faixa tropical, contém com temperaturas externas mais amenas, do que as correspondentes latitudes no hemisfério norte, inclusive por quantos de oceanicidade e continentalidade, com 80,9% de água e apenas 19,1% de terras, como valioso mecanismo controlador de temperatura. Além do mais, tanto o Equador como o Trópico de Capricórnio térmico não coincidem com os paralelos geográficos, de modo que o Equador térmico está situado no hemisfério norte e o trópico de Capricórnio térmico localiza-se em latitudes mais baixas, o que evidentemente ameniza o hemisfério sul e sua zona tropical. Ademais, é preciso considerar as altitudes geográficas brasileiras, onde o clima tropical de altitude está acima de 600 metros, estendendo-se da Bahia ao Paraná. Se não fora a suavidade dos climas tropicais brasileiros, em longa extensão, não seriam surgido os polos de desenvolvimento econômico, aliocados nas atividades industriais, culturais e outras do homem, sem vestígios do torpor dos trópicos. As exportações brasileiras de aviões, automóveis, computadores e outros produtos, inclusive material fecundante de zebu, são forte testemunho de que os climas estão longe de serem depressivos, como podiam indicar as respectivas latitudes.

Parece lícito admitir que, sob condições climáticas aprazíveis, possam os zebuinicos fazer concessões fisiológicas de adaptação, em favor da produtividade animal, mesmo porque só a partir de 38°C de temperatura externa começa a reduzir o consumo alimentar. Já não estaria ocorrendo semelhante concessão, tanto em escala individual, como populacional, no Brasil?

Nas provas de ganho de peso, foram identificados zebuinicos Nefore com habilidade de ganhar mais de 200 kg em 140 dias. Na galeria dos grandes ganhadores de peso descobriram-se zebuinicos com os ganhos de 204,7; 206,3 e 213,0 kg, no período de 20 semanas, segundo Villares (1965). Resta prosseguir, para identificar outros exemplares superiores e fazer o seletivo do rápido ganho genético, com base na hereditabilidade elevada do atributo.

Em abono a tal ponto de vista, acres-

centem-se os resultados obtidos em 12 núcleos de seleção do zebuino Gir, em que a média de produção de leite alcançou 2.513 kg, em 297 dias para população de 2.388 vacas, controladas entre 1962 e 1980, de acordo com Ramos (1984). Se houvessem limitações graves ao apetite e reduções sérias no metabolismo basal, não se conseguiria registrar semelhantes resultados de desempenho produtivo.

Tanto o ganho de peso superou a 200 kg em 140 dias, como a produção leiteira esteve acima de 2.500 kg, ocorridos na faixa de clima tropical do tipo de altitude, o que vem de sustentar a suposição de que, sob tais condições, o zebu já está fazendo concessões na adaptação para obter ganho de produtividade. Resta ao homem fazer maiores esforços para conquistar e difundir, pelos métodos zootécnicos modernos, o que parece ser apenas privilégio de alguns zebuinicos para a produtividade animal nos trópicos.

III. Características dos recursos forrageiros no mundo tropical

Desde que o interesse da presente dissertação restringe-se à melhoria da produtividade animal no sistema de pasto, com o emprego de zebuinicos, nada mais lógico do que reunir algumas informações sobre as características dos recursos forrageiros no mundo tropical.

Por uma questão geográfica de maior proximidade do sol, as regiões tropicais da terra notabilizam-se pela sua riqueza de energia radiante, em confronto com as zonas temperadas. É bem conhecido que a quantidade de energia radiante, em termos de calorias, por centímetro quadrado e por área nos trópicos, supera de 44,9% a da zona temperada. Ademais, de todas as espécies de plantas, as gramíneas forrageiras têm a mais alta eficiência de utilização de energia radiante, com a média geral de 0,29%, seja devido à densidade vegetal por unidade de superfície, seja pela disposição de suas folhas, voltadas para a captação de energia.

As gramíneas forrageiras tropicais e temperadas diferem substancialmente na conversão da energia radiante, uma vez que seguem ciclos de carbono quatro (C₄) e três (C₃), respectivamente, de modo que a conversão de energia solar pode alcançar de 5 a 6% no sistema C₄ e 2 a 3% no C₃, segundo Cooper (1970).

No sistema fotoassimilatório C₄, há uma certa independência entre a síntese de hidrato de carbono e a elaboração de proteína, ao passo que no C₃ os dois componentes das gramíneas estão quantitativamente vinculados. A consequência de tais diferenças bioquímicas é que a biomassa de gramíneas forrageiras tropicais caracteriza-se pela elevada produção quantitativa — cerca de 85 125 kg — de matéria seca por hectare/ano, mas portadora de baixa porcentagem de proteína — cerca de 6% — em média, enquanto que as gramíneas forrageiras temperadas dificilmente ultrapassam 10 215 kg de matéria seca, com elevado teor de proteína de 16,7%. Os estudos comparativos de Dei-

num (1966), com gramíneas forrageiras em Suriname, com a intensidade luminosa de 450 cal., cm, dia e temperaturas externas de 27,5°C demonstraram a elaboração de plantas com 47,5% de princípios extrativos não nitrogenados; 32,1% de fibra bruta e 9,8% de proteína bruta, ao passo que na Holanda, com 330 cal de intensidade luminosa e 14,3°C de temperatura, a produção de extrativos não nitrogenados quase se equiparou com 46,0%; a fibra bruta reduziu-se a 24,8% e a proteína bruta subiu a 18,0%. Em resumo, as gramíneas forrageiras tropicais são ricas em hidratos de carbono solúveis e estruturados, mas relativamente pobres em proteínas. Pelo contrário, as gramíneas temperadas dispõem de hidratos de carbono solúveis, com menores teores de estruturados e elevada porcentagem de proteína.

A concomitância de dois pontos negativos para as gramíneas forrageiras tropicais — teor elevado de fibra e porcentagem baixa de proteína — afeta o desempenho da produtividade animal nos trópicos em virtude de sua relativamente baixa qualidade nutritiva. A avaliação da qualidade das gramíneas forrageiras pode ser medida pela estimativa dos nutrientes digestíveis totais — NDT —, fortemente atingido pelos teores elevados de lignina, menos digestível e pela taxa reduzida de proteínas, desfavorável ao balançamento nutricional de seus componentes. O NRC recomendou o mínimo de 55% de NDT para promover o crescimento de bovinos na faixa de 200 kg, sendo que 52% das gramíneas forrageiras tropicais estão abaixo da referida exigência, ao passo que apenas 4% das gramíneas forrageiras temperadas ficaram acima do mínimo. Na zona temperada, as médias estimadas de NDT são de 68,7% para as plantas novas, de 63,4% para as floridas e 54,2% para as maduras, enquanto que nos trópicos aqueles valores atingem 58,1%; 45,2% e 28,0% de NDT, respectivamente.

As consequências imediatas de semelhantes valores nutricionais baixos nos trópicos são a perda do apetite e a queda da digestibilidade para os vários nutrientes com repercussões desfavoráveis na produtividade animal, como registram vários ensaios. Com apenas 3,5% de proteína, o feno de capim-pangola não só perdeu aproveitabilidade, ficando seu consumo reduzido a 3,7 kg, como a digestibilidade foi de 29,8%. Mediante uso de artifícios que elevaram a taxa de proteína para 6%, o consumo do referido feno alcançou a capacidade do aparelho digestivo com 5,9 kg e a digestibilidade dos nutrientes elevou-se para 46,2%. A elevação da porcentagem de proteína para 12%, com adição de alguma energia não afetou a consumação, mas melhorou a digestibilidade para 63,1%, semelhante a das gramíneas forrageiras temperadas.

No encaminhamento de possíveis soluções para melhorar a qualidade das gramíneas forrageiras tropicais, menciono-se a escolha da espécie ou variedade que tenham alta relação folha-colmo, não só porque as folhas podem ter até 15,5% do

proteína, como a taxa de fibra permanece ali quase constante, em torno de 8,5%, mas se deterioram no colmo, estudado por Vincent-Chandler e ass., em Porto Rico. Ademais, os dados publicados por Jarrige (1981) deixam evidências de que a diferença de teor de proteína — 17,1 e 7,7% em grupos de gramíneas respectivamente temperadas e tropicais, modificou a digestibilidade da energia, restando cerca de 21,5% de energia não metabolizável nos trópicos, em confronto com as temperadas. Parece de considerável alcance introduzir alguma porção de nitrogênio, sobretudo nitrogênio-não-protético, de maneira fácil e até automática, para otimizar a transformação da energia bruta pré-existente em energia metabolizável por ruminantes. O grupo de Zootecnistas de Botucatu já colheu numerosas informações experimentais sobre a possibilidade de corrigir deficiências práticas com uréia, na alimentação de zebuínos e bubalinos no sistema de pasto, segundo Villares.

Além dos nutrientes apontados, não se pode perder de vista as deficiências minerais, sobretudo nos climas tropicais úmidos, especialmente de fósforo, que sofre mudanças paralelas às proteínas.

O conhecimento dos recursos forrageiros no mundo tropical constitui embasamento para estabelecer padrões de alimentação, destinados à conquista da produtividade animal.

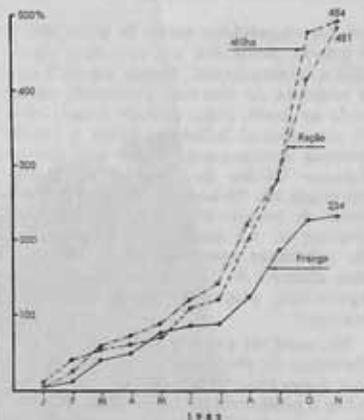
IV. Características da produtividade da agricultura tropical

A produtividade da agricultura engloba o duplo sentido tecnológico e econômico de difícil dissociação. Do ponto de vista tecnológico, os ganhos de produção pelos efeitos de insumos físicos, químicos, biológicos e intelectuais e suas associações resultam na produtividade tecnológica. A adição de lucros monetários pela aplicação de insumos do progresso tecnológico, gera a produtividade sócio-econômica. Os dois componentes da produtividade não

podem ser separados, mas precisam permanecer juntos, de modo a se dizer que a produtividade é o resultado dos efeitos dos insumos tecnológicos capazes de proporcionar ganhos econômicos no processo produtivo, em benefício da sociedade rural e da nação.

Via de regra, nos países sub-desenvolvidos, com altas proporções de agricultores na zona rural e baixas rendas por pessoa, o poder público vê-se obrigado a promover a transferência de rendas rurais para os centros urbanos, através do mecanismo de preços entre os insumos do progresso tecnológico e o valor dos produtos elaborados pela agricultura. Semelhante política de preços controlados atinge, tanto os produtos agrícolas, como os da pecuária nos países tropicais. Pelo sistema de intercâmbio setorial, a agricultura adquire na sociedade urbana fertilizantes, defensivos agropecuários, maquinaria, combustível e outros, pela troca com produtos colhidos ou elaborados no meio rural. Nem todos os recursos tecnológicos existentes têm aceitação social, porque podem aumentar a produtividade agropecuária a custos negativos para o processo da produção.

Nas regiões tropicais sub-desenvolvidas, tornou-se freqüente o aumento dos custos, sem o correspondente acréscimo de valores mercadológicos, obrigando-se a reduzir o número de insumos ou a baixar sua intensidade, com perdas para a economia da empresa rural. Para exemplificar, é suficiente observar o que vem de suceder com a avicultura paulista, em que, após vários anos de equilibrado ajustamento de preços de insumos tecnológicos e de preços de frango de corte, ocorreu uma quase mudança nos preços da ração que evoluíram de índice 100 para índice 436, ao passo que a cotação do frango passou para 232% em 1982. Após enormes dificuldades em 1983, a avicultura de São Paulo sofreu uma queda de 14,96%, o que significa uma diminuição da disponibilidade de 4,73 kg de carne em 1983,



Variação dos preços de frango, ração e milho, em São Paulo
Fonte: Inst. Soc. Ag. SP e Finc. G. Vargas

para 3,36 kg no primeiro semestre de 1984. Como se observa no Gráfico 1, a transferência de rendas rurais, pelo mesmo mecanismo de preço, está afetando o setor mais tecnificado da agricultura brasileira. Há mais de meio século, os produtores de leite transferem suas rendas aos centros urbanos, numa espécie de subsídio ao consumidor, perpetuando a baixa produtividade leiteira do Brasil.

Na prática, não sucede o mesmo nas economias desenvolvidas, onde a agricultura constitui ónus social sustentado pelo regime de subsídios.

Na agricultura tropical sub-desenvolvida, como no Brasil, desde logo distinguem-se os produtos de baixa produtividade comparativa, como o arroz, o feijão, a mandioca e outros, elaborados por pequenos e médios agricultores e destinados ao mercado interno, cujos rendimentos por área caíram, respectivamente de 20, 30 e 12% entre 1960-62 e 1980-82. De outro lado, há produtos agrícolas de produtividade crescente como a soja e a cana de açúcar, que cresceram de 50 e 35%, no mesmo período, cujas culturas são fei-



LOLA DA CALCÍOLÂNDIA: Neta de BELA VISTA, produziu 2.843 kg na primeira lactação. Foi campeã no concurso leiteiro de zebu em Sete Lagoas-MG. É doadora de embriões.

GIR LEITEIRO DA CALCÍOLÂNDIA

LINHAGEM BOMBAIM

GABRIEL DONATO DE ANDRADE

ASSISTA ORDENHA SEM MARCAR DATA

FAZENDAS SERRINHA E CALCÍOLÂNDIA

FONES: (037) 351-1267 ARCOS-MG

(031) 531-2737 BETIM-MG

mas por empresários rurais de porte médio e grande, destinados aos mercados nacionais e internacionais. Parece pacífico que a estrutura do processo produtivo, observada no Brasil, como noutros países, exerce considerável influência sobre a produtividade agropecuária. É por isso, que os Estados Unidos da América do Norte contavam em décadas passadas com 6 milhões de proprietários rurais e agora só dispõem de 1,5 milhão, onde apenas 3% da população opera no setor primário, mas alimenta de 50 a 60 pessoas fora da agricultura, graças à produtividade por homem.

No setor da produção animal, convém distinguir os processos produtivos de curto e longo ciclo biológico, nos seus efeitos sobre a produtividade zootécnica. No âmbito da produção de carnes, duas espécies competem no Estado de São Paulo, em termos de volume físico da produção. Em 1972, os bovinos e aves elaboraram 436 mil e 430 mil toneladas, obtidas respectivamente com baixa e alta produtividade. As carnes de aves foram cotadas ao preço de 432 milhões e as bovinas a 810 milhões, com uma diferença, a favor dos bovinos, equivalente a 42%. A duração do ciclo biológico de frangos de corte está em torno de 60 dias, ao passo que a de bovinos atinge 1 600 dias ou é 30 vezes maior. Ademais, o processamento da carne de aves efetua-se no mesmo local e é dirigido por um único empresário, enquanto o de bovinos percorre três fases — criação, recría e terminação — frequentemente distribuídos por áreas geográficas distantes e por empresários diferentes. A fase de terminação de bovinos de corte, sobretudo de zebuínos, no sistema de pasto, é o ponto alto do processo produtivo global, cuja produtividade resiste à confrontação com a do Uruguai, Argentina, E.U.A. e Austrália, sob o mesmo sistema. As exportações de carne de frango — 20% da produção nacional — obrigam a adoção de tecnologias avançadas, para vencer competidores, podendo usar insumos gerados na zona temperada, graças à proteção do confinamento. As exportações de carne bovina experimentam flutuações, entre exportação e importação, não conseguindo utilizar insumos importados, por ser feito no sistema de pasto nos trópicos. Por estar distante, a fase de terminação não exerce notável influência sobre as de criação e recría, parecendo quase independentes, pela longa duração do ciclo de produção, com cerca de 50 meses.

Final, estas simples colocações dão margem às tentativas de descobrir e identificar os pontos negativos de baixa produtividade dos zebuínos nos trópicos do Brasil.

V. Sugestões para o melhoria da produtividade do zebu nos trópicos

Por conhecer as dificuldades do mundo tropical, Gourou admitiu que a sociedade humana, ali existente, não possa facilmente emergir do sub-desenvolvimento

econômico, social e político, por incapacidade de elaborar os alimentos superiores de origem animal, ficando subordinada à dieta de arroz e outros vegetais, por questão de clima, solo, planta e homem. O grande humanista europeu, todavia, não considerou a amenidade de certas zonas tropicais, capaz de despertar a energia do homem para arentadas rumo ao desenvolvimento sócio-econômico.

De outro lado, alguns estudiosos defendem a idéia de que os fatores de melhoria da produtividade podem coexistir dentro do próprio universo tropical, onde se achariam dispersos e distantes, até em distintos continentes. Restaria ao homem a iniciativa de identificar, descobrir e compor os fatores antes dispersos em unidades sincronizadas de produção de alimentos superiores. O homem brasileiro teve a coragem de atravessar mares e continentes para buscar na Ásia os zebuínos, nos séculos passado e presente. Por diversas vias, chegaram também ao Brasil numerosas gramíneas forrageiras tropicais, trazidas pelo homem, procedentes da África, para enriquecer o tapete herbáceo nacional, relativamente pobre. Reunindo os dois fatores dispersos nos trópicos — gramíneas forrageiras africanas e zebuínos asiáticos — o homem teve a habilidade de formar a maior área de pastos cultivados para apascentar um dos grandes rebanhos de zebu do mundo tropical. A iniciativa, decisão e intrepidez do homem brasileiro não podiam ser desperdiçadas por ambiente climático depressivo, mas por elementos ambientais estimuladores da atividade física e mental, que Huttington não pensava existirem nos trópicos.

De posse daqueles novos fatores de produção, originários do próprio trópico, o homem cuidou de preservar e melhorar o zebu, através do Serviço de Registro Genealógico, mantido pela Associação Brasileira de Criadores de Zebu, em Uberaba, Minas Gerais, desde 1939. É fácil reconhecer acertos e erros neste trabalho, como em qualquer outro, mas a verdade é que os zebuínos — Gir, Guzará, Nelore e outros — estão definitivamente conhecidos no Brasil, para serem úteis também aos demais povos do mundo tropical. Tanto reprodutores, como material fecundante de zebuínos em número apreciável foram já exportados para os E.U.A., Argentina, Venezuela e outros países da América e da África. É agora indispensável dar início intensivo à operação do

coroamento zootécnico, mediante a conquista de crescente produtividade animal dos zebuínos nos trópicos.

Novamente, ao sugerir algumas medidas essenciais de produtividade, é conveniente delimitar o campo de atuação prioritária, a fim de não dispersar esforços construtivos. Há evidências e observações de que, no Brasil, os zebuínos prontos para abate ou para início de produção leiteira, quase maduros, estariam mais satisfatórios em termos de produtividade relativa, do que os contingentes dos animais de espécie, situados nas fases de criação e recría, onde a reprodução e o crescimento ponderal registram marcos de acentuada deficiência produtiva. Realmente, com a média de 55% de reprodução e com abate ou parição aos 48 meses de idade, as fases de criação e recría assumem posição preferencial para receberem a concentração de esforços destinados aos ganhos de produtividade do zebu nos trópicos. Mesmo porque a fase de terminação está satisfatória, com a produção de carcaças aceitáveis nos mercados mundiais, merecendo até destaques para certos processamentos de carne, graças às características específicas do zebu, agora mais próximo do moderno tipo de produção de carne.

1. Produtividade do zebu na fase de criação

A eficiência reprodutiva é o mais importante componente da fase de criação, por onde se inicia o processo de produção de carne ou leite, tendo relevância tecnológica e econômica incomparáveis.

Os levantamentos estatísticos, em escala mundial, segundo regiões geográficas amplas, feitas por Warwick (1973), permitiram obter uma visão panorâmica da eficiência reprodutiva dos bovinos (Quadro II).

Observa-se que na zona temperada a média alcançou 89% de bezerros; na faixa tropical, 53% e na região frígida, 77%. A média brasileira situou-se exatamente um pouco de 55%, admitindo-se os extremos de 30 e 80% de bezerros por ano, segundo o nível extensivo de empresas pastorais no Pantanal de Mato Grosso do Sul e as tecnologias mais avançadas em São Paulo e noutros pontos do País.

Dentre os principais fatores capazes de interferir na reprodução, mencionam-se, em resumo, os de natureza externa, como

Quadro II. Eficiência reprodutiva de bovinos (regiões geográficas), %
Regiões

Temperada	Tropical	Frígida			
Alemanha Oc.	87	África do Sul	52	Alaska	80
Dinamarca	93	América Central	50	Canadá	80
E.U.A.	86	Argentina Tropical	50	Rússia	70
Franga	91	Austrália	45		
Holanda	92	Hawaii	70		
Inglaterra	93	Brasil	55		
Nova Zelândia	89	Nova Guiné	65		
Médias	80		55		77

Fonte: Warwick, E. J. Prof. Performance in World, Regiões, 1973.



CAMPEONATO DE PROVAS FUNCIONAIS DO MANGALARGA MARCHADOR ENTRA EM SUA 3ª ETAPA

A terceira etapa do Campeonato Brasileiro de Provas Funcionais para o Cavallo Mangalarga Marchador, realizada nos dias 13 e 14 de abril em Ribeirão Preto (SP), reuniu 37 conjuntos e obteve um alto nível técnico. O vencedor foi Vicente Araújo Neto, montando o cavalo "Donabela Etanol". O segundo lugar ficou com Daniel Bothrel Reis, que montou o cavalo "Gabarito da Porteira de Tábua".

Na etapa de número dois, em Varginha (MG), 28 conjuntos participaram das provas de cancela, "cross" e maneabilidade. Os vencedores foram os irmãos Arnaldo e Daniel Bothrel Reis. Arnaldo ficou em primeiro lugar, montando o cavalo "Galã das Esmeraldas", Daniel, em segundo, montando "Gabarito da Porteira de Tábua".

A etapa de abertura do campeonato, em Barra do Piraf (RJ), reuniu 29

conjuntos em três provas – maneabilidade, "cross" e tartaruga. Os vencedores foram Pedro Werneck, montando o cavalo "Herói de Santa Cruz", e Marcos Barbieri, com "Caxambu Maringá", que obtiveram o primeiro e o segundo lugares, respectivamente.

LEILÃO NACIONAL

A Associação Brasileira dos Criadores do Cavallo Mangalarga Marchador (ABCCMM) promoverá nos dias 18 e 19 de maio, em Belo Horizonte, no Parque de Exposições Bolívar de Andrade (Gameleira), o II Leilão Nacional do Cavallo Mangalarga Marchador.

Com esse leilão, a ABCCMM pretende garantir a qualidade dos plantéis formados com os cavalos comercializados no evento e, ao mesmo tempo, difundir a raça pelo País, uma vez que

no encontro estarão presentes criadores e interessados de todos os Estados. Estima-se que o volume de negócios superará o do ano passado.

Juntamente com o Leilão, a Associação realizará o II Torneio Funcional do Cavallo Mangalarga Marchador, que corresponderá à quarta etapa do Campeonato Brasileiro de Provas Funcionais para a raça.

RECORDE

No II Leilão Anual Arpoador, realizado em março no Rio de Janeiro, foram vendidos 74 animais da raça Mangalarga, num total comercializado de 871 milhões de cruzeiros. Foi batido um recorde com a venda da égua "Sádiva da Coudelaria Sanjaia" ao criador Cláudio Caiado de Castro por 130 milhões de cruzeiros.



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DOS CRIADORES DO
CAVALLO MANGALARGA MARCHADOR

Sede Nacional:
Rua Goltacases, 14 – 13º andar
30.000 – Belo Horizonte – MG
Tel.: (031) 222-8833 – PABX

os climáticos, os higiênicos-sanitários, os nutricionais e os administrativos, além dos de natureza interna como os genéticos, que serão analisados suscintamente para as condições tropicais brasileiras, a título de sugestões.

A. Efeitos de condições higiênicos-sanitárias na reprodução. Várias entidades infecto-contagiosas, como Brucelose, Leptospirose, Tricomoníase, Vibriose e outras, podem afetar a reprodução de zebuínos, de modo que a primeira providência consiste em fazer adequada profilaxia da população animal. Sob a orientação do Veterinário, o empresário rural deve submeter seu rebanho às provas de diagnóstico, fazer eventuais eliminações sugeridas e proceder às vacinações uma vez que só é possível adotar planos de alimentação, práticas de manejo administrativo ou esquemas de seleção dirigidas no sentido da melhoria da produtividade de zebuínos com saúde reprodutiva comprovada.

Na esfera das doenças da reprodução, a Brucelose parece ser a mais disseminada entre os zebuínos, com evidentes prejuízos ao neonato e à matriz. Correia & Correia (1979), estimaram que 10% dos bovinos ou zebuínos brasileiros têm títulos positivos sorológicos, o que não só é elevado, como constitui permanente foco de novas contaminações da doença no sistema de pasto.

Provavelmente, é a Brucelose a doença que dispõe de maiores recursos tecnológicos para seu diagnóstico, inclusive meios profiláticos eficientes para o controle da zoonose. As normas de profilaxia da Brucelose no Brasil, baixadas pelo Ministério da Agricultura em 1976, preconizam a vacinação com a amostra B-19 apenas de bezerras, uma única vez. Deixa, todavia, a vaca adulta em situação desprotegida, admitindo que ou se proceda ao seu sacrifício ou a seu isolamento biológico, de acordo com a Portaria n.º 48/58. O principal argumento em favor de semelhante orientação é o inevitável confundimento entre vacas infectadas e vacinadas, dada a persistência dos títulos sorológicos, por longo tempo.

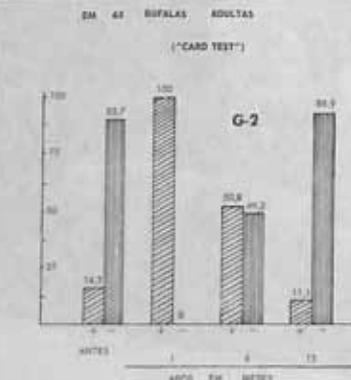
Semelhantes aspectos constituem obstáculos à campanha de erradicação da Brucelose, agravados nos últimos tempos pela falta de antígeno nas principais cidades do País, dificultando o trabalho do Veterinário na sua atuação profissional e educativa no meio rural. Há estabelecimentos comerciais de produtos veterinários que não costumam dispor da vacina B-19, porque não existe procura de parte do pecuarista. É possível admitir que o assunto já não desperta interesse ou perdeu a atualidade, ou deixou mesmo de existir, enquanto o rebanho zebuino paga pesado tributo à produtividade.

Neste momento de desconforto, surge a esperança da retomada da luta contra a Brucelose, dada por novas aquisições técnico-científicas. Nos E.U.A., vários pesquisadores já desenvolveram a tecnologia de vacinação pela B-19 diluída que teria os mesmos alcances profiláticos de defesa dos rebanhos contra o aborto, com duas vantagens adicionais. Uma é o rápido de-

saparecimento do soroglutinação nos bovinos, zebuínos ou bubalinos vacinados, corrigindo o defeito de confundimento; a segunda seria a expectativa de efeito até curativo.

Recentemente, Kuchembuck (1983) defendeu tese sobre o assunto em Botucatu, de onde se extrairam algumas informações para trazer a esta reunião, como se vê no Gráfico 2.

Resultado de um de testes em duas diluições contra a Brucelose porosa



Fonte: Kuchembuck, B. S. G. - Thesis L. Doc. Ph.D. UNESP Botucatu - 1983

Verifica-se que, após 12 meses, a soroglutinação praticamente desapareceu — 86,7% antes e 88,9% após — depois de acentuado declínio aos 6 meses, restando das 14,3% de positivas iniciais, apenas 11,1%. Trata-se de demonstração de efeito profilático e de algum alcance curativo da vacinação com a B-19 diluída de 20 ou 30 vezes, com notável economia e maior disponibilidade do produto defensivo da saúde reprodutiva.

É preciso que a presente sugestão alcance seus objetivos finais, caso se pretenda iniciar a intensificação da conquista da produtividade no zebu no Brasil.

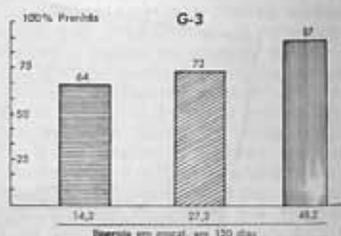
B. Efeito da alimentação sobre a reprodução nos trópicos. Os levantamentos técnico-científicos disponíveis levam o observador a admitir que tanto os nutrientes energéticos, como protéicos, minerais e outros, podem exercer efeitos sobre a reprodução de bovinos e zebuínos. É preciso saber, todavia, em cada condição — temperada ou tropical — o que realmente convém ser corrigido com prioridade para beneficiar a eficiência reprodutiva.

i) Efeito de energia e proteína. Os efeitos relativos de energia e proteína sobre a eficiência reprodutiva dos grandes ruminantes receberam notável contribuição de Wiltbank e ass. (1964) e de outros estudiosos, nas duas últimas décadas, segundo os quais a energia é o mais importante nutriente orgânico capaz de favorecer a eficiência reprodutiva. Não se conhece, contudo, o mecanismo pelo qual a energia beneficia a taxa de concepção, confirmada por Dun e ass. (1969), conforme o Gráfico 3.

Há consenso entre os estudiosos de que a perda de peso no decurso da lactação

Efeito de nível de energia sobre taxa de produção de leite de vaca

(OUTROS NUTRIENTES, DE ACORDO COM N R C)



da vaca de corte com bezerra ao pé, provavelmente por deficiência de energia, leva a matriz ao anestro, segundo Conral & Hollin (1966), ocasionando a baixa fertilidade. A rapidez da restauração do peso, de acordo com Wiltbank (1962; 1964 e 1965) favoreceu o reaparecimento do estro, o que abre perspectivas de que bastaria afastar a causa nutricional específica de perda de peso acentuada para obter a melhoria da reprodução.

Nesta ordem de idéias Hele (1977) publicou os resultados da perda média de 90 kg de peso por vaca que, aos 330 kg de peso vivo, já entravam em anestro, voltando ao ciclo estral apenas com a recuperação ponderal aos 350 kg.

Richardson e ass. (1977) tentaram correlacionar classes de perdas de peso de 4 a 20% com as respectivas partições, obtendo 90 e 25% de partos em bovinos de corte, como simples evidência de causa e efeito.

No exame dos efeitos da energia sobre a perda de peso e possível decréscimo da reprodução, convém não perder de vista o conveniente balanceamento nutricional entre energia e proteína que, no sistema de pasto, pode sugerir correções com uréia ou outro produto similar. A partir deste ponto, os prados de pastejo na zona temperada, onde gramíneas e leguminosas se associam, poderiam ter apenas insuficiência de energia. A situação tende a ser diferente nas pastagens singulares, de gramíneas forrageiras tropicais, onde a taxa desejável de 12% de proteína para os processos fisiológicos de interesse zootécnico é alcançada apenas durante algumas semanas de brotação primaveril, restando abaixo de 7% no ciclo do ano, de modo que, por balanço nutricional deficiente em proteína a vaca não consegue utilizar a energia disponível nos alimentos e perde peso. Além de perder o apetite, deixando de ingerir os alimentos existentes, registra-se a baixa digestibilidade da energia. Em relação às gramíneas temperadas com 17,1% de proteína, as tropicais, com apenas 7,7% deixariam de ter sua energia metabolizável na proporção de 21,5%, talvez por insuficiência protéica, de acordo com o Quadro III, segundo os dados originais de Jarrige (1981), para a 7.ª semana de crescimento vegetativo.

Há numerosas referências de ganhos de eficiência reprodutiva de bovinos e zebuínos nos trópicos, a custo do suplemen-

Quadro III. Transformação de energia de gramíneas forrageiras por ruminantes

Procedência das gramíneas	N.º de espécies	g/kg/MS MNT	7.ª semana de crescimento			
			EB	ED	EM	% EB/EM
Zonas						
a. temperada	5	171	4,26	3,05	2,53	59,4
b. tropical úmida	5	77	4,31	2,48	2,01	46,6
g/kg		-94				
Dif. Mcal/kg			+0,05	-0,57	-0,52	-12,8
%		-45	+1,2	-18,7	-20,6	-21,5

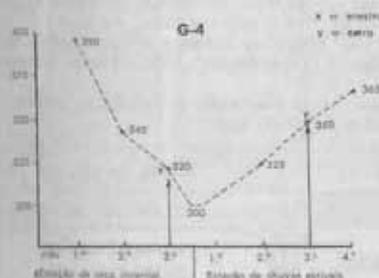
Nota: MNT = Mat. nitrog. total; EB = energia bruta; ED = energia digestível; EM = energia metabolizável; MS = matéria seca.

Fonte: Jarrige, R. Alimentación de los ruminantes, 1981.

tos protéicos. Em Porto Rico, a administração de proteína, a várias categorias de bovinos em pastejo, melhorou o crescimento de novilhas, a produção de leite e a eficiência reprodutiva, sem outro alimento concentrado, sem uso adicional de energia sob forma de melaço ou de milho, segundo McDowell e ass. (1977). Na área sub-tropical dos E.U.A., só 23% das vacas de corte ficaram prenhes no 43.º dia pós-parto em pastos de gramíneas com baixos níveis de proteínas, em contraste a 69% que se tornaram gestantes em pastos corrigidos. Na zona sub-tropical do Brasil, Cachapuz (1976) obteve 60% de prenhez em novilhas de 1.ª cria ao pé, mediante suplementação protéica, contra 42% para as não suplementadas. Afinal, outros ensaios na África, como os de Word (1977) que mediante a administração de suplementos protéicos de farelos de algodão ou de amendoim conseguiram dobrar a eficiência reprodutiva de 36% para 74% nas vacas lactantes.

Oscilação de peso vivo e atividade estral de bovinos com uréia no pé no útero

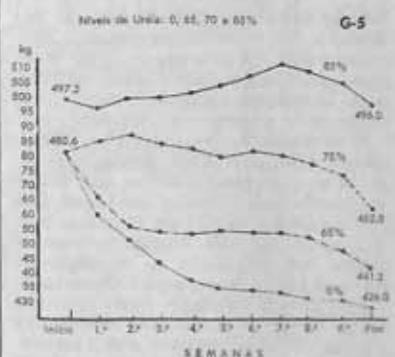
(ESQUEMA)



Fonte: White, 1977, in Word & ass. Proc. 1977

Embora Villares e ass. (1961) tenham mantido o peso de búfalas, de Gir e de Nelore em lactação, alimentadas com gramíneas forrageiras tropicais, apenas enriquecidas com uréia e minerais, evitando queda de cerca de até 60 kg em búfalos ou zebuínos, conforme o Gráfico 5, não há demonstrações experimentais de que a administração de nitrogênio não-protéico seja capaz de favorecer a eficiência reprodutiva. A seguir, só a partir de 1983 tiveram início dois ensaios com pre-

Curvas de peso das búfalas alimentadas com cana, capim-leão e uréia

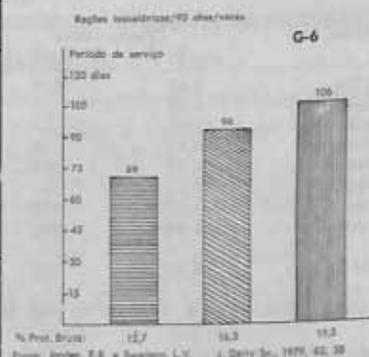


visão de 4 anos, exatamente para avaliar semelhante possibilidade, sendo um em Miranda, de acordo com Villares & Cortada (1984) e outro em Campo Grande, conforme Villares & Platzeck (1984).

Para as regiões temperadas, em que a intensidade do processo produtivo exige aparentemente taxas de proteína acima de 12%, registram-se efeitos negativos à reprodução por excesso de amônia. Segundo Sommer (1979), o excesso de proteína ocasiona alcalose ruminal, aumentando a taxa de amônia no rúmen, com distúrbios celulares no fígado e deficiência de energia. As distúrbios costumam atingir outros órgãos, como ovários e útero, que se tornam sub-ótimos à reprodução, com aumento do número de serviços por concepção, segundo Slama e ass. (1976).

Os dados de Jordan & Swanson (1979) registraram aumentos crescentes no período de serviços e no número de serviços por concepção, a medida que se elevava a taxa de proteína de 12,7 para 19,3%, em rações isocalóricas, conforme se pode observar no Gráfico 6. Admite-se que tais resultados desfavoráveis podem suceder com a ingestão em excesso, tanto de proteína como de nitrogênio não-protéico, acarretando sempre a elevação da taxa de uréia no plasma de 9,08 para 18,25 mg/100 ml e contribuindo para modificar o pH no trato reprodutivo, com redução da fertilidade, uma vez que os espermatozoides são mais ativos e longevos em pH neutro, conforme White (in Hafex, 1974).

Efeito do nível de proteínas sobre a eficiência reprodutiva



Fonte: Jordan, E.R. e Swanson, L.V. J. Dairy Sci., 1979, 62, 30

Semelhantes observações fazem ampla distinção entre os possíveis efeitos sub-clínicos nocivos do excesso de amônia nas rações com mais de 12% de proteínas, correntes na zona temperada, ao passo que apenas se fazem tentativas de se aproximar de 12% de proteína nas pastagens tropicais. Após a ingestão permanente de uréia em alta proporção, durante 5 anos, as búfalas serão no final sacrificadas em Botucatu, segundo Villares & Rocha (1983), para os referidos estudos anátomo-patológicos de órgãos e vísceras, em busca de novos esclarecimentos.

A título de sugestão, parece interessante, desde logo, empregar nitrogênio não-protéico na alimentação do zebu, no sistema de pasto, para otimizar a conversão de energia bruta disponível em energia metabolizável nas gramíneas forrageiras tropicais, em benefício da eficiência reprodutiva.

ii) Efeito de nutrientes minerais na reprodução. Do ponto de vista da reprodução, o nutriente fósforo é, realmente, o mais estudado na alimentação de grandes ruminantes. A carência de fósforo está relacionada à composição original da rocha-mãe e aos desgastes ocorridos durante a exploração agro-pecuária, que se acentuam nas regiões tropicais úmidas. A insuficiência de fósforo no solo acarreta teores baixos nas gramíneas forrageiras e na alimentação de ruminantes no sistema de pasto. Mesmo os solos mais novos, de origem vulcânica, ricos em fósforo, acabam por se empobrecer mediante a sua fixação pelos hidróxidos de ferro e alumínio, tornando-os indisponíveis para a vida vegetal. Salvo alguma exceção, os solos tropicais brasileiros são pobres de fósforo.

Nos climas tropicais úmidos do Brasil, a disponibilidade de fósforo para as plantas forrageiras flutua estacionalmente, sendo apenas suficiente na estação de chuvas estivas e carente na de seca invernal (ao passo que no clima tropical do tipo de estepe, de baixa latitude, como no Texas, a carência de fósforo é anual ou permanente).

Tendo por referência o nível de fósforo inorgânico no soro sanguíneo, Villares

Quadro IV. Nível de fósforo inorgânico no soro sanguíneo de vacas Guzerá — 1951-1954

Mês	Vacas secas		Vacas em lactação	
	mg/P/%	Índice	Mg/P/%	Índice
Julho	4,83	121	4,06	101
Agosto	3,42	85	2,76	69
Setembro	3,27	82	2,83	71
Outubro	3,42	85	2,92	73
Novembro	4,77	119	3,51	88
Dezembro	4,71	118	2,97	74
Janeiro	4,38	109	3,15	84
Fevereiro	5,59	140	3,10	127
Média	4,30	107	3,54	88

Fonte: Villares J.B. & Silva, H.M. Bol. Ind. Anim. (1956).

& Silva (1956) registraram os baixos valores de 3,5% na estação de seca invernal e apenas suficiência com 4,3% na de chuvas estavais, conforme se pode observar no Quadro IV. Ainda figura ali o resultado de vacas Guzerá em lactação com taxas de até 2,76% de fósforo inorgânico no soro, apascentadas com capim-jaraguá, cultivado em solos de terra roxa estruturada em Ribeirão Preto, SP.

Em solos de campos naturais, cobertos de *Trachypogon polymorphus*, Villares & Andreaza (1975) encontraram os resultados constantes do Quadro V sobre taxas de proteínas e fósforo. Antes da queima dos pastos, a proteína e o fósforo estavam em apenas 3,8 e 0,04%, revelando acentuada deficiência. Após a queima das gramíneas, na 3.ª semana, as taxas de pró-

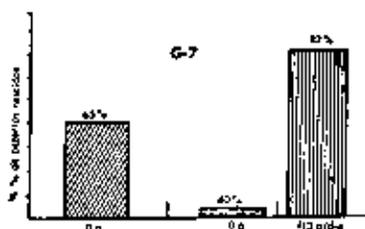
teína e fósforo aumentaram para 15,7 e 0,18%, respectivamente, em função da queima da gramínea nativa (*Trachypogon polymorphus*) antes e após a queimada.

Estação Experimental de Criação de Sertãozinho, SP, conforme se constata para o nascimento de bezerros em lotes tratados e não tratados com fósforo, apascentando os mesmos prados de capim-jaraguá, conforme se observa no Gráfico 7.

A média de bezerros nascidos aumentou de 65% para 82%, gradativamente, ano a ano, ao mesmo tempo que o lote testemunha, sob idênticas condições, mas sem tratamento de fósforo, declinou, pouco a pouco, até 40%, estando os lotes fechados, sem eliminação ou reposição de indivíduos. No Texas, a administração de fósforo operou resultados finais mais elevados, chegando a eficiência reprodutiva a atingir 98% de nascimento de bezerros. É preciso atentar a existência no Texas de abundante vegetação de leguminosa

Efeito da fertilidade de solos sobre a eficiência reprodutiva de vacas Guzerá

Estação Experimental de Criação, Sertãozinho, 1961-1965



Fonte: Villares, J.B.

nativa, cujas folhas e frutos são ingeridos pelos bovinos, denominada "mesquite", planta lenhosa. Há, ali uma associação de proteína de origem vegetal e suplementação de fósforo nos pastos secos.

No momento, outros minerais estão em evidência, como magnésio, zinco, cobre e molibdênio, complementando o fósforo na vida reprodutiva dos bovinos.

Na área da nutrição, como sugestão, figura a recomendação bem fundamentada de associação de misturas de nitrogênio não-protéico e minerais, sobretudo uréia e fósforo, para serem fornecidas às vacas em reprodução no sistema de pasto no ciclo do ano. As pessoas mais conservadoras ou cautelosas podem aguardar o decurso dos próximos 2 ou 3 anos, para afinal conhecer os resultados dos ensaios experimentais que tentam avaliar os efeitos da mistura de sal-uréia-mineral na alimentação de cerca de 2.000 vacas Nelore, apascentadas em capim braquiária, em solos de cerrado, no Estado de Mato Grosso do Sul e noutras áreas do país.

C Efeito de manejo administrativo sobre a reprodução. Denomina-se manejo

Quadro V. Proteína e fósforo em gramíneas nativa (*Trachypogon polymorphus*) antes e após a queimada

Nutrientes	Semana		Mês - após			
	Antes	3.ª após	3.º	6.º	9.º	
Proteína, %	3,8	15,7	9,6	5,8	3,7	
Fósforo, %	0,04	0,18	0,15	0,11	0,08	

Fonte: Villares, J.B. & Andreaza, F. A. B. Zoot. (1975).

teínas subiram para 15,7% e as de fósforo para 0,18%. Desse ponto para a frente os teores de proteína e de fósforo declinaram do 3.º ao 9.º mês para terminarem com 3,7 e 0,08% de proteína e fósforo, respectivamente. Há boa indicação de suficiência estival e carência invernal, tanto de proteína como de fósforo no Brasil Central.

As observações dos resultados de suplementação de fósforo aos zebuínos no sistema de pasto dão a impressão de respostas mais acentuadas no período de chuvas estavais, quando há outros fatores nutricionais condjuentes, embora a maior necessidade nutricional se encontre no período de maturidade das gramíneas forrageiras de ciclo estival, para as vacas em lactação nos climas tropicais úmidos com inverno seco.

A administração sistemática de fósforo às vacas Guzerá, durante 5 anos, mediante a ingestão obrigatória de bolos de fósforo colados na boca diariamente, teve efeitos sobre a eficiência reprodutiva, no

Quadro VI. Biometria testicular de bovinos Santa Gertrúdia e Zebuínos Nelore (circunferência da bolsa escrotal, cm)

Raça	Classe de meses	N.º	Média da circ. cm
Santa Gertrúdia	7-12	16	20,72 ± 0,51
	13-16	11	31,55 ± 1,30
	31-36	19	37,63 ± 1,66
	42-60	21	38,58 ± 0,56
	> 60	33	40,56 ± 0,53
	Total	100	35,43 ± 0,33
Nelore	7-12	19	18,76 ± 0,47
	13-16	56	21,73 ± 0,97
	31-36	10	35,39 ± 0,91
	42-60	31	35,53 ± 0,51
	> 60	18	37,72 ± 0,74
	Total	134	27,67 ± 0,28
Conjunto das duas raças		234	30,98 ± 0,21

Fonte: Villares, J.B. II Congr. Int. Sta. Gertrúdia (1980).

O NELORE

Alberto Alves Santiago



1878 - 1983 Cento e cinco anos de história do Nelore.

Entrada dos primeiros exemplares, os primórdios da criação, e os pioneiros. Os pioneiros e os animadores do Nelore, os que foram à Índia. O gado da Índia. A expansão do Nelore. Os primeiros núcleos e as primeiras exposições. Características. Tolerância ao calor. Características raciais. Padrão Indiano da raça Ongole. Variedades do Nelore: Mocho, Malhado de preto, Vermelho e o Pêlo Rosa.

A genealogia do Zebú e a ação do registro. Expansão e evolução. Estudos e desenvolvimento ponderal. Reprodução. Produtividade. O Nelore do ponto de vista econômico. Morfologia do moderno novillo produtor de carne. Seleção e melhoramento. Evolução. Centros de seleção. Os genearcas da raça. Raçadores importados. Os grandes campeões. A Associação de Criadores de Nelore do Brasil.

560 páginas, inclusive 150 páginas com ilustrações.

**560 páginas,
inclusive
150 páginas
com ilustrações.
Volume
encadernado.**

Volume encadernado com sobre-capa.

Faça logo o seu pedido de "O NELORE" preenchendo e enviando o cupon ao lado à

EDITORA DOS CRIADORES LTDA., à rua Venâncio Aires, 31, CEP 05024 S. Paulo - SP

Cr\$
100.000

CERTIFICADQ DE COMPRA ANTECIPADA

1 exemplar do livro "O NELORE".

Com o presente, peço remeterem um exemplar encadernado do livro "O NELORE" de Alberto A. Santiago, ao preço de Cr\$100.000,00. Para pagamento desta COMPRA, segue anexo o cheque n.º c/ o Banco e no valor acima.

A EDITORA DOS CRIADORES LTDA. Rua Venâncio Aires, 31 - CEP: 05024 - SAO PAULO - SP

A remessa do livro "O NELORE" deve ser feita para:

Nome:

Endereço:

CEP:

Cidade:

Estado:

EDITORA DOS CRIADORES LTDA. - Rua Venâncio Aires, 31 - CEP: 05024 - São Paulo - SP
CGC 61.183.406/0001-4 - Insc. 108.063.288

Fazenda Nossa Senhora das Graças



Proprietário:
Antônio Gomes Calçado



FARÁO DE MARICÁ



TABATINGA CEDRO

criação de
NELORE PO, BÚFALOS
JAFARABADI E
MURRAH POI,
MANGALARGA
MARCHADOR E
JUMENTO PEGA

VENDA PERMANENTE
DE PRODUTOS
Caixa Postal 75

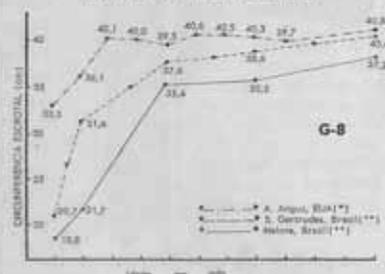
SILVADO (021) 737-2764 —
MARICÁ - RJ

PRAIA DO FLAMENGO, 274
RIO DE JANEIRO
(021) 552-6607 - CEP 22.210

administrativo a intervenção do homem para aplicar insumos intelectuais, representados por seus conhecimentos tecnológicos. Além de outros itens na área de manejo administrativo em benefício da reprodução, reconhecem-se a proporção de touros e vacas para acasalamentos; a idade de reprodução dos dois sexos e outras, aplicáveis ao sistema de pasto com vistas à eficiência reprodutiva.

A propósito de proporções entre sementes e matrizes para acasalamentos, os pecuaristas brasileiros que exploram zebuínos, costumam seguir a prática geral de outros países, em que se usam 2 a 3% de touros em relação às vacas. Tanto há casos de 1% de touros para coberturas noturnas no curral, como de 4 a 5% em sistema de pastos extensivos. A prática do rodeio, que consiste em reunir, no próprio campo, os grupos dispersos para propiciar nova e melhor distribuição entre machos e fêmeas, resulta favorável à reprodução de zebuínos no Pantanal de Mato Grosso do Sul.

Dimensão testicular de bovinos, zebuínos e cruzados nos respectivos zonas temperada e tropical (circunferência escrotal)



Fonte: (**) CÔLTER, SHI et al. - J. An. S. 1979, 41:3 (***) VILLARES, JR et al. in Comp. Inv. S. Gertrudis 1979.

Nos últimos tempos, os dados de biometria testicular levantaram a hipótese de que os zebuínos teriam testículos de menores dimensões, para a mesma faixa etária, do que os bovinos. Uma demonstração desta natureza é feita por Villares e ass. (1980) (Quadro VI).

Partindo de 20,7 cm de circunferência escrotal, na faixa de 7 a 12 meses, os exemplares de bovinos Sta. Gertrudis alcançaram 40,6 cm aos 60 meses ou mais, dando a média geral de 35,4 cm, enquanto que os zebuínos Nelore registraram, respectivamente 18,8; 57,7 e 27,7 cm, isto é testículos comparativamente menores.

As curvas de crescimento linear da bolsa escrotal de bovinos A. Angus e Nelore, tendo de permear os produtos de cruzamento, oferecem a visão comparativa suficientemente clara para sugerir a conveniência de elevar para 6% a proporção de machos zebuínos em relação às vacas, como tentativa de manejo reprodutivos. Há, em São Paulo, empresas que colhem

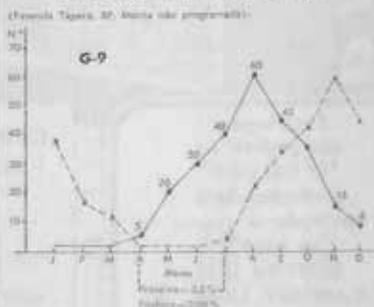
82% de bezerros e, dentre outras práticas, usam 7% de touros. É muito importante o exame do testículo, uma vez que de 628 zebuínos, Vale Filho (1982) encontrou 53,3% sub-férteis ou inférteis.

A idade de reprodução é, por assim dizer, uma função do crescimento ponderal. Não convém nem abusar da precocidade sexual das novilhas, antecipando os acasalamentos, nem retardar as coberturas, porque as duas práticas podem comprometer a eficiência reprodutiva. Nas condições do Brasil Central sugerem-se pesos em torno de 300 kg de peso vivo para o início da vida reprodutiva dos zebuínos Nelore, Guzerá, Indu-Brasil e outros, a fim de evitar prolongado interparto. Em Mato Grosso do Sul, Aroeira & Rosa (1982), registraram a idade de 46,9 meses para a primeira parição de Nelore e 576 dias para o primeiro interparto, o que corresponde à insatisfatória reprodução, conforme se observa no Quadro VII. Estudando mais de 2000 vacas Gir leiteiras, Ramos (1984) encontrou 1430 dias para a idade de primeira parição e 521 dias para o interparto, valores esses próximos dos zebuínos Nelore.

A estação de monta constitui prática eficiente de manejo reprodutivo, uma vez que permite identificar as matrizes sub-férteis. Cada empresário rural deve estudar a estação de monta adequada para as condições de sua exploração pastoril, adotando inicialmente cerca de 180 dias de duração, com contínuas reduções ao longo do tempo, até chegar ao ponto ideal de 90 dias. O afastamento de matrizes sub-férteis, que transmitem esse caráter à descendência, promoverá a melhoria da eficiência reprodutiva em pouco tempo, além de trazer outros benefícios correlacionados.

Em lugar de estação de monta universal, sugere-se que cada empresário cuide de estudar a mais apropriada para o seu imóvel rural. As vezes um único fator ecológico condiciona o estabelecimento da estação de monta como se pode observar no Gráfico 9.

Distribuição de nascimentos e entre do sexo Nelore



Quadro VII. Idade ao 1.º parto em zebuínos Nelore

Característica	N.º	Média, dias
Idade ao primeiro parto	445	1407
Interparto do 1.º ao 2.º	445	576

Fonte: Aroeira, J. & Rosa, A. N. Pesq. Ag. Br. 17 (2), 1982.

O uso controlado do fogo, como manejo de pastos naturais, obrigou o rebanho através dos níveis qualitativos das gramíneas — proteínas e fósforo — a ter uma pré-determinada estação de monta. Não se trata simplesmente de adotar a estação de monta, mas de fazer ajustamentos que possibilitem a estação de monta e indetificar os indivíduos superiores para reter e os inferiores para eliminar.

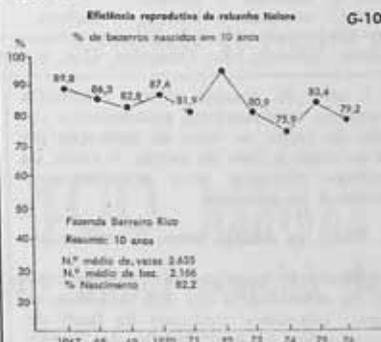
A sugestão de adotar estação de monta para cada situação é sustentada pelo fato de que os zebuínos, pelo menos o Nelore, nas condições tropicais brasileiras, são poliestrais anuais, de acordo com Villares, Marconi e Kapacote (1977).

D. Efeito do Melhoramento genético na reprodução

É bem conhecido que os atributos da reprodução, tendo baixa herdabilidade, dependem mais do meio, do que do patrimônio genético, com evidentes dificuldades para o método de seleção. Não obstante, há sempre uma fração da baixa eficiência reprodutiva sob controle da herança.

Bonama (1949), na África do Sul, dedicou especial atenção aos desvios da normalidade fisiológica da reprodução, mediante reconhecimento de características morfológicas, denunciadoras da sub-fertilidade. A eliminação dos sementais e matrizes portadoras do síndrome de sub-fertilidade, promove a melhoria genética da eficiência reprodutiva, uma vez que são controlados pela herança.

Adicionalmente, o uso de nutrientes específicos, a estação de monta, a proporção de touros e vacas, a eliminação de indivíduos sub-fértiles e outras, com resultados no Gráfico 10.



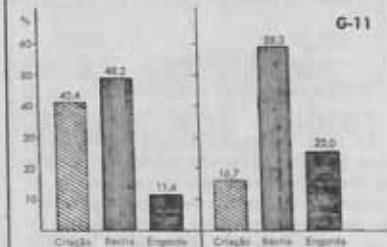
Fonte: Villares, J.B. e Marconi, W.

De 1967 a 1976, durante 10 anos, cerca de 2 635 vacas Nelore produziram 2 166 bezerros, em média, por ano, configurando a eficiência reprodutiva de 82,2%, em terras de qualidade apenas média, cultivadas com gramíneas forrageiras tropicais. A empresa vem mantendo o alto desempenho reprodutivo, uma vez que em 1979 conseguiu o seu ponto culminante com 96,7%.

A expectativa de melhorar a baixa eficiência reprodutiva dos zebuínos está, pois, baseada em possibilidades concretas e exemplos objetivos.

ções dos recursos forrageiros no ciclo do ano, seja pela baixa habilidade genética de ganhar peso. Via de regra, a fase de recria caracteriza-se pelo crescimento dos bovinos nos trópicos.

Em virtude do crescimento ponderal entre o desmame e o início da vida reprodutiva ser vagaroso, a fase de recria nas zonas tropicais reúne o maior contingente populacional, com cerca de 48,2% dos bovinos, ao passo que as fases de criação e engorda conteriam, respectivamente, 40,4 e 11,4%. Ademais, a fase de recria retém os zebuínos por longo tempo entre 12 e 36 meses, de maneira que abrange 58,3% do ciclo de produção, a de criação 16,7% e a engorda 25,0% no Brasil, conforme o Gráfico 11.



Essas duas características combinadas — grande contingente populacional e prolongada duração da fase de recria — fazem baixar a eficiência do processo produtivo pesadamente nos trópicos.

Nas zonas temperadas de pecuárias desenvolvidas, a fase de recria pouco a pouco se reduz em duração e em número de bovinos, com tendência de desaparecimento. O crescimento rápido e contínuo fica distribuído nas fases de criação e terminação, sem configurar uma fase intermediária suficientemente definida e individualizada, graças ao trabalho do homem.

Cabem duas sugestões para melhorar a produtividade do zebu na fase de recria. Uma, referente à melhoria da alimentação no período crítico do ciclo anual; outra, relativa à seleção da habilidade genética de crescer rapidamente ou de ganhar peso.

A. Efeito da melhoria da alimentação sobre o crescimento na estação de seca invernal. Na maior parte dos climas tropicais brasileiros há, no ciclo do ano, uma estação de seca invernal, com a duração de 100 a 150 dias, durante a qual a quantidade e a qualidade das plantas forrageiras nativas ou cultivadas sofrem depressões, a ponto de interromper o crescimento ponderal de zebuínos.

A curva de crescimento experimental inflexão com perda de peso, tanto mais acentuada quanto mais pesado for o zebuínuo na fase de recria. O crescimento compensatório, que sobrevém a seguir, não consegue às vezes equiparar-se ao crescimento irrestrito, na estação de chuvas estivais, trazendo atraso no peso por

Quadro VIII. Seleção da habilidade reprodutiva de bovinos (África do Sul)

Antes da seleção			Após a seleção		
Ano	N.º de vacas	% de bezerros	Ano	N.º de vacas	% de bezerros
1950	1 263	58	1957	2 320	88
1951	1 550	77	1958	2 232	82
1952	1 934	79	1959	2 133	85
1953	2 245	62	1960	2 240	83
1954	2 251	76	1961	3 000	93
1955	2 855	75	1962	3 000	91
1956	2 669	56	1963	3 000	92
1950-56	2 110)	(69,0)	1957-63	(2 705)	(87,8)

Fonte: Bonsma, J. (1949).

Na África do Sul, no período de 1957 a 1963, Bonama fez rigoroso afastamento de indivíduos sub-fértiles e conseguiu a média de 87,8% de eficiência reprodutiva, quando antes, de 1950 a 1956, esse índice não passava de 69,0%. As sugestões de Bonsma têm encontrado numerosos seguidores, havendo razões para serem estudadas, adaptadas e aplicadas no melhoramento genético reprodutivo de zebuínos.

Há exemplos, no Estado de São Paulo e noutras regiões brasileiras, de que a melhoria da eficiência reprodutiva dos zebuínos é viável, desde que se adote sistematicamente a série de sugestões ora apresentadas. Assim, na fazenda Barreiro Rico, em Anhembi, SP, o elenco de providências recomendadas é seguido a rigor, de longa data, como a saúde repro-

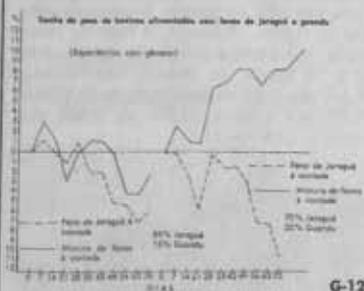
2. Produtividade do zebu na fase de recria

Na moderna zootecnia, o crescimento ponderal, linear ou estatural dos animais passou a ser uma função tão importante no processo produtivo, quanto as demais funções econômicas, como produção de leite, lã e outras. Em última análise, para os animais produtores de carne, o crescimento nada mais é do que a multiplicação das células ósseas, o desenvolvimento das fibras musculares e a deposição de células gordurosas nas várias partes do organismo, sobretudo na carcaça.

Nas regiões tropicais, por ocorrer ao nível dos recursos naturais, o crescimento torna-se lento, demandando para ensejar a puberdade e ainda mais vagaroso para atingir a maturidade, seja pelas flutua-

idade e prolongando a duração da recria.

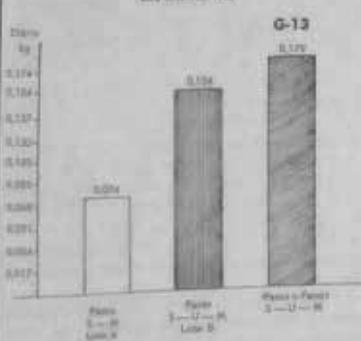
Uma série de ensaios experimentais com bezerros gêmeos, sob condições tropicais de São Paulo, forneceu afinal evidências de que a combinação de proteínas e minerais, sobretudo fósforo, seria capaz de manter e até aumentar o ganho de peso de zebuínos em crescimento, conforme se pode observar no Gráfico 12.



G-12

O leno de capim-jaraguá, enriquecido com gandu (25% de proteína e 0,22% de fósforo) incrementou o crescimento de zebuínos, enquanto que o emprego isolado de energia, proteína e minerais ou outras associações foi negativo. Recentemente, fez-se a substituição de gandu por uréia e minerais, na combinação de sal-uréia-mineral para suplementar bezerros Nelore, antes e após desmame, no sistema de pasto de capim-pangola, na estação invernal, com resultados auspiciosos, conforme o Gráfico 13.

Ganho de peso de bezerros Nelore desmamados na estação de seca invernal, 1961



G-13

Os bezerros Nelore, suplementados com sal-uréia-mineral para lambar, ganharam o dobro (0,134 vs 0,024 kg/dia) dos testemunhas, após desmame, em 117 dias de inverno, com duas ou três geadas fortes. Antes, noutro ensaio, a administração de mistura de biuretado e minerais proporcionou 0,306 kg por dia de ganho de peso, superando assim o simples uso de minerais (0,277 kg/dia) e sobretudo de melação-biuretado-minerais (0,253 kg/dia) em grupo de novilhas Nelore, no período de seca invernal, em pasto de Pangola segundo Villares, Gonçalves e Silveira (1973) (Quadro IX).

Quadro IX. Suplementação de novilhas Nelore na estação de seca invernal, no pasto

Tratamento	Ganho de peso	
	g/dia	Índice
Lote A: minerais	277	4,38
Lote B: minerais + biuretado	306	2,23
Lote C: minerais + biuretado + melação	253	19,17

Fonte: Villares, J.B.; Gonçalves, D.A. e Silveira, A.C. II Jorn. FCMBB, 1975.

A série de ensaios oferece resultados coerentes, confirmativos, econômicos e viáveis, do ponto de vista de aplicação para encurtar a fase de recria, à custa da melhora alimentar para o crescimento ponderal de zebuínos.

B. Efeito da seleção sobre o crescimento

Quando se comemorou o cinquentenário da redescoberta das leis mendelianas, alguns estudiosos cuidaram de fazer demonstrações da contribuição da Genética para o melhoramento da produção animal. Assim, Falconer (1960) indicou que a produção de leite aumentaria de 21% na Suécia; a produção de ovos crescerá de 64% nos E.U.A.; a produção de lã subirá de 71% na Austrália, mas não havia nenhuma informação sobre a produção de carne bovina. É que não existia nenhum atributo métrico que pudesse representar a carne bovina, para fins de seleção genética.

As coisas estavam neste pé quando os pesquisadores da Estação Experimental de Montana, E.U.A., por volta de 1940, passaram a admitir que o ganho de peso de bovinos, expressando o crescimento de ossos, o desenvolvimento de músculos e a deposição de gordura, isto é, as estruturas tissulares da carcaça, poderiam ser o atributo métrico, representativo da produção de carne. Não tardou a revelação dos parâmetros do ganho de peso, como variabilidade e herdabilidade, capazes de dar rapidez e segurança à seleção da produção de carne bovina, feita no período de crescimento.

Depois de adotado nos E.U.A. o método de seleção, baseado na escolha dos indivíduos pelo desempenho do ganho de peso, foi introduzida no Brasil, extantamente para ser aplicado aos zebuínos Gir, Gu-

zerá, Nelore e Indubrasil, em Barretos, SP, em 1951. No decurso de 1/3 de século, entre 1951 e 1984, acumularam-se numerosos resultados reveladores da magnitude de ganho, da variedade do atributo e de sua herdabilidade, em provas de desempenho individual e em testes de progênie, em São Paulo e noutros pontos do País, realizados no período de recria.

Uma visão da magnitude do ganho de peso de zebuínos Gir, Guzerá, Nelore, Indubrasil e outros pode ser aferida pelos maiores ganhadores de peso, nas provas anuais de 1951 a 1965, segundo Villares e Tundisi (1965) (Quadro X).

Constata-se que o ganho máximo de peso ocorreu em 1959, quando um exemplar Nelore obteve 183,0 kg de ganho em 140 dias. No período de 1951 a 1965 os zebuínos Nelore conquistaram por sete vezes o primeiro lugar, com a média de 167,6 kg de ganho; o Guzerá e o Indubrasil ocuparam a primeira posição por três vezes com 160,0 kg e 152,4 kg, respectivamente e o Gir, uma vez, com 152 kg. Parece clara a maior freqüência de ganho do zebuínos Nelore, indicativa de sua vocação para a produção de carne.

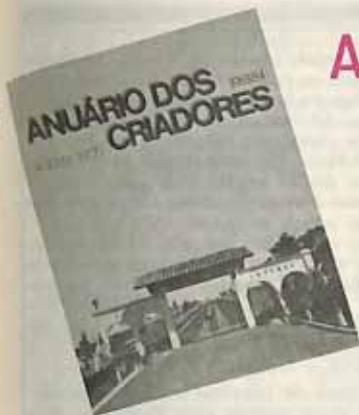
A apreciável variabilidade do atributo ganho de peso nos zebuínos pode ser observada através dos resultados das médias e dos ganhos máximos e mínimos para machos no período de 1951 a 1955 em São Paulo, segundo Villares (1965), conforme se observa no Quadro XII.

Atribuindo-se o índice 100 ao ganho médio, constata-se que nos exemplares Nelore surgiu um ganhador máximo com 1,307 kg de ganho ou índice 153, ao lado de um ganhador mínimo com 0,307 kg ou índice 36. Para os Guzerá, com 1,178 kg e 0,378 kg, ou para o Gir com 1,021 kg e 0,250 kg, respectivamente, para os ganhos extremos em torno da média, regis-

Quadro X. Os maiores ganhadores de peso por ano e por raça (1951 a 1965)

Ano — Raça	Ganho de peso, kg	Índice	Classificação
1951 — Nelore	174,5	95,3	3. ^o
52 — Indubrasil	154,2	84,2	10. ^o
53 — Nelore	151,7	82,8	13. ^o
54 — Nelore	161,8	88,4	7. ^o
1955 — Nelore	164,7	89,4	4. ^o
56 — Guzerá	154,6	84,4	9. ^o
57 — Nelore	155,6	85,0	8. ^o
58 — Nelore	182,0	99,4	2. ^o
59 — Nelore	183,0	100,0	1. ^o
1960 — Indubrasil	154,0	84,1	11. ^o
61 — Gir	152,0	83,1	12. ^o
62 — Guzerá	162,0	88,5	6. ^o
63 — Indubrasil	149,0	81,3	14. ^o
64 — Guzerá	164,0	89,6	5. ^o
1965 — Tabapuá	134,0	75,2	15. ^o

Fonte: Villares, J.B. & Tundisi, A. (1965).



ANUÁRIO DOS CRIADORES

ANO XX - Nº 20

— a realidade da pecuária para você

400 páginas com
220 páginas em papel couchê da mais fina qualidade

720 fotolitos a cores e **180** páginas em papel
“off-set” com estudos orientando os criadores sobre:

PECUÁRIA DE CORTE

Produção intensiva de carne bovina. — Completa o estudo sobre engorda em confinamento de gado de corte publicado no ANUÁRIO n.º 19 — Ano 19. **CURRAL PARA 500 BOVINOS.** Estudo completo com plantas e com uma relação de todo o material necessário para a construção de um curral para 500 bovinos. **Curso intensivo sobre julgamento de zebuínos.** — A nova orientação que os criadores, selecionadores e técnicos estão seguindo na apreciação do moderno reprodutor zebuíno.

PECUÁRIA LEITEIRA

Sistema de produção implantado no CNP — Centro Nacional de Produção, tendo por **METAS:** produção/vaca/lactação: **2.700 kg/1 ano;** taxa de natalidade **75%;** peso vivo das fêmeas aos **12 m: 200 kg;** aos **18 meses, 250 kg** e aos **24 meses 300 kg;** idade do 1.º parto: **33 a 39 m.** Trabalho completo sobre a instalação, funcionamento e controle de custos, zootécnico e sanitário de uma pequena e média fazenda de gado leiteiro.

Ainda mais: artigos sobre equideocultura, suinocultura, e uma série de endereços de Ministérios, Secretarias da Agricultura, Confederação e Federações da Agricultura, Associações de Registro Genealógico e mais 900 endereços dos grandes criadores e selecionadores das várias espécies e raças que formam o criatório nacional.

ANUÁRIO DOS CRIADORES, pela qualidade dos artigos, das informações e pela quantidade de ilustrações em cores que publica não pode faltar em nenhuma fazenda de criar!



ANUÁRIO DOS CRIADORES

Cupom de Compra

Com a presente peça me remeterem exemplar(es) do
ANUÁRIO DOS CRIADORES ao preço de Cr\$ 100.000

Segue o meu pagamento em forma de cheque, em nome da Editora dos Criadores Ltda.
Rua Venâncio Aires, 31 — CEP 05024 — São Paulo - SP.

Nome:

Endereço:

Código Postal Cidade Estado

Quadro XI. Resumo de 15 anos de provas de ganho de peso em São Paulo, Brasil

Raça do ganhador	Frequência por raça		Ganho de peso, kg
	N.º	%	
Nelore	7	46,6	167,6
Guzerá	3	20,0	160,2
Indubrasil	3	20,0	152,0
Gir	1	6,7	152,0
Zebu Mocho (Tabapuã)	1	6,7	134,0

Fonte: Villares, J. B. & Tundisi, A. (1965).

Quadro XII. Resultados de 15 anos de provas de ganho de peso de zebuínos (Valores médios, máximos e mínimos)

Classe de ganho	Ganho de peso em 140 dias de confinamento					
	Gir		Guzerá		Nelore	
	kg/dia	índice	kg/dia	índice	kg/dia	índice
Máximo	1,021	147	1,178	138	1,307	153
Médio	0,695	100	0,850	100	0,851	100
Mínimo	0,250	37	0,378	44	0,307	36

Fonte: Villares, J. B. *Folha Agropecuária*, 7, 1965.

taram-se notáveis variações individuais suscetíveis de seleção.

Utilizando 281 indivíduos Nelore, filhos de 11 touros, logrou-se fazer a estimativa da herdabilidade do atributo ganho de peso, a fim de prever e avaliar os efeitos da seleção nas próximas gerações nos trópicos como se acha no Quadro XIII, segundo Villares & Ramos (1974).

Quadro XIII. Herdabilidade do ganho de peso de zebuínos Nelore

Touros	Progênie	Herdabilidade	
N.º	N.º	%	%*
11	281	0,40	0,88

* Ajustada para idade e peso iniciais.
Fonte: Domingues, C.A.C.; Villares, J.B. e Ramos, A.A. *IV Jornada FCMBB*, 1974.

Quadro XIV. Prova de progênie para ganho de peso de zebuínos Nelore (em 140 dias de confinamento)

Touro	N.º filhos	Ganho de peso dos filhos	Filhos superiores N.º	%
(nome)				
Banzé	5	186,4	3	70,0
Cabrito	6	182,3	4	66,7
Mandado	5	176,8	4	80,0
Júbilo	11	170,6	8	66,7
Jambo	5	169,2	2	40,0
Magorin	5	165,4	1	20,0
Lagoão	15	164,4	5	33,3
Caruá	14	158,3	2	16,6

Fonte: Villares, J.B. e ass. (1975).

A herdabilidade observada alcançou 0,40, que se compara com a estimada nos rebanhos de bovinos de corte na zona temperada. O ajustamento para idade e peso iniciais elevou o coeficiente de herança para 0,88, o que abre amplas perspectivas para o ganho genético do peso vivo de zebuínos Nelore e talvez outros nos trópicos.

Com os ganhos de peso de 66 descendentes de 8 touros Nelore, tornou-se possível fazer uma tentativa de teste de progênie, para avaliação de sementais, provavelmente a primeira com zebuínos, em 1975, segundo Villares e ass. (1975) e conforme o Quadro IV.

A prova de progênie evidenciou a diferença entre outros para ganho de peso de sua descendência, desde que aqueles que obtiveram 80% de filhos superiores até os que não lograram senão 16,6%, os animais denominados "Mandado" e "Caruá", respectivamente.

E ainda preciso estabelecer confrontos

RUSTICIDADE, FERTILIDADE E GRANDE GANHO DE PESO. TABAPUÃ, A RAÇA FEITA PARA O BRASIL



ACLARAMENTO DE TABAPUÃ
842 kg aos 36 meses

TABAPUÃ

Se você quer peso, você quer TABAPUÃ, a raça feita para o Brasil: rusticidade, fertilidade e precocidade. Venha à origem do TABAPUÃ: Fazenda Água Milagrosa, Tabapuã, Estado de São Paulo.

Dr. ALBERTO ORTENBLAD

Fazenda Água Milagrosa
C. Postal 23
15.880 - Tabapuã - SP
Tels.: (0175) 62-1117 e 62-1487

Filial em MS: Granja Ipanema
Rodovia Campo Grande - Curitiba, a 40 km de Campo Grande
Tel.: (067) 624-6138

Escritório no Rio:
Rua da Assembleia, 92, 10.º and. — Rio de Janeiro, RJ
Tels.: (021) 242-0297 e 221-0678

de ganho de peso entre zebuínos e bovinos ou seus mestiços, para ter-se idéia comparativa, o que se tornou viável com 40 indivíduos contemporâneos à prova de ganho de peso, na Fazenda Santa Sofia, em Presidente Venceslau, SP, em 1983, segundo Villares & Rocha (1983) conforme o Quadro XV.

com o Canchim em provas de contemporâneos, segundo as quais 84,6% dos indivíduos desta nova raça superaram 400 kg de peso após o teste de ganho, enquanto que apenas 16,4% dos Nelore conseguiram o mesmo desempenho.

A inferioridade do Nelore não é potencial, mas apenas atual, uma vez que tais

Quadro XV. Prova de ganho de peso de zebuínos Nelore e mestiços Chianina, em 1983

Raça ou sangue	N.º	Peso, kg	Idade, dias	Ganho de peso em 140 dias			
				médio	mx	min	kg/%
PO-Nelore	10	317,5	464	121,7	157	73	10
1/2 Chianina-Nelore	10	402,1	460	149,2	196	124	50
3/4 Chianina-Nelore	10	394,5	420	151,8	207	133	60
Bi-mest. 3/4 Ch.-Nel.	10	406,8	470	157,1	169	134	90

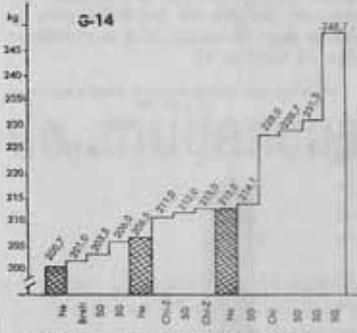
Fonte: Villares, J.B. & Rocha, G.P. III Congr. Zootec., SP, 1983.

Verifica-se que os zebuínos Nelore ficaram inferiorizados para a média de ganho de peso, bem como para os ganhos máximo e mínimo, em comparação com três graus de sangue de Chianina-Nelore. Observa-se que apenas 10% dos indivíduos Nelore conseguiram ganhar mais de 140 kg em 140 dias, ao passo que 50% dos 1/2 Nelore; 80% dos 3/4 Chianina-Nelore e 90% dos bi-mestiços registraram ganhos superiores a 140 kg. Igualmente, poder-se-ia avaliar as possibilidades atuais de ganho de peso do zebu, comparando-os

zebuínos não receberam os estímulos da seleção dirigida para ganho de peso, atributo esse que não é dádiva da natureza, sendo legítima conquista do trabalho do homem.

Afinal, na Galeria de Grandes Ganhadores de Peso, onde só são admitidos os indivíduos que superaram a marca de 200 kg de ganho em 140 dias, figuram apenas 4 zebuínos, sendo 1 mestiço de Brahman e 3 Nelore, com respectivamente 207; 206,3 e 213,0 kg, segundo o Gráfico 14. Apesar de outras raças de zebu figura-

Os grandes campeões de ganho de peso no Brasil



Nota: No = Nelore; Brn. = Brahman; S.S. = Santa Gertrudes; Ch-2 = Chianina-Zebu.

rem nas provas de ganho de peso em São Paulo, apenas os Nelore fazem parte da Galeria de Campeões, em cerca de 33 anos de provas de ganho de peso.

É provável que o melhoramento genético da produção de carne continue em atraso, porque a disponibilidade de reprodutores provados para ganho de peso permanece reduzida. Mesmo nos E.U.A., os pecuaristas não encontram atrativos para usar o método de inseminação artificial em bovinos de corte, onde apenas 3% das vacas foram inseminadas, contra cerca de 70% das vacas leiteiras, segundo

Os canais competentes do leite.

A Westfalia Separator produz todos os tipos de instalações para ordenhas, perfeitamente adaptadas aos pequenos, médios e grandes produtores. São os sistemas Balde ao Pé, Leite Canalizado para estábulos e Espinha de Peixe. Que garantem maior produtividade, rapidez e higiene. Todo o processo é feito sem contato manual, sempre protegendo a saúde do animal.

E mais: a Westfalia Separator, além da assistência técnica especializada, dá total orientação sobre a instalação mais adequada para a sua propriedade.

Tudo isso é resultado da união da tecnologia alemã às nossas reais condições brasileiras.

Só a Westfalia Separator oferece estas vantagens.

Por isso, procure os canais competentes do leite. Procure a Westfalia Separator e seus revendedores.

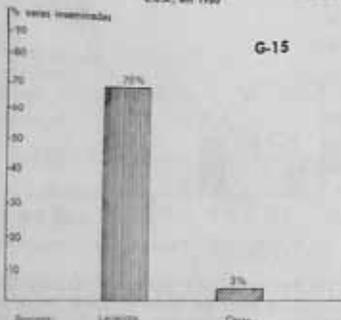
**WESTFALIA
SEPARATOR**

PABX (0192) 42-1555 - Telex 019-1078
Caixa Postal 975 - 13100 - Campinas - SP



Barber (1983), porque os sementais não oferecem pedigree de produção para ganho de peso, de acordo com as demonstrações do Gráfico 15.

Uso de inseminação artificial em fazendas leiteiras e de corte nos E.U.A., em 1990



Para o temperamento do homem latino, em que a vivacidade não costuma casar-se com a pertinácia, o melhoramento genético animal enfrenta naturais obstáculos de aceitação social. Assim, não há sequer um selecionador de zebu de corte no Brasil que utilize a prova de ganho de peso para a escolha de reprodutores, apesar de 1/3 de século de demonstrações permanentes de sua validade. Não obstante, a inseminação artificial é mais empregada entre os zebuínos de corte, do que nos rebanhos leiteiros, sem nenhum sentido de melhoramento genético animal no Brasil.

Como sugestão final, seria altamente proveitoso fazer a unificação da metodologia das provas de ganho de peso no Brasil e a promoção de seus objetivos de melhoramento genético entre os selecionadores de zebu, para aproveitar a potencialidade de crescimento dos indivíduos Nelore, Guzará, Gir, Indubrasil e outros, eventualmente anônimos ou perdidos na população, mas geneticamente diferenciados para a seleção do crescimento e produção de carne.

VI. Conclusão

A análise sumária do processo produtivo da bovinocultura nas zonas tropicais brasileiras indicou dois pontos débeis — baixa eficiência reprodutiva na fase de criação e lento crescimento ponderal na

fase de recria —, os quais devem merecer os esforços prioritários, em programa nacional de conquista da produtividade dos zebuínos. Já existe tecnologia disponível, econômica e viável para o melhoramento da reprodução e do crescimento do zebu nos trópicos.

Ademais, as duas coisas combinadas — alta eficiência reprodutiva e elevado ganho de peso pós-desmama — têm efeitos somatórios com novos resultados econômicos e tecnológicos de extremo significado para os ganhos de produtividade do zebu nos trópicos.

Sem a contribuição dos zebuínos, tornam-se realmente difíceis as produções de carne e leite, necessárias para fazer a sociedade humana emergir do sub-desenvolvimento e ascender a novos planos de civilização. A melhoria da produtividade do zebu acelerará as expectativas de progresso social, econômico e político, com inequívocos benefícios à nação, baseados no poder de compra de carne nos mercados mundiais para subsidiar o desenvolvimento nacional.

VII. Bibliografia

- Aroeira, J.A.D.C. & Rosa, A.N. — *Pesq. Agric. Bras.* 17, 1982.
- Barber, K.A. — *J. Dairy Sci.* 66: 266-71, 1983.
- Bonama, J.C. — *J. Agric. Sci.* 39: 204, 1949.
- Cooper, V.P. — *Herb. Abstr.* 40: 1-5, 1970.
- Deinum, B.A. e ass. — *Neth. J. Agric. Sci.* 16: 217, 1968.
- Demingues, C.A.C. e ass. — *IV Jorn. Cient. FCMBB*, 1974.
- Dowling, D.F. — *Austr. J. Agric. Res.* 7: 469, 1956.
- Dun, T.G. e ass. — *J. Anim. Sci.* 29: 719-26, 1949.
- French, M.H. — *J. Agri. Sci.* 30: 503, 1940.
- Helle, W.H. — *World A. Anim. Prod.*, 1977.
- Jarrige, R. — *Alimentacion de los ruminantes*, 1981.
- Jordan, E.R. & Swansen, L.V. — *J. Dairy Sci.* 62: 58-63, 1979.
- Kuchembuck, M.R.G. — *Tese livre Doc. UNESP*, 1983.
- Lee, D.H.K. — *Inst. J. Biometeor.* 9: 29, 1965.
- McDowell, R. E. e ass. — *J. Anim. Sci.* 18: 1038, 1959.
- *World Rev. Anim. Prod.* 1: 39, 1966.
- *J. Dairy Sci.* 52: 188, 1969.

Ragsdale, A. C. e ass. *Bul.* 460, Univ. Missouri, E.U.A., 1950.

Ramos, A.A. — *Comunicação pessoal*, 1984.

Richardson, D. e ass. — *World Rev. Anim. Prod.*, 1977.

Rogerson, A. e ass. — *Anim. Prod.* 10: 373, 1968.

Slama, H. e ass. — *J. Dairy Sci.* 59: 1334, 1976.

Scmmer, H. *Vet. Med. Res.* 1/2: 42, 1975.

Vale Filho, V.R. — *Inf. Agrop.* 8 (89): 44-54, 1982.

Villares, J.B. & Silva, H.M.T. — *Bol. Ind. Anim.* 15: 5, 1956.

— & Tundisi, A. — *Dados não publicados*.

— e ass. — *II Jorn. Cient. FCMBB*, 1973.

— & Rocha, G.P. *III Congr. Zoot.*, SP, 1983.

— *II Semana Zootec.*, CIZIP, Fratsununga, SP, 1977.

— e ass. — *Bubalinos*, 1979.

— & Cortada, C. — *Comunicação verbal*, 1984.

— & Platezeck, F. — *Comunicação verbal*, 1984.

Warwick, E. J. *World Rev.* 1973.

White, I.G. — *in Reproduction in Farm Animals*, Hafez, E.S.E., 3.ª Ed. 1974.

Wiltbank, J.M. — *J. Anim. Sci.* 23: 1049-53, 1964.

Word, G.M. e ass. *World Rev. Anim. Prod.*, 1977.

— Villares, João Barisson — *Zebu e produtividade de bovinos nos trópicos. Anexo dos Anais da 21.ª Reunião Anual da Soc. Brasileira de Zootecnia*, realizada de 16 a 20 de julho de 1984, Belo Horizonte, MG.

Note da R.: O A. foi Diretor Geral do Departamento da Produção Animal da Sec. da Agricultura do Estado de São Paulo de 1955 a 1963; Diretor Técnico do Registro Genealógico das Raças Indianas (Soc. Rural Brasileira) e Prof. Livre Docente (Disciplina de Zootecnia II, Dep. de Zootecnia) da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da UNESP, Botucatu, na qual defendeu Tese em 1972 sob o título "Estudo sobre o comportamento e desempenho de bovinos Chiani-na e seus mestiços, em região tropical brasileira" com 437 pp e 240 refs. Está presentemente aposentado.

NUTRIMEL - S

Suplemento líquido para ruminantes.

CHEGOU A HORA — PASTO SECO, ÁGUA, SAL E NUTRIMEL-S

Garantia de: ganho de peso, aumento da produção de leite, desmama de bezerro e aumento de fertilidade.

JONIL - INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE RAÇÕES LTDA.

Esc. e Fab. Distrito Industrial — Quadra 12, s/n.º — Tel. (0186) 52-2157
Cx. Postal 405 — PENÁPOLIS — CEP. 16.300 — SP

Peçam-nos grátis prospecto com fórmula e planta de piqueto para confinamento de 100 animais com cocho para volumoso e batedouro.



I — Em tempo de mudanças

Complementando o artigo "As mudanças necessárias", publicado por esta revista em Setembro/84, voltamos a chamar a atenção dos srs. criadores para dois problemas, para que a suinocultura brasileira seja econômica e socialmente desejável: o problema da alimentação e o problema da rusticidade.

Paradoxalmente, vivemos num país de extraordinária potencialidade agrícola, porém convivendo com baixa produção de alimentos e grandes segmentos da população passando fome. Os casos de subnutrição atingem, praticamente, quase todas as classes sociais.

A suinocultura pode resolver parte desse problema, desde que não seja uma competidora com o homem na disputa de alimentos.

É em torno deste problema que trabalhamos com suinocultura, desenvolvendo técnicas simples e baratas, analisando aspectos sócio-econômicos e fazendo projeções, para que em um futuro próximo, a carne de porco possa ser acessível a todas as classes sociais.

Como é sabido, o milho foi sempre considerado "comida de porco".

Entretanto, atualmente, o milho está sendo mais utilizado para alimentação humana que propriamente pela suinocultura, como vemos pela relação abaixo: 1. a indústria do "milho verde" (cozido ou na forma de pamonha). 2. a indústria de óleos. 3. a indústria de álcool. 4. a indústria de farinha e fubá e 5. o que sobrar — poderá ser convertido em carnes pela suinocultura e pela avicultura.

Acredita-se que para breve, o subsídio do trigo seja extinto, ocorrendo então, uma elevada majoração nos preços do pão e massas alimentícias. Se tal ocorrer, a solução já em estudo será a incorporação do fubá na farinha de trigo. Há muitas pesquisas feitas pelo Instituto de Tecnologia de Alimentos com resultados vantajosos. Essa adição pode ser estimada para cada tonelada de farinha mista trigo-milho: para pão francês-50 kg de fubá, para pão de forma-150 kg, para bolacha-200 kg e para macarrão—até 400 kg de fubá.

Por outro lado, consultando dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, verificamos que, para uma população projetada de 133.000.000 de brasileiros, o consumo de pão e massas atual, orça em torno de 6.000.000 de toneladas e a mistura recomendada milho-trigo, equivalente a 20% demandará um consumo de 1.200.000 toneladas de milho.

Finalmente, o mesmo IBGE nos forneceu dados sobre produções: 1984 — milho 21.116.908 toneladas e trigo 1.900.000 toneladas, ficando o país obrigado ainda a sucessivas importações de trigo.

Para se evitar as contínuas importações, numa economia de compressão de despesas, dever-se-á aumentar a produção e a produtividade desses cereais e ao mesmo tempo fazer o fubá ir ocupando os vazios deixados pela incipiente produção de trigo.

E, como ficará a suinocultura lutando em um mercado disputadís-

simo, que abocanhará praticamente quase todo o milho colhido? O preço do milho será equiparado ao preço do trigo?

São estas questões que nos fazem recomendar mudanças na produção de suínos: usar o máximo de pastagens, produzir o máximo de alimentos nas granjas como abóboras, mandioca, batata doce, cana etc., além de subprodutos das indústrias alimentícias, para que nada seja desperdiçado.

Por outro lado, numa economia de aproveitamento, deve-se usar ração seca para leitões em crescimento e rações líquidas para porcos em acabamento, pois no Brasil, não há legislação que proíba a incorporação de grãos, raízes, frutos nessas rações. Tudo tem que ser aproveitado, para que dê um capado barato, embora mais tardio e menos carundo.

Para enfrentarmos o problema da fome, atingindo a abundância, muita coisa deve ser mudada, como por exemplo: novas pesquisas com alimentos locais, novos parâmetros de produtividade e, além da criação empresarial fortemente capitalizada e assistida, a motivação para que todos os rurícolas voltem a criar e a cevar porcos. Portanto, são problemas para os pesquisadores, para os extensionistas, para a indústria e para o comércio. E, assim, não se deve perder tempo com discussões acadêmicas, porque a situação alimentar brasileira, pode atingir extrema gravidade.

J.F. GODINHO — Eng.º Agr.º o criador em Sorocaba, SP.

A viabilidade das microdestilarias

CYRO GANÇALVES TEIXEIRA

Uma das soluções bem-sucedidas para reduzir o consumo de petróleo, para obtenção de combustível para máquinas automotivas, tem sido a utilização de fontes renováveis de matérias-primas para produção de álcool etílico. A cana-de-açúcar é a principal matéria-prima explorada, estando sendo cultivada em extensas áreas.

Experiências conduzidas pela Embrapa, têm revelado que o sorgo sacarino poderá vir a ser uma matéria-prima promissora para produção de álcool etílico em microdestilaria, participando do planejamento integrado da propriedade rural, envolvendo outras culturas de subsistência e a exploração animal. Os seus colmos são ricos em açúcares fermentescíveis, de modo que a associação destas duas culturas irá permitir estender o período de operação da microdestilaria, reduzindo o tempo ocioso da instalação. O corte dos colmos do sorgo sacarino se processa no período compreendido entre a 1.ª quinzena de março e a 1.ª quinzena de maio, cerca de 130 dias após o plantio, coincidindo com a plena entressafra da cana-de-açúcar. Normalmente, as microdestilarias que utilizam a cana-de-açúcar, localizadas no Estado de São Paulo, funcionam apenas pelo espaço de seis meses (180 dias), de maio a novembro.

Ademais, o sorgo sacarino oferece a opção de um segundo corte nos meses de inverno (julho a setembro), fornecendo uma silagem de excelente aceitação pelos animais, ocasião em que as pastagens são deficientes. Por outro lado, o sorgo sacarino, além dos colmos ricos em açúcares fermentescíveis, produz também grãos para uso na alimentação animal, ou no preparo de farinhas para alimentação humana.

A instalação de microdestilarias

na zona rural, utilizando essas duas matérias-primas, permite viabilizar a produção de um combustível para uso na propriedade, ou para atender à demanda de uma região, através da associação de produtores rurais. Ademais, vai permitir o emprego da vinhaça como fertilizante, das pontas de cana-de-açúcar para alimentação animal, bem como a obtenção de grãos como outra fonte de renda. Assim, a propriedade rural pode atingir os seguintes objetivos importantes:

a) Tornar-se auto-suficiente em combustível, através do emprego de máquinas agrícolas movidas a álcool;

b) Implantar um plano integrado de exploração da propriedade, pela introdução de um sistema de produção bem conduzido;

c) Produzir alimentos para alimentação animal e/ou para uso humano.

Desta maneira, através de uma maior racionalização das atividades rurais, procurando o melhor aproveitamento dos produtos e subprodutos da microdestilaria, poderemos promover uma boa integração com o máximo de utilização dos recursos disponíveis.

Entretanto, um dos grandes problemas enfrentados na implantação de microdestilarias residia no fato de se empregar um ou dois ternos de moendas, que não permite conseguir uma boa taxa de extração dos açúcares fermentescíveis, obtendo-se valores máximos de 60 a 70%. Por esta razão, o programa de implantação de microdestilarias sofreu severas críticas admitindo que as instalações seriam anti-econômicas. Em se tratando de instalações simples e de pequena capacidade, de baixo investimento, não comportariam ampliar o número de ternos de moendas. Nas microdestilarias

com extração por dois ternos de moendas, era possível obter-se rendimentos de 50 a 60 litros de álcool etílico a 96° G.L. por tonelada de cana-de-açúcar.

O desafio consistia na introdução de sistemas simples e de custo reduzido, que permitissem elevar de maneira significativa as taxas de extração de açúcares fermentescíveis. Um dos processos já conhecido, seria a difusão, já empregado em grandes unidades industriais em outros países e, mais recentemente, no Brasil.

Por iniciativa do Dr. Joaquim Barros Alcântara Filho, foi projetado um difusor horizontal, de baixo custo, que poderia resolver o problema do baixo rendimento alcoólico que vinha sendo obtido em microdestilarias. Dr. Joaquim Alcântara levou a idéia para o sr. Vail Chaves, proprietário da Fazenda Ermida, Jundiá, Estado de São Paulo, que prontamente aceitou o desafio e se prontificou a instalar a microdestilaria em sua propriedade. O Sr. Vail Chaves, desde o início, se mostrou um grande entusiasta da introdução de microdestilarias em propriedades rurais, por permitir utilização de mão-de-obra rural ociosa e um melhor aproveitamento da propriedade. Deste modo, Dr. Joaquim Alcântara, com recursos disponíveis na propriedade, construiu um difusor horizontal bem rústico, de fácil operação, utilizando mão-de-obra disponível na zona rural. O projeto foi levado ao conhecimento da Embrapa, que o considerou plenamente viável, se prontificando a colaborar com o Dr. Joaquim Alcântara na avaliação do desempenho do difusor e da instalação global. A montagem foi iniciada no final de 1980, para operar na safra de 1981. Dr. Joaquim Alcântara e o Sr. Vail Chaves também se interessaram pelo

sorgo sacarino, tendo sido feito um cultivo na Fazenda Ermida, com o cultivar Br. 501, cujas sementes foram fornecidas pelo Centro Nacional de Pesquisa de Milho e Sorgo da Embrapa, de Sete Lagoas, Estado de Minas Gerais. O sorgo sacarino se desenvolveu muito bem, permitindo que os colmos fossem testados como matéria-prima para produção de álcool etílico na microdestilataria em vias de operação.

A microdestilataria entrou em operação em abril de 1981, usando colmos de sorgo sacarino. O sorgo sacarino se desenvolveu muito bem, com um rendimento em colmos da ordem de 40 toneladas por hectare. Os colmos apresentaram teores de açúcares fermentescíveis totais ao redor de 10 a 10,5%. Entretanto, na ocasião do corte dos colmos, quando os grãos estão maduros, os colmos apresentam teor de umidade não muito elevado. Assim, a extração do caldo por meio de moendas é dificultada, resultando em baixo rendimento. Com o emprego do difusor, foi possível obter taxas de extração acima de 85%, que resultaram em um rendimento em álcool etílico a 96° G.L. ao redor de 50 litros por tonelada de colmos.

No caso da cana-de-açúcar, o desempenho do difusor foi excelente, permitindo que se obtivessem taxas

de extração de açúcares fermentescíveis ao redor de 90%. O rendimento em álcool etílico a 96° G.L. foi de 65 a 67 litros por tonelada de cana-de-açúcar.

Com ambas as matérias-primas, as características do álcool obtido atenderam perfeitamente às especificações para álcool carburante.

Posteriormente, foram introduzidas modificações no difusor horizontal, de transporte do bagaço por sistema de esteira, tendo sido desenvolvido um inclinado, em que o bagaço é transportado por rosca sem-fim. Em ambos os casos, as taxas de extração de açúcares fermentescíveis estão ao redor de 90%, tornando a microdestilataria uma atividade técnica e economicamente viável, possibilitando obter rendimentos de 65 a 70 litros de álcool por tonelada de cana-de-açúcar, competindo com aquele conseguido nas grandes destilarias. Entretanto, a idéia é a de complementar a produção de álcool etílico em grandes destilarias, visando principalmente a sua utilização na propriedade rural, tornando-a auto-suficiente de combustível.

O difusor inclinado se mostrou mais adaptável para o caso de microdestilarias com capacidade para 100 a 200 litros de álcool etílico por hora. Para destilarias tipo mini, o

difusor horizontal parece ser o mais indicado.

As pesquisas com sorgo sacarino estão tendo continuidade, a fim de que se possa obter dados mais consistentes sobre a viabilidade do cultivo econômico nas condições do Estado de São Paulo. Atualmente, a Fazenda Ermida e a microdestilataria lá instalada estão sendo dirigidas pela JLM Agropecuária, onde estão tendo prosseguimento os trabalhos experimentais conduzidos pela Embrapa.

Assim, o trabalho pioneiro e persistente realizado na Fazenda Ermida, com a união de esforços de técnicos do governo e da iniciativa privada, contando com o entusiasmo e o apoio irrestrito do sr. Vail Chaves, permitiu que vencêssemos um preconceito arraigado e infundado da inviabilidade técnica e econômica de microdestilataria, transformando-a em uma iniciativa plenamente vitoriosa. Entretanto, é importante e fundamental que se encare a microdestilataria como um pólo integrante do planejamento da propriedade rural, em um sistema de produção visando obter alimentos e auto-suficiência em combustível.

O autor é presidente da Sociedade Brasileira de Ciência e Tecnologia de Alimentos.

O artigo foi publicado originalmente no Suplemento Agrícola.

Nosso Tabapuã tem peso e Sucesso nas pistas

Seis anos consecutivos a fazenda Morada da Prata, tornou-se vencedora do concurso de ganho de peso em Serfãozinho — SP.

Venda permanente de novilhas e reprodutores

fazenda morada da prata

Prop.: Maria Helena Dumont Adams

Via Altino Arantes - Km 47 - Batatal - SP - Fones: (016) 761-3026 - São Paulo 212-1750

em S. José do Rio Preto, 1984
Campeão de Progenie da Pal



Dois pioneiros da equideocultura baiana

OTHELLO TORMIN

As opiniões coincidiram unânimes: nos idos do antanho, a equideocultura baiana estribava-se em dois conceituados criatórios. A prestação de serviços, a utilidade e a fama recaíam em Antônio Fernandes e no doutor Régis.

Cavalo bom, em qualidade e em quantidade, o interessado encontrava no Sul do Estado. Como na época não existia Registro Genealógico nem televisão, o comprador procurava... cavalo bom. Olhava os disponíveis, machos e fêmeas. Sapejava o olhômetro naqueles que mais agradavam no primeiro relance de olhos. Papeava "ingênuo" para colher alguma informação ou indiscrição. Repassava a mirada de "entendido" no todo e voltava-se para os gravados na mente.

Separava-os do lote. Novo papo com perguntas mais objetivas. E o criador (Régis ou Antônio) não escateava esclarecimentos. Não esca-moteava defeitos e não exagerava virtudes. Orientava seguro, como conhecedor do animal dia a dia. Queria que o comprador escolhesse, sabendo. Com a intenção de que colhesse produção auspiciosa com o preferido.

O vendedor (os dois) ajudava na escolha. Era vendedor, era, mas não vendia gato por lebre, nem mais ou menos por bom. Empenhado na satisfação recíproca, tudo fazia para que o candidato efetuasse boa compra. E raro errava.

Antônio Fernandes e Régis Pacheco funcionaram tempos nessa missão. Criavam o bom e o melhor — e vendiam do bom e do melhor. Mais que o lucro, visavam a melhoria do plantel do adquirente, nova-

to ou não. Assim a seleção empírica deu resultados. A Bahia cresceu em número e em raça. Foram surgindo os equinocultores que ainda hoje pompêiam na pecuária baiana. E, com o Registro Genealógico, o burilamento do padrão racial, fixando-o. Com a cooperação das crias desses dois pioneiros.

Depois veio a febre da compra de Campeões pelo Brasil afora e a dentro. Exposição lá-longe, — o Campeão, adquirido por um baiano, vinha de mala e cuia prá Bahia. Outro. Outros. Outras.

Na época souberam investir nessas compras, não só por serem Campeões, mas por serem bons. Principalmente.

Numa reunião casual de repórteres em São Paulo, um dos presentes gozou:

— "Basta levantar Campeonato e um baiano logo vem e compra".

A risada geral aprovou a observação. Comprovada com os fatos recentes. Não destacava porém o importante.

Rindo na hilaridade coletiva, glosai:

— "Certo. Você já foi à Bahia, não? Não? Então vá. Vá pra ver o que é rebanho de equino". Aí um veterano ramatou:

— "Com o tempo, quem quiser cavalo bom, mas bom mesmo, tem que ir lá na Boa Terra".

Sem vangloriar, aduzi: — "Lembrem-se de que na Bahia tem sangue de todo grande reprodutor equino nas raças. Tem também a presença de boa parte dos melhores cavalos do Brasil no momento".

— Contradisseram fofas considerações, sem firmeza na contradita.

Alguns concordaram com esta complementação:

— "E tem mais, — tem a produção desses Campeões numa equada escolhida, de sangue forte e raça muita... Grandel" — A verdade era visível, ou melhor, previsível. A cria não dependa só do macho. Os campeões adquiridos fora melhoraram dum tanto a safra atual (e por isso foram comprados, para isso) porque encontraram por onde, — as fêmeas que Antônio Fernandes, ex-senador, e Régis Pacheco, ex-governador (para citar apenas os dois maiores) disseminaram. Volumosa e valiosa.

O rebanho daqui foi melhorando, suplantando outros. E, se entusiasma, não surpreende o rosário de vitórias conquistadas pela equideocultura baiana. Enfrentando e vencendo a nata do criatório brasileiro. Sem temer a antiguidade de famosos criadores, sem recelar o confronto com nomes que enchem a estória e a história do cavalo no Brasil. Foram (e vão) participar. Foram vencer.

Saudando os atavis equinocultores baianos — por seus feitos recentes, suas crias —, não podemos deixar de alongar os olhos e pensamentos para o passado. Para aqueles que, pioneiros, mesmo não citados aqui, criaram as bases do sucesso presente.

Palmas aos dois que, ainda vivos, podem sorrir satisfeitos pelo bem que fizeram. Palmas. Não reparem a omissão de outros nomes, nomes que também trabalharam, naquelas tempos e logo depois, para a melhoria do rebanho equino da Bahia. Foram muitos. Nossa homenagem a todos.

Legislação Trabalhista Rural

Previdência Social Rural

Novo Regulamento de Custeio

SUMÁRIO

- 1 — Contribuição em atraso — Juros de Mora — Alteração.
- 2 — Empregador Rural — Previdência Social — Produção — Prejuízo.
- 3 — Trabalhador Rural — Previdência Social — Custeio.
- 4 — DCP — Declaração do Contribuinte do Prorural.

Desde o dia 18 de janeiro, vigora a nova redação do Regulamento do Custeio da Previdência Social, de acordo com o Decreto n.º 90.817, de 1985.

SEGURADO EMPREGADOR RURAL

a) Conceito:

É segurado obrigatório da Previdência Social Rural, de que trata a Lei n.º 6.260/75, o titular de firma individual rural e a pessoa física, proprietária ou não, que, em estabelecimento rural ou prédio rústico e com o concurso de empregados utilizados a qualquer título, ainda que, eventualmente, explore em caráter permanente, diretamente ou através de prepostos, atividade econômica, assim entendida a atividade agrícola, pastoril, hortifrutigranjeira ou a indústria rural, bem como a extração de produtos primários, vegetais ou animais (art. 19).

b) Exclusão

Exclui-se da Previdência Social do empregador rural, quem, proprietária

ou não, trabalhe em atividade rural, individualmente ou em regime de economia familiar, assim entendido o trabalho dos membros da família, indispensável à própria subsistência e exercido em condições de mútua dependência e colaboração, não mais havendo referência ao módulo rural da região (art. 20, IV).

RURAL — CONTRIBUIÇÕES EM ATRASO — JUROS DE MORA — ALTERAÇÃO

Desde 18.01.85, os juros de mora relativos aos débitos para custeio da Previdência Social do empregado e empregador rural incidem:

- até a competência dezembro/80 no valor originário do débito; e
- a partir da competência janeiro/81 no valor corrigido monetariamente (arts. 80, § 1.º, e 92, § 1.º).

EMPREGADOR RURAL

Previdência Social — Custeio

A contribuição anual corresponde a:

- I — 1,44% do valor da respectiva produção rural do ano anterior;
- II — 0,72% do valor da parte da propriedade rural mantida sem cultivo, segundo a última avaliação do INCRA (art. 85).

O valor total destinado a servir de base ao cálculo não será inferior

a 120 nem superior a 1.200 vezes o salário mínimo, arredondando-se a fração, se for o caso, para o milhar de cruzeiro imediatamente superior (art. 88).

Referida contribuição é recolhida até o último dia útil do mês de março de cada ano, ou no dia útil imediatamente anterior, caso não haja expediente bancário no último dia útil daquela mês (art. 91).

17.2 Produção — Prejuízo

Havendo prejuízo na produção, em determinado exercício, em virtude de condições climáticas adversas, que impossibilitem o segurado empregador rural de efetuar, na época própria, o recolhimento aludido no item 18 retro, este poderá ser isentado do pagamento dos juros de mora e da multa, mediante comprovação do evento (art. 92, § 3.º).

A isenção será concedida pelo prazo que o IAPAS considerar necessário à normalização da situação financeira do segurado. A contribuição, porém, não será recolhida após o encerramento do exercício em que for devida, sob pena do restabelecimento dos acréscimos referidos e dos decorrentes do novo atraso (art. 92, § 5.º).

TRABALHADOR RURAL — PREVIDÊNCIA SOCIAL — CUSTEIO

As contribuições mensais correspondem:

- I — do produtor rural, a 2% do valor comercial dos produtos rurais;

Legislação Trabalhista Rural

II — do produtor rural, a mais 0,5% do valor comercial dos produtos rurais, como adicional à contribuição do item I, para custeio das prestações por acidentes do trabalho;

III — da empresa em geral ou entidade ou órgão equiparado, vinculados à Previdência Social Urbana, a 2,4% da folha de salário-de-contribuição dos empregados, inclusive dos aposentados de que trata a letra "d", do item I, do art. 33, do RCPS, e dos trabalhadores avulsos que lhe prestam serviço;

IV — dos aposentados e pensionistas do regime do Programa de Assistência ao Trabalhador Rural - PRORURAL, para custeio de assistência médica, na forma do que dispõe o artigo 33, VI e VII, e parágrafo único.

Quanto aos itens I e II descritos, obtém-se autorização do órgão local do IAPAS para recolher as contribuições que tenham sido objeto de notificação fiscal.

CARC — CÓPIA AUTENTICADA DOS REGISTROS CONTÁBEIS — DISPENSA

Desde 18.01.85, as empresas em geral estão desobrigadas da apresentação da CARC, independentemente da entrega ou não da RAIS (art. 116; II, letras "a" a "f").

DCP — DECLARAÇÃO DO CONTRIBUINTE DO PRORURAL — DISPENSA

Os contribuintes da Previdência Social Rural também estão dispensados de entrega da Declaração Autenticada das Informações Fiscais, desde 18.01.85 (art. 116, III, letras "a" a "c").

FISCALIZAÇÃO DO IAPAS — LIVRE ACESSO

Assegura-se à fiscalização do IAPAS o livre acesso a todas as dependências do estabelecimento, com vistas à verificação física dos empregados em serviço, para confronto com os competentes registros da empresa (art. 116, VI).

FÉRIAS INDENIZADAS — NÃO-INCIDÊNCIA DE CONTRIBUIÇÃO PREVIDENCIÁRIA

Desde 18.01.85, nas férias indenizadas, não mais incide a contribuição previdenciária (art. 41, § 1.º, letra "e").

AVISO PRÉVIO INDENIZADO — INDENIZAÇÃO POR TEMPO DE SERVIÇO — INDENIZAÇÃO ADICIONAL — NÃO-INCIDÊNCIA PREVIDENCIÁRIA

O art. 41, § 1.º, letra "e", ratifica os fundamentos anteriores sobre a não-incidência previdenciária das importâncias pagas a título de aviso prévio não trabalhado, indenização por tempo de serviço e indenização por dispensa de empregado no período de 30 dias antes da correção salarial.

UTILIDADE-HABITAÇÃO

A utilidade-habitação, fornecida ou paga por empregador, contratualmente estipulada ou recebida por força de costume, integra o salário-de-contribuição, cujo valor corresponde ao produto da aplicação dos percentuais das parcelas componentes do salário mínimo ao salário registrado na CTPS (art. 41, § 9.º).

TRABALHADOR AUTÔNOMO NÃO INSCRITO

A importância a cargo da empresa, relativa a trabalhador autônomo

não inscrito, corresponde a 10% da remuneração paga ou devida ao segurado, durante o mês, recolhida em sua totalidade, sem direito a qualquer reembolso (arts. 54, § 2.º, e 64).

EMPREGADOR — APOSENTADORIA — FATORES DE CORREÇÃO

O empregador rural faz jus a duas espécies de aposentadoria:

- por invalidez, quando incapaz para o exercício de qualquer atividade;
- por velhice, quando completa 65 anos de idade.

Para concessão de qualquer delas, o INPS exige o transcurso de, no mínimo, 12 meses do pagamento da primeira contribuição, e o recolhimento da segunda contribuição (cêrência).

O valor mensal desses benefícios é calculado na base de 90% de 1/12 da média dos 3 últimos valores sobre os quais incidiu a contribuição anual. Desde 1982, referida contribuição corresponde a 1,44% do valor da respectiva produção rural do ano anterior e 0,72% do valor da propriedade mantida sem cultivo.

A base de cálculo, para aplicação desses percentuais, não pode ser inferior a 120 nem superior a 1.200 vezes o salário mínimo.

Para cálculo das aposentadorias, os valores sobre os quais incidiram as contribuições anteriores aos últimos 12 meses são corrigidos de acordo com os seguintes coeficientes:

Ano	Trimestre	Fatores relativos aos anos de:			
		1982	1983	1984	1985
	Janeiro				
1985	Fevereiro	10,71	5,20	2,87	1,80
	Março				

Legislação Trabalhista Rural

EMPREGADOR RURAL — QUALIDADE DE SEGURADO — MANUTENÇÃO E PERDA

O empregador rural, na condição de segurador obrigatório da Previdência Social Rural, para custeio do regime próprio, recolhe a contribuição anual (março) correspondente a:

- 1,44% do valor da respectiva produção rural do ano anterior; e
- 0,72% do valor da parte da propriedade rural mantida sem cultivo, segundo a última avaliação do INCRA (RCPS, art. 85, I e II).

Nessas condições, quem deixa de ser empregador rural, ou após a inscrição se torna segurador obrigatório de outro regime de Previdência Social, perde a qualidade de segurador empregador rural.

A perda da qualidade ocorre no último dia do exercício seguinte àquele a que corresponde a última contribuição anual, importando na caducidade dos direitos inerentes a essa qualidade. Ressalva-se, entretanto, a aposentadoria e a pensão, desde que preenchidos os requisitos legais para a respectiva concessão (RBPS, arts. 284, § 1.º e 330, § 1.º).

Todavia, deixando de ser empregador rural e não estando sujeito a outro regime de Previdência Social, a qualidade de segurador pode ser mantida, mediante continuidade no

recolhimento da contribuição anual, sem interrupção. Neste caso, a contribuição não pode ser superior à última recolhida na condição de empregador rural, atualizada monetariamente, nem inferior a 1,44% de 120 vezes o salário mínimo (RCPS, art. 90, e RBPS, art. 285).

Lembra-se que o exercício da faculdade de continuar a contribuir depende de autorização da Previdência Social. Porém, a falta de iniciativa do segurador empregador rural acarreta a perda automática dessa condição, a partir do primeiro dia do ano seguinte àquele em que a contribuição não foi recolhida (RBPS, art. 285, parágrafo único e RCPS, art. 21, parágrafo único).

(106 — Boletim 5/85 — Trabalhista)

FEALQ COMPLETA OITO ANOS

Instituída em 1976, a Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz (Fealq), que completa oito anos de atividade, concluiu, em 1984, 133 projetos de pesquisas e iniciou outros 146 trabalhos. Além dos trabalhos já iniciados, a Fealq prossegue, no momento, mais 161 projetos. Ligada à Escola Superior de Agronomia "Luiz de Queiroz", uma das mais conceituadas do país, a Fealq foi criada em 1976 com o objetivo de colaborar com programas de desenvolvimento econômico-social, realizar pesquisas que atendam às necessidades do setor público e privado, cooperar com instituições de ensino e de pesquisa na sua área de atuação e promover divulgação de conhecimentos agrônomicos por diversos meios.

Assim, mantém uma atividade intensa com os Departamentos de Pesquisas da Fealq e do Centro de Energia Nuclear da Escola de Agricultura Luiz de Queiroz. Essa atividade amplia-se, por convênio, com outras instituições de pesquisas e universidades do país e do exterior. A Fealq mantém, hoje, vários centros de pesquisas próprios, como o de Biotecnologia Agrícola (CEBIEC), o Centro de Pesquisa Genética (CEPEG), com intensa atividade no decorrer de 1984, ano em que implantou, também, o Centro de Pesquisas em Economia Agrícola (CEPEA) e o Centro de Treinamento, que realizou, no ano passado, Seminário sobre Mercado de Trabalho e Emprego Rural no Brasil.

A Fealq, também, tem promovido a divulgação de eventos relevantes à pesquisa prática e à divulgação. No ano de 1984, promoveu e participou da Conferência Latino-Americana de

Economia Agrícola; do II Seminário de Biotecnologia Agrícola; Curso Internacional sobre Seleção, Manejo e Produção de Gado de Corte e do Curso Internacional sobre Uso de Computador na Agricultura. Ainda, na área de divulgação, publica uma revista semestral "Agricultura". E já tem pronto o catálogo de eventos de 1985, que pode ser solicitado à Fealq (av. Carlos Botelho, 1.025, CEP 13.400, tel.: 22-3491 ou 22-6500, Piracicaba, SP).

E a Fundação, também, colabora na construção, reforma e ampliação dos prédios dos Departamentos da Fealq. Em 1984, a Fealq efetuou a recuperação da Casa de Vegetação, adaptou a sala de aula do Departamento de Química, construiu o Laboratório de Controle Biológico no Departamento de Entomologia, um incubatório de ovos no Departamento de Genética e um laboratório de plantas Medicinais no Departamento de Botânica e adaptou e reformou as instalações do CEPEC e do CEPEA.

A Diretoria da Fealq é composta pelo Dr. Paulo Renato Cidade de Araújo (diretor-presidente) e dos diretores Dr. Joaquim José de Camargo Engler e Dr. Vidal Pedro de Fozia.

O presidente da ABC, dr. Jonquian Barros Alcântara Filho, recentemente foi nomeado e tomou posse no Conselho Curador da Fealq, que é presidido pelo eng.º agr.º Urgel de Almeida Lima e tem como conselheiros os engenheiros agrônomos: Ibrahim Octavio Abrahão, José Roberto Mendonça de Barros, Justo Moretti Filho, Luiz Mucedo Dias Sales, Otto Jean Crocimo e Raul D'Arca.

Das Empresas

Imeve lança DBR, um aditivo biológico

A Indústria de Medicamentos Veterinários Ltda. (Imeve), de Jaboticabal, SP, lançou o DBR, um aditivo biológico, que, segundo a empresa, melhora a assimilação de alimentos dos animais. O produto é fabricado a partir de microorganismos extraídos do próprio rúmen de bovinos adultos. Esses microorganismos são posteriormente liofilizados e adicionados a micro e macro elementos minerais — associações que a própria empresa faz e que vende com o nome comercial de Rumimix, Rumimax, Ruminal, Suplimeve e Progado. Quando ingeridos, os microorganismos se desenvolvem no rúmen dos animais, provocando melhor aproveitamento de proteínas, vitaminas e sais minerais e também auxiliando na digestão de fibras secas, segundo a Imeve.

Novo raticida da Alfa

O Laboratório Alfa do Brasil lançou o novo raticida no mercado: o Alfa Coumarine. Fabricado à base de cumarina, é indicado para desratizar galpões, celeiros, depósitos, armazéns, granjas, indústrias e residências. O produto age bloqueando a formação hepática dos fatores de coagulação do sangue, inibindo a ação da vitamina K. O raticida é fabricado em embalagens de 625 g, 2.500 g e 12.500 g.



Agrometal, linha completa para fazendas

Instalada em São José do Rio Preto, a Agrometal Indústria Metalúrgica especializou-se em produzir linhas de equipamentos voltadas exclusivamente para fazendas e pecuária. Ela fabrica carretas bas-



culantes (3 a 4 toneladas) e carreta-tanque (2 a 5 mil litros), que podem ser acopladas a qualquer tipo de trator, cataventos, dois modelos de bebedouros tipo australiano (5 a 152 mil litros e 14 a 540 mil litros de capacidade respectivamente), reservatório de água tubular (capacidade de 5 a 24 mil litros), reservatório cilíndrico vertical (de 20 a 50 mil litros) de aço; reservatório cilíndrico horizontal para água ou combustível para ser enterrado ou uso externo (de 3 a 40 mil litros), caixa d'água com torre desmontável (de 3 a 10 mil litros), bebedouro metálico (2 a 4 metros de comprimento) e biodisjetor (com capacidade para produzir 8 m³ de gás metano para iluminação e uso doméstico em refrigeradores, motores e fogões). A Agrometal está instalada à r. Daniel Antônio de Freitas, 1.045, Distrito Industrial de S. J. do Rio Preto, SP, tel.: (0172) 33-8435.

Novo trator da Engesa

A Engesa — Engenheiros Especializados S/A lançou o novo trator agrícola Engesa 1.128. Equipado com motor Cummins NT 855 A "Constant Power", turbo-alimentado, o Engesa 1.128 apresenta potência de 255 HP a 1.850 rpm e elevado sobre-torque de 38%, alcançando torque máximo de 1.085 Nm a 1.400 rpm. Para equipar o novo trator, a empresa também dispõe de grades aradoras e niveladoras, subsoladores, cultivadores, etc. A Engesa, empresa que originalmente lançou-se na fabricação de carros de combate, iniciou a produção de tratores agrícolas, como forma de diversificar sua linha de produção; hoje detém 70% do mercado agrícola de tratores 4x4 de grande torque, com o modelo 1.124.



Thomas C. Page, vice-presidente executivo da Ford Motor Company, (4.º da esquerda para a direita) participa do lançamento do motor diesel de 6 cilindros.

Novos motores da Ford

Produzindo motores diesel há mais de 32 anos na Inglaterra, México e Índia, a Ford iniciou a fabricação de uma nova linha de motores diesel também no Brasil. O novo motor diesel de 6 cilindros irá equipar os novos caminhões Ford Cargo, a serem lançados ainda no primeiro semestre deste ano. Os motores serão

produzidos na Fábrica de Motores Diesel, em São Bernardo do Campo, com potência de 140 CV, a 2.800 rpm e torque de 48,8 KGM a 1.700 rpm. Nesta fábrica, até agora, a Ford fazia apenas a montagem dos motores, importando os componentes. Estiveram presentes ao lançamento do motor brasileiro, Gerhard Schamp, diretor da Ford brasileira e Thomas C. Page, vice-presidente executivo da Ford Motor Company.



Novo motor Perkins

A Massey Perkins S/A lançou a nova família de motores diesel Q20B que está equipando a nova pick-up Chevrolet D-20, lançada pela GM. O novo motor de quatro cilindros e 90 CV é exclusivo da linha GM, mas está disponível para diversas outras aplicações veiculares, agrícolas e industriais. Nos testes feitos pela empresa, o novo motor apresentou uma economia de 8% de óleo diesel e 20% de lubrificante. Com isso, a troca de óleo é feita a intervalos maiores: 7.500 km rodados. Tanto os motores 4 cilindros como os de 6, que serão brevemente lançados, podem dispor de turboalimentação para aumentar a potência e reduzir o consumo de combustível.

Microdestilaria para associações

A Etanol Codistil entregou duas microdestilarias para duas associações de produtores rurais de Anhembi, cidade situada na região de Sorocaba. Os produtores, que devem colocar as duas micro em funcionamento brevemente, entregavam a cana para destilarias da região. Com as micro, com capacidade individual de 200 litros de álcool

por hora, os produtores terão uma grande economia com o frete, um dos itens que mais onerava a entrega da cana para a destilaria da região. Além da produção do álcool, os produtores podem também utilizar parte do combustível para uso próprio, evitando gasto de compra de derivados de petróleo e mesmo álcool de postos de abastecimento. Os equipamentos foram financiados pela Finame e as micro começarão a produção esse ano. As micro foram compradas pelos consórcios de produtores Anhembi Alcool Ltda. e Agrinal Agroindústria Anhembi Ltda.

Descongelador de Sêmen

Já se encontra à venda no mercado, o descongelador de sêmen "O Pro-Sêmen Mod-100", lançado pela indústria Instrumentos Científicos CG Ltda., de São Paulo. O equipamento mantém a água à temperatura altamente estabilizada em 36 °C. Assim, o sêmen descongelado com o equipamento a temperatura entre 35 e 37 °C aumenta a taxa de concepção de inseminação, melhorando a eficiência da operação.



Tortuga patrocina leilões de Nelore

Todos os leilões de bovinos Nelore, promovidos em 1985 pela Remate Comércio, Importação e Exportação Ltda., serão patrocinados pela Tortuga Companhia Zootécnica Agrária. O contrato foi firmado por Guido Gatta, vice-presidente comercial da Tortuga, e José Eduardo Prata Carvalho, diretor da Remate. Por esse contrato, a Tortuga poderá desenvolver campanhas institucionais e de seus produtos nos catálogos, malas diretas dos leilões, camisetas, bandeiras e distribuir folhetos e peças publicitárias durante os leilões da Remate. E caberá à Tortuga arcar com as despesas dessas promoções. Além disso, a Tortuga oferecerá, nos leilões, um troféu

ao comprador de animais recorde de preço.

O contrato já está em vigência e no mês de abril a Tortuga patrocinou o 5.º Leilão de Nelore de Ponta Porã (5.º Neloporã), realizado no último dia 13 e o 6.º Leilão Lagoa da Serra, dia 19 e 20. Patrocinará, ainda, em 1985, o 1.º Leilão Noite dos Campeões, dia 1.º de maio, em Uberaba; 2.º Leilão União das Marcas, dia 16 de junho, em São Paulo; 10.º Leilão do Brumado, 16 de junho, em Barretos; 5.º Leilão de Gado da Raça Pitangueiras, dia 17 de agosto, em Pitangueiras, SP; 2.º Leilão 3B, dia 7 de setembro, em Barretos; 6.º Leilão de Nelore da AGCN, dia 5 de outubro, em Goiânia; 1.º Leilão Internacional de Nelore Mocho, dia 26 de outubro, em Presidente Prudente e 2.º Leilão Nelore 5 Estrelas, dia 25 de novembro, no Palace, em São Paulo.



Guido Gatta, à esquerda, vice-presidente comercial da Tortuga, e José Eduardo Prata Carvalho, diretor da Remate, assinam contrato de patrocínio de leilões de bovinos da raça Nelore. (março 1985)

FAZENDA PINHALZINHO - Araras - SP

Tel. (0195) 41-5567

Venda permanente de matrizes holandesas PB — registradas e cruzadas prenhas e tourinhos — oriundos de inseminação de touros provados.

Cuidados para produzir café de boa qualidade

Produzir café de boa qualidade traz inúmeras vantagens: entre elas, maior facilidade de comercialização, tanto no mercado interno como externo e obtenção de melhores preços. O diferencial de preços entre café floco e inferiores pode ser significativo: na última safra, por exemplo, o café fino alcançou facilmente valor de Cr\$ 430 mil a saca e um café inferior alcançou Cr\$ 350 mil e enfrentou dificuldades de comercialização.

Essa diferença é suficiente, por exemplo, tomando-se por base produção média de 15 sacas por hectare, para comprar 1,5 tonelada de adubos.

Os técnicos da Cooperativa Regional de Cafeicultores de Guaxupé, elaboraram um manual de orientação prática para que o produtor possa obter café bom:

- 1 — Fazer boa arruação para que não haja desperdício de café caídos da árvore;
- 2 — Iniciar a colheita quando houver um mínimo de grãos verdes;
- 3 — Procurar colher todo o café no pé;
- 4 — Nunca misturar café de varrição com o café do pé;
- 5 — Se o produtor dispuser de lavador, lavar todo o café colhido;
- 6 — No terreiro, separar as frações secas do lavador (bóia do crejele);
- 7 — Todo café colhido no dia deve ser lavado e esparado no mesmo dia no terreiro;
- 8 — Nos primeiros dias de secagem espurrar o café no terreiro em camadas bem finas, para evitar a fermentação;
- 9 — Em caso de chuvas no período da colheita rodar mais vezes o café no terreiro; e
- 10 — Quando usar secadores mecânicos nunca deixar que a temperatura exceda 60°C.

Método para secagem das vacas

O Centro Nacional de Pesquisa de Gado de Leite da Embrapa elaborou um manual de orientação sobre o método mais adequado para a secagem das vacas em lactação. Além do método de secagem, recomenda, também, a época mais adequada.

Assim, qualquer que seja o sistema de ordenha, é conveniente secar as vacas 60 dias antes dela partir ou quando apresentarem produções inferiores a 3 litros de leite em dois controles leiteiros consecutivos. No primeiro caso, a conveniência é de ordem orgânica: nos últimos 60/90 dias acelera-se a formação do feto e a vaca exige nutrientes em maiores volumes — e mantendo em lactação acaba por afetar a formação do feto, já que o desgaste orgânico é muito grande neste período. Com a interrupção da lactação 60 dias antes do parto, irá permitir o nascimento de crias vigorosas e dará condições para a vaca recompor suas reservas corporais para a próxima lactação. No segundo caso, é antieconômico manter a vaca em lactação: além do trabalho de manejo, exige sobrecarga desnecessária da área de pasto, já que ela, em lactação, consome muito alimento.

Para secar as vacas, o criador deve proceder da seguinte maneira:

- 1.º dia — ordenhar normalmente pela manhã e à tarde. Após a ordenha da tarde, deixar a vaca presa no curral durante a noite, sem água e sem alimento.
- 2.º dia — ordenhar normalmente pela manhã. Fornecer água ao animal. Na parte da tarde não ordenhar, mas fornecer água e alimento. Deixar novamente a vaca presa durante a noite, sem água e sem alimento.
- 3.º dia — não ordenhar mais, nem pela manhã e nem à tarde. Dar água e pouco alimento. Tornar a deixar o animal preso à noite, sem água e alimento.
- 4.º dia — exotar o úbere pelo manhã e em seguida sol-

tar no pasto. Observar se o úbere fica inchado. Se ainda houver produção de leite, o animal poderá ser preso mais uma noite. As vacas que apresentarem mastites durante a lactação deverão ser tratadas, antes de irem ao pasto.

Boletim do CNPGC informa pecuarista

O Centro Nacional de Pesquisa de Gado de Corte (CNPGC) está publicando desde dezembro passado um "Boletim Informativo", mensal, denominado "CNPGC Informa", trazendo informações importantes para os pecuaristas. O Boletim permite ao criador visualizar, facilmente, a quantidade de insumos que pode ser obtida com a venda de um boi, o que corresponde a relação de trocas. O Boletim possibilita acompanhar a evolução do preço dos insumos em relação ao preço da arroba do boi. O Boletim pode ser obtido gratuitamente junto ao CNP — Gado de Corte — Embrapa, BR 262, km 04, CP 154, CEP 79.100, Campo Grande, MS, ou pelo tel.: 382-3001.

Livro sobre produção e capitalismo

O escritor Pedro Ferraz do Amaral acaba de lançar o livro "Taylor — o mago da administração" pela Editora Parm/Pró-Memória, em co-edição com o Instituto Nacional do Livro. Amaral conseguiu transportar para um assunto árido e técnico uma linguagem agradável e leve, mas sem prejuízo à exatidão acadêmica da informação. Com uma formação cultural e humanista do mais alto nível, Pedro Ferraz do Amaral escreveu a obra, aparentemente técnica, sobre a produção e capitalismo com uma visão histórico-humanista.

Núcleo do Jersey na Bahia

Desde outubro, está funcionando o núcleo dos Criadores

de Gado Jersey do Estado da Bahia, órgão vinculado à Associação dos Criadores de Gado do Jersey do Brasil, com sede em São Paulo. O núcleo está funcionando à r. Gabriel Soares, 13-A, Bairro dos Afritos, Salvador, Bahia. O objetivo da criação do núcleo é congregar os criadores de gado da raça Jersey no Estado, incentivar a expansão e o aprimoramento genético das plantas da região e defender os interesses dos criadores associados. A diretoria eleita é composta por Orlando Sampaio Passos, diretor-presidente; Nuno Domingos Caró Palhoto, diretor-vice-presidente; Evandro José Neves, secretário; José Luciano Campos Freire, diretor-técnico e Antônio Atayde de Sousa, tesoureiro.

Mostra pode abrir mercado árabe para equipamentos agrícolas

Um mercado extremamente atraente pode se abrir às indústrias brasileiras de máquinas e equipamentos, insumos e prestadores de serviços no setor agrícola: será realizada, de 13 a 17 de outubro, em Dubai, Emirados Árabes, a mostra Middle East Agriculture 85. A exposição é aberta a todas as indústrias desse setor no mundo todo. O mercado árabe é atraente: os sete países do Golfo Pérsico (Bahrain, Jêmen do Norte, Omã, Catar, Kuwait, Arábia Saudita e Emirados Árabes) estão investindo maciçamente os produtores na agricultura. Só a Arábia Saudita destinou US\$ 21 bilhões ao setor em seu último Plano Quinquenal de Desenvolvimento. A mostra é organizada pelo Grupo Andry Montgomery, com sede em Londres, e representado no Brasil pela Memolo Promoções, com sede em São Paulo.

Congresso sobre economia rural

São Paulo sediará, de 5 a 9 de agosto, o XXIII Congresso Brasileiro de Economia e So-

Serviço

ciologia Rural, que será realizado no Palácio das Convenções do Anhembi. Simultaneamente, será realizado o 1.º Encontro Nacional de Administração Rural para Produtores e uma Feira de Informática. O tema principal do Congresso será a administração rural e o uso da informática na exploração da agropecuária.

Semana Agropecuária em Jaboticabal

Os acadêmicos da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias de Jaboticabal promoverão, de 6 a 10 de maio, a X Semana de Ciências e Tec-

nologia Agropecuária (X Seditap) no campus da faculdade. Serão oferecidos 9 cursos na área de agronomia, 6 para Zootecnia e 6 para medicina veterinária. Na área de agronomia serão abordados os temas: Modernização e política Agrícola, tecnologia adequada ao pequeno produtor, tópicos avançados em fertilidade do solo, pastagens, biodigestor, conservação e comercialização de produtos hortícolas, produção e uso de subprodutos da agroindústria canavieira, cultura do cacau e seringueira e agricultura e ecologia. Do programa de cursos de medicina veterinária, constam: aspectos relativos à patologia clínica de equinos, aspectos clínicos gerais dos bovinos, clínica e manejo dos animais silvestres, tópicos

avançados em clínica e cirurgia de cães e gatos, terapêutica veterinária e campo de atuação do médico veterinário. Para o curso de zootecnia, constam: rancicultura, apicultura, melhoramento genético de bovino de corte, produção e armazenamento das grandes culturas relacionadas à zootecnia, classificação e processamento de carne e leite, e subprodutos da cana na nutrição de ruminantes.

Resumo dos trabalhos da Embrapa, de 1979 e 1984

A Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária publi-

cou e está distribuindo uma síntese do trabalho feito pela empresa no período de 1979 e 1984, quando esteve sob comando de Eliseu Alves. São analisados na publicação, os seguintes temas: retorno dos investimentos realizados pela Embrapa, pesquisa agropecuária e o pequeno produtor, os destaques dos resultados das pesquisas de 1979 a 1984, tecnologia de alimentos, forragens e pastagens, silvicultura, recursos genéticos, sementes básicas, solos, energia, mecanização agrícola, recursos. Quem quiser o livro, deve solicitar à Embrapa: SCS, Q B, Bloco B, 60, Supercenter Venâncio 2.000, 4.º andar, s. 440, CP 04.0315, CEP 70.312, Brasília, DF.

Prepare você mesmo a ração adequada para sua criação e obtenha maiores lucros.

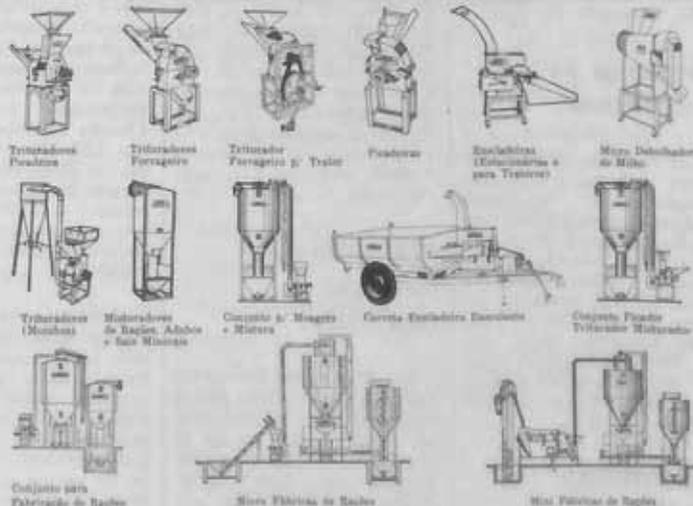
A BENEDETTI LHE OFERECE AS MELHORES MÁQUINAS.

Quando você mesmo produz a ração que alimentará sua criação, não está simplesmente economizando.

ESTÁ LUCRANDO MAIS! ESTÁ GARANTINDO O SUCESSO DO SEU INVESTIMENTO!

Por isso, Máquinas BENEDETTI lhe oferece a maior e mais completa linha de máquinas e equipamentos para fabricação de rações do Brasil.

Comida feita em casa é outra coisa!



MAQUINAS
BENEDETTI
ESPIRITO SANTO DO PINHAL - SP

REVENDEDORES EM TODO O BRASIL

Pc Vicente F. Guimarães, 36 - Cx.P. 35

Tels: (DDD 0196) 51-1677

Espirito Santo do Pinhal - SP (cep 13.990)

Leilões e Exposições

União das Marcas na Água Branca

Será realizado, no dia 15 de junho, às 13 horas, no Parque da Água Branca, em São Paulo, o 2.º Leilão União das Marcas. Serão colocados à venda 80 machos e fêmeas PO e POI Nelore e 10 equinos Quarto-de-Milha e Árabe dos plantéis da Fazenda Indiana Ltda, da Cia. Agrícola Luiz Zillo e Sobrinhos, Fazenda Morro Vermelho Ltda, de Newton Camargo Araújo,

Holandesas PB e VB em São Paulo

Será realizado, em junho, o Leilão Novilha Maior, que venderá a seleção 1985 de raça Holandesa Preto e Branco e Vermelho e Branco. São 60 novilhas PO — geração 82 e 83 — todas prenhes. Os animais serão vendidos em cinco parcelas sem acréscimo. Em junho, ainda em São Paulo, também será realizado o Leilão "As mais mais da Raça Holandesa". São ao todo 50 fêmeas adultas, importadas e nacionais, prenhes ou em lactação, variedades PB e VB.

Mangalarga na Água Branca

Será realizado, no dia 16 de junho, 16 horas, o 2.º Leilão Mangalarga "53", no Parque da Água Branca, em São Paulo. Os animais a serem vendidos foram selecionados dos criadores Gilda Junqueira Netto (G 53), Armando Expedito Teixeira (AS 53), Haroldo Junqueira Netto (JN 53), Fernando Junqueira Netto (F 53), Carlos Junqueira Netto (53) e Renato Junqueira Netto (R 53).

São Francisco, em Uberaba

Será realizado, em Uberaba, MG, nos dias 3 e 5 de maio o 4.º Leilão São Francisco. No

dia 3, serão vendidos Nelore PO e POI e Nelore Mocho e no dia 5, Mangalarga, Mangalarga Marchador e jumentos Pega, dos criadores João Humberto de Andrade Carvalho, Cláudio Sabino Carvalho, Rubião de Carvalho, Humberto Goulart Carvalho e Carlos José Goulart Carvalho, Heber Cristina Marzoni, José Jorge Pena Neto, Marco Antônio Andrade Barbosa, Antônio Alberto de Barros e Gustavo Adolfo Pável.

Leilão Corona em Porto Feliz

No dia 22 de junho, às 10 horas, a Fazenda São Judas Tadeu do Chapadão promove o 2.º Leilão de Qualidade Corona, colocando à venda reprodutores e fêmeas Holandesa VB, Schwyz e Holandesa PB

Leilão JB, em Lins

O criador José Maurício Junqueira de Andrade promove, em sua Fazenda São Mariano, em Lins, SP, no dia 11 de julho, o 4.º Leilão JB, vendendo 40 equinos da raça Mangalarga, 200 bovinos das raças Holandesa PB e VB (PC e cruzadas) e 40 machos cruzados prontos para abate, em regime de confinamento. As vendas serão em 12 parcelas mensais, sem juros e correção monetária.

275 milhões por uma égua da raça Árabe

Cr\$ 275 milhões — esta foi a quantia que o criador Alton Antonize teve de desembolsar para arrematar, no dia 18 deste mês, em disputado leilão no Palace, a égua Natanya, de puro sangue árabe, que pertence ao plantel de Romildo Carvalho Cunha. No mesmo leilão, que começou pouco depois das 21 horas e só foi terminar às 2 horas da ma-

drugada, foram vendidos outros 39 cavalos e éguas da raça árabe, totalizando ao final um volume de negócios de Cr\$ 4,81 bilhões, com uma média geral de preços de Cr\$ 120,25 milhões por animal.

A égua Natanya, de três anos, campeã de exposições na Califórnia e já prenhe do reprodutor Prichal — o garanhão árabe, de linhagem russa, que mais vende coberturas no Brasil (ao preço de Cr\$ 10 milhões cada uma) e que também pertence a Romildo Carvalho Cunha —, foi o animal mais caro da noite. Mas o segundo colocado, F.A. Bint Mahran, de propriedade de Antônio Afonso Archills Galen, não ficou muito atrás, sendo arrematado por Cr\$ 240 milhões.

Segundo a empresa Remate, encarregada pela promoção do leilão, os preços registraram uma valorização de 323,9% em relação aos 12 meses atrás. As fêmeas da raça árabe, em virtude da pequena oferta existente — valorizaram-se mais (351%) e, obtiveram uma média de preços de Cr\$ 162,91 milhões por animal. E essa alta de preços não é característica apenas do mercado brasileiro: no início de fevereiro último, a égua polonesa Dysputa, de 21 anos, mãe do garanhão Dwajis, de propriedade do empresário Cláudio Bardella, foi vendida por US\$ 300 mil em um leilão na Califórnia. Já a valorização dos machos é bastante inferior — 235% em 12 meses —, com uma média de preços registrada de Cr\$ 86,25 milhões.

O I Leilão Internacional do Cavalo Árabe (Lica), promovido no ano passado pela Remate, já havia batido todos os recordes. Agora, o II Lica, no Palace confirmou a tendência, com os preços em dólares registrando uma alta real de 30,3% em um ano. Os 40 animais negociados pertencem aos plantéis de Sebastião Camargo, o criador que mais faturou no leilão, com negócios equivalentes a Cr\$ 1.495; Romildo Carvalho Cunha, que

obteve Cr\$ 1,36 bilhão; Antônio Afonso Archills Galen, com Cr\$ 1,03 bilhão; e Cláudio Bardella, com Cr\$ 925 milhões.

O crescente interesse pela raça, cujas principais características são a fácil adaptação e a grande resistência em provas hílicas de longo percurso, tem levado a um grande aumento do plantel brasileiro. Em função disso, segundo Carvalho Cunha, os aficionados terão em breve mais uma novidade: até o final do ano, serão introduzidas no País as corridas de cavalos árabes.

Exposição em Araguari

Será realizada, de 16 a 23 de junho, a XIX Exposição Agropecuária e Industrial de Araguari, MG. Simultaneamente a este evento, serão realizados o VII Torneio Leiteiro e II Leilão Misto de Animais, no Parque de Exposições de Araguari. Os eventos são promovidos pelo Sindicato Rural e Prefeitura Municipal de Araguari e contarão com apoio da Secretaria da Agricultura de Minas Gerais.

Leilões em Ourinhos

Durante a Feira Agropecuária e Industrial de Ourinhos, que se realiza no período de 25 de maio a 2 de junho, no Parque de Exposições, serão realizados oito leilões de animais: dia 25, às 13 horas, leilão de Pequenos Animais e às 14 horas, Leilão de Gado de Corte (para cria, recria, engorda, machos e fêmeas); dia 26, às 13 horas, Leilão de Gado Leiteiro e às 17, Leilão de Equinos Mangalarga e Raças Nacionais; dia 31, às 13, Leilão de Animais Nelore PO e POI, machos e fêmeas e Leilão Oficial de Quarto de Milha, às 19 horas; dia 1.º de junho, Leilão de Gado de Corte de várias raças.

Leilões e Exposições

Exposição e Leilão em Santa Vitória, MG

Dos dias 30 de maio a 2 de junho, o município de Santa Vitória, MG, realiza a 5.ª Exposição Agropecuária. Simultaneamente, serão realizados o 9.º Leilão de Equinos e Reprodutores no dia 1.º e de Gado de Corte e de Matrizes, no dia 2. O município já programou mais eventos para 1985: nos dias 22/23 e 24 de novembro realiza a II Festa do Peão; no dia 23, 10.º Leilão de Equinos e no dia 24 de novembro Leilão de Gado de Corte.

Exposição de Uberlândia

Será realizada, de 31 de agosto a 8 de setembro, a XXII Exposição Agropecuária de Uberlândia, MG. Durante a Exposição, serão realizadas, também, a 3.ª Exposição Nacional do Gado Gir e de raças equinas — Mangalarga Paulista, Mangalarga Marchador, Árabe, Quarto de Milha, Apalusa. O evento é promovido pelo Sindicato Rural de Uberlândia.

Exposição de Uberaba

Já estão confirmadas as presenças na Exposição Agropecuária de Uberaba, no início de maio, dos ministros de Agricultura de 28 países. Os ministros que visitarão a Exposição de Uberaba são da Argentina, Barbados, Bolívia, Canadá, Colômbia, Costa Rica, Chile, Dominica, Equador, El Salvador, Granada, Guatemala, Guiana, Haiti, Honduras, Jamaica, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, República Dominicana, Santa Lúcia, Suriname, Trinidad e Tobago, Estados Unidos, Uruguai e Venezuela.

Calendário de Exposições, Feiras e leilões no estado de São Paulo em 1985

JUNHO

São Paulo, SP
22 e 23
IV Leilão T. R. — Equinos de Todas as Raças

Santa Fé do Sul
22 a 30
XI FICCAP — Feira Agropecuária
São Paulo, SP
25 a 30
VII Exposição Nacional do Cavalu Mangalarga

JULHO

Barretos
6
X Leilão Brumado

Andradina
6 a 14
IV Expoan — Exposição Agropecuária

Pindamonhangaba
6 a 14
Expovap

Araçatuba
6 a 14
XII Exposição Regional de Animais e Exposição de Búfalos/85

Colígia
7 a 14
Festa do Cavalu

Batatal
7 a 14
VIII Leilão de Gado HVB

São João da Boa Vista
7 a 14
X Exposição Regional de Animais de Campinas e S. João da Boa Vista

Presidente Prudente
8 a 17
IX Exposição Agropecuária e XXV Exposição Agrícola

Brotas
12
XXI Leilão Mundo Novo

Lorena
12 a 15
XVI Torneio Leiteiro

Lins
21 a 28
XIV Exposição Agropecuária

Taubaté
26 a 28
III Leilão de Gado Leiteiro

Bananal
31
I Leilão do Gado Leiteiro

AGOSTO

Ribeirão Preto
3 a 11
III Exposição Regional de Animais

São Paulo, SP
10 a 18
VII Exposição Estadual de Pequenos e Médios Animais

Tietê
16 a 30
X Feira — Feira Agropecuária e VIII Feira Especializada de Búfalos

São Paulo, SP
17 e 18
III Leilão de Velocistas Quarto de Milha

São José do Rio Pardo
17 a 25
Grande Expo-Leilão do Vale do Rio Pardo

Lorena
21 a 23
IV Torneio Leiteiro Aberto para Leilões

São Paulo, SP
24
II Grande Leilão de Tipo e Leite

São Paulo, SP
25
X Leilão Mangalarga da Nata

Guaçupeça
29 a 2/9
Festa do Peão Boiadeiro

SETEMBRO

Guaratinguetá
4 a 8
XII Exposição de Animais

São Paulo, SP
7 a 8
VI Leilão Programa Mangalarga

Presidente Prudente
7 a 15
XII Exposição Regional de Animais

Lins
12
Leilão de Gado de Corte, Recria e Animais de Serviço

Barretos
14
II Leilão B. B. Nelore Mocho

São Paulo, SP
14 e 15
Exposição e Leilão dos Crioulos de São Paulo

São Paulo, SP
14 a 22
II Exposição Especializada do Cavalu Campolina

São José do Barreiro
16 a 22
VIII Torneio Leiteiro

São Paulo, SP
18 a 22
XVII Exposição Brasileira de Gado Holandês

São Paulo, SP
21
III Leilão Mangalarga Marjan-Tibaji

São Paulo, SP
21
V Leilão Otímista

São Paulo, SP
22
II Leilão Nelore Nobre

Sorocaba
22 a 30
XIII Fapis — Feira Agropecuária

São Paulo, SP
28 e 29
Leilão Oficial da Raça Mangalarga

Cruzeiro
28 a 2/10
XII Exposição Regional de Animais do Vale do Paraíba

OUTUBRO

Marília
5 a 13
VII Examar — Exposição Agropecuária

Batatal
6 a 13
VIII Leilão de Gado HVB

São José do Rio Preto
12 a 20
XII Exposição Regional de Animais

Lins
17
Leilão do Médio Noroeste

Fazenda Erina forma Girolando

Com uma área de 53 alqueires, a Fazenda Erina, situada em Cerqueira César, SP, produz atualmente quase 1.000 litros/dia de leite B e planeja, até o final do ano, atingir 1.300. Além do fato notável da produção em uma área de 53 alqueires — 10 incorporados agora e em fase de formação de pastagens — a Fazenda consegue produzir um leite barato, tornando-se, assim, a principal atividade da propriedade lucrativa. "Se tirasse apenas o leite já era lucrativa", diz o proprietário, Paulo de Tharso Bittencourt, engenheiro mecânico e ex-funcionário do Banco Safra, onde trabalhou por 10 anos.

Para conseguir lucro com o leite, Paulo de Tharso Bittencourt sempre se preocupou com o custo da alimentação dos animais e, ao mesmo tempo, dispôs de gado que fosse ao mesmo tempo produtivo e rústico, proveniente do cruzamento de duas raças leiteiras: a Holandesa e a Gir. Assim, há cinco anos, iniciou o trabalho de formação do atual plantel de 388 animais — quase 100 em lactação.

Para iniciar o trabalho, adquiriu animais das duas raças que fossem extremamente produtivos. E para conseguir alimento barato e produzir leite a baixo custo Bittencourt, além do gado rústico, montou, paralelamente, uma granja de frango, que aloja, atualmente, 45 mil cabeças. Da granja, ele retira a cama que é primeiro queimada e depois ensilada, passando por fermentação

anaeróbica. Posteriormente, essa cama é triturada e misturada com farelo de milho ou de trigo ou de arroz. "O farelo depende do qual está mais em conta. Se o de trigo estiver mais barato opto por ele, da mesma forma com o de milho ou de arroz", explica Bittencourt.

As vacas em lactação vão a pasto — green panic, napier, colômbio e sectária — e recebem, no cocho, no verão, napier, cana e a ração de cama de frango e farelo, na proporção de 2,5 kg/dia para cada litro de leite produzido. No inverno, recebem, além desses alimentos, silagem de milho, produzida na própria fazenda. E a média de produtividade da fazenda atualmente é de 10 litros/dia. É uma média aparentemente baixa, mas esse fato é explicado pelo sistema que ele adota na secagem da vaca: "Como tenho ra-



ção de custo baixo eu faço a seca-gem quando a vaca ainda estiver produzindo menos de três litros de leite até 60 dias antes do parto", explica Bittencourt. "Se não fizesse isso a média subiria para 13 litros", conta ele. "E essa média é obtida basicamente com animal a pasto", acrescenta.

Além do manejo sanitário, Bittencourt tem um método próprio de criação: cinco dias após o nascimento, as crias são separadas das vacas e passam a se alimentar com leite em pó, período em que dura 90 dias, quando são desmamadas. Assim, vacas que não produzem sem o bezerro ao pé são descartadas: ele quer desenvolver essa aptidão nas vacas Girolandas. "No meu plantel já é comum essa aptidão. Em razão disso, posso manter esse sistema de manejo", diz ele. Como tem uma pequena área, os bezerras, ao serem separados das mães, são ensacados e só após o desmame é liberado no piquete de confinamento.

Os animais secos — vacas, novilhos e novilhas — ficam em um galpão de confinamento e pastam no meio da plantação de eucalipto. Os nove touros também são confinados. Para realizar o cruzamento, as vacas são levadas até o piquete dos touros. "Como o cruzamento é dirigido para se formar um plantel Girolanda (5/8) e como não faço inseminação artificial, a única maneira de se garantir os graus de sangue é adotando esse método", justifica ele.

UM PLANTEL SOB CONTROLE

São ao todo nove reprodutores: dois da raça Holandesa VB, dois com 3/4 HBV/Gir, um com 1/2 HBV/Gir, dois com 5/8 HBV/Gir e dois 3/4 Gir/HBV. Assim, de acordo com o grau de sangue das vacas, elas são levadas para serem cobertas pelo touro certo. Pelos cálculos de Bittencourt, dentro de cinco anos o seu plantel estará estabilizado e será considerado raça Girolanda.

O objetivo de Bittencourt, além da formação da raça Girolanda, é formar um plantel rústico e altamente produtivo. Além do grau de sangue, ele, nos cruzamentos, busca sobretudo o índice elevado de produtividade por lactação. Para isso, todo o plantel é registrado pela ABC no Programa Procrusa do Ministério da Agricultura e todas as vacas são submetidas ao Serviço do Controle Leiteiro. "O comprador que for adquirir animais na minha fazenda tem essa garantia: grau de sangue registrado no Procrusa e lactação comprovada pelo Serviço de Controle Leiteiro da ABC", observa.

Além do leite, que vende para a fábrica de doces Pingo de Leite Avaré, instalada no próprio município



de Cerqueira César, e do frango, comercializado com o frigorífico Flaboyant, de São Paulo, Bittencourt vende os tourinhos. "Das crias do ano passado atualmente só sobram dois machos. O resto vendi todo", diz ele. São produzidos 140 bezerros por ano. De acordo com ele, os principais compradores dos tourinhos são os criadores de gado Holandês, interessados em fazer rapidamente o 5/8. Eles procuram levar os tourinhos 3/4 Gir, que, cruzados com vacas, Holandesas puras dão o 5/8.

Mas, na opinião de Bittencourt, o melhor animal para se tirar leite comercial e a baixo custo é o meio sangue. "É produtivo e rústico", resume ele. De acordo com o criador, bom número de vacas e novilhas do plantel de meio sangue da fazenda hoje alcançam a média de 20 litros/dia e lactação de 300 dias. "Uma delas foi campeã nos dois Torneios Leiteiros de Cerqueira César e do 1.º Torneio Leiteiro de Avaré, informa. "A única desvantagem é que não se pode estabilizar esse grau de sangue", lamenta ele. Além da rusticidade, Bittencourt ressalta outra vantagem do cruzamento do Holandês e do Gir: os machos podem ser vendidos ou criados para corte — ao contrário do Holandês puro que precisa ser descartado.

Desde que iniciou a formação do atual plantel, a idéia básica de Bittencourt foi a obtenção de maior quantidade possível de leite por área e a menor custo. E, para isso, desde o início, além de obtenção de alimentos para as vacas a baixo custo, ele iniciou a formação de um novo tipo de gado com 5/8 de grau de sangue Holandês e 3/8 de Gir Leiteiro.

O plantel, assim, iniciou-se com a compra de 125 novilhas 1/2 HPB e 1/2 Gir, adquiridas em quatro lotes do criador Rubens Resende Peres — animais originados de um mesmo touro HPB — o 33 Fallstaff

Bootmaker (filho de Paclamaar Bootmaker e mãe 33 Arena Rag Apple Premier, com lactação de 12.024 kg de leite) — que cobriu as vacas Gir da Fazenda Brasília de Rubens Resende Peres. Adquiriu, do mesmo criador, o touro Gir leiteiro — o Risoto de Brasília (pai Darlan e mãe Ibirarema, com 4.712 kg de leite). Bittencourt comprou outro touro Gir leiteiro — o Useiro (pai Oceano e mãe Oculista, com 6.059 kg de leite) — do criador Francisco Barreto. Na primeira etapa, todas as fêmeas 1/2 sangue foram cobertas com os touros Gir, gerando produtos 3/4 Gir e 1/4 Holandês.

Posteriormente, Bittencourt incorporou ao plantel o touro HVB (Ebraico Jasper Red GNM) do sr. Geraldino Natal Madureira, que foi e continua sendo utilizado para cobrir fêmeas 3/4 Gir e 1/4 Holandês, gerando animais 5/8 Holandês e 3/8 Gir.

Duas novilhas 3/4 Gir e 1/4 Holandês foram enxertadas com sêmen do touro SJT Surodana Citation Peggassus Red (HVB) e SS Pabst Centurion 462, ambos Holandês VB, gerando 2 machos (5/8 Holandês e 3/8 Gir), (bimestiço) — hoje os dois reprodutores utilizados para a formação do plantel de Girolandas. Para acelerar o trabalho de formação do Girolanda, além desses dois reprodutores, foram preparados mais três touros: PTB Itaipu — 3/4 Gir L e 1/4 Holandês (pai Risoto de Brasília e mãe PTB Cuiabá, com 5.912), utilizado para cobrir novilhas HVB adquiridas agora; o PTB Morumbi — 3/4 Holandês e 1/4 Gir (pai Ebraico Jasper Rede GNM e mãe PBT Natividade, com 4.908 kg) para cobrir vacas 1/2 sangue; e o PTB Apolo — 1/2 Gir e 1/2 sangue Holandês (pai Embaixador Peggassus Red GNM e mãe Mulata) para cobrir novilhas 3/4 Holandês e 1/4 Gir, geradas na própria fazenda. Esses cruzamentos gerarão produtos 5/8 Holandês e 1/4 Gir.



O GERTRUDISTA

Informe especial da Associação Brasileira de Santa Gertrudis

Av. Francisco Matarazzo, 455 — Água Branca — Fones: 263-1825, 263-0794 e 263-3876 - São Paulo - SP

A FESTA DAS FUTURAS CAMPEãs

No dia 30 de março, cerca de trezentas pessoas compareceram à Fazenda Pau D'Alho em Tietê - SP, para assistir ao julgamento e leilão do II Concurso Novilha do Futuro. O evento promovido por Carson e Elen Geld contou com o patrocínio da Associação Brasileira de Santa Gertrudis, Santa Gertrudis Breeders International, Purina Alimentos Ltda., Merck Sharp & Dohme — Agvet Ltda., Continental de Cereais Contibrasil Ltda. e jornal O Estado de São Paulo.

O II Concurso Novilha do Futuro reuniu as melhores fêmeas Santa Gertrudis de todas as regiões do país, numa ampla mostra da precocidade da raça, pois as novilhas com idades variando entre 17 e 20 meses deveriam estar com prenhez confirmada para serem julgadas.

O alto nível dos animais inscritos dificultou a escolha dos juizes que optaram por FS-571-035, inscrita por Jairo Eduardo Loureiro. A segunda colocação coube à candidata da Ipê, Agro Avícola, FS-503-866; o terceiro prêmio foi conferido à FS-200-312 de Clélia Anita A. Banwart e a quarta colocação ficou com FS-218-449 de Antonio Chiarizzi Junior.

O trio julgador, composto por Carlos Andres Espansandin do Brasil, Julio Zapico, da Argentina e Paul Hoffman, dos

EUA, destacou o alto nível da competição que reuniu excelentes animais. As características de feminilidade da vencedora despertaram a atenção dos juizes e determinaram a atribuição do título. Tudo indica, que a exemplo dos animais inscritos no concurso de 84, as novilhas que participaram este ano farão uma brilhante carreira nas pistas de outras exposições.

O leilão realizado após o julgamento teve uma movimentação de Cr\$ 370 milhões, correspondentes a comercialização de 30 animais numa média de Cr\$ 12.333.000 por cabeça. As fêmeas concursadas obtiveram a média de Cr\$ 15.833.000; a vice-campeã, FS-503-866 apresentada pela Ipê Agro-Avícola, alcançou o maior preço: Cr\$ 35 milhões pagos pelo Sítio da Malagueta.

Ao analisar o Novilha do Futuro 85, Carson Geld destacou a qualidade dos animais inscritos; e já pensando no concurso do próximo ano declarou: "esperamos que o conjunto de animais participantes seja cada vez melhor, isto torna a disputa mais difícil e contribui para o aprimoramento da raça".

I CONCURSO LEILÃO NOVILHA CATEGORIA ESPECIAL SANTA GERTRUDIS

O Mancho CLS — Manduri — SP, promoverá em 29 de junho o Primeiro Con-

curso Leilão Categoria Especial Santa Gertrudis, onde estarão reunidas fêmeas nascidas de 01 de outubro de 1982 a 30 de junho de 1983 que deverão estar com cria ao pé no dia do concurso. "A idéia nasceu a partir da realização do Novilha do Futuro, criamos um evento que deve complementar o concurso que elegeu a melhor novilha prenhe", explica Carlos Eduardo de Lima Souza, promotor do evento.

Devido à dificuldade de empreñar uma novilha de 17 a 20 meses, Carlos Eduardo avalia que o número de animais na pista deva variar entre 15 e 25. "Poucas raças proporcionam condições para a realização de um concurso como este, mas mesmo o gado Santa Gertrudis, caracterizado pela precocidade corre o risco de não chegar a pista, pois a parição pode não ter ocorrido até o dia do concurso", alerta Carlos Eduardo. Por isso, ele acredita que o fato de ter seu animal na pista já é um prêmio para o criador. "Vamos provar que é possível e sadio empreñar uma novilha com 18 a 20 meses", complementa.

Além de reunir fêmeas Santa Gertrudis de alta qualidade, o concurso e leilão do Rancho CLS possibilitará que os compradores adquiram animais de várias linhagens e procedências. "Serão ofertados animais de quinze diferentes criadores, o que implica num maior número de opções e conseqüentemente maiores oportunidades para encontrar o animal procurado", exclama o promotor do concurso.

PROGRAMAÇÃO

O King Ranch do Brasil realizará em 25/5 o já tradicional LEILÃO DE SANTA GERTRUDIS E QUARTO DE MILHA. O evento será realizado pela 15ª vez, e terá lugar no Recinto de Exposições de Presidente Prudente às 9:00 horas.

Em julho é a vez do Leilão do Jurumirim; este ano, totalmente reformulado, contará com a participação de sete renomados criadores de gado Santa Gertrudis. Maiores informações na Associação Brasileira de Santa Gertrudis, fone: (011) 263-1825.



Serviço de Controle Leiteiro

Por questões de ordem técnica deixamos de publicar no Relatório n.º 481, as Lactações Terminadas, a que ora fazemos o pedimos desculpas aos nossos leitores. A Redação.

LACTAÇÕES TERMINADAS

II DIVISÃO — ATÉ 365 DIAS

NOME DO ANIMAL	Cruz de sangue	Idade em meses/anos	M. SCL	Dias de lactação	Produção		PROPRIETÁRIO		
					Leite, kg	Graxo, kg			
Raça Holandesa — variedade preta e branca									
					Três Ordenhas (3x)				
CLASSE A1 - até 2 1/2 anos.									
RF Fortaleza Alana - B/71165 - LM	PO		2-1	78298	365	5.160	269,5	2,92	Franzêde Fortaleza Ltda
CLASSE A5 - de 2 1/2 a 3 anos.									
RF Fortaleza Academa - B/68460 - LM	PO		2-11	78595	365	6.801	229,8	3,36	Franzêde Fortaleza Ltda
Santa Cecilia Espana Jotatar - B/66940	PO		2-11	79093	359	6.383	219,9	1,44	Arnaldo Mendes da Oliveira
CLASSE B1 - de 1 a 3 1/2 anos.									
Alpina Paragon - SP/264269 - LM		31/32	3-2	74773	357	7.958	292,5	3,53	Paragon Agropecuária Ltda
CLASSE C5 - de 4 1/2 a 5 anos.									
Baronesa da Serra Odina - SP/131178 - LM		31/32	4-6	69739	365	7.548	258,4	3,42	Arnaldo Mendes da Oliveira
Carina Rockport - SP/31353 - LM		FOOD	4-7	68362	365	7.422	282,6	3,79	Paragon Agropecuária Ltda
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos.									
RF Fortaleza Avina - B/59477 - LM	PO		6-6	69976	365	11.169	371,3	3,34	Franzêde Fortaleza Ltda
Costeado de Mar-O-lha Serena-B/45168 - LM	PO		6-6	78340	365	9.699	325,8	3,35	Arnaldo Mendes da Oliveira
Rosa Santa Esperança - SP/125413 - LM	FOOD		5-9	70420	365	9.352	274,1	3,02	Arnaldo Mendes da Oliveira
Naparrês Henrique Agilão Pêso - LM	PO			58108	355	8.678	281,2	3,25	Paragon Agropecuária Ltda
RF Fortaleza Olyjaka - B/30962 - LM	PO		12-7	37497	365	8.632	282,1	3,26	Franzêde Fortaleza Ltda
Ana Catarina M. de Sta. Margarida-G/455011 - LMCL1			9-5	56328	350	8.518	281,5	1,79	Paragon Agropecuária Ltda
C.R. Fabiana Leopoldina Fierros-B/57090	BO		5-10	64810	365	8.392	252,4	1,01	Cláudio Venceslau Roberto
Vava Santa Esperança-SP/125414	FOOD		5-8	78421	364	8.372	243,8	1,13	Lívio de Melo Brandão
Wanda Joyal Rose - B/52305	PO		6-2	69011	365	8.271	255,2	1,07	João Domingos da Silva
RF Fortaleza Odina - B/44666	PO		7-4	52032	311	7.764	268,7	1,45	Franzêde Fortaleza Ltda
Rayssa Maria Milão - B/54156	PO		5-7	71653	365	7.526	237,2	3,09	João Domingos da Silva
Jorjane Tequilha Passara Combination-B/50261	PO		6-4	67199	365	7.460	235,1	3,13	Luiz Augusto Sazaki
					Duas Ordenhas (2x)				
CLASSE A1 - até 2 1/2 anos.									
Pau D'Alho Uma Astronaut Donas-B/70328 - LM PO			2-2	76592	365	10.752	292,4	2,71	Jacob Reuter Dattin
CLASSE A5 - de 2 1/2 a 3 anos.									
Cherifera MAS - B/3/1992 - LM	GRB		2-11	79137	314	6.480	211,4	3,24	Maria Aparecida P. Porto
Baronesa Alva 5 - B/69171 - LM	FO		2-6	78954	365	6.457	231,0	3,42	Proderik Rok (27) - Arapoti
CLASSE B1 - de 1 a 3 1/2 anos.									
Polga 7 Jotatar de Bela Manhã - 6498 - LM	OC1		3-5	74530	352	8.894	267,7	2,81	Carrollis J. de Jorje (8) Arap.
Baron-Bel Starbarock Jay - B/67001 - LM	FO		3-3	74130	338	8.631	253,7	2,91	Bonald Gruber
Calox Bismarck Agilão - B/64594 - LM	PO		3-5	74664	355	8.462	271,6	5,21	Luiz Antonio do Souza
CLASSE B5 - de 3 1/2 a 4 anos.									
Cordeira Glauco 27 - B/64487 - LM	PO		3-11	71944	365	8.438	267,2	3,16	Leopoldo Norberto (24) Arap.
Treco do Pau D'Alho - LM/78074 - LM	OC5		3-9	73806	354	7.377	244,3	3,21	Jacob Reuter Dattin
CLASSE C5 - de 4 1/2 a 5 anos.									
Cordeira 3 H. Pau de Bela Manhã - 61842 - LM	OC1		4-9	69623	365	7.568	247,5	3,24	Carrollis J. de Jorje (8) Arap.
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos.									
Isabela Turchel de Caldas - GRB/1312 - LM	GRB		6-5	60924	365	10.788	399,1	1,79	Oullibeito M. Soares Chidim
Milvete Len Ruby - B/50670 - LM	FO		6-5	61603	365	9.774	240,7	2,77	Leopoldo Norberto (24) Arap.
Arqueto Baronesa Alva 16 9 - 37596 - LM	OC1		7-7	60797	365	7.966	269,5	1,37	Proderik Rok (27) - Arapoti
Leão - Tiro Tempo Graça - B/51614 - LM	PO		4-11	73640	345	7.794	244,1	1,37	Luiz Antonio do Souza
Bela Vista de Espalvado - SP/88405 - LM		31/32	6-2	78478	365	7.652	296,1	3,06	Fernando Aires Rêthel e Barros
Bela Vista de Espalvado - SP/88405 - LM			7-11	65580	320	7.523	247,9	3,29	Jacob Reuter Dattin
Palmeiras Real - Indatolado P. D'Alho-G/44-12348			6-9	64976	317	7.386	234,7	3,17	Carrollis J. de Jorje (8) Arap.
Princesa Real Snow - B/49669 - LM	PO		6-2	62369	328	7.174	220,7	2,98	Proderik Rok (27) - Arapoti
Baronesa Nina 21-53111	OC1		5-11	63716	365	7.324	232,1	3,16	Franzêde Fortaleza Ltda
Bela Vista de Espalvado - GRB/1355 - LM	GRB								
Raça Holandesa — variedade vermelha e branca									
					Três Ordenhas (3x)				
CLASSE A5 - de 2 1/2 a 3 anos.									
Milvete Len Ruby - SP/88405 - LM	PO		2-4	71937	365	6.119	192,4	3,01	Reino Conde
GF Jacque Capão - SP/88405 - LM	BO		2-6	75013	328	6.245	204,0	3,26	Conrado Figueiredo Porto
CLASSE C5 - de 4 1/2 a 5 anos.									
Caro Verde Rob Vitoriosa - SP/6132 - LM	FO		4-10	78703	315	7.680	233,4	3,07	Alcyon A. S. Assis Sobrinho
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos.									
Orilla de Avina - B/44666 - LM	PO		7-6	55341	355	9.703	255,7	2,63	Reino Conde

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade anos/meses	N.º SCL	Dias de lactação	Produção		%	PROPRIETÁRIO
					Leite kg	Gord. kg		
Duas Ordenhas (2x)								
CLASSE A1 - de 2 1/2 a 3 anos. D.N. Cherry 1 Good Citation - BR/5026 - LH	PO	2-10	78061	365	6.905	201,1	2,91	Leôncio Valle Nicolau, Arapoti
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos. Garcia Jansen Rod de Meirelles-SP/133069-LH	GC1	5-3	68199	365	7.471	237,2	3,16	Eiza R. Meirelles e Filhos
Gensera Fancy Rico - SP/138167 - LH	GC2	5-2	67730	356	7.275	227,3	3,11	Antonio Bassoli
Dama Star Royal Mod - BR/5610 - LH	PO	5-6	73065	365	7.146	225,6	3,15	João Taposo dos Reis
Marro Alto Fociera Transmitter Jack-BR/3274-D90	PO	10-10	41953	365	6.816	231,3	3,38	João Passarelli
Duas Ordenhas (2x)								
CLASSE A2 - até 2 1/2 anos. Geldie Vito do Brasil - 16610-C-LH	PO	2-5	78148	321	3.916	198,2	5,06	José Ronald Bertagnoli
CLASSE B6 - de 3 1/2 a 4 anos. Frustrillon Supreme Beulan J M C-15477-C-LH	PO	3-11	73147	365	5.162	269,6	5,18	José Ronald Bertagnoli
CLASSE C6 - de 4 1/2 a 5 anos. Lilye J.P. Lucky - 15009-C - LH	PO	4-9	74293	365	6.260	329,0	5,24	José Ronald Bertagnoli
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos. Luana Silvestre Jurebena - 12887-C - LH	PO	5-7	74493	355	6.152	243,3	3,94	José Ronald Bertagnoli
Duas Ordenhas (2x)								
CLASSE B6 - de 3 1/2 a 4 anos. Santo Indoro Oclira - 207854 - LH	PO	3-8	78448	365	5.609	195,8	3,49	Agro Pec. e H.S. Isidoro Ltda
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos. Lira 8071-04 7th - 8931 - LH	PO	-	78450	342	5.695	193,9	3,39	Agro Pec. e H.F. Isidoro Ltda
Duas Ordenhas (2x)								
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos. Borgonzi F. Jacke - 883 - LH	PO	6-1	70031	352	6.755	374,5	5,54	Custódio Cabral de Almeida
Três Ordenhas (3x)								
CLASSE E - Adultas de mais de 6 anos. Rotação de Brasília - 5-1192 - LH	BE	9-7	55694	365	4.330	204,6	4,72	Tubens Fesende Peres
Reprodução de Brasília - R/1437	BE	8-3	55692	365	3.574	170,7	4,74	Tubens Fesende Peres
Duas Ordenhas (2x)								
CLASSE C6 - de 4 1/2 a 5 anos. Uta - C-1642 - LH	LA	4-7	78534	365	4.082	204,4	5,00	Kenia Agric. e Pec. Ltda
CLASSE E - Adultas de mais de 6 anos. C.T. Indústria - 5291 - LH	POCE	11-7	59754	365	3.942	166,8	4,31	João Gabriel C. Noronha Ostry
Lezinha da Calciolândia - 2/1686	BE	9-1	51521	351	3.615	157,5	4,35	Gabriel Donato de Andrade
Lametta - 548-4P - LH	BE	10-4	59772	365	3.461	181,5	5,21	Kenia Agric. e Pec. Ltda
Duas Ordenhas (2x)								
CLASSE C1 - de 4 a 4 1/2 anos. F.V.B. Zucchiata - 22961 - LH	BE	4-3	71375	365	3.517	164,5	4,55	Paulo de Thasso Bittencourt

L H - LIVRO DE HÉRULO

L E - LIVRO DE ESCOL

Estância Kankrej

José Resende Peres



GUZERÁ LEITEIRO,

Garantia de vacas maiores, mais rústicas. Quando o sangue for ficando muito europeu, e a perda de bezerros aumentando... É melhor usar a raça mais rústica do mundo.

Praça José Peres, 17-A
35360, São Pedro dos Ferros, MG
Tels.: (033) 352-1457, 352-1218
No Rio: (021) 265-8654

Serviço de Controle Leiteiro

DESTAQUES

RAÇA GIR

STA. CRUZ CAMURÇA CACHIMBO, Rq. IX-2930, RE, Pai/C.A.CACHIMBO, Rq. A-902, Mãe/ARAPONGA, REPRODUTORA EMÉRITA, com novo LIVRO DE ESCÓL.

3a9m	-	2x	-	3.531	-	197,6	-	5,59%
9a7m	-	2x	-	4.010	-	190,6	-	4,75%
10a9m	-	2x	-	3.489	-	158,0	-	4,52%
11a10m	-	2x	-	4.632	-	234,4	-	5,05%
13a0m	-	2x	-	3.970	-	200,0	-	5,03%

Props.: Drs. Manuel e José João Salgado Rodrigues dos Reis.

LACTAÇÕES TERMINADAS

I DIVISÃO — ATÉ 305 DIAS

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade anos/meses	N.º SCL	Dias de lactação	Produção		PROPRIETÁRIO
					Leite kg	Gord. kg	
Raça Holandesa — variedade preta e branca							
Três Ordenhas (3a)							
CLASSE AJ - até 2 1/2 anos. 33 Reforlite Parsy Jetstar - B/69170	PO	2-4	77738	305	6.110	211,1-2E 3,45	Benedito J.S.M.Pati
CLASSE BE - de 3 1/2 a 4 anos. Possa Quiriba Kastrocha Brasil-B/64962	PO	3-8	74607	293	7.555	231,3 3,05	Faz.S.286.Possa Ag.Pest. Ltda
CLASSE D - Adultas de sai. de 5 anos. Lota Boomerang do Rancho - an-69/102183	OC3	6-4	69489	293	6.403	182,8 2,84	Lázaro de Melo Brandão
Duas Ordenhas (2a)							
CLASSE AJ - até 2 1/2 anos. Bau D'Alho Ubanda S.Importancia-B/70320	PO	2-1	78229	305	6.263	206,2-1E 3,29	Jacob Rezier Dutilh
Vau D'Alho Uma Iv.Star Seresta-B/70325	PO	2-4	78228	305	5.843	201,5-1E 3,43	Jacob Rezier Dutilh
Urberlandia S.Palmeira F.D'Alho-BAJ/2391	GBB	2-3	78224	305	5.490	195,1-1E 3,51	Jacob Rezier Dutilh
Possa Naboleira P.Napiter-B/71073	PO	2-3	77923	305	5.281	179,7 3,20	Faz.S.286.Possa Ag.Pest. Ltda
CLASSE BV - de 3 a 3 1/2 anos. Charmolone Starburst Sphoros-B/66975	PO	3-4	73835	305	6.650	206,2-1E 3,10	Donald Greber
Lo-Pine Kase Ninaro - B/66590	PO	3-1	74327	305	3.640	303,3-1E 3,57	Donald Greber
CLASSE BE - de 3 1/2 a 4 anos. Pecoreira Catigua Casarda-B/67424	PO	3-7	74403	305	7.271	230,6-1E 3,17	Donald Greber
CLASSE CE - de 4 1/2 a 5 anos. Pecoreira Performer Catita - B/62142	PO	4-7	69220	303	7.199	236,5-1E 3,28	Donald Greber
Industria Sylvan Desmolvido - B/147957	OC4	4-8	71894	305	6.531	253,9-1E 3,97	Basta Ag.e Comercial S/A

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade anos/meses	N.º SCL	Dias de lactação	Leite kg	Gord. kg	%	PROPRIETÁRIO
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos.								
Escológica 86 - 109297	PO	6-3	70651	293	7.465	240,4-LE	3,13	Dorval Antonio Galotto
Rock-Tople Triune Rhododendron-8/54633	PO	6-6	69418	301	6.863	222,0	3,22	Belarmino Aconção Marta
Belida 88 - 82/73576	31/32	8-10	78118	305	6.732	233,2-LE	3,45	Dorval Antonio Galotto
SS.Oitira Brindard - 8/48789	PO	6-9	61448	305	6.228	195,1	3,11	Warley Colombini
Raça Holandesa — variedade vermelha e branca					Três Ordenhas (3x)			
CLASSE B1 - de 3 a 3 1/2 anos.								
ES Vetiña Creoscentad SS - 88/7955	PO	3-3	73743	305	8.384	262,5-LE	3,12	Aníscar Farid Yamin
CLASSE B6 - de 3 1/2 a 4 anos.								
Corona Jasper Anita Red SS - 88/7481	PO	3-11	74377	302	5.751	193,4	3,36	Aníscar Farid Yamin
CLASSE C1 - de 4 a 4 1/2 anos.								
Instituto de Bragança - 88/152158	OC1	4-3	74090	290	5.018	204,2	3,49	Olysepio A.S.Aranha Stockler
CLASSE C2 - de 4 1/2 a 5 anos.								
Campe Verde Fob Vibrata - 88/6332	PO	4-10	78703	305	7.435	226,0-LE	3,02	Olysepio A.S.Aranha Stockler
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos.								
Albertina's 88 Potira - 88/4524	PO	6-8	60730	305	7.755	209,2	2,68	Pedro Gonde
Duas Ordenhas (2x)								
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos.								
Genhora Fancy Nico - 88/128167	OC2	5-2	67730	305	6.613	203,8-LE	3,08	Antonio Bassoli
Flor do Campo de Bragança - 88/107331	OC1	6-7	78702	264	6.382	227,9-LE	3,57	Olysepio A.S.Aranha Stockler
Raça Jersey					Duas Ordenhas (2x)			
CLASSE A1 - até 2 1/2 anos.								
Golden Title do Brasil - 16610-C	PO	2-3	78148	305	3.984	180,7-LE	4,53	José Ronald Bertagnoli
Raça Parda Suíça (Schwyz)					Três Ordenhas (3x)			
CLASSE A2 - de 2 1/2 a 3 anos.								
Corona Jewel Improver - 7994	PO	2-9	78583	305	4.270	153,6	3,57	Aníscar Farid Yamin
CLASSE B1 - de 3 a 3 1/2 anos.								
Corona Schwan Improver - 7822	PO	3-2	78256	305	4.704	167,0	3,55	Aníscar Farid Yamin
CLASSE C1 - de 4 1/2 a 5 anos.								
Corona Harjo Tein - 6814	PO	4-10	69874	258	4.935	155,2	3,14	Aníscar Farid Yamin
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos.								
Corona Newport Harry - 206435	PO	6-3	62881	305	6.845	215,9	3,15	Aníscar Farid Yamin
SS Rocky Dot - 5821	PO	9-0	51159	305	5.076	175,2	3,45	Aníscar Farid Yamin
Raça Guernsey					Duas Ordenhas (2x)			
CLASSE A2 - de 2 1/2 a 3 anos.								
Paul 88 U'Abadia - 3432	1/2	2-3	80616	297	3.813	185,0-LE	5,13	Custódio Cobreal de Almeida
CLASSE C1 - de 4 1/2 a 5 anos.								
Ceres 88 Peira de Itaipu-2734	3/4	4-10	80621	301	3.985	202,0-LE	5,09	Custódio Cobreal de Almeida
Raça Gir					Duas Ordenhas (2x)			
CLASSE E - Adultas de mais de 5 anos.								
Bacia Cruz Catarina Carlstein - 1X. 2930	88	13-0	39972	305	3.971	200,0-LE	5,03	Mansel e José J.S.R.dos Reis
Santa Cruz Itália Carlstein - 7-3018	88	6-11	73212	305	3.175	160,7-LE	5,03	Mansel e José J.S.R.dos Reis
Cruzamento Dirigido					Duas Ordenhas (2x)			
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos.								
PRC. Uçigã	88	-	78212	205	4.870	306,6-LE	4,38	Paulo de Thacoe Bittencourt
PRC. Antrabala - 12899	88	7-7	79965	238	3.974	169,2-LE	4,25	Paulo de Thacoe Bittencourt
21 - DIRIGIDO - Lactações até 345 dias								
Raça Holandesa — variedade preta e branca					Três Ordenhas (3x)			
CLASSE A1 - até 2 1/2 anos.								
30V. Daptes - 8/70286	PO	2-2	58611	334	8.953	219,9-LE	3,56	Joaquim Peixoto Rocha
8F. Portaleza Babel - 8/73952	PO	2-0	78596	354	8.709	268,2-LE	3,07	Fazenda Portaleza Ltda
Passo Veriato Opala Prod - 8/73859	PO	2-4	78157	355	7.716	221,0-LE	3,04	Faz. S.Ms. Posse Ag. Pastil. Ltda
8F. Portaleza Bandeira - 8/74286	PO	1-11	78851	365	7.047	244,7-LE	3,45	Fazenda Portaleza Ltda
S. Odina Dália Milstone - 8/84411	PO	2-5	78630	365	6.731	225,6-LE	3,35	Arnaldo Mendes de Oliveira
11 Whiston Beckton Valiant-8/88874	PO	2-2	78427	333	6.370	218,1-LE	3,42	Benedito J.S.M.Pereira
386. Peralta - 8/70120	PO	2-1	78639	365	6.271	195,0	3,14	Joaquim Peixoto Rocha
CLASSE B1 - de 2 1/2 a 3 anos.								
2. Oitira Deseila Hoca - 8/69438	PO	2-9	78611	365	7.943	253,1-LE	3,18	Arnaldo Mendes de Oliveira
C.S. Arva Nova Adria 88 - 8/74194	PO	2-4	79021	321	6.345	202,9	3,18	Cláudio V. Roberti
CLASSE B2 - de 3 a 3 1/2 anos.								
30V. Uçigã - 8/85000	PO	3-5	74202	332	7.026	226,1	3,20	Joaquim Peixoto Rocha
CLASSE B3 - de 3 1/2 a 4 anos.								
8F. Deseila Bocooster - 8/45189	PO	3-7	74743	312	7.090	274,4-LE	3,85	Geraldo Figueiredo Fortes
CLASSE C1 - de 4 1/2 a 5 anos.								
PRC. Regina Inedita Chaf - 8/88728	PO	4-8	68711	365	7.808	262,2-LE	3,32	Faz. S.Ms. Posse Ag. Pastil. Ltda
13. Lual Whiston Bicooster - 8/88559	PO	4-8	68880	328	7.567	239,8	3,16	Benedito J.S.M.Pereira
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos.								
8F. Portaleza Baltão - 1-97422	PO	5-3	64258	305	10.744	338,9-LE	3,14	Fazenda Portaleza Ltda

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em anos/meses	N.º SCL	Produção		%	PROPRIETÁRIO
				Dias de lactação	Leite kg		
Raça Jersey							
Duas Ordenhas (2x)							
CLASSE C5 - de 4 1/2 a 5 anos. Pine Grove B.S. Hermy - 488212	PO	4-10	73618	365	8.066	407,7-1M 5,04	José Ronald Bertagnoli
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos. Camille Faccoseter do Butiá - 1463-C	PO	6-3	73613	365	4.888	224,9-1M 4,60	José Ronald Bertagnoli
Berry Barn Doris Louisa - 13263-C	PO	6-6	78928	340	4.540	229,7-1M 5,06	José Ronald Bertagnoli
Raça Parda Suíça (Schwyz)							
Três Ordenhas (3x)							
CLASSE A2 - até 2 1/2 anos. Corona Ori Tallman - 8176	PO	2-5	78258	365	5.487	185,6	3,38 Anilcar Farid Yamin
CLASSE B6 - de 3 1/2 a 4 anos. Corona Remida Harry - 7552	PO	3-9	74040	346	6.505	238,7-1M 3,65	Anilcar Farid Yamin
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos. St Ray's Ann - 5831	PO	9-3	57011	326	7.825	271,2-1M 3,46	Anilcar Farid Yamin
Harvic Tallman Boyana - 5621	PO	10-6	47379	314	6.927	255,4-1M 3,67	Anilcar Farid Yamin
Denise Tapper II Bon Café - 2997/604	-	7-0	60525	306	6.067	249,8-1M 4,11	Fernando Prado Ramô
St Ultra Belle - 6559	PO	6-2	63753	365	5.774	211,2	3,65 Anilcar Farid Yamin
Corona Flávia Harry - 6812	PO	5-6	70200	306	5.686	193,1	3,37 Anilcar Farid Yamin
Corona Nicoleta Harry - 6444	PO	6-1	64524	309	5.117	181,4	3,52 Anilcar Farid Yamin
Duas Ordenhas (2x)							
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos. Viridiana de São Carlos - 205316	31/32	10-1	45792	347	5.739	203,6-1M 3,55	Carlos Cardoso de A. Amorim
Raça Guernsey							
Duas Ordenhas (2x)							
CLASSE C1 - de 4 a 4 1/2 anos. Gera Ercole S. Vieta Itapui - 2074	7/8	4-2	80620	288	4.253	239,0-1M 5,62	Custódio Cabral de Almeida
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos. Bela M D'Abadia - 3266	1/2	6-3	80614	305	4.361	241,0-1M 5,53	Custódio Cabral de Almeida
Raça Gir							
Duas Ordenhas (2x)							
CLASSE E - Adultas de mais de 6 anos. Fátima - C-1333	PC	9-0	60878	365	4.167	202,7-1M 4,84	Renata Agrícola e Pec. Ltda
Idália - C-1384	PC	13-0	42361	353	3.760	182,2-1M 4,84	Renata Agrícola e Pec. Ltda
C.A. Naga - A-5299	PCD	8-0	60990	365	3.517	158,8	4,48 João Gabriel C.M. e Outros
Muzema de Calciolândia - B-9386	PG	6-5	57831	334	3.511	153,4	4,37 Gabriel Donato de Andrade
Cruzamento Dirigido							
Duas Ordenhas (2x)							
CLASSE B6 - de 1 1/2 a 4 anos. PBL Temporada -	HL	5-8	78986	313	3.279	135,7	4,13 Paulo de Thasso Rittencourt
Raça Girolando							
Duas Ordenhas (2x)							
CLASSE A5 - de 3 1/2 a 3 anos. Sul-Lanis Vinhedos	HL	2-11	73660	325	3.832	144,4-1M 3,74	Haydão Neutensdijst

L H - LIVRO DE MÉRITO
L E - LIVRO DE ESCOLA

Resultados Parciais de Controle

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade de anos/meses	Con-trole	Dias de lactação	Leite %	NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade de anos/meses	Con-trole	Dias de lactação	Leite %		
Raça Holandesa — variedade preta e branca													
Estatísticas elaboradas pela Associação dos Criadores de Gado de Leite do Estado de São Paulo em 14/11/95. Base de 500 000 cabeças registradas em 31 de dezembro.													
Zero Surtos Milkland Antares 80	9-5	69	124	26,0	2,37	Girou Nera Cirrus	PO	2-3	39	81	21,0	3,18	
Corvela Apolito Henry	30	6-2	39	76	23,0	3,20	Starcross Napi Berlin	PO	0-11	29	23	23,0	3,21
Narciso Maria Bon "Pezú" 30	6-0	29	88	38,3	2,45	Herzogen Clotilde Miller	PO	6-11	10	9	21,9	3,04	
Nora Wladir S. Aguiar Marcondes 30	5-2	63	127	21,9	3,13	Silviane Sandra P.	PO	6-5	29	66	20,0	3,17	
Osiane Valdir S. Cruz "Borboia" 30	5-7	52	152	26,9	3,28	Alcides Escudélio Damia	PO	6-5	30	123	21,8	3,26	
Renato Cruz Apolito 30	5-2	108	302	24,3	3,31	Girou Nela Paulapala	PO	4-11	30	78	21,2	3,19	
San-Taka S. Elisavete Costa "Luzero" 30	6-0	17	7	28,9	3,23	PE "Marcelo"	PO	6-6	26	88	24,6	3,25	
TEC Anália Carla Freyre J.	30	4-9	149	22,9	3,21	Girou Norberto Almeida	PO	6-4	10	16	24,0	3,19	
TEC Mila Antunes 30	6-6	94	131	30,1	3,42	Girou River Elisavete Almeida	PO	6-2	19	11	27,0	3,70	
Uelato JFZ Celia Flávia de Azev.	30	6-11	39	77	29,3	3,37	Girou Perdomo Alajola	PO	3-8	87	182	34,0	3,08
Wanda Maria M. Brito "Ruy" 30	5-4	39	33	26,4	3,44	Galzer Rose Rêgina Castro	PO	5-18	19	32	17,9	2,81	
Zenilda Juliana Rosa Galvão 30	6-11	61	152	25,4	3,20	Hugo H. Rose Rock Rome	PO	7-4	30	150	21,6	3,19	
Zero Surtos Milkland Antares 80	9-5	69	124	26,0	2,37	PE "Carmen"	PO	6-6	70	136	22,7	3,19	
Zero Surtos Milkland Antares 80	9-5	69	124	26,0	2,37	Manoel Hipólito Challegre	PO	5-3	57	144	28,7	3,19	
Zero Surtos Milkland Antares 80	9-5	69	124	26,0	2,37	Corvela Apolito Renêdo	PO	3-4	80	202	23,0	3,20	
Zero Surtos Milkland Antares 80	9-5	69	124	26,0	2,37	Girou Gertrude Nelli	PO	3-9	60	161	20,4	3,19	
Zero Surtos Milkland Antares 80	9-5	69	124	26,0	2,37	Osmani Barbara Simoes	PO	6-2	29	138	22,6	3,14	
Zero Surtos Milkland Antares 80	9-5	69	124	26,0	2,37	Oponeide S. Ferra	PO	6-12	20	80	21,6	3,30	
Zero Surtos Milkland Antares 80	9-5	69	124	26,0	2,37	Re-Vista R. Maria S. Lino	PO	6-3	29	69	24,2	3,17	
Zero Surtos Milkland Antares 80	9-5	69	124	26,0	2,37	Robely Brazil Apolito Indiana	PO	6-0	20	32	22,2	3,45	
Zero Surtos Milkland Antares 80	9-5	69	124	26,0	2,37	Osvaldo Rêgina Damascos	PO	11-8	30	77	17,9	2,83	
Zero Surtos Milkland Antares 80	9-5	69	124	26,0	2,37	Wald-2. Chief Gery	PO	7-11	30	77	21,9	3,33	
Zero Surtos Milkland Antares 80	9-5	69	124	26,0	2,37	Az-SB Apolito Angel	PO	7-7	27	179	31,3	3,30	
Zero Surtos Milkland Antares 80	9-5	69	124	26,0	2,37	Girou Willow Lucie	PO	3-9	88	269	22,5	3,20	
Zero Surtos Milkland Antares 80	9-5	69	124	26,0	2,37	Halvora Carlo Lucinda	PO	7-8	88	247	28,1	3,43	
Zero Surtos Milkland Antares 80	9-5	69	124	26,0	2,37	Girou Nela Chief Neta	PO	3-9	30	56	20,0	3,19	

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade de anos meses	Con- trole	Dias de lactação	Leite %	NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade de anos meses	Con- trole	Dias de lactação	Leite %		
Vilinda da Prata	POC	2-8	20	49	19,0	3,8	W. João Chris	PO	3-5	70	222	17,0	3,19
Burguês da Prata	OC1	1-0	20	41	13,0	2,8	W. Amorosa Titon	PO	3-1	70	220	18,0	3,19
Nalanda da Prata	PO	-	20	48	13,0	3,2	W. Amorosa Brasil	PO	3-1	70	209	13,0	3,14
Joviana da Prata	OC1	8-8	10	12	22,0	3,1	W. Juchovana Titon	PO	3-1	70	193	13,0	3,08
Carta da Prata	OC2	3-0	10	1	17,0	3,0	W. Jacobina Titon	PO	3-0	70	193	16,0	3,08
Amazônia da Prata	OC2	2-0	10	33	26,0	2,9	W. Catarina	PO	8-0	60	176	13,0	2,72
Botânica da Prata	POC	1-8	10	18	22,0	2,9	W. Babilônia Capuêlo	PO	3-3	60	167	17,0	3,03
Inset da Prata	OC2	13-2	10	10	17,0	4,2	W. Babilônia Brasil	PO	4-0	60	162	22,0	2,82
Milagre da Prata	OC1	4-11	10	320	13,0	3,1	W. Ilinda Brasil	PO	4-4	60	166	31,0	3,12
Isuritiba da Prata	OC1	10-7	100	295	17,0	3,1	W. Felicidade Corinto	PO	6-0	50	167	21,0	3,10
Arvore da Prata	POC	1-0	100	18	22,0	2,9	W. Babilônia Capuêlo	PO	3-4	60	161	15,0	3,14
Califórnia da Prata	OC1	3-10	10	234	18,0	3,2	W. Felicidade Star	PO	7-0	30	179	31,0	3,09
Correio da Prata	OC2	3-8	10	227	17,0	2,9	W. Babilônia Rebelem	PO	4-1	50	174	29,0	3,14
Galena da Prata	OC2	3-1	10	270	13,0	2,4	W. Babilônia Adamor	PO	7-0	40	117	29,0	3,09
Varanda da Prata	OC2	0-10	110	151	14,0	2,4	W. Amorosa Star	PO	7-0	30	179	31,0	3,09
Alfafa da Prata	OC3	3-0	100	311	13,0	3,2	W. Babilônia Rebelem	PO	4-1	50	174	29,0	3,14
Benedita da Prata	OC3	3-0	130	363	13,0	2,5	W. Babilônia Adamor	PO	7-0	40	117	29,0	3,09
Carla da Prata	OC3	3-8	10	4	17,0	3,1	W. Amorosa Star	PO	7-0	40	117	29,0	3,09
Pisano da Prata	OC2	3-0	10	27	18,0	3,1	W. Amorosa Star	PO	7-0	40	117	29,0	3,09
Olga da Prata	OC2	3-0	10	13	19,0	3,4	W. Amorosa Star	PO	7-0	40	117	29,0	3,09

Seletores da Associação Santa-Barbara, Est. de São Paulo, Controla em 13/01/75, Região de pasto com raço suplementar, 2 Ovelhas.

Absorland A. Elviração Riky	PO	4-4	60	183	17,0	4,4
Acad-Paula Maria Brakskindon	PO	7-8	10	2	37,0	3,2
Alinda Titon Mary	PO	7-8	10	8	28,0	3,9
Foot Hill Willow G. Deter	PO	4-7	20	34	25,0	4,2
Wolfgang Willow Ed	PO	7-8	10	81	18,0	3,4
Model Farm Terra-Viva Ruffie	PO	1-4	10	4	33,0	4,2
Wilke Farm Iowa Glacia	PO	6-0	60	105	17,0	3,8
Joshua-Garry V. Corito	PO	0-11	20	56	20,0	3,5
J.P. New Rebelem	PO	4-7	10	112	15,0	3,4
Larry Pioneer SF Tobiasse	OC2	0-7	30	233	18,0	2,6
Belkiana WW	OC2	3-6	20	21	21,0	2,9
Orion, Ruyter Fawcett	OC2	2-1	30	101	17,0	3,1
Wilmaga Jachter Fawcett	OC2	3-8	20	60	18,0	4,4
Ortensia Starcraft Fawcett	OC4	3-8	20	25	28,0	3,4
FPP, Tippy Inver Jandel	PO	3-4	20	23	25,0	3,9
FPP, Hollybell King Mayor	PO	4-11	30	120	20,0	3,4
FPP, Jachter Fawcett, Baurer	PO	4-5	10	128	17,0	3,4
Clowditch Azup G. Gern	PO	8-6	60	177	22,0	4,2
Stroylen Foster Sally	PO	8-5	20	48	23,0	3,4
Spring-Heads Jui Owen	PO	4-8	30	114	18,0	4,0
Northland Farm A. Fawc	PO	7-8	10	250	13,0	3,1
Orion, E.F. S. Bellotti	PO	3-8	10	113	17,0	3,4
Orion, Bross Gay Bessi	PO	6-0	30	116	22,0	3,8
WW Adriano Patet	PO	2-1	20	31	20,0	3,9
J.P. Denton	PO	2-8	20	35	21,0	3,1
J.P. Davidson	PO	2-1	60	170	13,0	3,3

Milão Naxos del'Isola, Casa Branca, Est. de São Paulo, Controla em 23/01/75, Região de pasto com raço suplementar, 2 Ovelhas.

W. Amorosa Brasil	PO	4-11	60	263	17,0	4,23
W. Felicidade Adamor	PO	6-0	60	253	14,0	3,46
W. Amorosa Brasil	PO	3-1	60	273	19,0	3,38
W. Catarina	PO	8-8	60	245	20,0	3,12
W. Amorosa	PO	11-0	60	230	15,0	3,42
W. Catarina	PO	8-8	30	215	19,0	3,13
W. Amorosa	PO	11-0	30	210	14,0	3,30
W. Amorosa Brasil	PO	8-0	30	209	18,0	3,22
Ilinda Gil. Baurer	PO	3-8	30	207	19,0	3,18
W. Ilinda Milostore	PO	8-0	30	206	17,0	3,16
W. Benedita Brasil	PO	4-1	30	204	19,0	3,44
W. Inzir Corinto	PO	3-11	30	196	20,0	2,88

Dr. Pedro Oreste Barrozo, Est. de São Paulo, Controla em 15/01/75, Região de pasto com raço suplementar, 2 Ovelhas.

Albertina's MH Tereza-02	PO	2-11	20	122	24,0	2,7
Albertina's MH Tereza-01	PO	3-1	30	108	21,0	2,7
Albertina's MH Valência	PO	3-7	20	66	24,0	2,9

Waldir Juppeter de Andrade, Est. de São Paulo, Controla em 26/01/75, Região de pasto com raço suplementar, 2 Ovelhas.

Franco Line	OC2	5-4	30	69	26,0	3,59
Moneta Line	OC2	3-0	30	61	14,0	3,50
Guineira Line	OC2	2-10	40	141	14,0	3,23
W. Leopoldo Line	OC2	11-12	40	139	17,0	3,23
Janice Line	OC2	3-11	30	105	14,0	3,40
Galéria Line	OC2	3-10	30	141	14,0	3,40
Salvete Line	OC2	-	40	107	13,0	3,71
Xana Line	OC2	7-1	40	207	12,0	3,71

Dr. Geraldo Figueiredo Moraes, Est. de São Paulo, Controla em 11/01/75, Região de pasto com raço suplementar, 2 Ovelhas.

Cláudia Fát. G.F.F.	OC1	3-0	30	70	18,0	2,7
Bruna 154 Elvira Corinto In. PO	4-8	10	10	21,0	2,7	

PONHA EM SEU REBANHO UM REPRODUTOR JC



CINDERELA — PO — Reg. H6787 — Produziu a média diária de 21 kg de leite em 8 meses de lactação.

**CARNE
LEITE
RUSTICIDADE
PUREZA RACIAL**

**FAZENDAS
PINDAYBA E FORQUILHA**

José Cláudio Condé
Fone: (032) 532-2066

UBA - MG

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em anos e meses	Condição de prole	Dias de lactação	Leite %	NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em anos e meses	Condição de prole	Dias de lactação	Leite %		
<p>Estação Geovany Ruzia S/C Ltda. Itaipira, Est. de São Paulo. Controle em 19/01/91. Regiões de pasto com ração suplementar. 3 Ovelhas.</p>						<p>Estação Vespasira de Freitas. Itaipira, Est. de São Paulo. Controle em 17/01/91. Regiões de pasto com ração suplementar. 2 Ovelhas.</p>							
Mirante Alma Bela	PO	2-3	70	193	15,0	1,28	Rob. Hortelão Cecília	PO	6-5	20	80	21,0	1,02
Mirante Amélia	PO	3-1	18	18	19,0	4,04	Maria Goret C. Nogueira	PO	4-5	70	195	17,0	1,20
Mirante Starline Beth.	PO	7-7	18	17	16,7	1,49	Maria Gláucia F. Xylla	PO	4-3	60	183	18,0	1,30
Mirante Quaresma Anita	PO	6-1	19	8	19,0	1,89	M. Vinícius Ned	PO	5-11	60	150	18,0	1,40
Jovira Milson Andréa	PO	9-5	19	37	21,0	3,60	<p>Estação Vespasira de Freitas. Itaipira, Est. de São Paulo. Controle em 17/01/91. Regiões de pasto com ração suplementar. 2 Ovelhas.</p>						
M. Louka Euzenya Dagrylight	PO	6-3	19	29	18,0	3,28	Benedita Atlas	OCI	4-10	70	203	18,0	1,01
M. Joly-Martillize Rosalvo	PO	4-11	10	22	22,0	3,74	Almeida King Brasília	PO	3-6	50	135	19,0	2,00
Miranda Crysta Sues	PO	5-7	19	21	18,0	3,25	Almeida Milstone Britânia	PO	3-8	29	56	27,0	2,30
Mirante Ned Olymnia	PO	3-6	19	25	17,0	3,77	Almeida Teia Damaet	PO	3-2	40	122	19,0	1,28
Mirante Hilling Nazareth	PO	3-6	19	1	15,0	3,41	Rosana Almagari	OCI	5-9	19	25	29,0	2,50
Mirante Aléxia	PO	4-8	80	234	14,0	3,49	APP. Tereza Fidalgo Marjuly	PO	6-7	19	18	24,0	2,40
Mirante Anabela	PO	5-3	20	52	17,0	3,96	Benedita E. Quirino	OCI	6-4	19	30	25,0	2,50
A. Rod-Ribeir José. Paz	PO	7-2	20	126	20,0	3,37	GRG. Adairal. Horta	OCI	4-4	19	21	26,0	1,37
Marylize Inda Adrienne	PO	5-4	20	74	14,0	3,96	Cristina Milstone Almagari	OCI	3-3	19	20	18,0	2,50
Nédel Durc. Sila	PO	5-3	20	67	17,0	3,72	Beli Atlas	OCI	3-5	40	123	21,0	2,00
Royal Lynn Sarah	PO	5-5	90	259	16,0	3,74	<p>Estação Superior de Agricultura Ltda. de Quatzen/Dieterichs, Est. de São Paulo. Controle em 06/01/91. Regiões de pasto com ração suplementar. 2 Ovelhas.</p>						
Rosehilda Cláudia Alina	PO	6-10	90	147	15,0	3,26	Enaiz Quatzen Chaim	PO	4-5	80	225	11,0	2,75
Roselin Beach	PO	4-1	70	215	15,0	3,79	Enaiz Vitor Elzo	PO	3-3	70	207	12,0	1,70
Riziv Wilsey Harit R. TTTI	PO	6-0	40	114	15,0	3,61	Enaiz Vignetta Perfume	PO	2-11	70	200	10,0	1,50
Rosevalda Cantares Ruyne	PO	6-7	80	106	20,0	3,49	FEO Quaresma	PO	13-0	60	167	10,0	2,04
Oak Ridge Beauty Regine	PO	4-8	80	119	16,0	3,45	Enaiz Raul Ideal	PO	5-6	40	104	10,0	1,20
Rebecah Chaf. Betty	PO	3-10	70	202	15,0	3,43	Mirelles Rutiana Penstar	PO	4-9	50	149	14,0	1,30
Rosevira Pamela Uta.	PO	3-9	90	272	17,0	3,48	Enaiz Taify Ideal	PO	4-3	50	142	13,0	2,28
Rosevira Rosa Pump	PO	4-8	60	157	19,0	3,60	Enaiz Valente Perfume	PO	3-6	40	116	14,0	2,78
Rosevira Starline Regina	PO	6-1	80	87	19,0	3,96	Mirelles Rutiana Penstar	PO	5-0	40	122	12,0	1,78
Waldemar Rosalia Camil	PO	4-8	30	53	14,0	3,44	Enaiz Taify Ideal	PO	4-3	50	142	13,0	2,28
A.P. Portuense Solida	PO	6-5	60	171	25,0	3,40	Enaiz Valente Perfume	PO	3-6	40	116	14,0	2,78
Fiel. Gláucia Cabreirara Ruyne	PO	3-0	90	277	17,0	3,73	Mirelles Rutiana Penstar	PO	5-0	40	122	12,0	1,78
M. Lúcia Rosalia Dagrylight	PO	7-10	70	201	19,0	3,60	Enaiz Taify Ideal	PO	4-3	50	142	13,0	2,28
M. Silvia Ajae Cristina	PO	5-8	20	112	12,0	3,45	Enaiz Valente Perfume	PO	3-6	40	116	14,0	2,78
M. Merylye Tereza Baldino	PO	6-0	50	186	17,0	3,42	Mirelles Rutiana Penstar	PO	5-0	40	122	12,0	1,78
M. Rosalia Edmaria Regina	PO	5-6	90	270	20,0	3,54	Enaiz Taify Ideal	PO	4-3	50	142	13,0	2,28
Rosevira Doraletta Valente	PO	6-1	90	277	15,0	3,61	Enaiz Valente Perfume	PO	3-6	40	116	14,0	2,78
Rosevira Milstone Ruzayra	PO	3-5	90	126	14,0	3,96	Mirelles Rutiana Penstar	PO	5-0	40	122	12,0	1,78
Rosevira Ruthena Geórgia	PO	3-4	50	129	16,0	4,15	Enaiz Taify Ideal	PO	4-3	50	142	13,0	2,28
Rosevira Carlinda	PO	3-7	30	104	17,0	3,76	Enaiz Valente Perfume	PO	3-6	40	116	14,0	2,78
Rosevira Rita Corneia	PO	3-1	80	259	14,0	3,73	Mirelles Rutiana Penstar	PO	5-0	40	122	12,0	1,78
Rosevira Ned Cláudia	PO	1-7	100	290	14,0	2,91	Enaiz Taify Ideal	PO	4-3	50	142	13,0	2,28
Rosevira Tereza Casarinho	PO	2-10	60	171	18,0	3,74	Enaiz Valente Perfume	PO	3-6	40	116	14,0	2,78
<p>Pau de Toco. Sitocourt, Campinas, Ceará, Est. de São Paulo. Controle em 29/01/91. Regiões de pasto com ração suplementar. 3 Ovelhas.</p>						<p>José P. Victor das Santos. Elói Mendes, Est. de Minas Gerais. Controle em 06/01/91. Regiões de pasto com ração suplementar. 2 Ovelhas.</p>							
PR. Elaine	11/21	4-4	20	62	14,0	3,47	Rosana's Elzo Ruyne	PO	8-4	40	87	19,0	1,20
PR. Sertão	11/21	4-8	20	1	14,0	2,52	Iria de Ana Barbara	OCI	2-7	40	120	13,0	1,70
S. Nogueira	11/21	11-4	40	105	10,0	3,45	Marieta de Fátima	OCI	6-9	70	202	10,0	1,20
Tereza de Rêde Vale	11/21	9-1	40	102	10,0	2,96	Fátima de Ana Barbara	OCI	3-2	70	117	10,0	1,50
<p>Quilés Osvaldo Rosa Ltda. Londrina, Paraná, Est. de São Paulo. Controle em 04/01/91. Regiões de pasto com ração suplementar. 3 Ovelhas.</p>						<p>Dr. Guilherme Walter Soares Galvão. Nova Olinda, Est. de São Paulo. Controle em 14/01/91. Regiões de pasto com ração suplementar. 2 Ovelhas.</p>							
Quil. Silvana Janet-Gemard	PO	5-10	10	33	18,0	3,13	Caldeas Standart Rivers	PO	2-4	30	68	23,0	1,90
Quil. Valéria Durvas Ned	PO	3-8	30	18	13,0	3,46	Caldeas Standart Stella	PO	3-6	40	148	20,0	1,40
Quil. Valéria Marjuly Don-Chap	PO	3-10	10	13	16,0	3,81	FRE. Chalchabertel Arlinda	PO	3-8	50	128	22,0	1,70
Janet D. Last Mary	PO	10-1	100	901	21,0	3,68	Caldeas D. Star Dinamarco	PO	3-8	70	193	21,0	1,15
Osvaldo M. Anabela Espinal	PO	8-6	30	86	17,0	3,22	Caldeas Veneza Ruyne	PO	2-3	30	86	23,0	1,48
Osvaldo M. Ruyne Espinal	PO	8-5	30	64	13,0	3,50	FRE. Royal Quest Aery	PO	3-2	40	137	20,0	1,20
<p>Quatzen Superior S/A. Santa Cruz das Palmeiras, Est. de São Paulo. Controle em 09/01/91. Regiões de pasto com ração suplementar. 2 Ovelhas.</p>						<p>Estação Superior de Agricultura Ltda. de Quatzen/Dieterichs, Est. de São Paulo. Controle em 06/01/91. Regiões de pasto com ração suplementar. 2 Ovelhas.</p>							
Quil. AC.	OCI	6-4	110	211	19,0	4,26	FRE. Jusseli Dale Astro	PO	4-4	50	128	20,0	1,40
Quil. AC.	OCI	4-11	90	262	21,0	3,57	Leandro de Anjos. Teoberto	PO	6-8	60	184	16,0	1,30
Quil. AC.	OCI	3-7	80	270	17,0	4,21	Wendy Jane Ellen Ray	PO	3-6	50	123	27,0	1,19
Quil. AC.	OCI	6-5	70	203	16,0	3,81	Stelton Springs Victor Rita	PO	3-1	30	70	25,0	1,10
Quil. AC.	OCI	3-4	80	147	16,0	3,81	Winnipeg R. Elzo. Marjuly	PO	8-10	20	41	13,0	1,37
Quil. AC.	OCI	6-0	70	242	17,0	3,38	Caldeas Chief Elzo American	PO	3-4	20	62	34,0	1,11
Quil. AC.	OCI	6-0	70	187	23,0	3,37	Norva Sander Betty	PO	5-10	60	178	27,0	1,60
Quil. AC.	OCI	3-9	70	218	21,0	3,88	Rebecah Sander Elzo	PO	3-10	60	231	24,0	1,60
Quil. AC.	OCI	11-1	70	211	19,0	4,10	Caldeas Star R. Dinamarco	PO	5-0	28	37	26,0	1,40
Quil. AC.	OCI	3-9	70	209	23,0	2,40	Caldeas Antares Ruyne	PO	3-7	30	65	27,0	1,40
Quil. AC.	OCI	7-1	80	141	23,0	3,37	Caldeas Star Stella I TH	PO	3-1	70	209	27,0	1,40
Quil. AC.	OCI	4-5	80	148	25,0	3,11	Caldeas Taifun Stella TH	PO	2-3	30	80	29,0	1,70
Quil. AC.	OCI	3-2	80	129	24,0	3,80	Caldeas Taifun Stella TH	PO	2-3	30	80	29,0	1,70
Quil. AC.	OCI	2-7	30	133	22,0	3,40	Caldeas Star Stella I TH	PO	3-1	70	209	27,0	1,40
Quil. AC.	OCI	2-4	30	124	24,0	3,40	Caldeas Taifun Stella TH	PO	2-3	30	80	29,0	1,70
Quil. AC.	OCI	2-8	30	119	17,0	3,98	Caldeas Taifun Stella TH	PO	2-3	30	80	29,0	1,70
Quil. AC.	OCI	5-3	30	98	17,0	3,80	Caldeas Star Stella I TH	PO	3-1	70	209	27,0	1,40
Quil. AC.	OCI	3-4	30	98	17,0	3,80	Caldeas Taifun Stella TH	PO	2-3	30	80	29,0	1,70
Quil. AC.	OCI	4-7	10	21	20,0	2,13	Caldeas Star Stella I TH	PO	3-1	70	209	27,0	1,40
Quil. AC.	OCI	3-3	10	28	22,0	3,89	Caldeas Taifun Stella TH	PO	2-3	30	80	29,0	1,70
<p>Quil. AC. Arara. Est. de São Paulo. Controle em 14/01/91. Regiões de pasto com ração suplementar. 2 Ovelhas.</p>						<p>Estação Superior de Agricultura Ltda. de Quatzen/Dieterichs, Est. de São Paulo. Controle em 06/01/91. Regiões de pasto com ração suplementar. 2 Ovelhas.</p>							
Quil. B. Soares	OCI	4-4	20	48	13,0	3,99	Caldeas Standart Rivers	PO	2-4	30	68	23,0	1,90
Quil. B. Soares	OCI	3-1	20	36	20,0	3,20	Caldeas Standart Stella	PO	3-6	40	148	20,0	1,40
Quil. B. Soares	OCI	7-7	20	12	17,0	3,81	FRE. Chalchabertel Arlinda	PO	3-8	50	128	22,0	1,70
Quil. B. Soares	OCI	6-2	20	37	27,0	3,13	Caldeas D. Star Dinamarco	PO	3-8	70	193	21,0	1,15
Quil. B. Soares	OCI	3-5	20	13	20,0	3,85	Caldeas Veneza Ruyne	PO	2-3	30	86	23,0	1,48
Quil. B. Soares	OCI	2-2	20	28	16,0	3,15	FRE. Royal Quest Aery	PO	3-2	40	137	20,0	1,20
Quil. B. Soares	OCI	1-10	19	17	17,0	3,76	FRE. Jusseli Dale Astro	PO	4-4	50	128	20,0	1,40
Quil. B. Soares	OCI	3-4	19	24	23,0	3,48	Leandro de Anjos. Teoberto	PO	6-8	60	184	16,0	1,30
Quil. B. Soares	OCI	3-8	19	24	24,0	3,20	Wendy Jane Ellen Ray	PO	3-6	50	123	27,0	1,19
Quil. B. Soares	OCI	3-2	19	187	21,0	3,50	Stelton Springs Victor Rita	PO	3-1	30	70	25,0	1,10
Quil. B. Soares	OCI	3-1	19	188	19,0	3,45	Winnipeg R. Elzo. Marjuly	PO	8-10	20	41	13,0	1,37
Quil. B. Soares	OCI	4-7	19	112	25,0	3,40	Caldeas Chief Elzo American	PO	3-4	20	62	34,0	1,11
Quil. B. Soares	OCI	4-7	19	125	20,0	3,83	Norva Sander Betty	PO	5-10	60	178	27,0	1,60
Quil. B. Soares	OCI	4-4	19	128	22,0	3,91	Rebecah Sander Elzo	PO	3-10	60	231	24,0	1,60
Quil. B. Soares	OCI	4-1	19	92	22,0	3,75	Caldeas Star R. Dinamarco	PO	5				

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	Controle	Dias de lactação	Leite %	
Baculato H. J. Nissa, (Cooq-Agru. Per. Industrial) Saperiana, Bat. de São Paulo, Controle em 24/01/95, Regime de pasto com ração suplementar, 2 Ovelhas.						
P.D'Alto Serebista F. Toyer	PO	5-7	19	24	27,9	2,99
F.D'Alto Gersona F. Toyer	PO	7-4	19	25	29,0	2,44
Montagela Florina Narvaez Ovel	PO	3-1	19	33	30,0	3,05
Dr. Osvaldo Pimenta Prado, Bat. de São Paulo, Controle em 24/01/95, Regime de pasto com ração suplementar, 3 Ovelhas.						
Balla Jasper OF	OC1	4-5	10	24	27,0	2,5
Shelby Anita C. Red	PO	4-3	40	126	25,0	2,4
Arquitetura Jasper OF	OC1	5-3	20	37	24,8	2,4
Márcio Saperia de Andrade, Lins, Bat. de São Paulo, Controle em 24/01/95, Regime de pasto com ração suplementar, 3 Ovelhas.						
Ágria Lina	POC2	6-10	30	75	25,0	1,19
Pamela Lina	OC2	3-4	20	99	13,0	2,41
Geracinda J. B.	POC2	6-7	30	144	14,0	1,13
Dalla Lina	OC1	6-10	60	145	13,0	2,83
Balla Lina	OB8	6-2	60	170	13,0	1,04
Balla Lina	OC1	7-11	70	225	13,0	1,19
Camila Lina	OC1	3-7	70	227	19,0	1,13
Dr. Pedro Ozório, Sorocaba, Bat. de São Paulo, Controle em 15/01/95, Regime de pasto com ração suplementar, 3 Ovelhas.						
Lina 999 Letina's	OB8	11-2	70	225	31,0	3,7
Albertina's 999 Religião	PO	4-10	70	157	26,0	2,9
Netina's 999 Pires Cit. Lib-Red ET	PO	4-4	90	307	22,0	2,7
Dezira F. Letina's	OC1	6-2	20	97	24,0	2,8
Albertina's 999 Francisco	PO	7-12	70	225	26,0	2,9
Albertina's 999 Juliana	PO	7-10	10	21	26,0	2,9
Albertina's 999 Paula	PO	7-10	10	21	26,0	2,7
Albertina's 999 Brian	PO	7-11	10	21	24,0	2,2
Albertina's 999 Ana	PO	7-11	10	24	22,0	2,3
Albertina's 999 Dani TE	PO	6-7	10	40	22,0	2,8
Waves 999 Albertina's	OB8	6-7	10	24	22,0	2,0
Albertina's 999 Sharon	PO	6-7	10	43	22,0	2,0
Elise Waves Lita Cit. Red	PO	6-8	70	117	21,0	2,0
Albertina's 999 Natalia TE	PO	6-1	30	109	21,0	2,9
Albertina's TE	PO	3-4	30	94	20,0	3,1
Pipers White Clay Lita Red ET	PO	5-1	20	122	20,0	3,4
Alvina V. Lita Red Red ET	PO	4-13	70	182	20,0	3,4
Red-C-Rose 999 Balla Red ET	PO	6-8	60	188	14,0	4,0
Suzeraina 999 Albertina's	OB8	4-10	70	251	24,0	3,1
C. de New Haven Shady Red	PO	7-7	60	199	24,0	4,3
Suzeraina 999 Berlita	PO	4-1	50	164	24,0	2,8
Albertina's 999 Patricia	PO	6-11	60	227	21,0	4,7
Albertina's 999 Sofia	PO	6-10	60	238	22,0	2,8
Albertina's 999 Sora-Don TE	PO	4-6	20	51	21,0	3,9
Albertina's 999 Solina	PO	3-9	40	113	21,0	3,8
Waves 999 Albertina's	-	-	20	51	21,0	3,0
Anelise Faria Vaini, Porto Feliz, Bat. de São Paulo, Controle em 27/01/95, Regime de pasto com ração suplementar, 1 e 2 Ovelhas, POB: 010-42122.						
3 Ovelhas						
Florencia 999 2	PO	13-1	19	28	24,0	1,61
Carina Emília de Joyce	PO	4-0	19	47	26,0	3,53
Carina Terry Robinson	PO	3-0	13	32	24,0	2,34
Carina Carolina Adelaide's	PO	4-4	40	102	25,0	3,49

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	Controle	Dias de lactação	Leite %	
Carina Jasper Anita-Red-ET	PO	4-11	20	32	26,0	2,46
Carina Jasper Anita-Red-ET	PO	3-4	60	170	26,0	3,12
Carina Castiga	PO	11-3	30	83	35,0	3,29
30, Velinas Crossbreed 99	PO	4-5	10	31	32,0	3,66
Montagela Letina Red	PO	7-3	60	112	21,0	1,54
Carina Pires Lacerda	PO	4-5	70	205	27,0	1,14
Carina Sara Jasper	PO	5-4	70	82	28,0	1,54
Carina Patricia Fardem	PO	3-3	20	42	28,0	1,23
Carina Beatriz Sady	PO	4-10	40	123	28,0	2,38
Carina Helena Fardem	PO	4-11	30	33	28,0	2,84
Carina Trina-Ofelia J. 11 TE	PO	4-3	40	107	32,0	3,14
Carina Julia Fardem	PO	3-3	20	76	28,0	1,96
Carina Flávia Helena	PO	3-6	17	24	27,0	2,25
Carina 99 Valpênia Millowes	PO	3-5	14	4	27,0	1,73
3 Ovelhas						
Carina Algoria Fardem	PO	6-0	20	41	31,0	1,70
Ronda Superior de Agricultura "Tudo de Ovelhas", Piracicaba, Bat. de São Paulo, Controle em 30/01/95, Regime de pasto com ração suplementar, 2 Ovelhas.						
Balla Jasper Red	OC1	3-8	100	294	11,0	1,57
Sara Balla Jasper Red	POC2	3-5	70	225	10,0	1,09
Vessa Balla Jasper Red	POC2	3-4	60	138	10,0	1,58
Balla Jasper Red	-	-	20	41	10,0	1,90
Ruby Red Jasper	POC2	4-2	10	19	14,0	2,58
Ana Jasper Red	POC2	3-4	10	3	15,0	2,86
Alcides Rogério de Freitas, Itaboraí, Bat. de São Paulo, Controle em 17/01/95, Regime de pasto com ração suplementar, 2 Ovelhas.						
Alvina Red 999 999	PO	3-4	10	24	20,0	1,43
Lina Superior Alcantara Lina, Bat. de São Paulo, Controle em 20/01/95, Regime de pasto com ração suplementar, 1 Ovelha.						
Tarda Nilza Beatriz	OC1	6-4	90	128	13,0	1,49
Dr. Carlos Neves Machado, Instituto de Ceres, Bat. de São Paulo, Controle em 15/01/95, Regime de pasto com ração suplementar, 2 Ovelhas.						
Ofélia de R.	OC1	6-4	10	34	19,0	3,47
Carina de R.	OC1	3-7	10	40	19,0	3,20
Carina de R.	OC1	3-4	10	22	19,0	2,22
Carina de R.	OC1	3-6	10	15	17,0	3,11
Carina de R.	OC1	3-5	10	5	15,0	1,50
Carina de R.	OC1	3-10	10	17	17,0	1,22
Carina de R.	OC1	3-10	10	15	17,0	1,11
Carina de R.	OC1	3-9	10	5	15,0	1,50
Carina de R.	OC1	3-7	20	66	19,0	1,97
Carina de R.	POC2	3-1	10	69	19,0	1,43
Carina de R.	OC1	3-4	20	49	19,0	1,34
Carina de R.	OC1	3-4	20	41	19,0	1,30
Carina de R.	OC1	3-4	30	79	19,0	1,30
Carina de R.	OC1	3-7	60	138	17,0	1,20
Carina de R.	OC1	3-7	60	126	16,0	1,04
Carina de R.	OC1	3-7	60	116	15,0	1,42
Carina de R.	OC1	3-4	60	113	15,0	1,09
Carina de R.	OC1	3-7	60	105	12,0	1,44
Carina de R.	OC1	3-4	60	104	10,0	1,04
Carina de R.	OC1	3-4	60	101	10,0	1,02
Carina de R.	OC1	3-1	60	109	11,0	1,02
Carina de R.	OC1	3-1	60	104	11,0	1,02

Fazenda Santo Antonio do Mocambo

Prop.: Dr. José Lucio Resende e outros

Alta seleção e criação de Gir Leiteiro

Controle Oficial da ABC

VENDA PERMANENTE DE TOURINHOS

FAZENDA SANTO ANTONIO DO MOCAMBO
Município de Matozinhos - MG - Tel.: (051) 661-1512
Belo Horizonte — Rua Santa Rita Durão, L.160
Fone: (051) 201-2277

URUGUAIANA — Reg. M 6811
Lact. 305 dias 2 ord. 3.828 kg L.E

NOME DO ANIMAL		Grau de Idade de anos meses	Controle sangüeo	Dias de lactação	Leite	%
Canga Verde São Vitoriana	PO	5-10	10	4	31,0	4,0
Melina de Bragança	OC2	2-7	40	125	17,0	2,8
Melina de Bragança	OC2	2-5	40	244	15,0	1,8
GAJ-Mercy Stallion Red	PO	3-1	20	3	24,0	3,4
Redúnia Mayen	POCD	13-11	20	41	17,0	4,2
Laila de Bragança	OC2	2-4	40	138	17,0	2,8
GAJ-Luzias Cit. Red	PO	2-11	10	3	20,0	3,5

Arrimada e Futuril Serra Cruz S/A, Capivari, Est. de São Paulo, Controle em 02/93, Registro de parto em raça suplementar, 1 Ovelhas.

Sellowest-ty-Pan Red	PO	6-11	20	145	30,0	3,4
Albertina's BR Pastora	PO	6-10	70	159	18,0	2,4
USC Dorota	PO	4-4	20	43	20,0	3,8
Lenda	-	-	20	43	20,0	3,2
Albertina's BR Piana	PO	3-3	40	109	25,0	2,4

Dr. Fernando de Souza Toledo, Jaguaria, Est. de São Paulo, Controle em 26/01/95, Registro de parto em raça suplementar, 2 Ovelhas.

Dorcas do Marco Verde	POCD	13-7	10	1	19,0	1,43
Morro Verde Rosa	PO	5-7	10	34	22,0	3,28
Túbia do Marco Verde	OC2	6-0	60	169	35,0	3,31
Camélia do Marco Verde	11/12	3-8	30	79	17,0	3,18
Melina do H. Verde	POCD	3-3	30	143	23,0	3,84
Melina do H. Verde	11/12	3-8	30	86	17,0	3,23
Fátima do H. Verde	OC2	6-5	10	21	18,0	3,03

Haja, Reinaldo Bueno, Cruzeiro, Est. de São Paulo, Controle em 31/01/95, Registro de parto em raça suplementar, 2 Ovelhas.

Catjar da Ribeira	OCB	4-8	40	253	19,0	3,8
Laila Magnet Red DP	OCB	3-9	40	141	23,0	3,8
JF-Faculdade Royal A. Leite	OCB	5-10	70	252	22,0	3,2
Clayton de São Paulo	OCB	4-1	20	50	14,0	2,8
Helarita Rosalinda Laila	OC2	6-4	30	204	19,0	3,5
Balao Dampes Red de Cruzeiro	POCD	3-4	20	35	16,0	2,3
Capimão Dina Dampes Red	PO	2-9	20	29	14,0	2,8
Camélia Red de Jaguaria	OC2	3-10	10	18	16,0	3,5
Fátima de Silva	PO	4-0	20	62	19,0	3,7
Mel's Princesa Dampes Dampes	PO	7-3	10	14	16,0	3,5
Rebata São de Jaguaria	OC2	3-4	10	10	16,0	3,5
Suzanna de Curitiba Apreçada	PO	3-1	20	34	16,0	3,8
Cristiano Hortência Chapin	PO	3-2	40	136	15,0	4,0
Imperatriz Pequena Red de Cruzeiro	2-5	30	104	14,0	4,2	
Jany, Wiltoniana Patricia Red	PO	5-3	20	28	16,0	2,9

Valdir Reynold de Oliveira e Iracema, Jorcatins, Est. de São Paulo, Controle em 20/01/95, Registro de parto em raça suplementar, 1 Ovelhas.

Carla Transadora Vladimir J. M	-	-	10	13	20,0	3,8
Dia de Bragança	POCD	5-9	10	1	20,0	2,2
Sueli Helene Klav Vicharski	PO	2-3	40	105	21,0	3,3
Artemisa Jay Red-Dai	OCB	5-11	20	47	21,0	3,1

José Nizar Balch, Capivari, Est. de São Paulo, Controle em 29/01/95, Registro de parto em raça suplementar, 2 Ovelhas.

Uma Gentil Optima P.O.	OCB	3-4	30	217	24,0	3,0
------------------------	-----	-----	----	-----	------	-----

Marcela Nova AgriCo, Pato, Estado de Goiás, Est. de Minas Gerais, Controle em 04/01/95, Registro de parto em raça suplementar, 1 Ovelhas.

Vila Rica JV de H. Nova	OC	4-0	30	244	16,0	3,33
Agria 151 de Maraca Nova	OC	4-3	100	284	14,0	3,15
Platina JV Orion de Maraca Nova	OC	5-10	30	273	15,0	3,13
Rebata JV 151 de Maraca Nova	OC	5-10	30	81	17,0	3,25
Regente Orion de Maraca Nova	OC	6-0	60	162	16,0	3,30

Raça Jersey

Roy de Augusto AgriCo de Pato, Pato, Estado de Minas Gerais, Est. de São Paulo, Controle em 15/01/95, Registro de parto em raça suplementar, 1 Ovelhas.

Imperatriz Degradação Jay	1/2	9-1	30	81	12,0	3,3
Camélia Jay Red-Dai	PO	2-10	10	13	12,0	3,4

Reocla Superior de Agricultura "Uniz de Ovinos", Piracicaba, Est. de São Paulo, Controle em 20/01/95, Registro de parto em raça suplementar, 1 Ovelhas.

Realy Jersey Super	PO	5-4	10	11	19,0	3,05
--------------------	----	-----	----	----	------	------

Roy de Dr. Mário Lopes Laila, Capivari, Est. de São Paulo, Controle em 10/01/95, Registro de parto em raça suplementar, 3 Ovelhas.

Lúcia Maria de S.F.	PO	5-5	30	120	12,0	3,4
Melina dos Barrocos S.F.	PO	4-4	30	93	12,0	3,5
Supercida Virgínia de S.F.	PO	3-4	30	67	13,0	4,2
Melina dos Barrocos S.F.	PO	-	30	84	12,0	4,8
Sueli Virgínia Princesa	PO	6-6	20	82	12,0	4,4
Reocla Incandescente de S.F.	PO	-	30	11	12,0	3,5
Sueli Virgínia de S.F.	PO	-	40	119	14,0	4,3
Melina dos Barrocos III Nova	PO	10-4	30	144	14,0	4,0
Sueli Virgínia de S.F.	PO	6-9	30	82	12,0	4,0
Reocla Melina de S.F.	PO	6-0	30	79	12,0	4,0
Sueli Maria de S.F.	PO	6-0	30	85	11,0	4,5

NOME DO ANIMAL		Grau de Idade de anos meses	Controle sangüeo	Dias de lactação	Leite	%
Adriana Momen de S.F.	PO	3-0	10	36	17,0	3,5
Carolina Virgínia de S.F.	PO	6-0	30	202	12,0	4,8
Laila Milton de S.F.	PO	-	40	120	12,0	3,5

Reocla e Colônia Batil Laila, Hortagalvão e Filizol, Jaguaria, Est. de São Paulo, Controle em 17/01/95, Registro de parto em raça suplementar, 1 Ovelhas.

Carim Cassio Batil do Batil	PO	3-9	10	16	27,0	4,10
Pina Genes S.S. Norway	PO	4-10	120	354	19,0	5,10
Clayton F.F. Maria (S)	PO	7-3	100	289	23,0	5,00
William Doris do Batil	PO	4-11	50	142	20,0	4,80
Genes Generator do Batil	PO	2-0	50	141	15,0	4,90
Marcélia Rita Patrícia do Batil	PO	4-11	50	129	19,0	4,00
Gabriela Genes do Batil	PO	7-11	40	118	19,0	4,50
Pauland Ipo do Batil	PO	2-3	40	100	20,0	4,10
Verônica Jackson do Batil	PO	2-6	30	82	19,0	4,10
Del Generator do Batil	PO	5-4	30	75	20,0	4,60

Raça Parda Suíça (Schwyz)

Dr. Fernando Prado, Reocla, Jaguaria, Est. de São Paulo, Controle em 14/01/95, Registro de parto em raça suplementar, 1 Ovelhas.

IC-Ilsevia Dampes I	PO	4-0	30	239	18,0	3,25
IC-Jessiel EL Nova	PO	2-8	40	130	14,0	4,10
IC-Nerina Dakota	PO	2-7	30	110	18,0	4,10
IC-Nerina EL Inira III	PO	4-11	40	101	16,0	3,90
IC-Princesa Pálio II	PO	3-1	30	62	17,0	4,30
Clayton M. EL Nova	POCD	4-1	30	74	15,0	3,80
IC-Nerina Elapen II	PO	6-9	30	87	24,0	4,11
IC-Clayton Dampes II	PO	4-4	20	32	19,0	4,07
Clayton M. Dampes I	PO	4-4	20	31	24,0	4,07

Reocla, Inc. e Con. Laila, Pato, Pato, Estado de Goiás, Est. de São Paulo, Controle em 10/01/95, Registro de parto em raça suplementar, 1 Ovelhas.

IC-Balacina Dampes II	PO	8-1	40	288	22,0	3,41
IC-Veloz Tupper II	PO	10-0	30	147	20,0	3,87
IC-Antônia Chap's Past I	PO	9-1	40	214	19,0	3,48

Reocla, Inc. e Con. Laila, Pato, Pato, Estado de Goiás, Est. de São Paulo, Controle em 07/01/95, Registro de parto em raça suplementar, 1 e 2 Ovelhas. PNR: 0152-421112.

J. Degradação						
EL-Jay Willie	PO	10-1	10	24	31,0	3,61
EL-Jay Pampy	PO	9-11	10	26	28,0	3,94
EL-Angela Jay	PO	10-1	30	3	25,0	2,53
Genes Magis Jerry	PO	3-1	10	30	27,0	3,27
Dorcas Hugo Tain	PO	5-11	10	4	31,0	3,59
Genes Pampy Jerry	PO	8-1	20	42	27,0	3,00
W-Jay Isabela	PO	4-1	40	39	25,0	3,11
Genes Laila Tain	PO	3-4	10	12	29,0	3,30
J. Degradação						
EL-Royal Dampes	PO	6-1	20	30	36,0	4,48
Genes Degradação M&L&L	PO	4-1	20	34	35,0	3,80

João Paulo, Henrique Moraes M, São Paulo, Est. de São Paulo, Controle em 18/01/95, Registro de parto em raça suplementar, 1 Ovelhas.

Genes Rosalind Jerry	PO	7-2	30	130	17,0	3,32
Genes Rita M. Rosalind	PO	2-9	30	29	19,0	3,50

Cla. AgriCo, Santa Helena, Jaguaria, Est. de São Paulo, Controle em 01/01/95, Registro de parto em raça suplementar, 1 Ovelhas.

M. Fátima Jay Genes	PO	9-3	10	24	19,0	3,71
---------------------	----	-----	----	----	------	------

AgriCo, Nova Santa Helena, Jaguaria, Est. de São Paulo, Controle em 21/01/95, Registro de parto em raça suplementar, 1 Ovelhas.

Elvira	PO	6-10	20	44	23,0	3,0
Willow - ELLI	PO	-	20	32	25,0	2,7
Willow-Vie Elizabeth Jay-De	PO	10-0	20	41	21,0	2,9
Rebata Talcino Cláudia	PO	4-2	10	23	19,0	3,0
Rebata Talcino Daniela	PO	2-2	100	296	14,0	3,7
Genes Juliana Madalena	PO	4-0	40	102	18,0	3,0
Altagracia Laila	PO	6-3	30	235	16,0	3,7
Melina Jay	PO	3-4	30	211	14,0	3,4
W. Jeta ELLI	PO	2-9	70	211	14,0	3,4
Genes Talcino Erik	PO	2-4	30	214	14,0	3,6
Genes Talcino Degradação	PO	-	30	248	12,0	3,4
Genes Talcino ELLI	PO	2-0	30	277	11,0	3,4
Genes Talcino Doris	PO	2-9	40	163	12,0	3,3
Genes Talcino Erik	PO	2-1	30	117	11,0	3,4
Genes Talcino Talcino	PO	1-9	30	117	11,0	3,4
Genes Talcino Degradação	PO	3-10	40	122	11,0	3,1
Altagracia	PO	2-4	30	122	11,0	3,1
Genes Talcino Degradação	PO	3-4	30	92	11,0	3,2

Raça Guernsey

Reocla Superior de Agricultura "Uniz de Ovinos", Piracicaba, Est. de São Paulo, Controle em 20/01/95, Registro de parto em raça suplementar, 1 Ovelhas.

Realy Jersey Super	PO	2-1	30	113	20,0	3,18
Realy Genes Super	PO	4-2	10	12	11,0	3,01

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	Con-trole	Dias de lactação	Leite %	NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	Con-trole	Dias de lactação	Leite %						
Dr. Antônio Cabral de Almeida, Hospital, Est. do Rio de Janeiro, Controlado em 29/01/85. Região do parto com raça esportar, 2 Ovelhas.						Torta						PC	6-0	50	153	11,8	4,87
Nono M-1 D'Almeida	PC	-	40	276	18,0	5,37	Lancheteira	IX	12-11	50	183	11,8	4,96				
Cabiana M-1 D'Almeida	L/2	7-6	70	233	19,0	4,87	Paulista	PC	8-9	50	242	12,0	4,61				
Sela M-1 D'Almeida	L/2	7-6	60	212	20,0	5,01	Redação	PC	8-4	50	180	11,3	5,04				
Ruivenga M-1 D'Almeida	L/2	8-8	60	209	18,0	5,02	Madrinha	SR	8-4	50	244	13,0	5,67				
Sela M-1 D'Almeida	L/2	8-10	70	279	15,0	4,92	Saltoada	SR	7-4	50	139	11,0	5,04				
Formosa M-1 D'Almeida	L/2	11-5	60	190	16,0	5,17	Barroca	SR	8-1	40	105	12,0	5,21				
Condorine Ringe Nogueira	PC	8-11	70	170	16,0	5,01	Juizariara	SR	13-0	40	101	10,0	6,40				
Nuonca M-1 D'Almeida	L/2	11-10	50	159	16,0	5,24	União	SR	4-10	40	118	10,0	4,90				
Faz. Chadeira Rev. D'Almeida	PC	-	40	123	13,0	5,34	Soja	PC	6-10	40	208	11,0	4,81				
Fa.8 M-2 D'Almeida	SR	-	40	108	20,0	5,10	Méica	SR	7-11	40	102	11,0	5,26				
Ones Heróis Gomes do Hospital	PC	-	40	38	14,0	5,12	Varejota	SA	4-3	40	89	10,0	4,67				
Ones Heróis Bendo do Hospital	PC	-	30	71	15,0	4,87	Cláudia	PC	10-7	30	81	11,0	4,80				
Faz. Sarcia Fayrer da D'Almeida	PC	-	30	70	10,0	4,87	Olímpada	SR	10-0	30	87	11,0	4,80				
Faz. Dely Lilar do Alto	PC	10-7	30	82	13,0	4,88	Jacira	SR	14-4	30	94	10,0	4,49				
Indones Sela Chaves Carla	PC	10-0	30	64	14,0	4,96	Borta	PC	7-0	30	79	10,0	5,01				
Paulina M-2 D'Almeida	SR	-	30	64	16,0	5,18	Tadira	PC	6-0	30	82	10,0	5,04				
Fa.8 M-2	PC	-	30	65	15,0	5,06	Troia	PC	6-0	30	84	11,0	5,26				
Ones Rio Feira do Hospital	PC	-	30	63	16,0	4,83	Sarda	PC	7-0	30	82	10,0	5,00				
Nuonca R.F. Caspary	PC	9-11	20	52	11,0	4,81	Sentrela	PC	7-2	30	91	11,0	4,91				
Faz. Milla Nogueira D'Almeida	PC	5-7	20	51	10,0	4,97	Oceânica	SR	10-9	20	64	11,0	5,02				
Paul. M-1 D'Almeida	L/2	2-8	20	45	20,0	4,20	Saqueta	PC	7-3	30	80	10,0	5,21				
Nono Phillips's Ray do Hospital	PC	2-1	20	35	21,0	5,14	Travo	SR	6-0	30	84	12,0	5,41				
Paulina M-2 D'Almeida	L/2	3-4	20	35	15,0	5,14	União	PC	5-2	30	228	12,0	5,40				
Ones Heróis Sarda do Hospital	PC	-	20	32	25,0	4,72	Resalia	SR	10-7	30	238	11,0	5,20				
Ones Elas Carolina do Hospital	-	-	10	24	21,0	5,03	Olímpada	SR	5-0	30	44	11,0	5,18				
Berta M-2 D'Almeida	-	-	19	14	18,0	5,19	Varreda	SA	6-4	20	76	10,0	4,80				
Berta M-3 D'Almeida	-	-	19	5	21,0	4,94											

Raça Gir

Nono Agrícola e Pecuária Ltda., Mococa, Est. de São Paulo, Controlado em 22/01/85, Reg. do parto com raça esportar - 1 e 2 Ovelhas.

1 Ovelhas	PC	Idade	Con-trole	Dias de lactação	Leite %	
Alma	PC	14-3	20	44	18,0	4,85
Retorizada	SR	11-3	20	45	13,0	5,18
Manoia	PC	13-11	20	45	12,0	5,06
Tridiana	SA	2-2	20	38	11,0	4,88
Perna	SR	9-0	20	39	14,0	4,47
Perreira	SR	8-0	20	41	10,0	4,81
Sela	SR	11-10	19	32	16,0	4,90
Selvia	SR	7-5	20	35	13,0	5,51
Teodora	SR	9-1	20	13	10,0	4,47
Nero	SR	13-0	20	53	17,0	4,85
2 Ovelhas						
Sarcia	PC	8-0	30	198	18,0	4,58
Stella	PC	8-6	30	203	10,0	4,71
Nono	PC	10-10	30	196	10,0	4,89
Madrinha	SR	6-0	30	206	10,0	4,96
Tridiana	SR	6-0	30	214	15,0	4,81
Soledade	SR	9-0	30	188	11,0	4,61
Selvia	SR	7-6	30	196	11,0	5,11
Luzinete	PC	13-0	40	172	10,0	4,92
Manoia	SR	6-0	40	191	10,0	4,92
Tridiana	SR	14-12	40	182	10,0	4,91
Nono	PC	10-12	40	184	13,0	4,88
Stella	PC	9-11	30	152	17,0	4,59

Dr. Gabriel Jovato de Andrade, Calcilândia, Est. de Minas Gerais, Controlado em 11/01/85, Região do parto com raça esportar, 2 Ovelhas.

Fátima Calcilândia	SR	Idade	Con-trole	Dias de lactação	Leite %	
Onaipa da Calcilândia <td>PC</td> <td>5-4</td> <td>20</td> <td>41</td> <td>12,0</td> <td>4,73</td>	PC	5-4	20	41	12,0	4,73
Onilva da Calcilândia <td>PCDD</td> <td>4-11</td> <td>40</td> <td>124</td> <td>12,0</td> <td>4,4</td>	PCDD	4-11	40	124	12,0	4,4
Negrita da Calcilândia <td>SR</td> <td>3-1</td> <td>20</td> <td>41</td> <td>12,0</td> <td>5,3</td>	SR	3-1	20	41	12,0	5,3
Neve da Calcilândia <td>SR</td> <td>8-3</td> <td>20</td> <td>80</td> <td>10,0</td> <td>4,4</td>	SR	8-3	20	80	10,0	4,4
Parafina da Calcilândia <td>SR</td> <td>6-8</td> <td>20</td> <td>81</td> <td>10,0</td> <td>4,4</td>	SR	6-8	20	81	10,0	4,4
Wagner da Calcilândia <td>SR</td> <td>7-11</td> <td>60</td> <td>188</td> <td>10,0</td> <td>4,5</td>	SR	7-11	60	188	10,0	4,5
Quênia da Calcilândia <td>SR</td> <td>5-5</td> <td>70</td> <td>220</td> <td>10,0</td> <td>5,0</td>	SR	5-5	70	220	10,0	5,0
Quênia da Calcilândia <td>SR</td> <td>6-8</td> <td>50</td> <td>171</td> <td>10,0</td> <td>4,4</td>	SR	6-8	50	171	10,0	4,4
Quênia <td>PCDD</td> <td>4-3</td> <td>30</td> <td>107</td> <td>11,0</td> <td>5,7</td>	PCDD	4-3	30	107	11,0	5,7
Selvia da Calcilândia <td>SR</td> <td>7-8</td> <td>40</td> <td>113</td> <td>10,0</td> <td>4,4</td>	SR	7-8	40	113	10,0	4,4
Outinda da Calcilândia <td>PC</td> <td>5-1</td> <td>20</td> <td>67</td> <td>11,0</td> <td>5,0</td>	PC	5-1	20	67	11,0	5,0
Região da Calcilândia <td>SR</td> <td>-</td> <td>20</td> <td>46</td> <td>10,0</td> <td>4,3</td>	SR	-	20	46	10,0	4,3
Rosana da Calcilândia <td>SR</td> <td>3-10</td> <td>30</td> <td>86</td> <td>10,0</td> <td>5,3</td>	SR	3-10	30	86	10,0	5,3
Tridiana da Calcilândia <td>SR</td> <td>6-11</td> <td>60</td> <td>154</td> <td>10,0</td> <td>4,4</td>	SR	6-11	60	154	10,0	4,4
Tridiana da Calcilândia <td>SR</td> <td>8-8</td> <td>90</td> <td>278</td> <td>10,0</td> <td>5,1</td>	SR	8-8	90	278	10,0	5,1
Ueda da Calcilândia <td>SR</td> <td>-</td> <td>10</td> <td>11</td> <td>10,0</td> <td>4,3</td>	SR	-	10	11	10,0	4,3
Ona da Calcilândia <td>SR</td> <td>5-3</td> <td>10</td> <td>7</td> <td>10,0</td> <td>4,2</td>	SR	5-3	10	7	10,0	4,2

João Gabriel da Costa Moreira e Outros, Casa Branca, Est. de São Paulo, Controlado em 15/01/85, Região do parto com raça esportar, 2 Ovelhas.

Cl. Lucrécia	SR	Idade	Con-trole	Dias de lactação	Leite %	
Cl. Sarcia <td>PC</td> <td>-</td> <td>60</td> <td>187</td> <td>16,0</td> <td>4,22</td>	PC	-	60	187	16,0	4,22
Cl. Sarcia <td>PCDD</td> <td>10-11</td> <td>60</td> <td>198</td> <td>10,0</td> <td>4,29</td>	PCDD	10-11	60	198	10,0	4,29
Cl. Roberto <td>PCDD</td> <td>8-1</td> <td>60</td> <td>179</td> <td>11,0</td> <td>4,20</td>	PCDD	8-1	60	179	11,0	4,20
Cl. Sarcia <td>SR</td> <td>8-4</td> <td>60</td> <td>175</td> <td>10,0</td> <td>4,27</td>	SR	8-4	60	175	10,0	4,27

GIR LEITEIRO FB DE MOCOCA KÊNIA AGRÍCOLA E PECUÁRIA LTDA. FAZENDA SANTANA DA SERRA

Em meio século na seleção de Gir Leiteiro, desenvolvemos um controle leiteiro dirigido de todo o rebanho, e não apenas de vacas escolhidas.

Todo o plantel está sob controle oficial da A.B.C., e obtivemos no ano de 1983 em 114 lactações a produção de 301.078 kg de leite, resultando um peso médio de 2.641 kg por vaca e prazo médio de 325 dias de lactação.

Conheça o gado certo para o clima certo. Faça-nos uma visita.

CONHEÇA O GADO CERTO PARA O CLIMA CERTO.

faça-nos uma visita.

VENDE DE SÊMEN NA
FUNDAÇÃO BRADESCO - PECPLAN
LAGOA DA SERRA INS. ARTIFICIAL



LANCHEIRA — Reg. 5136 — SCL 52025
Produção: 6.351.000 kg de leite. Média: 17.400 kg.
Obs.: Alcançou Livro de Mérito (LM) nesta lactação.

FAZENDA - KM 295 da Rod. Mococa-Cajuru (SP). Tels.: (0196) 55-0801 — (101) Canons (SP) 98-1164
MOCOCA - R. Barão de Monte Santo, 1.230 - Tel.: (0196) 55-0085
S. PAULO - R. 15 de Novembro, 193, 3.º and - Tel.: (011) 36-1681

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em anos e meses	Controle	Dias de lactação	Leite	%	NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em anos e meses	Controle	Dias de lactação	Leite	%
Fazenda Veragem do Navejo Ltda. Usaramim, Est. do Rio de Janeiro. Controle em 14/71/ 85 Regime de pasto com ração complementar, 2 Cordões. DADOS DE SEGURO NA ABRILIAÇÃO PARADOXOS DE CRIADORES NAVEJO.							Crista dos Espetores Divina do Navejo Maravilha do Navejo						
Chave do Navejo	H2	3-0	150	291	10,8	5,00	H2	2-7	30	94	34,3	4,49	
Señora do Navejo	H2	2-9	79	227	15,0	4,80	H2	3-0	20	47	27,5	4,12	
Colina do Navejo	H2	3-3	79	202	15,8	3,91	H3	0-0	10	29	32,0	4,18	
Paulista do Navejo	H2	3-0	79	195	14,0	4,68							
Galatas do Navejo	H1	3-11	50	133	19,0	3,94							
Teófilo do Navejo	H1	3-10	49	115	25,0	4,54							
Maravilha do Navejo	H2	3-7	49	113	25,0	4,72							
							Raça Nelore De (tabelas) Genes de Andrade, Calcilândia, Est. de Minas Gerais. Controle em 12/70/ 85 Regime de pasto com ração complementar, 2 Cordões.						
							Naves da Colonial H2 0-4 30 91 25,0 5,1						

REVISTA DOS CRIADORES



ANUÁRIO DOS CRIADORES



São algumas das publicações destinadas àqueles que abraçam a missão de trabalhar com o campo e com tudo que a ele se refere.

EDITORA DOS CRIADORES LTDA
 Rua Venâncio Aires, 31 - Água Branca
 Tel: 263-8400

AGENDA DOS CRIADORES E AGRICULTORES

O MAIS FORTE



AGROVET[®]
"5.000.000"
SQUIBB

(USO VETERINÁRIO)

Penicilina G Procaina e Penicilina G
Potássica Cristalina 5.000.000 de unidades,
com Estreptomicina 2 g

Ação: 15 ml de diluente e agite bem. Ler a bul.

Para injeção intramuscular profunda

Registrado na SDA (MA) sob n.º 190 em 9.9.1975

Neo Técnica Farm. A. Arcoverde - CN 9-1-5810

DIVISÃO AGROPECUÁRIA
SQUIBB INDÚSTRIA QUÍMICA S.A.
ALVARO GUARDAS FILHO - STO. ANTONIO S. PAULISTA
C. DE. 10.000-000/10
INDÚSTRIA BRASILEIRA



No dia-a-dia do campo, é difícil ao criador, identificar com rapidez e segurança, os agentes causadores das doenças que atacam o seu rebanho. Nessas ocasiões, é de fundamental importância a existência de um produto com amplo espectro de ação, rápido e eficaz, - que atue contra um grande número de infecções, promovendo uma imediata recuperação do animal e reduzindo quebras na produtividade. AGROVET 5.000.000, vem comprovando durante anos e anos, sua fulminante ação contra um grande número de bactérias Gram-positivas e Gram-negativas que atingem os tratos: respiratório, geniturinário, gastrointestinal, pele e tecidos moles; nos bovinos, eqüinos, suínos, ovinos e caprinos. A comprovada eficácia da associação das penicilinas G Procaina e G Potássica com a estreptomicina, faz de AGROVET 5.000.000 o antibiótico indispensável na farmácia de todos os pecuaristas.



REVISTA DOS CRIADORES

54 ANOS A SERVIÇO DA PECUÁRIA

Maio de 1985 - ano LIV - N.º 664 - Cr\$ 25.000

Órgão oficial da ABC

HASUR-MJ

Grande Campeão
Uberaba - 1985

